PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO

Uma história de tortura

PHILIP GOUREVITCH
& ERROL MORRIS

COMPANHIA DAS LETRAS

PHILIP GOUREVITCH

ERROL MORRIS

Procedimento operacional padrão

Uma história de guerra

Tradução
Carlos Eduardo Lins da Silva

Companhia Das Letras

Para L. M. e J. S.

O que é possível é inevitável...
Allons! Commençons la danse.
William Carlos Williams

NOTA SOBRE A AUTORIA

Este livro foi escrito por Philip Gourevitch. É um trabalho feito em colaboração e deriva de um ano e meio de conversação contínua com Erroll Morris sobre as centenas de horas de entrevistas que ele fez e os milhares de documentos que coligiu para seu filme de mesmo título, *Procedimento operacional padrão*. Todas as citações no texto procedem dessas entrevistas e desses documentos, e uma descrição completa das fontes é fornecida ao final do livro.

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

Os termos militares foram traduzidos com base no English-Portuguese Dictionary of Military Terminology, produzido pela "Military Review" e pela US Combined Arms Center em Fort Leavenworth, Kansas em agosto de 2007. Foi utilizada sua edição eletrônica, encontrada em <http://usacac.leavenworth.army.mil/cac/milreview/portuguese/portengdictionary.pdf.>. A única exceção é o título, cuja tradução segundo esse dicionário seria "Normas padrão de ação".

Lista de siglas

ACP – Autoridade da Coalizão Provisória
AR – Army Regulation [Regulamento do Exército]
AV – Administração dos Veteranos
CIA – Central Intelligence Agency [Agência Central de Inteligência]
CIC – Comando de Investigações Criminais do Exército
CICV – Comitê Internacional da Cruz Vermelha
DIC – Divisão Investigativa Criminal
DPT – Departamento Penitenciário do Texas
EOM – Estrutura Ocupacional Militar
FBI – Federal Bureau of Investigation
GWOT – Global War on Terrorism [Guerra Global ao Terrorismo]
ICB – Instalação Correcional de Bagdá
IED – Improvised Explosive Device
IM – Inteligência Militar
LSA – Life Support Area [Área de Apoio à Vida]
OAG – outras agências governamentais
ONU – Organização das Nações Unidas
ORP – oficial de relações públicas do exército
OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
PE – Polícia do Exército
POW – Prisoner of war [prisioneiro de guerra]
ROTC – Reserve Officers' Training Corps [Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva]

Bagdá

OUTUBRO DE 2002

Num domingo pela manhã, o presidente mandou soltar todos os prisioneiros. Ninguém sabia por quê. Talvez nem ele próprio soubesse. O anúncio foi lido no rádio. O locutor disse que era a maneira de o presidente agradecer às pessoas que o haviam reeleito alguns dias antes em referendo nacional. Todos sabiam que a votação tinha sido de fachada — sem oposição, Saddam Hussein havia obtido cem por cento dos votos —, mesmo assim, a anistia concedida aos prisioneiros ("completa, ampla e definitiva" — exceto para sionistas e espiões americanos) foi recebida com grande animação nas ruas, com buzinaço e salvas de fuzil para o alto. Imediatamente, em todo o país, pessoas se aglomeravam diante dos portões das prisões, na esperança de rever alguém há muito desaparecido: um ladrão ou um intelectual, um militante democrata ou um estuprador.

As prisões de Saddam eram as casas de máquinas do seu poder, fábricas de terror e de aniquilação. Por roubar uma galinha ou um xampu alguém poderia ficar preso durante anos. Para crimes contra o Estado — reais ou imaginários — não havia limite para a tortura. Quartas e domingos eram dias de enforcamento na prisão de Abu Ghraib, 32 quilômetros a oeste de Bagdá. Não raro, uma centena de pessoas por semana era pendurada pelo pescoço nos cadafalsos, e quando a superlotação dificultava a acomodação de novos prisioneiros, a casa de morte fazia hora extra. Abu Ghraib foi a

maior e a mais notória das prisões de Saddam, sinônimo de inferno sobre a Terra, e foi ali, onde as extremidades dos subúrbios de Bagdá se encontram com a aridez plana do deserto, depois do aeroporto, que o anúncio da anistia causou o maior aglomerado espontâneo de pessoas de que se tinha memória no Iraque.

Já no fim da manhã, parecia haver tantos iraquianos do lado de fora dos muros de Abu Ghraib quanto do lado de dentro — entre 10 mil e 15 mil pessoas, estimava-se —, e milhares mais continuavam a chegar de todas as direções. Ao meio-dia, a multidão já era estimada em pelo menos 50 mil, e quando chegou a esse ponto, como uma onda, arrebentou os portões da prisão e se derramou para dentro. De lá, em sua direção, vinha outra turba de milhares: os prisioneiros, machucados, sujos, chorando e agarrando colchonetes imundos, seus únicos pertences, procuravam a saída. Alguns, fracos demais para caminhar, emergiam pendurados nos ombros de seus companheiros de cela, enquanto outros, embora saudáveis, eram pisoteados até a morte no momento da libertação. Em meio ao pandemônio e à cacofonia, alguns guardas se juntaram ao sentimento frenético de libertação, arrancando tijolos dos muros das masmorras para soltar os que ainda estavam lá dentro e dançando alegremente com ex-detentos; outros, menos adaptáveis, continuaram batendo em presos até não haver mais nenhum à disposição. Soube-se até que houve quem aproveitasse a oportunidade para realizar algumas execuções finais.

Desta forma, um sistema penal inteiro se desmantelou e cerca de 150 mil condenados foram soltos. Nada parecido havia acontecido antes em nenhum lugar do mundo. E naquele mesmo dia Saddam patrocinou casamentos em massa em todo o país. Centenas de casais contraíram matrimônio de uma só vez e, de novo, as rádios explicavam o acontecimento como uma comemoração pela reeleição do presidente. Houve mais buzinaço e mais tiros pelas ruas. O governo forneceu o enxoval das noivas dos pés à cabeça: vestido, véu, sapatos, bolsa, luvas. Elas só tiveram de devolver os vestidos.

Prisioneiros, noivas, uma enorme festança, muita emoção desenfreada. Todos podiam ver, mas nem assim era fácil entender o que estava acontecendo. O que será que Saddam estava preparando?

O presidente dos Estados Unidos ameaçava tomar o seu país. A ameaça era pessoal e implacável. Havia grande impaciência em Washington para começar de uma vez a guerra: "Para acabar com o Iraque" — esta era a frase. Afinal de contas, quem haveria de ficar de luto por Saddam, suas masmorras e câmaras de tortura? Ninguém — este era o argumento. Então, quando Saddam abriu Abu Ghraib, as reportagens diziam que ele estava se dando por vencido ou pelo menos demonstrando submissão, tentando parecer bonzinho; e que, sem dar um único tiro ou aportar sequer um soldado em solo iraquiano, havíamos feito com que ele abrisse mão de um dos mais sinistros instrumentos de seu regime. Vários jornalistas estrangeiros chegaram a comparar aquele domingo em Abu Ghraib à queda da Bastilha no desencadear da Revolução Francesa: o momento em que um povo assegura sua soberania e coloca um governante absolutista de volta sob seu controle. A analogia era otimista demais. Na realidade, o esvaziamento das prisões do Iraque foi apenas mais um capricho do tirano — não uma concessão, mas uma afirmação de poder.

Em meio à louca profusão de impressões conflitantes derivadas de Abu Ghraib — mau cheiro nauseante, sujeira indescritível, o repentino estalar de tiros de pistola para acalmar a multidão, o choro desesperado de uma mãe que acabava de saber que seu filho havia sido executado, o olhar ensandecido de cativos libertados repentinamente —, talvez o espetáculo mais impressionante fosse o dos condenados que corriam e bradavam até ficarem roucos: "Nosso sangue, nossa alma, nós sacrificaremos por você, ó Saddam".

PARTE I
ANTES

1.

Dez meses depois, em agosto de 2003, Lane McCotter e Gary Deland, ex-diretores executivos do Departamento Penitenciário do Estado de Utah, dirigiam pelas ruas de Bagdá tentando encontrar um metalúrgico que pudesse fabricar beliches. McCotter e Deland haviam passado o verão remobiliando alguns blocos de celas em Abu Ghraib. Nos velhos tempos, sob Saddam, as celas não tinham móveis e os prisioneiros dormiam no chão. "Não havia padrão", disse McCotter. "Eram amontoados como lenha." Ele achava que os beliches seriam uma maneira simpática de marcar a transformação da prisão. Mas os iraquianos não sabiam do que ele estava falando. Uma cama em cima da outra? "Tivemos que fazer desenhos dos beliches", ele disse. "Finalmente encontramos alguém. Ele fez um protótipo, fizemos algumas alterações e compramos mil beliches tão rapidamente quanto ele conseguisse fazê-los, para os colocarmos nas celas."

Deland tirou fotografias de McCotter orgulhosamente ao lado dos primeiros beliches do Iraque. Deland também estava orgulhoso. Em julho, ele havia montado a primeira academia penitenciária da história do Iraque; a turma inaugural dos novos guardas de prisão iraquianos estava acabando o treinamento. McCotter e Deland decidiram exibir seu trabalho em Abu Ghraib com uma festa e uma cerimônia de formatura. Eles se preparavam para voltar para casa — o contrato deles com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos terminava no final do mês — e convidaram os colegas do governo provisório da coalizão, do Exército e do incipiente Ministério de

Justiça iraquiano; disseram a alguns dos soldados da prisão militar de Abu Ghraib para aparecer também; contrataram ônibus para os recém-formados e pediram que trouxessem suas famílias; arrumaram comida para a festa e até contrataram uma banda iraquiana de gaitas e tambores. "O pior som que eu já ouvi", disse Deland. "Sem exagero, você não pode imaginar quão terrível foi aquele som para os ouvidos."

O grande dia foi 25 de agosto. Uma semana antes, um grupo de jornalistas visitara a prisão para escrever sobre um ataque de morteiros que havia matado seis prisioneiros e ferido mais de cinqüenta num campo do Exército; um deles — um cinegrafista da Reuters que filmava do lado de fora dos muros com permissão dos policiais militares de guarda no portão — foi morto por um tiro de um soldado americano que passava num tanque. Agora, os blocos de celas restaurados brilhavam com tinta fresca, uma cozinha nova para a prisão estava quase terminada, um novo centro médico estava praticamente pronto — "uma construção de primeira linha", disse McCotter, "provavelmente a melhor em todo o Iraque" —, a banda tocava, e McCotter e Leland mostravam aos convidados os novos pátios de recreação de Abu Ghraib.

"Nós ouvimos os discursos", disse McCotter. "Cortamos a fita inaugural. Percorremos os corredores dos blocos de celas para mostrar como eles iriam ficar quando o resto da prisão estivesse pronto. Arrumamos cada cela. Tínhamos beliches. Tínhamos colchões. Tínhamos roupa de cama. Tínhamos toalhas. Tínhamos pasta de dente. Tínhamos itens para saúde e conforto — até mesmo os tapetes de oração para os muçulmanos, o que geralmente não oferecemos nas prisões americanas. Estávamos tentando ensinar a eles como eram as formas humanitárias de administrar prisões ao modo americano, ou ao modo ocidental. Conseguir aquilo tudo em quatro meses foi algo que considero milagroso. Não creio que o que fizemos já tenha sido feito na história penitenciária. Tivemos um bocado de ajuda, mas foi um milagre."

Em meados de abril, quando recebeu o telefonema perguntando se gostaria de ir para o Iraque, Lane McCotter achou que talvez fosse alguma piada. Eram cerca de oito horas de uma manhã de sábado. McCotter estava em Midway, Utah, tomando o café-da-manhã com sua esposa. As forças americanas haviam acabado de tomar Bagdá — pela televisão você podia assistir saqueadores pilhando os ministérios —, e o homem no telefone dizia a McCotter, em nome do secretário da Justiça dos Estados Unidos, que um grupo de pessoas estava sendo reunido para ver o que poderia ser feito com o sistema de justiça criminal do Iraque. "O seu nome apareceu no meio dos outros", disse o homem do outro lado da linha.

Enquanto ouvia, McCotter percebeu que a mulher o observava atentamente. "Sendo uma velha esposa de militar, acho que ela conhece todos os sinais", ele disse: a ligação telefônica em horário improvável, a conversa de um lado só (o lado que ela não podia ouvir), a repentina seriedade da atenção dele. Ele disse à pessoa que havia ligado que precisava pensar no assunto e, quando desligou, declarou à esposa: "É claro que eu não vou. Já tenho 63 anos". Mas ela o conhecia bem. Ele não havia servido às Forças Armadas fora do país desde o Vietnã, mas sempre se sentiu mal pela forma como abandonamos os vietnamitas no final, e ela sabia que ele gostava da idéia de fazer a coisa certa para variar. Ela disse: "Se o seu país pede a você que vá, você tem de ir. Tire isso da cabeça. Termine de uma vez. Faça o que eles querem que você faça. E volte para casa".

McCotter pegou o telefone novamente e disse: "Se é para fazer o que deve ser feito, então eu vou".

Uma semana mais tarde ele estava em Washington para receber instruções. A mensagem era: Nunca fizemos isso antes. Já ajudamos a colocar forças policiais em ordem, treinamos alguns juízes em um ou noutro país arruinado. Mas transformar de cabo a rabo todo um sistema de justiça

criminal à nossa imagem depois de uma guerra — policiais, cortes, sistemas penais —, esta é a primeira vez. E estamos fazendo a coisa direito: a avaliação antes da reconstrução. Vocês — o time de avaliação — terão quatro meses para ter uma idéia geral da situação, preparar um amplo relatório sobre as condições de cada delegacia de polícia, corte e prisão do país, e esboçar um projeto sugerindo como torná-los operacionais. E aí vocês voltam para casa. Deixem que o próximo time se preocupe com a implementação.

McCotter gostou do que ouviu. Ele havia passado um terço da sua vida em sistemas correcionais. Dirigiu três sistemas prisionais estaduais; tinha um currículo para lá de bom. Mas sistemas correcionais não tinham sido uma vocação para McCotter, pelo menos não nos primeiros tempos. No início tudo girava em torno de conseguir garotas — ou de mantê-las. Seu primeiro amor de verdade foi o serviço militar, e na sua primeira viagem ao Vietnã, em 1962, sentia orgulho por fazer parte da Infantaria, comissionado como segundo-tenente, corpo de artilharia, operações especiais, ligado às forças regionais e populares: os vietnamitas do sul. Ele serviu por um prazo três vezes maior que o necessário e voltou para casa como capitão, ostentando a estrela de bronze, a medalha aérea, a legião do mérito e, o que o orgulhava mais, a condecoração de Infantaria de combate por encurralar e destruir o inimigo. Então ele se casou, e lhe ocorreu que se quisesse manter o casamento teria de aprender uma profissão diferente da de soldado. Mudou para a Polícia do Exército, tornou-se major, e desembarcou novamente no Vietnã logo após o Dia do Trabalho de 1968, quando a penitenciária da base americana naquele país, a Long Binh, havia sido incendiada em uma rebelião. As ruínas ainda fumegavam quando chegou, e ele participou da operação de reconstrução do local.

Aquele foi o primeiro trabalho prisional de McCotter. Ele não teria se importado a mínima se tivesse sido o último. Mas ainda procurava por uma maneira de viver com a esposa, então se inscreveu para um programa de

pós-graduação e foi mandado para a Universidade Sam Houston, em Huntsville, estado do Texas, para um mestrado em criminologia e sistemas correcionais. Ao terminar, em 1972, foi nomeado diretor em comando do Presídio Militar de Forte Sill, estado de Oklahoma. Passados dez anos era o comandante do Presídio Militar dos Estados Unidos, no Forte Leavenworth, estado do Kansas, a única prisão militar de segurança máxima. Quando saiu de lá, deixou também o Exército — aposentando-se como coronel — para assumir o Departamento Penitenciário do Texas, que era o segundo maior sistema penitenciário do país e, em todos os sentidos, também o pior.

McCotter considerava o Texas a sua terceira frente de combate. Em 1980, uma corte federal julgou as prisões do estado tão completamente bárbaras que o sistema texano inteiro foi declarado inconstitucional. "É impossível", escreveu o juiz William Wayne Justice, "expressar as condições perniciosas e a dor e a degradação sofridas pelos presos comuns no interior das carceragens do DPT." O juiz Justice continuou enumerando os terrores: estupro e assassinato de presos por outros presos; por um lado, superlotação cruel — e às vezes sufocante —; por outro, prescrição abusiva e arbitrária do confinamento na solitária; desconforto físico e estresse psicológico incessantes de prisioneiros perseguidos por gangues de outros presos e por guardas; amargo desamparo de detentos impedidos de obter amparo legal contra essas injustiças. Em 1985, McCotter foi nomeado o novo diretor prisional do Texas, o quarto após o período de dois anos em que o estado havia batido os recordes nacionais de homicídios em prisões. McCotter ordenou o fechamento total de metade das penitenciárias estaduais, e o número de ataques a presos caiu em 40%. No seu segundo ano, só houve dois homicídios dentro das prisões texanas. Mas havia também um novo governador, Bill Clements, o primeiro governador republicano desde a Reconstrução,[a] que denunciou McCotter como demasiado liberal e aceitou com prazer a sua renúncia.

Não havia se passado nem um mês quando McCotter assumiu a função de secretário dos sistemas correcionais do estado do Novo México, que estava se recuperando de uma das mais terríveis rebeliões de que já se tivera notícia nas cadeias do país. Mais uma vez, McCotter era convocado para fazer reformas, e de novo ele ficou por dois anos. Daí, foi a vez do estado de Utah, onde ele comandou os sistemas correcionais por cinco anos, até que um esquizofrênico de 29 anos, de nome Michael Valent, que estava na prisão estadual da cidade de Draper por ter obedecido a vozes interiores que o mandaram matar a avó, colocou uma fronha na cabeça e se recusou a retirá-la. Funcionários da prisão ataram Michael em uma cadeira de contenção por dezesseis horas, e quando o soltaram ele sofreu um colapso e morreu devido a um coágulo que lhe bloqueara uma artéria do coração. A defesa de McCotter da cadeira de contenção não caiu bem aos olhos do público e ele renunciou.

É assim que acontece quando você é diretor de penitenciária, disse McCotter: qualquer coisa que você faça, ou você é muito mole, ou muito duro. "Vai ter alguém jogando lama em você todos os dias da sua vida. Você vive sob um telhado de vidro. Alguém sempre vai atirar contra você." Então ele foi trabalhar como diretor de marketing da terceira maior empresa de penitenciárias privadas para adultos, a Management & Training Corporation. Já estava lá havia sete anos quando arrumou as malas e partiu rumo ao Iraque. Ele tinha acompanhado o noticiário sobre a guerra com grande interesse e disse: "Acho que temos uma obrigação com o resto do mundo. Somos a nação mais abençoada do planeta. Temos que ajudar as outras pessoas a usufruir das liberdades que nossos filhos e netos têm como garantidas, literalmente todos os dias das suas vidas, até que eles vão conhecer um país como o Iraque, onde não existem essas liberdades".

McCotter achou "meio interessante" quando seu grupo chegou ao Kuwait e as armas que lhe haviam sido prometidas para levar ao Iraque não estavam lá. Erros na emissão do passaporte de Gary Deland em Washington já

haviam provocado seu atraso, e assim o grupo de prisões do Departamento de Justiça desembarcou com apenas três homens. No dia seguinte, quando o comboio desarmado chegou à fronteira iraquiana antes do amanhecer e a escolta militar que deveria encontrá-los não apareceu, ele elevou sua avaliação da situação para "muito interessante". O grupo chegou a Bagdá pouco antes da meia-noite. Um toque de recolher estava em vigor, mas havia tiroteios por toda parte. Pela manhã, McCotter foi levado à Zona Verde, a praça-forte americana entalhada no bairro central de Bagdá em torno do antigo palácio de Saddam Hussein, às margens do Tigre. A cidade parecia suja e abandonada — ninguém caminhava pelas ruas. A palavra que veio à mente de McCotter foi "lúgubre". E a essa desolação opunham-se as barricadas e os cordões de isolamento de tropas e tanques que marcavam a Zona Verde. McCotter notou o nível de segurança, e em sua cabeça a palavra "aparentemente" juntou-se à frase "as hostilidades terminaram". Era evidente que havia ainda muitos problemas.

O centro de operações da equipe de prisões era no próprio palácio, uma extravagância vasta e labiríntica que permanecia como o centro do poder, agora nas mãos da Autoridade da Coalizão Provisória [ACP].[b] Não havia eletricidade, nem água corrente, e o grupo de McCotter foi informado, durante as instruções da ACP naquela primeira manhã, que o tempo também estava terminando. Agora, a mensagem era: esqueçam os quatro meses. Façam a sua avaliação em trinta dias, redijam o seu plano e, por falar nisso, neste período de trinta dias queremos que vocês coloquem a primeira prisão em pé e funcionando.

McCotter não se opôs à mudança na missão. Ele achou que era extremamente interessante, e tinha uma idéia de onde começar — com a Polícia do Exército, seu antigo serviço. Naquela ocasião, não havia autoridade de polícia civil independente, e a 18ª Brigada de PE era

responsável pelo cumprimento da lei e da ordem no Iraque. A PE cuidara de campos de prisioneiros de guerra durante a invasão — operações importantes, como Campo Bucca, próximo à fronteira com o Kuwait, e alguns centros de detenção locais pontilhavam pelo país — e agora dirigia as mesmas instalações que deveriam dobrar de tamanho e se transformar nas prisões do Iraque. Eles não tinham a menor condição de separar os prisioneiros militares dos suspeitos de crimes comuns, como a doutrina do Exército e a Convenção de Genebra exigem, por isso ficaram felizes por levar a equipe de prisões para uma volta e ver que tipos de cadeia o Iraque tinha para oferecer. Eles saíram naquela tarde, o primeiro dia de McCotter no país, e no final da semana já haviam encontrado sete prisões abandonadas — todas devastadas como se tivessem sido bombardeadas pelo lado de dentro.

A destruição de todas as prisões era absoluta. Os intérpretes de McCotter explicaram que, depois da anistia concedida por Saddam, os presos e os guardas retornaram para saquear as prisões com apetite tão voraz que a pilhagem de Bagdá dos primeiros dias da ocupação pareceu até contida. Todas as portas haviam sido arrancadas, e não somente as janelas, mas os batentes das janelas também. Todos os pisos do chão, todas as peças elétricas, todos os interruptores de luz — até a fiação das paredes — haviam sido arrancados. Tudo que pudesse ter algum valor tinha sido levado, e o que ficou foi queimado. Nada permaneceu, exceto paredes chamuscadas e entulho. McCotter achou que algumas daquelas celas poderiam ser recuperadas, então sua equipe começou a fazer orçamentos junto a empreiteiras locais. Mas a demanda por prisões em condições de uso estava crescendo rapidamente. O país estava em turbulência e efetivamente sem lei; boa parte da população possuía metralhadoras, inclusive cerca de 100 mil ex-condenados, armados após a anistia para lutarem contra os americanos. Assim, quando um dos PEs que acompanhavam a equipe de prisões contou

a McCotter que havia uma grande penitenciária que deveriam checar no subúrbio de Bagdá, ele decidiu ir para lá já na manhã seguinte.

A primeira impressão que McCotter teve de Abu Ghraib foi desanimadora. O portão era uma fortaleza de sacos de areia empilhados e arame farpado, e o terreno tinha sido usado nos últimos seis meses como depósito de lixo da cidade. O local inteiro cheirava mal, e as suas dimensões eram desorientadoras: os muros que contornavam a prisão, coroados por 24 torres de guarda, tinham quatro quilômetros de comprimento e cercavam uma área de mais de mil quilômetros quadrados. McCotter passou aquela manhã inteira de calor sufocante andando pelo espaço da prisão, que estava quase inteiramente vazio — uma desolação de chão desértico e arenoso, coberto de lixo. Uma base americana rudimentar havia sido montada do lado de dentro do portão principal — um aglomerado de barracas e veículos militares e um grande cercado feito de arame farpado conhecido como Campo Vigilante, onde cerca de trezentos a quatrocentos prisioneiros eram mantidos sob a guarda da PE, em condições precárias: sem água corrente, eletricidade ou alimento cozido, e com uma valeta aberta para servir de privada que não oferecia aos usuários privacidade alguma.

Mas o que atraiu a atenção de McCotter foram os recintos desertos da velha colônia penal de Saddam: cinco complexos prisionais independentes, construídos em meados dos anos 1960 por engenheiros britânicos a partir de uma planta feita por americanos, desenhada no formato de um campus, com centro administrativo, câmera de morte, lavanderia e um alojamento para os guardas. Um desses complexos havia sido reduzido a escombros, um emaranhado de vigas de ferro e alvenaria quebrada, e McCotter pôde ver desde logo que dois outros também não teriam conserto. Apesar de os saqueadores terem destruído os restantes dois complexos, um permanecera quase intacto — uma estrutura de concreto de dois andares e telhado plano,

com dez blocos de celas coordenados como uma cruzeta ao longo de um corredor central, formato conhecido entre especialistas da área como "desenho de poste telefônico" —, e enquanto percorria o local McCotter se sentia quase em casa. "Era exatamente como as prisões que eu dirigi no Texas", disse. "Havia até as fechaduras americanas da marca Folger Adams nas portas. Essas prisões eram americanizadas a esse ponto. Era o único lugar que consideramos capaz de receber criminosos de segurança máxima. A prisão de Abu Ghraib era uma prisão de verdade. Era literalmente a primeira que eu havia visto em todo o Iraque que até mesmo se parecia com o que você e eu chamaríamos francamente de prisão. Então, me senti meio que animado."

De volta a Bagdá, McCotter disse à sua equipe: "Precisamos arrumar e pôr para funcionar dois blocos de celas para receberem os piores entre os piores criminosos que estão sendo presos. Quando tivermos isso pronto, vou voltar e reconstruir a prisão inteira". Ele elaborou um plano para vistoriar o complexo escolhido — o local "duro", como todo mundo o chamava, por ser à prova de balas, ao contrário das barracas de lona "mole" que os militares usavam no Campo Vigilante — e obteve o sinal verde do departamento financeiro da ACP. Ainda estava animado, mas não satisfeito. Tinha vindo para o Iraque para fazer as coisas do jeito certo; então pediu que sua equipe esboçasse planos mais ambiciosos para o projeto de Abu Ghraib. "Nós queríamos um centro médico de primeira classe", disse. "Queríamos cozinha, refeitório, padaria. Íamos transformá-la numa prisão-modelo."

McCotter procurou de novo os responsáveis pelas finanças da ACP para fazer um pedido extra de 1 milhão de dólares para as alas de segurança máxima.[c] "Desta vez", disse, "alguém na diretoria parece que acendeu uma luz — 'Por acaso esta é a prisão Abu Ghraib, onde todas as pessoas eram enforcadas?'. Eu disse que sim. 'Não vamos aprovar este projeto.' Aí eu disse: 'Vocês já aprovaram os dois primeiros blocos de celas. Já estamos

construindo'. 'Bem, se tivéssemos sabido antes, não teríamos aprovado. É uma questão política séria demais. Não vamos poder deixar você fazer isso.'"

a "Reconstrução" foi como ficou conhecido o período de 1865 a 1877 em que se tentou resolver os problemas sociais, políticos e econômicos decorrentes da Guerra Civil americana. [Esta e as demais notas são do tradutor.]

b A Coalition Provisional Authority foi a entidade, liderada por americanos, que governou o Iraque entre 21 de abril de 2003 e 28 de junho de 2004, após a invasão do país pelas forças internacionais comandadas pelos Estados Unidos.

c O autor usa a expressão "*hard site*" (literalmente "local duro") para descrever as instalações de alvenaria da prisão de Abu Ghraib em oposição ao que chama de "*soft site*" ("local mole"), que era constituído por barracas onde ficavam alojados prisioneiros considerados de menor periculosidade. Os suspeitos de serem mais perigosos iam para as celas em prédios de alvenaria. Por isso, adotou-se a tradução "segurança máxima", embora essa expressão, no caso de Abu Ghraib, não atenda ao conceito de "segurança máxima" normalmente utilizado em sistemas correcionais.

2.

McCotter desconhecia a história de Abu Ghraib e sua importância simbólica quando pela primeira vez se admirou com suas possibilidades. Os edifícios em si eram mudos, e os murais resplandecentes de Saddam que cobriam suas paredes e muros não eram diferentes dos demais que ele havia visto no Iraque: um Saddam sério apontando o dedo admoestador; um Saddam playboy, sob a sombra de um chapéu-panamá; um feliz Saddam soldado, em dragonas, coroado por espadas cruzadas e rodeado por pombas brancas esvoaçantes. Mas a partir de então ele ouviu as histórias terríveis da prisão no passado: como numerosos prisioneiros eram mantidos em celas nas quais metade deles tinha de ficar de pé enquanto a outra metade dormia; como os prisioneiros eram alimentados apenas uma vez por dia, com sopa, arroz ou lentilhas, e um pedaço de pão; como os prisioneiros e suas famílias eram extorquidos pelos carcereiros em troca de proteção; como Qusay, filho de Saddam e chefe da polícia secreta, podia aparecer de repente na prisão e ordenar mil execuções só porque lhe dera vontade; como os prisioneiros eram aferrolhados ao chão e pendurados nos caibros do teto e submetidos a choques elétricos e surrados até que se sentissem afortunados se morressem. McCotter havia explorado a câmara de morte, as câmaras de tortura e as celas para os condenados, das quais dava para ouvir o tinir dos ferros do patíbulo. Seus intérpretes lhe haviam lido as últimas orações e palavras de desespero escritas nas paredes daquelas celas, e um dia, quando inspecionava o trabalho na prisão, ele foi chamado até o portão porque um

repórter americano estava acompanhando quatro iraquianos que tinham eles próprios um apelo desesperado.

"Todos eles haviam perdido ambas as mãos ou metade do braço", disse McCotter. "A história que eles contaram foi que quando estavam presos sob o regime de Saddam Hussein, seus braços ou mãos haviam sido amputados como punição. Disseram que sabiam onde esses ossos estavam enterrados no solo da prisão, e queriam recuperá-los para um enterro apropriado ou algo do gênero." McCotter explicou que não poderia autorizar seu acesso ao local por razões de segurança. Além disso, disse, o repórter americano tinha câmeras e ele não iria permitir que ninguém fosse entrando numa prisão e começasse a tirar fotos.

Foi aí que McCotter e sua equipe perceberam o sentido político de Abu Ghraib. Mas eles não viam nenhuma alternativa a Abu Ghraib. "É claro que ela tinha uma péssima reputação", Gary Deland disse. "Mostre-me um local de qualquer tamanho no Iraque que não tenha essa má fama. Quem estava conduzindo este regime? Saddam Hussein e seus capangas. Seus filhos matavam por esporte, que diabos!" Construir do nada uma prisão equivalente iria levar uns dois anos. Quando isso aconteceu, McCotter disse: muito bem, podem demolir tudo, façam o que quiserem, mas neste momento o Iraque precisa de Abu Ghraib — e Abu Ghraib era sua cria. "Então, vou fazer o máximo para deixar tudo pronto", ele disse. "Assumo total responsabilidade por tudo. Como profissional da área correcional não tenho nenhum arrependimento." Mas quanto mais ele se esforçava, mais resistência encontrava. "A coisa estava sendo controlada pela cúpula, em Washington", disse. "Estava acima do meu nível." No final de junho, a Anistia Internacional divulgou relatório alegando que iraquianos sob custódia militar estavam sendo maltratados em Abu Ghraib e no Campo Cropper, centro de detenção militar no aeroporto de Bagdá. O relatório descrevia prisioneiros mantidos por semanas sem acusação formal ou revisão judicial, sem acesso a seus familiares ou a advogados, e em condições deploráveis. No

dia 12 de junho, os prisioneiros de Campo Vigilante, em Abu Ghraib, fizeram um protesto para exigir a definição de quanto tempo eles permaneceriam lá. Um capitão da PE prometeu-lhes uma resposta até o dia seguinte. Mas não veio nenhuma resposta, e outro protesto aconteceu. Dessa vez, alguns prisioneiros atiraram tijolos e outros objetos contra a PE, e a PE abriu fogo. Um prisioneiro levou um tiro e morreu. Ele estava dentro da sua barraca quando foi atingido pelo tiro. Sete outros foram feridos na fuzilaria, vários deles também no interior de suas barracas.

A primeira reportagem na imprensa sobre a reabertura de Abu Ghraib foi publicada duas semanas depois. No dia 13 de julho, um despacho da agência Associated Press dizia: "Em aparente reconhecimento do problema de relações públicas que enfrentam, os americanos substituíram um retrato de Saddam na prisão por um grande cartaz em inglês e árabe: 'Os Estados Unidos são amigos de todo o povo iraquiano'". A reportagem contava que iraquianos se concentravam sob calor escaldante diante do portão da prisão, implorando aos indiferentes guardas da PE que lhes dissessem se seus familiares desaparecidos estavam ali dentro. O chefe da ACP, o embaixador americano L. Paul Bremer, foi citado criticando a Anistia Internacional por ter deixado de mencionar que "o povo iraquiano vive hoje em liberdade". Na verdade, Bremer disse, "os direitos humanos da média dos iraquianos estão anos-luz melhores hoje do que estavam doze semanas atrás". No entanto, Bremer, que estava na folha de pagamentos do Pentágono apesar de sua titulação de diplomata civil, afirmou também que os centros de detenção militares no Iraque eram "completa e absolutamente inaceitáveis de acordo com todos os padrões internacionais", e autoridades ligadas à ACP disseram que iriam melhorá-los o mais rapidamente possível.

Essas reportagens não ajudavam a causa de McCotter e seu esforço pela transformação de Abu Ghraib na nau capitânia do sistema prisional iraquiano. Ele insistia na explicação de que seu projeto pela renovação da segurança máxima nada tinha a ver com detenção militar, e decidiu que se o

problema com Abu Ghraib era seu simbolismo, ele também faria um gesto simbólico. Fez com que as empreiteiras construíssem uma extensão ao perímetro do muro da prisão em torno da velha câmera da morte, isolando-a do resto do prédio e dando a ela uma entrada separada pelo lado de fora. "Que os iraquianos transformem aquilo em um museu, ou um memorial", disse. A idéia parece ter surtido efeito. Na terceira semana de julho, Bremer chegou de helicóptero para vistoriar a prisão, em companhia do enviado especial da ONU, Sergio Vieira de Mello. "E o que aconteceu em seguida", disse McCotter, "foi que o subsecretário da Defesa, Paul Wolfowitz, apareceu por lá. Passamos metade de um dia acompanhando-o por todo o lugar. Nós o levamos à câmara da morte. Explicamos a ele por que precisávamos fazer aquilo tudo. Contamos sobre as outras prisões. Ele levou tudo muito, muito a sério, e menos de uma semana depois a ordem chegou — pode reconstruir o complexo."

"Você já tentou pescar um linguado gigante?", Gary Deland perguntou. "É como tentar içar uma placa de madeira compensada. Não é que o peixe lute muito contra você. Ele não é aerodinâmico. Trata-se de um peixe grande e achatado, que fica no fundo, e os olhos dele giram, de modo que possa olhar para cima. Mas é um peixe que só se consegue trazer para a terra com muita luta, e a burocracia era mais ou menos do mesmo jeito. Era esse peso constante, que qualquer que fosse o seu objetivo, você sabia que ia ter que ir à luta."

Em comparação, disse, levar um tiro era a parte fácil de estar no Iraque — e, para ser sincero, parte da emoção. Deland conseguiu evitar sua ida ao Vietnã com uma dispensa da universidade, e mais tarde se arrependeu por ter perdido a chance. "Percebi que devia algo ao meu país. Outras pessoas se arriscaram no meu lugar. Por que eu não faria o mesmo, agora que tinha a

chance?" E arrematou: "Além disso, tenho a tendência de gostar das coisas que envolvem adrenalina".

Deland encontrou muito do que gostar no Iraque. A segurança estava se deteriorando; o serviço civil de telefone celular não conseguia se comunicar com a rede militar; a força militar em terra era pouco numerosa para garantir serviço de escolta confiável; e ele amava dirigir em alta velocidade sem parar por nenhum motivo, os "pequenos arrepios" que ele sentia ao percorrer os bairros sem segurança de Bagdá em um carro cheio de homens armados, e com os bolsos cheios de dólares (porque não havia nenhum banco) para comprar máquinas de fotocópias ou uma frota de ônibus para servir de "tintureiro" para os presos no mercado negro local (porque não havia nenhuma outra forma de consegui-los). "Mais do que excitante", ele disse. Chegou a um ponto em que a equipe da prisão dispunha de 3 milhões de dólares em dinheiro vivo, guardados junto às suas armas no banheiro do escritório — uma extravagância de mármore e metal dourado sem água corrente.

Deland adorava a temerária maluquice desse sistema contábil, obtendo notas fiscais em árabe e rezando para que fossem aceitas. Amava voar de carona em um helicóptero militar Black Hawk para vistoriar um projeto em An Najaf num dia e depois, no dia seguinte, correr pelas rodovias até Al Hillah ou Abu Ghraib e constatar os progressos. Gostava de sair da Zona Verde. Livre dos antolhos e da esclerose da burocracia, ele descobriu um sentido quase estonteante de possibilidades no pandemônio do Iraque, onde a ausência de governo permitia a implementação de mudanças institucionais muito amplas, com velocidade e autonomia que nunca havia experimentado. Por exemplo, quando ficou evidente que os guardas da era Saddam, recontratados na pressa de abrir a primeira prisão, se recusavam a alimentar os prisioneiros cujas famílias não os subornassem, Deland demitiu o lote inteiro de corruptos e implantou sua academia correcional para treinar uma nova geração de recrutas para substituí-los.

"Na primeira turma da academia que tivemos, um terço da classe foi embora no primeiro dia, quando dissemos que não poderiam tirar dinheiro das famílias e dos presos", disse. "As pessoas se levantavam e iam saindo —'O que você está dizendo? Como eu vou sustentar a minha família, então, com o dinheiro que vocês nos pagam?'. Eles não escondiam o fato de que faziam isso. Porque era assim que sempre tinha sido feito." Então, havia os dias ruins, e os contratempos não tinham fim. "Nós criávamos esses jogos de situações hipotéticas", Deland disse, e deu um exemplo de como faziam isso:

> "Muito bem, tem este preso que está dizendo isso e fazendo aquilo e você manda que ele saia da cela e ele não obedece. Baseado no treinamento que você acabou de ter, o que você faz?"
>
> "Bem, você dá uma surra nele até que ele saia ou morra."
>
> "Está bem, esta seria, sim, uma maneira. Mas vamos ver as outras opções que vocês têm."

* * *

No início de julho, dois dos integrantes originais da equipe de prisões foram embora por abuso, e, no final do mês, Lane McCotter pegou um avião de volta para os Estados Unidos em licença emergencial, motivada pela morte de seu sogro. Durante três semanas, em agosto, Gary Deland disse, "eu era a única pessoa no Iraque que fazia parte da equipe do Departamento de Justiça enviada para construir e manter um sistema penitenciário". Ele também estava para ir embora, mas ninguém ainda havia sido contratado para assumir a missão. Deland se dedicou à academia; tomou conta de seus projetos de prisões; pagou empreiteiras em Abu Ghraib para triplicar o número de operários e trabalhar horas extras, de modo que a nova instalação médica ficasse pronta em um mês, em vez de seis. Ao mesmo tempo, porém, os militares montavam um novo e enorme campo de barracas em Abu Ghraib — Campo Ganci, assim batizado em homenagem a um bombeiro da cidade de Nova York, morto em 11 de setembro[a] —, uma instalação que iria duplicar ou triplicar a capacidade da prisão militar antes que Deland pudesse abrir um único bloco de celas de segurança máxima.

Deland sentiu "uma terrível frustração". Ele havia visto perigos o suficiente, enquanto corria de um projeto prisional para outro, de modo que a velocidade e a escala de Campo Ganci faziam sentido para ele. Os militares estavam conduzindo uma média de 2 mil patrulhas por dia para conter a anarquia e a resistência armada. "Em vez de simplesmente ir entrando e metralhando um monte de gente, tinham mais, e mais, e mais e mais pessoas para encarcerar", disse Deland. O problema é que não havia prisões para recebê-los. Ele havia analisado a população encarcerada de outros países da região — Irã, Jordânia, Kuwait, Turquia, Síria e Arábia Saudita —, processado as estatísticas, e concluiu que o sistema correcional iraquiano que estava construindo iria precisar de 75 mil leitos. Até então, sua equipe contava com três prisões que já estavam novamente operando, ou quase lá, com um total de 1700 leitos. A segurança máxima iria acrescentar mais duzentos até o final do verão, e se os trabalhos em Abu Ghraib continuassem durante o outono, seriam mil a mais. "Ainda era uma gota no oceano", ele disse. "Apesar dos esforços contínuos para dar conta de tudo, ainda estávamos enormemente defasados quanto ao número de homens trabalhando."

Não era apenas a falta de trabalhadores que deixava Deland desanimado. O que mais o aborrecia era o desperdício dos recursos limitados de ocupação com a manutenção de um número cada vez maior de pessoas na prisão sem motivo. "Tinha gente quando eu cheguei que ainda estava lá quando eu fui embora, e não havia nenhuma razão no mundo para eles estarem lá. Foram pegos nas *blitzen*, e ninguém sabia sob que alegação deveriam ser soltos. A única acusação que se poderia fazer contra eles seria a de 'estarem no lugar errado, na hora errada', acusação que era literalmente escrita nos seus relatórios de prisão. Se uns soldados estão andando pela rua e alguém começa a atirar contra eles — tudo bem, feche a rua e pegue as pessoas. Mas assim que você descobre que o homem só está ali porque tem uma barraca de Coca-Cola ao lado da avenida, e este outro só estava sentado

na varanda de casa, deixe eles irem embora." E, além do mais, disse, "atirar como comemoração é bem comum aqui". Então, e se o homem que estava atirando com a metralhadora do lado de fora do vidro do carro não estava atirando em ninguém? "Ele vai preso", disse Deland. "Ele estava com o filho de catorze anos dentro do carro? O garoto vai preso também. Por quê? Porque não sabiam o que fazer com ele, não podiam deixá-lo na rua. E agora não podemos tirá-lo da cadeia."

Campo Ganci deveria encontrar a solução para esse problema em Abu Ghraib. A prisão fora oficialmente concebida para abrigar os iraquianos suspeitos de crimes estritamente civis. Desse modo, os prisioneiros que inspiravam genuína preocupação militar ficariam concentrados em Campo Vigilante. Na prática, porém, a distinção entre prisioneiros criminais e militares sempre foi descuidada, e com freqüência parecia sem significado à medida que a população carcerária crescia. Mesmo quando Deland conseguia juízes para suspender acusações sem fundamento e encontrava advogados para levar as ordens de soltura na prisão, os guardas no portão diziam a eles que não.

Claro que havia exceções. Toda semana, alguns prisioneiros conseguiam ver um juiz ou um advogado, e eram soltos, mas o processo parecia cada vez mais arbitrário. "O que a gente continuava ouvindo era: eles têm valor de informação", Deland disse. "Mas, tenha dó, qualquer um na rua tem valor de informação. Você pode conversar com eles e ver se sabem de alguma coisa. Não pense que eu tinha só interesse humanitário em ajudar aqueles pobres coitados, embora eu tivesse também. Havia razões pragmáticas. Não tínhamos espaço suficiente para os maus. Por que ocupá-lo com os bons?"

Deland tinha orgulho do trabalho que sua pequena equipe havia conseguido realizar com as empreiteiras locais. Mas à medida que seu tempo no Iraque ia chegando ao fim, e o país ficava mais perigoso — a cada dia, crescia essa impressão —, a perspectiva de autogoverno no Iraque se tornava mais e mais remota. Deland temia que a reconstrução do sistema de justiça

civil criminal estava se tornando secundária sem nem ao menos ter começado, e ele sentiu "uma frustração terrível".

"Eu cresci com John Wayne e Roy Rogers e toda aquela coisa dos anos 1940 que desenvolve certas idéias na sua mente", disse, e a princípio ele via o Iraque como um reflexo de suas prisões desperdiçadas — uma fronteira aberta, quase que uma placa em branco. Dirigir a academia correcional deu a ele uma perspectiva nova. "Tendemos a ver as coisas com os olhos dos americanos", disse. "Você deveria olhar para elas com os olhos do pessoal do outro lado. Eles vêem as coisas de forma diferente. Não tinham a menor experiência com leis. Isso nos deixou estupefatos. Aí você reflete sobre o assunto por um momento. Por que ficamos estupefatos? Nós não estávamos apenas consertando fios. Você está mudando uma cultura inteira. Sistema correcional à parte, acho que o governo americano não tinha a menor idéia do quão enorme esse projeto estava se tornando. Todo mundo se concentrava no mesmo ponto — 'Oh, não havia armas de destruição em massa quando chegamos lá; você deve contar com um serviço de inteligência de segunda categoria'. Ora, tenha dó, tinha um monte de razões a mais para dizer que não dispúnhamos de um bom serviço de informações, além de não haver armas de destruição em massa. Não sabíamos praticamente nada sobre o país quando chegamos aqui."

O mapa mostra um único Iraque, mas Deland simplificava ao falar de uma cultura iraquiana. O país era um emaranhado de culturas — antigas e modernas, sectárias e seculares, cada uma com seus clãs, tribos, regiões e classes, seus códigos e credos —, e, com a queda de Saddam, tudo o que ele havia abafado ressurgiu num salto: os sentimentos violentamente reprimidos de humilhação e vingança, de exclusão e ambição, ideologia e cobiça, feudos políticos e pequenos acertos de contas. A ocupação, também, foi fundamentalmente fragmentada, um saco de gatos de objetivos descoordenados, com linhas de autoridade confusas e conflitantes, rebocada de um jeito ou de outro por interesses locais oportunistas, prejudicada por

cálculos políticos, que muitas vezes tinham menos a ver com o Iraque do que com a burocracia e o carreirismo de Washington. Havia muita coisa em jogo para os Estados Unidos, claro, mas nunca tanto quanto para os iraquianos. Todo mundo sabia que cedo ou tarde, individual e coletivamente, os americanos teriam de ir embora — ou terão — deixando os espólios da guerra para forças acima de seu controle. Até então, a grande e vaga idéia era colocar o Iraque junto novamente, não de acordo com uma visão unificadora, mas pedaço por pedaço. Então, de modo geral, ninguém sabia realmente o que os outros estavam fazendo. E, na ausência de controle civil, à medida que as coisas continuavam a desmoronar, o único imperativo coerente eram os militares.

a Peter J. Ganci era o chefe do Departamento de Bombeiros de Nova York no dia dos ataques terroristas ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001 e foi o militar de mais alta patente a ter morrido nas operações de resgate das vítimas. Outros 342 bombeiros morreram naquele dia.

3.

A doutrina do Exército dos Estados Unidos para lidar com prisioneiros em tempos de guerra respeita as convenções de Genebra. De fato, o regulamento do Exército que trata do assunto (AR 190-8) diz que sempre que a doutrina militar e as convenções de Genebra pareçam divergir ou conflitar, Genebra é a autoridade mais alta. E a Convenção de Genebra Relativa ao Tratamento de Prisioneiros de Guerra, conhecida como a Terceira Convenção de Genebra, não é ambígua: prisioneiros de guerra não são criminosos ou párias, mas simplesmente recursos do inimigo que foram neutralizados por sua remoção do combate. Eles estão lutando, como os soldados que os capturaram em vez de matá-los, e quando a guerra termina devem ser libertados. Até isso ocorrer, a Terceira Convenção de Genebra exige que o prisioneiro tenha direito a "respeito, em todas as circunstâncias, a sua pessoa e a sua honra".

A Terceira Convenção de Genebra é completa e, para um documento legal, é excepcionalmente clara e direta, até porque uma de suas cláusulas exige que o seu texto inteiro esteja disponível a todos os prisioneiros de guerra para que o possam ler em sua própria língua. Ela diz que, ao serem capturados, os prisioneiros de guerra devem ser rapidamente transferidos "para campos situados em uma área longe o suficiente da zona de combate para estar fora de perigo" e não devem nunca ser mantidos em um lugar "exposto ao fogo da zona de combate". Eles devem obedecer às leis das Forças Armadas que os mantêm, e devem usufruir da proteção garantida

por essas leis. Devem ser abrigados em campos "sob condições tão favoráveis quanto as das forças do poder que os detêm, alojadas na mesma área", e ter respeitada sua hierarquia militar. Ter abrigo inteiramente seco e adequadamente iluminado. Eles também devem ser alimentados, vestidos e medicados, e ter acesso a privada e chuveiro. Não se lhes pode infligir nenhum ferimento físico ou mental, tampouco algum tipo de coerção; eles não são obrigados a dar nenhuma informação àqueles que os capturaram a não ser nome, data de nascimento, patente e número de serviço; não podem ser usados como reféns, nem ser obrigados a desfilar ou ser exibidos como troféus, e devem também ser protegidos não apenas contra a violência e a intimidação, mas também contra insultos e a curiosidade pública. Não podem ser mantidos em penitenciárias. Não podem ser mantidos em locais secretos. Eles têm o direito, assim que são capturados, e a qualquer momento quando são transferidos, de mandar cartas a seus parentes, dizendo onde estão sendo mantidos e qual é sua condição de saúde. Podem receber correspondência, inclusive pacotes que contenham tudo, de comida a livros, artigos religiosos, equipamento científico, textos de estudo, instrumentos musicais e artigos esportivos; eles podem usar seus uniformes e medalhas e distintivos de patente e nacionalidade; devem ser autorizados a praticar atividade atlética. Sua força de trabalho pode ser usada para propósitos não militares, e eles devem ser pagos por isso. E por aí vai.

A Terceira Convenção de Genebra pressupõe uma guerra convencional entre Forças Armadas de Estados soberanos. E, no início — as seis semanas de *blitzkrieg* quando os americanos e os aliados lutaram contra as forças de Saddam pela dominação do país —, a invasão do Iraque foi uma guerra desse tipo. Durante aquele período, milhares de prisioneiros de guerra iraquianos foram capturados, e a maior parte deles era mantida bem distante das linhas de frente, no Campo Bucca, nos desertos arenosos do Sul, próximo ao porto de Umm Qasr, a pouco mais de três quilômetros da fronteira com o Kuwait. Então, no Primeiro de Maio, o presidente dos

Estados Unidos declarou que as operações principais de combate haviam acabado.

A importância desse anúncio foi largamente eclipsada pela sua encenação triunfalista: o comandante-em-chefe pousando em jato militar a bordo do porta-aviões USS *Abraham Lincoln*, emergindo em traje completo de aviador de combate, inclusive os óculos, fazendo sinal de positivo com os polegares para as câmeras e posando entre marinheiros em uniformes de pára-quedista cor de laranja, antes de proferir seu discurso sob uma faixa vermelha, branca e azul com os dizeres MISSÃO CUMPRIDA. A bravata e o tom prematuramente autocongratulatório tornaram-se o principal do discurso, em especial com a escalada da guerra, nos meses e anos seguintes. Mas o texto dos comentários do presidente continha uma mensagem mais complexa.

Mesmo ao proclamar vitória e "a chegada de uma nova era" de liberdade, reconstrução e transição política no Iraque, o presidente deixou claro que a guerra não estava terminada. Só que ele não chamou a luta no Iraque de guerra. Ele a descreveu como uma batalha na guerra contra o terrorismo que começara em 11 de setembro de 2001. Este era o núcleo de sua mensagem: metade do discurso foi dedicada à longa guerra contra o terrorismo, e apenas uma frase sobre o fato de que Saddam Hussein e boa parte de seus líderes mais importantes continuavam foragidos no Iraque. Ele não mencionou o nome de Saddam, tendo se referido a ele somente como "o ditador", mas mencionou a Al Qaeda quatro vezes e o 11 de setembro três vezes, apesar de o Iraque não ter ligação com nenhum dos dois. No mesmo dia, no Afeganistão, o secretário da Defesa anunciou, com muito menos alarde, que "a principal atividade de combate" também havia terminado naquele país, onde as forças dos Estados Unidos tinham originalmente proclamado vitória e instalado um novo governo dezoito meses antes. Qual era o significado disso tudo?

Cinco dias depois do 11 de setembro, o vice-presidente saiu de uma reunião de 36 horas com o presidente e sua equipe de segurança nacional, e disse ao jornalista de TV Tim Russert [a] que a nova guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo não aconteceria apenas no campo de batalha, mas também por meio de trabalho "no lado oculto". Disse que "precisamos dedicar um tempo ao mundo das sombras, no serviço de inteligência. Muito do que precisa ser feito aqui terá de ser feito em silêncio, sem nenhuma discussão, usando fontes e métodos que estão disponíveis para as nossas agências de inteligência".

Russert tentou seguir a linha de pensamento do vice-presidente. "Existem restrições que têm sido impostas aos serviços de inteligência dos Estados Unidos, quanto ao uso de pessoas condenáveis, que cometem violações aos direitos humanos." E perguntou: "Vamos suspender essas restrições?".

"Olha, eu acho que sim", disse o vice-presidente. Ele antecipou "uma ampla reconsideração de como operamos e do tipo de pessoas com quem lidamos". E disse: "Se você vai lidar apenas com aqueles oficialmente aprovados, com certificado de boa gente, você vai ficar sem saber o que os maus andam fazendo. Precisa conseguir penetrar nessas organizações. Tem de ter na sua folha de pagamentos alguns tipos detestáveis se quiser de fato se tornar capaz de saber tudo o que tem de saber para prevenir esses tipos de atividade. O que está sendo feito aí fora é um negócio vil, sórdido, perigoso e sujo, e temos que operar nessa arena. Estou convencido de que somos capazes de fazê-lo. Somos capazes de fazer isso com sucesso. Mas precisamos assegurar que não amarraremos as mãos dos nossos serviços de inteligência no que diz respeito ao cumprimento de sua missão".

Durante os vários meses seguintes, o assessor legal do vice-presidente, David Addington, coordenou a produção de uma série de memorandos secretos que contrariavam os vários séculos de prática e jurisprudência constitucional americana ao afirmar que o presidente desfrutava de poder

absoluto em tempo de guerra, inclusive autoridade para permitir a prática de tortura. Em novembro, o presidente assinou decreto segundo o qual o engajamento na guerra contra o terrorismo criara estado de "emergência extraordinária" suficiente para justificar que qualquer cidadão estrangeiro pudesse ser detido, nos Estados Unidos ou no exterior, desde que o presidente considerasse que ele "se engajou, ajudou, incitou ou conspirou para a realização de atos de terrorismo internacional" contra alvos americanos, ou "deliberadamente acobertou" quem o fez. O decreto determinava que qualquer pessoa levada sob custódia nesses termos seria um prisioneiro de guerra, mas não teria as prerrogativas de um POW e estaria sujeita a julgamento em um tribunal militar não governado pelo "princípio da lei e as regras das provas geralmente reconhecidos no julgamento de casos criminais nos Estados Unidos". Então, em janeiro de 2002

o presidente decidiu que as convenções de Genebra não se aplicavam aos prisioneiros capturados na guerra contra a Al Qaeda e o Talibã no Afeganistão, cujos militantes e simpatizantes ativos ele classificou coletivamente como "combatentes fora-da-lei".

O secretário de Estado contestou essa decisão, e o assessor legal do presidente, Alberto Gonzales,[b] elaborou o rascunho de um memorando no qual explorava argumentos pró e contra a recusa em conceder status de POW a uma força inimiga inteira, em vez de manter a base do "cada caso, um caso". Entre os aspectos positivos, Gonzales disse que a decisão dava "flexibilidade" ao processo contra "um novo tipo de guerra", que "torna obsoletas as restritas limitações de Genebra quanto ao questionamento de prisioneiros inimigos e sem sentido algumas de suas disposições", como, por exemplo, os direitos dos POW a uniformes atléticos e instrumentos científicos. A decisão também preservava a flexibilidade quanto ao futuro, Gonzales afirmou, estabelecendo um precedente que poderia ser útil durante conflitos "em que seria mais difícil determinar se uma força inimiga

no seu conjunto oferece as condições-padrão para merecer o status de POW. E mais: Gonzales disse que a decisão "reduziria substancialmente a ameaça de processo criminal nos Estados Unidos com base na Lei de Crimes de Guerra", dispositivo na legislação americana que torna a violação da Terceira Convenção de Genebra por cidadãos americanos, inclusive autoridades públicas, crime de guerra, passível de punição que vai de uma simples multa até a pena capital. Gonzales mostrava especial preocupação com a Lei de Crimes de Guerra, fazendo referência à imprevisibilidade dos promotores independentes,[c] geralmente indicados para promover investigações de suspeitas de crimes contra altas autoridades públicas, inclusive presidentes.

Entre os pontos negativos, Gonzales observou que "desde a conclusão das convenções de Genebra, em 1949, os Estados Unidos nunca negaram sua aplicabilidade nem às forças americanas nem às forças opostas engajadas em conflitos armados, apesar de ter havido muitas oportunidades de fazê-lo". Quebrar essa tradição, ele disse, significava que os Estados Unidos não poderiam mais recorrer a Genebra para proteger suas próprias forças, e "iriam provavelmente provocar ampla condenação por parte dos nossos aliados e em alguns setores políticos nacionais", e ao mesmo tempo, talvez, encorajar "outros países a buscar 'frestas' técnicas" para evitar as convenções de Genebra em conflitos futuros. Finalmente, afirmou, negar status de POW a combatentes inimigos "poderia minar a cultura militar americana que enfatiza a manutenção de padrões elevados de conduta em combate".

Após ter avaliado esses aspectos negativos, Gonzales os rejeitou como "não persuasivos". O Departamento de Justiça e o Pentágono concordaram. E o presidente se fixou nessa decisão, tendo divulgado um memorando formal em fevereiro de 2002 — "Assunto: Tratamento Humano de Detentos da Al Qaeda e Talibã" — endereçado ao vice-presidente, ao secretário de Estado, ao secretário da Justiça, ao chefe da Casa Civil da Presidência, ao diretor da Agência Central de Inteligência, ao assessor do presidente para assuntos de segurança nacional e ao chefe do Estado-Maior das Forças

Armadas. “É claro”, disse o presidente, “que nossos valores como nação são valores que compartilhamos com muitas nações do mundo, e eles exigem que tratemos os prisioneiros com humanidade, inclusive aqueles que não são legalmente merecedores de tal tratamento. Nosso país tem sido e continuará sendo um forte defensor de Genebra e de seus princípios. Como parte de sua política, as Forças Armadas dos Estados Unidos continuarão a tratar os detentos humanamente e, enquanto for apropriado e consistente com a necessidade militar, seguirá consistente com os princípios de Genebra.”

Na guerra contra o terrorismo, portanto, a adesão às convenções de Genebra não era mais a lei, mas uma escolha do comandante-em-chefe. Na guerra do Iraque, no entanto, Genebra permanecia em vigor — com força de lei — mesmo após a declaração do Primeiro de Maio sobre o final dos principais combates, e até a metade do verão a grande maioria dos POWs capturados durante a invasão havia sido mandada de volta para casa. Mas centenas deles permaneciam sob custódia militar, enquanto novos prisioneiros continuavam a ser capturados no curso das operações militares. Esses cativos, que não mais poderiam ser considerados membros do Exército de um Estado inimigo, mas que poderiam ter informação de valor ou apresentar alguma ameaça às forças de ocupação, eram agora classificados como “detentos de segurança” — um rótulo que ganhara atualidade na guerra ao terrorismo na descrição dos “combatentes fora-da-lei” e outros prisioneiros aos quais foram negados status de POW e que eram mantidos indefinidamente em isolamento e em segredo, sem acusações nem recursos judiciais, e sob condições excepcionalmente severas.

A general-de-divisão Janis Karpinski, das Forças de Reserva do Exército, disse que a primeira vez que ouviu o termo “detento de segurança” foi quando chegou ao Iraque, no verão de 2003, como comandante da 800ª

Brigada da Polícia do Exército, na chefia de quinze campos de detenção militar no país. Karpinski, que nunca havia comandado uma prisão, era sempre corrigida pela inteligência do Exército e pelas autoridades judiciárias quando se referia a seus tutelados como "prisioneiros". Ela não costumava pensar muito no assunto. Os militares têm seu próprio idioma, um híbrido tecnocrático cheio de acrônimos e "legalês", que junta eufemismo e hiperespecificidade em um código que soa estranho ao ouvido não treinado. A cada nova missão havia um novo jargão, e Karpinski se adaptava rapidamente. Mas com o tempo ela acabou percebendo que chamar alguém de "detento de segurança" significava "muito mais do que cunhar palavras novas". "Significava uma forma conveniente de driblar a lei, de driblar os requerimentos das convenções de Genebra", disse.

Karpinski estava certa em dizer que a designação de "detento de segurança", ou "interno de segurança" (os termos eram usados alternadamente) não é definida explicitamente em lugar nenhum da legislação. E, no entanto, foi das convenções de Genebra que as autoridades de ocupação no Iraque derivaram a justificativa para manter prisioneiros nessa categoria. A quarta convenção, que estende o regime de Genebra de direitos e proteções a civis em tempo de guerra, inclui algumas linhas, no artigo 5º, que criam uma exceção para qualquer indivíduo "detido como espião ou sabotador, ou como alguém sob suspeita definitiva de atividade hostil à segurança do Poder de Ocupação". Tais cativos ainda devem ser tratados com humanidade, e estão cobertos por quase todas as disposições usuais de Genebra. Mas, diz a Convenção, em nome da "segurança militar absoluta" ou de "necessidade militar imperativa", eles podem ser mantidos incomunicáveis indefinidamente, desde que seus casos sejam revistos pelas forças de ocupação de tempos em tempos, "se possível a cada seis meses".

Isto é tudo o que a Quarta Convenção tem a dizer sobre o assunto. Ela é tão genérica e aberta a interpretações quanto as regras da Terceira Convenção sobre os POWs são específicas e rigorosamente prescritivas. O

Comitê Internacional da Cruz Vermelha, em seu já antigo comentário sobre Genebra, descreve a fresta crítica criada pelo artigo 5º da Quarta Convenção como estranhamente "envolvida", "aberta a questionamento" e "lamentável". "O que é mais de se temer", diz o CICV, "é que a aplicação ampla do artigo possa acabar levando à existência de uma categoria de internos civis que não recebem o tratamento normal estabelecido pela Convenção, mas são detidos sob condições quase impossíveis de fiscalizar. Deve ser enfatizado com mais força, portanto, que o artigo 5º só pode ser aplicado em casos individuais de natureza excepcional, quando a existência de acusações específicas torna quase certo que os procedimentos penais virão logo em seguida. Esse artigo nunca deverá ser aplicado como resultado de mera suspeita."

Quando a general Karpinski assumiu o comando no final de junho de 2003, a ACP já tinha feito o que a Cruz Vermelha temia, emitindo um documento, com a assinatura do embaixador Bremer, intitulado Memorando Número Três, que evocava a Quarta Convenção de Genebra como tendo proporcionado um "modelo apropriado" para "o processo vigente de administração dos internos de segurança". O memorando de Bremer efetivamente definia como detentos de segurança todos os detidos sob custódia militar que não tivessem sido explicitamente acusados de algum crime pela lei iraquiana, e dizia que eles poderiam ser mantidos até no máximo dezoito meses ou — se menores de dezoito anos — por doze meses. O memorando não dizia nada sobre quem teria autoridade para decidir, em primeiro lugar, que a prisão de uma pessoa correspondia ao padrão de "necessidade militar imperativa". Isso acabou ficando a cargo dos soldados e comandantes das unidades que os prendessem.

Os soldados americanos, no entanto, raramente são treinados nos dispositivos do artigo 5º da Quarta Convenção de Genebra, embora muitos deles soubessem que no Afeganistão um detento de segurança era uma pessoa a quem Genebra não se aplicava. Portanto, a general Karpinski não estava sozinha em sua confusão acerca das leis que se aplicavam aos campos

de prisão que ela deveria comandar. No Campo Vitória, sede da ocupação em Bagdá, no Comando Central em Tampa, Flórida, e em Washington, opiniões sobre o status de prisioneiros sob custódia militar no Iraque no verão de 2003 também eram submetidas a estratagemas infindáveis para acomodar modelos legais e retóricos conflitantes, cada vez mais misturados na guerra pela libertação do Iraque e na guerra ao terrorismo.

Em 22 de julho de 2003, dois dias depois da visita do subsecretário da Defesa Wolfowitz a Abu Ghraib, um grupo de ataque das forças especiais de operações, chamado Força Tarefa 20, dedicado à captura ou morte de "alvos de alto valor", atacou com um contingente do 101º Aerotransportado uma casa em Mosul, onde, segundo um informante, encontrariam os filhos de Saddam, Uday e Qusay Hussein. Após batalha de quatro horas, os americanos entraram na casa e anunciaram que haviam matado ambos os homens e também o filho de catorze anos de Qusay, Mustapha.

No dia seguinte, a capitã Carolyn Wood, do 519º Batalhão de Inteligência Militar (IM) com base na cidade natal de Saddam, Tikrit, acompanhou vários de seus colegas em uma missão de reconhecimento a Abu Ghraib. O 519º havia recebido uma Ordem de Alerta com a notícia antecipada dos planos da Operação Vitória Generosa, uma iminente varredura pelo país inteiro com o objetivo de capturar membros da Fedayeen Saddam, o braço paramilitar do Partido Ba'ath de Saddam. Na Ordem de Alerta, o comando central da ocupação instruiu o 519º a estabelecer operações de interrogatório em Abu Ghraib, e no dia seguinte à visita da equipe avançada, a primeira unidade de Inteligência Militar foi preparar a prisão, montando barracas e se aprontando para o trabalho.

A capitã Wood não teve boa impressão de Abu Ghraib, que a lembrava do Campo Cropper, onde havia passado o mês de junho. Cropper havia sido montado para ser um centro de interrogatório dos iraquianos mais

procurados pela ocupação, inclusive os 52 do topo da lista, cujos rostos apareciam em um baralho produzido pelo Exército, com Saddam como o ás de espadas. Mas Wood o encontrou lotado de "detentos de baixo valor", que haviam sido presos por pequenos crimes. O campo de barracas montado para abrigar duzentos prisioneiros estava com algo entre setecentos e mil detentos, sendo que alguns deles, disse Wood, "eram chamados de 'cinqüenta metros' por terem estado nas vizinhanças do alvo de algum ataque dos Estados Unidos e presos essencialmente por estarem perto demais do local no momento do ataque".

Wood presenciara condições piores durante a invasão, enquanto ela pulava de um lugar para o outro, no Norte do Kuwait, de um campo de detenção temporário para outro, onde os prisioneiros eram mantidos em grandes jaulas gradeadas, com escassas rações de água e nenhuma barraca. Para piorar, em 9 de junho, PEs no Campo Cropper endureceram com um prisioneiro desobediente, o que desencadeou um pequeno tumulto no local. Como resposta, um dos guardas despiu sua camisa de camuflagem e começou a flexionar os músculos diante dos cativos exaltados, o que os enfureceu completamente. Com medo de não conseguir conter a agitação, a Força de Reação Rápida da PE atirou na multidão, ferindo cinco prisioneiros. Uma investigação conduzida pelo líder de pelotão da PE concluiu que os tiros foram disparados em legítima defesa e culpou a obstrução das linhas de visão dos atiradores, a falta de munição não letal, a linha de comando pouco clara do campo e procedimentos operacionais padrão inadequados e ultrapassados, pela escalada e pelo resultado do incidente. A capitã Wood descobriu que a missão da Inteligência Militar também havia sido prejudicada pela desordem do campo. Ela disse que "Cropper não tinha locais apropriados para operações de interrogatório" nem "apoio logístico suficiente", e, quando os oficiais expressavam a sua frustração e sua preocupação acerca do "ar descontente dos detentos", não obtinham nenhuma resposta dos superiores. No entanto, Cropper contava

com água corrente e eletricidade constante, estava localizado dentro do perímetro de segurança do Aeroporto Internacional de Bagdá, onde os militares tinham um poderoso centro de comunicações, e os soldados desfrutavam de algum conforto. Nada disso poderia ser dito de Abu Ghraib.

O major David DiNenna, comandante do 320º Batalhão da Polícia do Exército, sentiu a mesma apreensão quando realizou uma viagem de averiguação a Abu Ghraib naquele verão. As providências já estavam sendo tomadas para fazer da prisão o ponto central das detenções militares do Iraque, e DiNenna havia sido escolhido para ser o seu principal chefe de operações. Abu Ghraib estava solidamente assentado no Triângulo Sunita, torrão natal de Saddam e centro de uma resistência cada vez mais violenta à ocupação. "Eu estava um tanto cético quanto a operar uma instalação entre Fallujah e Bagdá", disse DiNenna. "Essa não era a melhor localização para mim." A prisão derivou seu nome da cidade adjacente de Abu Ghraib, uma fortaleza do Partido Ba'ath com uma população de 1 milhão de pessoas ou mais, sobre a qual as forças americanas tinham apenas controle nominal, e DiNenna argumentou que seria mais sábio concentrar a missão das prisões em Campo Bucca, que havia sido sua base por vários meses. Bucca era um dos locais mais seguros no país. "Não tem nada lá, só deserto. Você pode ir construindo indefinidamente", disse ele. "Mas se transformou em um problema de transporte — como remover os prisioneiros no caso de terem de ir a julgamento ou de serem soltos na área de Bagdá?" DiNenna recebeu ordens de instalar-se em Abu Ghraib com o primeiro contingente de suas tropas em julho. Naquele mês houve 25 ataques de morteiro contra a prisão e algumas vezes estilhaços de metralha feriam os prisioneiros no Campo Vigilante. Enquanto isso, escavadeiras preparavam o terreno para o Campo Ganci, um alvo muito maior.

O novo campo foi construído de acordo com um formato modular, com recintos retangulares — cercados por uma rede tripla de concertina —, designados para abrigar quinhentos prisioneiros cada um, e amplos

corredores entre eles para os guardas patrulharem. Primeiro, duas seções foram construídas, mas as escavadeiras nivelaram espaço para pelo menos mais oito, a serem adicionadas, se necessário. Não dava para evitar a pergunta: se havia sido impossível controlar umas poucas centenas de prisioneiros rebelados em Campo Vigilante sem atirar neles, como seria quando Ganci estivesse lotado? DiNenna estava preocupado com o fato de que proporcionar segurança a Abu Ghraib e ao comboio de segurança para o transporte de prisioneiros e suprimentos iria tomar tantos de seus soldados que ele acabaria ficando com poucos homens à medida que a prisão se expandisse e precisasse de mais guardas. Durante sua visita de reconhecimento ele encaminhou um pedido por uma unidade K9[d] para Abu Ghraib, e torceu para que ela chegasse logo. "Eu tive cães de serviço militares em Campo Bucca", contou. "Eles são um recurso extremamente eficiente. A maioria das pessoas acaba percebendo que não pode discutir com um cão. A presença de cachorros exerce efeito tremendo sobre os prisioneiros; os cães são uma força multiplicadora."

A capitã Wood compreendia o desejo por cães. Ela havia se formado no Centro e Escola de Inteligência do Exército dos Estados Unidos, em Forte Huachuca, Arizona, e serviu por dez anos como interrogadora da Inteligência Militar e coletora de informação secreta. Esteve em duas missões da força de estabilização da OTAN na Bósnia e antes de ir para o Iraque passou seis meses como oficial de operações no centro de interrogatório da Base Aérea de Bagram, no Afeganistão. Lá, em um depósito da era soviética, sua equipe esteve sob forte pressão de Washington para que extraísse "informações usáveis" de centenas de prisioneiros classificados como combatentes fora-da-lei. Quando chegou, Wood determinou a utilização de uma nova política de interrogatórios para induzir esses prisioneiros a falar por meio de uma variedade de técnicas sem

precedentes na doutrina do Exército: isolamento de até trinta dias, nudez, acorrentamento em posições estressantes e dolorosas, privação sensorial e a presença de cães ferozes para provocar medo extremo. Guardas da Polícia do Exército receberam a tarefa de administrar muitas dessas táticas duras, e alguns deles aceitaram sua nova autoridade com gosto. Sob a observação de Wood, três prisioneiros foram surrados até a morte.

Autópsias concluíram que as mortes em Bagram haviam sido homicídios. Em dois desses casos, exames médicos indicaram que os prisioneiros mortos, pendurados pelos braços nas vigas enquanto apanhavam, estavam tão machucados que suas pernas teriam que ser amputadas caso tivessem sobrevivido. Também ficou provado que um dos assassinados era um civil inocente, preso por engano. Uma investigação do Exército acabou descobrindo que o abuso da violência era ostensivo e rotineiro em Bagram e que guardas e interrogadores que tinham prazer em bater nos prisioneiros, despi-los, chutar seus órgãos genitais, pisoteá-los, fazê-los lamber as botas dos soldados, jogá-los contra a parede, fazê-los engolir água até que sufocassem ou pendurá-los por algemas em portas ou tetos faziam tudo isso sem temor algum de ser advertidos.

Wood recebeu a Estrela de Bronze por seu serviço no Afeganistão e foi promovida de primeiro-tenente a capitã. Por causa de sua experiência, ela disse: "Considero-me muito capacitada em operações e técnicas de interrogatório". Em Abu Ghraib, na primeira semana de agosto de 2003, ela foi nomeada oficial em comando das operações de interrogatório. Mais uma vez, decidiu que o Manual de Campo do Exército de inteligência e interrogatório (o FM 34-52, editado em 1992) — uma lista de "pode" e "não pode" de 171 páginas, incluindo um glossário de quatro páginas em colunas duplas de acrônimos — era obsoleto e inadequado.

"O ambiente de interrogatório no Iraque era um desafio porque a doutrina e o treinamento atuais de interrogatório do Exército dos Estados Unidos estão enraizados e equipados para responder a uma ameaça de

Guerra Fria convencional, e não ao tipo de mentalidade árabe", disse ela. E continuou: "Estávamos mudando de um ambiente tático para um ambiente operacional ou insurgente, e cada vez mais eu sentia que ele se assemelhava à minha experiência no Afeganistão. Eu não queria que o meu pessoal perdesse de vista as suas fronteiras e seus limites à esquerda e à direita. Eu via a situação caminhando rumo ao modelo de Bagram. As pressões cresciam com a superpopulação, com o arrastamento da missão desde os genuínos detentos de segurança até outros que realmente não precisavam ficar detidos por período longo, e a constatação de que o Iraque estava evoluindo no sentido de uma missão de longo prazo. Fui sentindo cada vez mais a necessidade de empregar a minha experiência no Afeganistão. Nós tínhamos usado o ajustamento de sono e posições de estresse como técnicas eficientes no Afeganistão. [...] Pensei bastante e concluí que elas seriam instrumentos eficientes nas operações de interrogatório em Abu Ghraib. Como os ventos da guerra estavam mudando e com a pressão vinda de cima por informação utilizável oriunda de interrogatórios, fui atrás de outras alternativas além das oferecidas pelo FM 34-52".

Assim, Wood via Abu Ghraib como um aspecto da guerra ao terrorismo. Não fica claro pelo seu raciocínio rítmico, do tipo "se isso, então aquilo", por que o número cada vez maior de prisioneiros sem nenhum interesse para ela criava a necessidade de tratar os de maior interesse de forma mais dura. Mas esse seu depoimento foi dado tempos após a ação, e nem sempre é possível filtrar as confusões da época das confusões da reminiscência. Mas ela certamente foi clara sobre o que fez em seguida. Com a ajuda de um colega, pegou as Regras de Interrogatório em Combate usadas pela Força Tarefa 20, a força especial de operações que matou os filhos de Saddam, e "praticamente a plagiei" — "mudando o timbre" e "fazendo uma edição geral" antes de submetê-la à aprovação do comando da brigada como as regras para a IM em Abu Ghraib. A Força Tarefa 20 consistia de algumas dúzias de comandos de várias divisões do Exército, bem como de membros

do braço paramilitar secreto da CIA, mantidos em alerta por 24 horas para conduzir buscas sob o comando do presidente ou do secretário da Defesa. Suas atividades eram obscurecidas por extremo sigilo, e suas regras de ação nunca se tornavam públicas, mas eram consideradas as mais irrestritas possíveis, notáveis mais pelo que permitiam do que pelo que proibiam.

A brigada de Wood não respondeu à solicitação de aprovação das novas regras de interrogatório propostas, então Wood as submeteu diretamente ao gabinete da general-de-divisão Barbara Fast, comandante da IM no Iraque, em Campo Vitória. Um dos oficiais de Fast aconselhou Wood a tentar a aprovação "pelos canais de comando em vez de pelos canais do serviço de inteligência", e ela então encaminhou as regras ao gabinete do tenente-general[e] Ricardo Sanchez, comandante de todas as forças de solo da ocupação. Logo depois, na última semana de agosto, dois advogados militares vieram vê-la, um americano e um australiano, e lhe disseram que a proposta dela parecia boa, e que seria "levada para cima", para aprovação do comando. "O advogado australiano até comentou que as técnicas eram bem brandas", disse Wood.

Enquanto isso, no momento em que o Campo Ganci começava a receber uma nova onda de prisioneiros da Operação Vitória Generosa e de outras varreduras, Wood recomendou a sua equipe de IM que seguisse seu velho manual de campo, mas que se sentisse livre para aumentar seus procedimentos com posições estressantes por períodos de 45 minutos, e regimes de privação de sono, que permitiam que os prisioneiros dormissem apenas quatro horas a cada 24 horas, em períodos de 72 horas. Mais uma vez, foi atribuída aos guardas da PE a aplicação desses regimes, e Wood disse: "Nem eu nem meu pessoal da IM, até onde sei, tivemos uma conversa ou proporcionamos instruções por escrito às PEs sobre como deveriam exatamente aplicar o procedimento".

Em meados de agosto, ao mesmo tempo em que a capitã Wood enviava sua proposta de regras de interrogatório em Abu Ghraib ao Campo Vitória, um dos oficiais de Sanchez da Inteligência Militar, capitão William Ponce, da Célula de Coordenação dos Efeitos de Inteligência Humana, mandou um e-mail aos comandantes da unidade de IM no Iraque, pedindo uma lista dos "indivíduos que detínhamos que se enquadravam sob a categoria de 'combatentes fora-da-lei'". Ponce descrevia essa categoria, com referência às convenções de Genebra, como "espiões, sabotadores ou civis que participassem das hostilidades", e sugeria, incorretamente, que tais detentos não eram protegidos por Genebra. Ele observava que o comando da IM desconhecia quaisquer regras de ação que se referissem àqueles detentos, e solicitava aos interrogadores que mandassem a ele imediatamente uma "'lista ideal' de técnicas de interrogatório", que ajudasse a elaborar aquelas regras. Ponce concluía sua mensagem com uma nota exortativa: "As luvas de pelica estão caindo fora no que diz respeito a esses detentos". E mencionava o coronel Steven Boltz, vice-comandante da IM no Iraque, que "deixou claro que nós queremos estes indivíduos quebrados. As baixas estão aumentando e precisamos começar a juntar informação que ajude a proteger nossos soldados de novos ataques. Eu agradeço seu esforço e sua dedicação". E assinava, "IM sempre na frente de batalha".

"Enquanto isso", disse a general Janis Karpinski, "estamos mantendo esses prisioneiros, muitos deles sem nenhuma prova a não ser um relatório de prisão de uma página, escrito por algum jovem soldado de uma das divisões blindadas ou de Infantaria, que diz 'pego saqueando.'" Ou então, prosseguiu, "há um alvo individual, e uma boa coordenada geográfica de sua última localização conhecida, e as divisões ou brigadas montam uma operação de captura desse indivíduo. E quando chegam lá, se o tal indivíduo está no meio de um jogo de cartas, ou de um jantar, e tem uns trinta amigos em volta dele, não dá para ter certeza sobre quem é a pessoa que se está

buscando. Tudo o que os soldados sabem é que esta é a coordenada de localização. Então, eles prendem todos os que estão lá".

Karpinski fazia parte de um conselho de revisão e recursos que fora estabelecido em agosto para examinar as fichas de prisioneiros que poderiam ser soltos. O conselho se reunia em Campo Vitória sob a direção da general Fast. Karpinski disse que raramente viu mais do que uma indicação mínima de qualquer associação com atividade insurgente nas fichas; como exemplo citou a história de um homem que havia sido mantido em Abu Ghraib por um mês quando seu caso foi para revisão. "Ele e seu vizinho tinham vivido lado a lado por anos. Havia algum ciúme entre eles. Normal, ciúme de vizinho. Pouco depois da guerra, esse indivíduo vendeu um pedaço de terra e saiu para comprar um gerador e uma caminhonete. Quando voltou para casa com o gerador na traseira da caminhonete, o vizinho disse: 'Arrá!'. E assim que ele viu uns soldados da coalizão, ele os agarrou e disse: 'Meu vizinho, repentinamente, apareceu com um gerador e uma caminhonete, e ele ganhou esse dinheiro da Fedayeen, ou dos Ba'hatistas, por passar informações sobre vocês'. Então o homem foi preso, e com ele, seus dois filhos. Os dois filhos foram soltos depois de cerca de três semanas. Mas o homem foi mantido como detento de segurança. O conselho decidiu soltá-lo. Quando ele voltou para casa, claro, tudo havia sido saqueado", disse Karpinski. Apesar disso, teve sorte. Na primeira reunião do conselho, prosseguiu Karpinski, as fichas de quarenta prisioneiros foram examinadas e discutidas durante quatro horas, e 35 dos detentos tiveram a soltura recusada. Isso era típico, ela disse: a Inteligência Militar estava no controle, e ninguém queria descobrir depois que um terrorista havia sido libertado.

O coronel Marc Warren, assessor legal sênior do tenente-general Sanchez, também participava do conselho de revisão da prisão, e também ele descreveu as fichas como "fracas". Disse que a documentação que continham era com freqüência reunida arbitrariamente e preenchida inadequadamente,

e que isso deixou a general Fast "muito frustrada". Mas, ressaltou, "o conselho buscava encontrar um equilíbrio apropriado entre soltura e segurança, e optamos pela segurança. Não queríamos assumir riscos baseados no que não conhecíamos. Infelizmente, não sabíamos muito sob o ponto de vista do serviço de inteligência".

"Tudo bem", disse Karpinski. "É contra a lei, mas eles os mantiveram. E na noite seguinte havia mais cem. E na noite seguinte, outros cinqüenta. E em seguida, mais trezentos. E assim foi até que já tínhamos milhares de prisioneiros sendo detidos ali sem nenhuma razão nem qualquer discussão sobre por que estavam sendo detidos afinal. E todos eram rotulados como detentos de segurança. Quero dizer, literalmente. Cada um deles chegava com uma etiqueta grudada em alguma parte da roupa, que dizia 'detento de segurança'."

Como general no comando das prisões militares no Iraque, Karpinski também tinha a missão de dar assistência à ACP na montagem de prisões civis, e Abu Ghraib era a maior e a mais movimentada de suas operações em ambos os aspectos. Mas estava longe de ser a única. Ela tinha de estar o tempo todo em vários outros lugares, desde Campo Bucca, no sul, ao Campo Ashraf, no extremo norte (onde era responsável por 6 mil rebeldes iranianos exilados do Mujahedin-e Khalq que haviam se rendido às forças americanas e eram mantidos sob a guarda de soldados búlgaros). E em Bagdá era difícil dar conta do Campo Vitória. Segundo os relatos, inclusive o dela própria, Karpinski não passava muito tempo em Abu Ghraib. Ela ia até lá para acompanhar pessoas importantes em suas visitas — por exemplo, delegações do Congresso ou jornalistas dos Estados Unidos — e também para participar de reuniões de comando. Mas havia uma guerra em curso, e ela disse que logo percebeu que ninguém em Campo Vitória e nenhum dos comandantes que chefiavam operações de combate queriam ser incomodados com prisioneiros. Os soldados tinham que trazê-los, e eles tinham que ter um lugar para colocá-los o mais rapidamente possível. Este

lugar era Abu Ghraib, e tudo o que todos queriam dele era serviço de inteligência.

"As pessoas têm suas prioridades", disse Karpinski. "E as do general Sanchez e dos comandantes de batalhões eram os combatentes na guerra — não as operações de prisão. Eu não gosto, mas entendo essa mentalidade." E disse ainda: "Um dos efeitos de prender pessoas inocentes era que suas famílias ficavam enfurecidas. E então essas pessoas se juntavam à insurgência como compensação — vocês pegaram o meu irmão, então eu vou pegar um dos seus soldados. Portanto, a insurgência, como resultado desses ataques e prisões, estava crescendo".

a Russert foi um dos mais famosos jornalistas americanos, em especial pelo seu trabalho como apresentador do programa *Meet the Press*, da rede NBC. Morreu, aos 58 anos, em 2008.
b Gonzales foi depois nomeado secretário da Justiça dos EUA, cargo que exerceu entre fevereiro de 2005 e agosto de 2007, quando renunciou após ser acusado de ter prestado depoimento falso ao Congresso.
c Promotores independentes funcionam mais ou menos como o Ministério Público no Brasil: fazem investigações sobre suspeitas de crimes independentemente dos poderes Executivo, Judiciário ou Legislativo.
d A pronúncia em inglês da letra K e do número 9 é similar à da palavra *canine* (*canino*).
e O cargo de tenente-general é o de um general comandante de um corpo de Exército nos Estados Unidos; não existe uma patente similar no Brasil, ela fica entre a de general-de-divisão e a de general-de-exército.

4.

Não havia nenhum prisioneiro na segurança máxima quando McCotter e Deland se despediram, mas uma primeira leva foi logo transferida de Campo Ganci para lá e instalada sob a supervisão de guardas iraquianos e inspetores da PE em celas com capacidade para oito homens no segundo bloco — Alas 2A e 2B. Os prisioneiros escolhidos eram do tipo para os quais a segurança máxima havia sido destinada: suspeitos de crimes e condenados cujos casos estavam sob a jurisdição das cortes civis iraquianas. O primeiro bloco de celas era outra história. Consistia de celas individuais, que chamaram a atenção do coronel Thomas Pappas, o comandante de brigada da Inteligência Militar em Bagdá. Pappas não ficou satisfeito com a instalação da IM em Abu Ghraib. Ninguém ficou. Para interrogar um preso adequadamente é preciso ter a possibilidade de regular o ambiente de modo que o leve a cooperar. Você precisa, no mínimo, ter condições de manter o prisioneiro longe dos outros, a salvo de influência durante todo o período do interrogatório. Nos campos de barracas de Abu Ghraib isso era impossível, e assim que a segurança máxima foi aberta para uso, Pappas fez um arranjo com a ACP para começar a manter prisioneiros de grande importância para a IM na Ala 1A. Sem objeções da general Karpinski, a ala foi colocada sob a guarda exclusiva da PE, ficando rigorosamente fora dos limites da jurisdição dos policiais e oficiais de prisão iraquianos, bem como da maior parte dos americanos.

A mudança da IM para a segurança máxima aconteceu no momento em que o general-de-divisão Geoffrey Miller, comandante da prisão e do campo de interrogatório da baía de Guantánamo, em Cuba, chegou ao Iraque para discutir o que chamou de "capacidade atual do teatro de rapidamente explorar os internos em termos da inteligência capaz de levar à ação". Gitmo, como o campo cubano é conhecido, era a prisão americana mais proeminente na guerra ao terrorismo, reservada aos prisioneiros a quem as proteções de Genebra haviam sido negadas. A maior parte desses reclusos havia sido capturada no Afeganistão ou imediações, por forças americanas ou por autoridades locais ávidas pela recompensa de 5 mil dólares que os Estados Unidos estavam oferecendo por pessoas alegadamente associadas à Al Qaeda e ao Talibã; muitos desses prisioneiros já tinham passado por interrogatórios ferozes em Bagram e outros campos afegãos ou em prisões secretas operadas por agentes de inteligência americanos em várias partes do mundo, antes de serem enviados ao Caribe. Lá, eram mantidos em extremo isolamento, em jaulas, freqüentemente encapuzados e acorrentados, em um limbo legal aparentemente permanente.[a]

Muitos prisioneiros em Gitmo já estavam lá por um ano e meio sem que lhes dissessem por que, e nas duas semanas anteriores à ida do general Miller para Bagdá pelo menos 23 deles tinham tentado suicídio como protesto coletivo. Médicos do Exército disseram mais tarde que esses prisioneiros não queriam realmente morrer; então o Pentágono reclassificou suas tentativas de enforcamento ou estrangulamento de "comportamento manipulativo por meio de ferimentos infligidos a si próprios". Mas esse episódio havia sido mantido em segredo, e quando Miller visitou Abu Ghraib em 7 de setembro de 2003, com um *entourage* de dezessete colegas ou ex-colegas de Gitmo, chegou como uma espécie de superastro do que gostava de chamar de GWOT, acrônimo em inglês para "guerra global ao terrorismo". Ele desfrutava da reputação de ser um "homem duro para tempos duros" e era objeto de alta estima na Casa Branca e no Pentágono.

O secretário da Defesa também estava no Iraque e havia ido até Abu Ghraib um dia antes para visitar as câmaras de tortura e de execução de Saddam e para posar para fotografias com soldados. Em seguida, pegou o avião e foi embora; disse que não queria ver mais nada. Mas Miller era dedicação total. Sua aparição coincidiu com uma decisão do comando de fechar o Campo Cropper e consolidar suas operações de inteligência em Abu Ghraib, fazendo da prisão seu centro de interrogatório da IM no Iraque. Miller visitou a Ala 1A e disse à equipe da IM de lá que o general Sanchez queria que ele explicasse como as coisas eram feitas em Gitmo.

Uma prisão militar regular é administrada pela Polícia do Exército, de acordo com a doutrina do Exército, mas, em um centro de interrogatório como Gitmo, Miller explicou, os interrogadores é que comandam o show. Isso significa que os PEs trabalhavam para eles, tratando os prisioneiros de acordo com a demanda dos seus regimes de interrogatório. Afinal, no treinamento os interrogadores são encorajados a falar do local onde eles mantêm os prisioneiros como uma "hospedaria" e a chamar os prisioneiros de "hóspedes". Os guardas da PE, por sua vez, são vistos como os "estalajadeiros" — embora os PEs mais freqüentemente se refiram ao seu papel como "babás" — que tomam conta dos prisioneiros entre as sessões de interrogatório. Só que é o interrogador quem decide os termos desse serviço de quarto, permitindo ou negando certos confortos, de modo que o prisioneiro compreenda que sua condição depende inteiramente de seu relacionamento com a pessoa todo-poderosa que periodicamente o convoca para um encontro na mesa de interrogatório. Mesmo assim, é a PE que conduz o prisioneiro antes e após o interrogatório, permitindo que o interrogador permaneça sempre apenas como o interlocutor, e nunca como o agente direto das condições que impõe. Esse cenário pode ser montado em um grande castelo, nas mais primitivas masmorras ou em campos

improvisados; não faz diferença: qualquer que seja o arranjo, o ideal para o interrogador é uma atmosfera de controle total.

Assumir a Ala 1A, então, era apenas o primeiro passo para a IM. "É essencial", Miller escreveu em relatório sobre sua missão em Abu Ghraib, "que a força de guarda esteja engajada ativamente no arranjo das condições para uma exploração bem-sucedida dos internos." A general Karpinski se recorda de Miller apresentando esse ponto de vista mais abertamente em pessoa. Seu relato é o que ele disse aos soldados na prisão: "A primeira coisa que eu notei é que vocês estão tratando os prisioneiros bem demais. Vocês têm que ter controle, e eles têm que saber que vocês estão no controle. Vocês têm que tratar os prisioneiros como cães". No seu relatório, no entanto, Miller solicitou repetidamente regras e padrões rígidos para interrogadores e guardas, e para servir de exemplo ele deu aos assessores legais do general Sanchez uma cópia das regras de interrogatório de Gitmo, uma lista de "técnicas aprovadas de contra-resistência na Guerra ao Terrorismo", assinada pelo secretário da Defesa.

* * *

As regras de Gitmo emergiram de uma série prolongada de improvisações legais por parte daqueles que formataram a guerra ao terrorismo após a decisão do presidente de deixar de lado as convenções de Genebra no Afeganistão. Uma vez estabelecido que o tratamento humano aos prisioneiros na guerra ao terrorismo era opcional, a questão passou a ser: se optarmos pelo não, o que é permitido? A Casa Branca pediu uma opinião ao Departamento da Justiça, sobre até que ponto um interrogatório não limitado por Genebra poderia ir sem violar a Convenção das Nações Unidas sobre a tortura e outros tratamentos ou punições cruéis, desumanas ou degradantes. A resposta veio no verão de 2002, na forma de um memorando de cinqüenta páginas em espaço comum, assinado pelo subsecretário Jay Bybee, que basicamente dizia para não haver preocupação:

somente "os atos mais extremos" deveriam ser qualificados como tortura, e eles precisariam estar relacionados com o "objetivo preciso" de infligir dor "equivalente em intensidade à dor que acompanha sério ferimento físico, tal como a falência de um órgão, dano a alguma função corporal, ou mesmo a morte".

O memorando Bybee oferecia ainda mais tranqüilidade ao mencionar que decisões legais internacionais "deixam claro que enquanto muitas dessas técnicas podem se configurar como cruéis, desumanas ou tratamento degradante [...], há uma ampla extensão de técnicas desse tipo que não chegam ao nível de tortura". Por exemplo, em 1978, a Corte Européia de Direitos Humanos decidiu, no caso Irlanda *versus* Reino Unido, que fazer um prisioneiro ficar de braços abertos e nas pontas dos pés com as mãos contra uma parede bem acima da cabeça e sustentando todo o seu peso nos dedos "não ocasionava sofrimento da intensidade e crueldade particular implicada na palavra tortura". Nessa decisão, a Corte Européia chegou à mesma conclusão quanto às práticas de encapuzar prisioneiros, sujeitá-los a barulho intenso e privá-los de sono, alimento e água entre e durante os interrogatórios. Também a Suprema Corte de Israel decidiu que tais técnicas, e piores — como "sacudir com força a parte superior do torso do suspeito, de trás para a frente, repetidamente, de modo a fazer o pescoço e a cabeça penderem e oscilarem rapidamente" —, não cruzam o limiar da tortura. E, o memorando de Bybee enfatizava, nem a Convenção Contra Tortura nem a lei dos Estados Unidos contra tortura extraterritorial impunham penalidades para atos "cruéis, desumanos ou degradantes".

Dessa forma, o humor em Washington andava permissivo, naquele verão de 2002, quando o general James Hill, do Comando do Sul, que era responsável pela baía de Guantánamo, escreveu aos chefes de Estado-Maior o seguinte: "Apesar dos nossos melhores esforços, alguns detentos têm resistido tenazmente aos métodos atuais de interrogatório". Hill propôs um novo conjunto de "técnicas de contra-resistência" mais agressivas, e no

início de dezembro o secretário da Defesa aprovou dezoito das práticas da lista de Hill, inclusive a utilização de posições de estresse, isolamento de até trinta dias, nudez, interrogatórios de vinte horas, remoção forçada da barba e bigode, uso de cães para induzir fobia e estresse e a "utilização de contato físico moderado e sem causar ferimento, como agarrar, espetar o peito com o dedo e empurrar devagar".

Então, cinco semanas mais tarde, em meados de janeiro de 2003, o secretário revogou sua aprovação a esses métodos, embora fizesse a ressalva que eles ainda poderiam ser usados em casos específicos, se ele recebesse solicitação com "ampla justificativa" e "plano detalhado" para sua implementação. Ao mesmo tempo, o secretário comissionou um grupo de trabalho, composto por representantes de todos os maiores departamentos das Forças Armadas, exceto da Polícia do Exército, para produzir um estudo abrangente das opções legais e políticas para quebrar a resistência dos combatentes fora da lei sob interrogatório na guerra ao terrorismo. O relatório foi entregue em abril e formou a base de um novo memorando do Departamento da Defesa, estabelecendo um conjunto de regras mais restritivo para os interrogadores de Gitmo.

As regras de abril permitiam 24 técnicas para quebrar a resistência do prisioneiro. Dezessete delas eram práticas estabelecidas, retiradas do manual de campo dos interrogadores da IM. Incluíam: Incentivo/Remoção de Incentivo (proporcionar um prêmio ou remover um privilégio, por exemplo, o Alcorão); Amor Emocional e Ódio Emocional (manipular os sentimentos de amor e ódio do prisioneiro em relação a um indivíduo ou a um grupo); Medo Elevado (aumentar significativamente o nível de medo); Medo Moderado; Medo Reduzido; Orgulho e Ego Positivo (incentivar o ego); Orgulho e Ego Negativo (atacar ou insultar o ego); Futilidade (invocar o sentimento de futilidade do prisioneiro); Nós Sabemos de Tudo (fingir que já se sabe tudo o que o prisioneiro se recusa a contar); Estabelecer Sua Identidade (induzir o prisioneiro a revelar quem ele é fingindo tomá-lo por

alguma outra pessoa); Repetição (repetir continuamente a mesma pergunta); Mutt e Jeff (o prisioneiro é interrogado ao mesmo tempo por um interrogador amistoso e um duro);[b] Fogo Rápido (fazer perguntas em uma sucessão rápida sem esperar pelas respostas); Silêncio.

As outras sete técnicas eram: Mudança de Cena Positiva (mudar o interrogatório para um local mais agradável); Mudança de Cena Negativa; Ajustamento de Sono (reverter os ciclos de sono da noite para o dia, mas sem privação de sono); Bandeira Falsa (fingir que é de outro país, não dos Estados Unidos); Manipulação Ambiental (ajustar a temperatura ou introduzir mau cheiro); Manipulação de Dieta; Isolamento (por até trinta dias).

O secretário da Defesa exigiu que fosse avisado com antecedência caso fosse usada uma destas quatro técnicas aprovadas: Remoção de Incentivo, Orgulho e Ego Negativo, Mutt e Jeff, e Isolamento. Mas ao mesmo tempo reiterou seu convite aos comandantes em campo para que mandassem pedidos por escrito para a utilização de outras técnicas que viessem a considerar necessárias, caso a caso. Absolutamente nada foi descartado.

Assessor legal do general Sanchez, o coronel Marc Warren disse que seus oficiais revisaram as regras de Gitmo com a IM e as "transformaram para assegurar conformidade com as convenções de Genebra". Então pegaram o memorando de abril do secretário da Defesa e "o transformaram no seu próprio memorando". De fato, o primeiro rascunho não assinado da Política de Interrogatório e Contra-Resistência de Sanchez, que o escritório de Warren fez circular em 10 de setembro, um dia depois de o general Miller deixar o Iraque, era na verdade uma transcrição literal das regras de Gitmo. Mas as regras de Sanchez diziam que elas se aplicavam tanto aos prisioneiros de guerra como aos detentos de segurança. Isso chamava a atenção, pois a exigência que o secretário da Defesa havia imposto aos interrogadores de

combatentes fora-da-lei em Gitmo — de que ele deveria ser avisado com antecedência da utilização de certas técnicas — era reservada por Sanchez apenas aos interrogadores de prisioneiros de guerra, e não havia nenhum prisioneiro de guerra em Abu Ghraib.

Além disso, ao redigir o esboço das regras, a equipe do coronel Warren incorporou aspectos da proposta política de interrogatório que a capitã Carolyn Wood havia copiado da Força Tarefa 20 e submetido a aprovação em agosto. Naquela ocasião o rascunho de Sanchez diferia das regras de Gitmo, sendo muito mais permissivo. Além das técnicas permitidas em Gitmo, as regras esboçadas para Abu Ghraib permitiam o uso de cães treinados com focinheira para explorar "o medo que os árabes têm de cachorros", privação de sono, grito, música alta e controle de luz, uso de declarações e documentos falsos e posições estressantes por quatro horas diárias, limitadas a uma hora a cada vez. E, claro, o esboço dizia que qualquer outra técnica não mencionada na lista poderia ser submetida a aprovação. No Iraque, entretanto, as solicitações com antecedência para as técnicas reservadas deveriam ser enviados para Sanchez, não para o Pentágono.

Quatro dias após a entrega do esboço, ele já foi substituído por uma nova versão, assinada por Sanchez. A privação de sono foi suprimida da lista de táticas aprovadas, e o uso de cães, posições estressantes e controle de luz e barulho foi incluído no grupo de práticas que poderiam ser empregadas apenas depois de Sanchez ter sido notificado. Mas, outra vez, a reserva desses métodos se aplicava somente aos prisioneiros de guerra, o que a tornava uma questão discutível em Abu Ghraib. As regras de Sanchez passaram a ser a política oficial, e a capitã Wood afirmou que fez com que os interrogadores da IM na prisão se alternassem na leitura dessas regras em voz alta enquanto os outros liam junto. Em seguida, ela ordenou que assinassem uma declaração em que afirmavam ter lido e entendido o seu conteúdo. Ela também preparou uma apresentação de slides no computador

com uma lista de todas as abordagens aprovadas e, em negrito, uma lista de salvaguardas: "As abordagens devem ser sempre humanas e de acordo com a lei. [...] Os detentos NUNCA devem ser tocados de maneira maliciosa e indesejável. [...] As convenções de Genebra devem ser respeitadas". Finalmente, ao término da apresentação, Wood adicionou uma caixa em vermelho com uma mensagem em letras grandes: "Todos são responsáveis pelo cumprimento das regras acima. [...] Violações devem ser comunicadas imediatamente". Wood imprimiu os slides e colocou cópias deles ao redor das áreas de trabalho da IM — "como um lembrete constante", disse.

Apenas duas semanas depois de as regras de Abu Ghraib terem entrado em vigor, o departamento legal de Sanchez liberou uma nova versão revisada, que reduzia a lista de técnicas permitidas para: eliminar mudanças de cenário, manipulação de dieta e meio ambiente, ajustamento de sono, bandeira falsa, cães, privação sensorial, barulho alto e controle de luz, mentiras e posições de estresse. Essas mudanças pareciam restringir as alternativas dos interrogadores, mas outras tinham o efeito oposto. Por exemplo, isolamento, que não mais aparecia na lista das técnicas aprovadas, era agora descrito como "segregação", e apresentado não como uma abordagem especial, mas como uma prática-padrão para prisioneiros sob interrogatório. O novo esboço também eliminou qualquer alusão a prisioneiros de guerra bem como à necessidade de permissão antecipada de Sanchez para a utilização das técnicas especificadas. Além disso, as notas detalhadas de advertência sobre o possível conflito de várias técnicas com as convenções de Genebra — precauções que foram trazidas das regras de Gitmo — desapareceram. Na verdade, o novo esboço ainda dizia que as convenções de Genebra se aplicavam no Iraque, mas as regras davam aos interrogadores mais liberdade do que os de Gitmo tinham para lidar com prisioneiros a quem havia sido negada a proteção das convenções de Genebra.

Uma semana depois, mais um esboço foi despachado para revisão, idêntico ao anterior, exceto por certos afinamentos editoriais sutis e praticamente imperceptíveis. Entretanto, as regras de meados de setembro permaneceram em vigor por mais uma semana. Então, em 12 de outubro, após alguns retoques editoriais finais, a nova política, assinada por Sanchez, foi oficializada e distribuída. Embora a lista de técnicas aprovadas de interrogatório tivesse sido significativamente encurtada com o tempo, a capitã Wood disse: "Foi explicado para mim (não me lembro por quem, mas a orientação veio de cima) que as possibilidades removidas da versão de 14 de setembro não estavam necessariamente fora de acesso". Então, ao refazer os seus slides, ela listou aquelas técnicas em uma coluna separada, e indicou que elas tinham que ser encaminhadas para aprovação de Sanchez. No entanto, não disse se tomara providências para que todos os interrogadores que haviam assinado as regras anteriores assinassem as mais recentes.

Que confusão! No período de um mês, cinco versões de regras de interrogatório — os três esboços não assinados e as duas políticas oficiais — haviam sido postas em prática em Abu Ghraib. Algumas das mudanças durante o processo eram substanciais, mas nunca foram explicitamente identificadas. Era necessário examinar a sucessão de documentos lado a lado para detectar todas as suas diferenças, e todos eram suficientemente parecidos para que se tivesse a impressão de ter lido um deles quando na verdade se havia lido outro. E havia algo mais a respeito desses documentos além das listas de técnicas de interrogatório. De um para o outro, muito do que o coronel Warren chamou de verborragia acessória — a estrutura legalista que discute as premissas e a implementação das regras — havia sido substancialmente reescrito. Por exemplo, o primeiro esboço dessa primeira política, além de sua discussão sobre os prisioneiros de guerra, incluía vestígios de referências aos combatentes não sujeitos às regras de Gitmo. Da mesma forma, o primeiro e o segundo esboço da segunda diretriz, depois de citar a Quarta Convenção de Genebra como a referência de classificação de

civis como detentos de segurança, dizia que detentos de segurança poderiam ter negadas todas as proteções de Genebra "quando o exercício de tais direitos fosse prejudicial à segurança do Iraque". Essas passagens, a primeira enganosa e a segunda errada mesmo, desapareceram nas versões oficiais da diretriz. Mas a confusão em relação à lei entre aqueles que a estavam escrevendo para Abu Ghraib sugeria que as regras de interrogatório não eram realmente regras, mas um tipo de conjectura, e que elas convidavam à exceção. Isso estava certamente de acordo com o fato de que interrogadores eram autorizados — até mesmo encorajados — a fazer coisas que não constavam de seus manuais, restritas até mesmo em Gitmo, as quais eles não tinham sido treinados para fazer.

Não havia tempo para treinamento, e ninguém para ministrá-lo, e a diretriz de 12 de outubro, que permaneceu em vigor por sete meses, não oferecia nenhuma orientação para o uso de métodos específicos de interrogatório. O coronel Warren teve a impressão de que os comandantes da IM até gostavam que fosse assim. "Acredito que a doutrina da IM sugere que o uso de abordagens aprovadas deveria ser deixado a cargo da imaginação do interrogador", disse Warren. "Acho que é possível que as pessoas lá embaixo não olhassem para as diretrizes que enviávamos daqui de cima." E acrescentou: "Recordo-me de que todos estavam muito cansados àquela altura, e muitas atividades estavam acontecendo".

Nas semanas seguintes à visita do general Miller, a equipe da IM em Abu Ghraib crescia a todo o vapor com a contínua chegada de novos oficiais com novas instruções para reorganizar a operação. Miller havia decidido pelo estabelecimento da mais moderna tecnologia de comunicação e informação seguras para Abu Ghraib, e um pessoal especializado com novos equipamentos logo apareceu para pôr tudo isso para funcionar. Miller afirmara que mulheres e crianças nos campos de barracas tinham de ser

segregadas, e elas foram instaladas rapidamente na Ala 1B da segurança máxima, enquanto mais prisioneiros de alto valor para a IM eram transferidos para a 1A. Então, os interrogadores e analistas da 325ª Brigada da IM começaram a chegar, vindos de Campo Cropper, e deveriam ser integrados à 519ª equipe da IM, que já estava lá. Em Gitmo, Miller disse, havia equipes de consulta de ciência comportamental, formadas por psiquiatras e psicólogos do Exército, para prestar assistência aos interrogatórios, e advogados militares para ajudar a definir os limites de tratamento aceitável de prisioneiros; então, isso tudo também já estava a caminho.

"Acredito que a visita de Miller impulsionou Abu Ghraib a se tornar um pequeno *modus operandi*", disse a capitã Wood. Mas Abu Ghraib já era uma prisão muito maior do que Gitmo, e a população carcerária crescia rapidamente. No final de setembro, já havia cerca de 3 mil prisioneiros em Abu Ghraib, quase dez vezes mais do que no início de julho, porém o número de soldados para vigiá-los havia aumentado só um pouco. Não havia jeito de acompanhar esse crescimento, e quanto mais aumentava o número de prisioneiros, mais crescia a necessidade de inteligência. "As pessoas estavam sempre na corda bamba e sob pressão", disse o coronel Warren. O tenente-general Sanchez "estava sob pressão intensa". Warren ficou sabendo de chamadas de Washington, e a mensagem era: produza, produza, produza. Todo mundo queria saber: Qual era a inteligência? Onde estava a inteligência? Então, tudo que a IM quisesse em Abu Ghraib, ela conseguia.

O major David DiNenna, oficial de operações da PE para a prisão, não conseguia acreditar. Ele solicitara um centro de comunicações seguras desde que chegara à prisão, em julho. "Tivemos que brigar para conseguir as conexões secretas básicas. Nós, um batalhão de PE cuidando de um complexo de confinamento com três edifícios — Campo Ganci, Campo

Vigilante e a segurança máxima —, não recebemos os mesmos recursos que o pessoal da IM recebeu. Eles ganharam um trailer de sinalização só para eles. Nós tivemos de dividir com eles um outro trailer." De acordo com a experiência e a interpretação que DiNenna fazia da doutrina do Exército, a PE deveria administrar as prisões sem nenhuma interferência de outros setores militares. Mas ele pedia mais tropas e mais iluminação externa para as áreas de barracas, além de cães treinados para funções militares, desde que chegara a Abu Ghraib, em julho, e não conseguiu nem uma fração do que precisava. Mesmo os suprimentos mais elementares eram difíceis de chegar — macacões para os prisioneiros, escovas de dente, sabão.

DiNenna também não estava gostando da subordinação dos guardas da PE aos interrogadores da IM. "Havia duas missões de grande porte sendo conduzidas em Abu Ghraib", disse, "o confinamento de prisioneiros, que era a nossa missão, e a coleta de informação secreta, que era a missão da IM. As duas não caminham juntas, nem se cruzam. A PE detém, abriga e protege prisioneiros para a IM. A PE não se envolve em interrogatórios de nenhuma espécie. Mas a coleta de informação secreta tornou-se a prioridade naquele cenário de guerra. Havia uma verdadeira pressão por informação. E eu entendo essa posição, até certo ponto — eles tinham que acabar com os ataques."

a Em 12 de junho de 2008, a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu que os prisioneiros em Guantánamo tinham direito a proteção das leis americanas, inclusive a *habeas corpus*, o que pôs fim ao limbo legal a que estavam submetidos, mas até o fim de agosto de 2008 eles ainda permaneciam em Guantánamo.

b Nomes dos personagens de famosa história em quadrinhos criada em 1907 por Budd Fisher, considerada a primeira tira de HQ publicada diariamente na história do jornalismo.

5.

O tenente-coronel Steven Jordan, oficial da reserva a serviço do Comando de Inteligência e Segurança do Exército, chegou a Abu Ghraib em 17 de setembro e ficou surpreso com a miséria da prisão. "Era um monte de coisa nenhuma", disse, "um monte de poeira, de areia, de animais selvagens, cachorros selvagens, gatos enormes — eu nunca tinha visto gatos tão grandes na minha vida. E aranhas da areia, aranhas de camelo, pulgas da areia, umas cobras aqui e ali, e nem sei mais o quê. Era inacreditável que os soldados estivessem alojados naquelas condições." A maior parte dos soldados em Abu Ghraib, naquela época, estava em um armazém de concreto construído a partir das ruínas da lavanderia da prisão. O único aposento vago que Jordan encontrou foi uma latrina cimentada. Era uma câmara fétida que Jordan mandou tratar com cloro e incenso até reduzir o mau cheiro a um nível tolerável — não mais repugnante, de qualquer forma, do que o resto do lugar — e ao anoitecer ele se instalou ali.

Mais tarde, no meio da escuridão, alguém do lado de fora começou a atirar morteiros contra as paredes da prisão. A latrina de Jordan sacudiu com a primeira explosão, e mais outra, e mais outra. Pode ter havido uma quarta, ele não sabia dizer com certeza. Ficou apavorado. Cada explosão parecia mais ruidosa e mais próxima que a anterior. Jordan, que tinha 46 anos, estava no Iraque fazia apenas alguns dias, mas havia dedicado mais da metade da sua vida ao serviço militar — catorze anos na ativa e dez na reserva — e nunca estivera sob ataque antes. As bombas daquela noite

caíram em chão aberto e não feriram ninguém. Mas Jordan não se tranqüilizou com isso. De manhã, todos falavam de um ataque similar, ocorrido em agosto, quando três morteiros atingiram os campos, mataram alguns prisioneiros e feriram mais de quarenta gravemente, a ponto de precisarem ser removidos para um hospital.

A equipe da Inteligência Militar também estava trabalhando em barracas perto da segurança máxima, embora outra prisão sólida, próxima dali, continuasse trancada e vazia. Isso não fazia nenhum sentido. Jordan foi enviado a Abu Ghraib pela general Fast para estabelecer um Centro Conjunto de Interrogatório e Prestação de Contas, um escritório de apoio para coordenar a coleta de informação e a produção de relatórios sobre aquelas informações secretas. Ele não tinha nenhuma prática ou treinamento em interrogatório — sua área de experiência era em casos civis —, mas, como oficial de informação de patente mais alta residente na prisão, estava agora no comando dos esforços de exploração dos prisioneiros de alto valor em Abu Ghraib. Achou que uma boa maneira de começar seria cortar os cadeados dos prédios sem uso e transferir as operações da IM para esses locais. Jordan fez umas perguntas e ficou sabendo que a ACP havia solicitado aquele prédio e tinha planos de mobiliá-lo quando a segurança máxima estivesse pronta, mas ninguém sabia dizer quando isso iria acontecer, e Jordan disse que poderia usar esses prédios imediatamente, do jeito que estavam. A resposta da ACCP foi: essa não é a sua raia; concentre-se nos relatórios de inteligência.

Jordan não gostou de ter sido repreendido. Mas não voltou a pensar no assunto até pouco depois do anoitecer do dia 20 de setembro, seu quarto dia na prisão, quando ele, o oficial especialista Ed Rivas e o major Mike Thompson se encontravam com o coronel Pappas na barraca do comando de Inteligência Militar e um morteiro abriu um buraco na parede, explodindo logo após a entrada do perímetro sul da prisão. Com a explosão e o estremecimento eles foram jogados de cara no chão. Quando

começavam a se recompor e tentavam se arrastar para algum local seguro, Jordan viu o clarão cor de laranja de uma segunda explosão — e, então, mais nada.

Talvez tenham se passado três segundos, ou talvez três minutos, antes que Jordan voltasse a si e se deparasse com o chefe Rivas agachado em cima dele, puxando-o pelo colarinho. O mundo parecia coberto pela escuridão. Ele tinha a impressão que Rivas tentava dizer alguma coisa, ou talvez gritasse, mas a princípio Jordan não conseguia ouvir nada, e quando o som ficou audível novamente, parecia que o outro balbuciava algo ininteligível. Finalmente as palavras tomaram forma outra vez. Rivas dizia: "O senhor foi atingido. O senhor foi atingido. O senhor está bem?".

"Não, cara", disse Jordan. "Estou pegando fogo." Ele tocou seu lado direito, onde sentia a queimação. Estava tudo úmido e pegajoso. Achou que seu cantil tivesse explodido, mas no mesmo instante lembrou que não carregava o cantil. Ouviu a si próprio dizendo: "Você não precisa se preocupar comigo, eu vou ficar bem, eu vou ficar bom", mas enquanto dizia essas coisas ele pensava: "Estou sangrando, vou morrer aqui no deserto do Iraque". Jordan se deu conta de que recobrava os sentidos; sentia um cheiro de pólvora no ar por causa da explosão, ouvia as vozes de soldados gritando pelos médicos e os gemidos de soldados atormentados pela dor. Um pânico enlouquecido o arrebatou, um desejo frenético de sair correndo em busca de abrigo antes que outro morteiro explodisse. Foi então que Rivas o puxou para cima, sobre vários fios de arame farpado, e o arrastou para dentro de um ambulatório médico.

Eles o colocaram numa maca e cortaram sua camisa. Um estilhaço de metralha estava preso na lateral do seu corpo. Os médicos o arrancaram. A dor foi tamanha — o calor, o ardor — que quando um médico disse "Senhor, vai dar tudo certo", Jordan teve a sensação de que isso era exatamente o tipo

de coisa que se diz a um soldado moribundo para ajudá-lo a morrer. Foi então que ele ouviu pelo rádio que quinze soldados haviam sido feridos e que um helicóptero estava a caminho, e percebeu que não estava morrendo. Mas ele não queria ser levado embora. Queria permanecer com seus soldados.

"Eu estou bem", disse, porém quando começou a se levantar, uma poça de sangue apareceu embaixo da maca. Ninguém conseguia ver de onde vinha o sangue. Jordan foi colocado deitado de novo, e muitas mãos estavam sobre ele novamente. Ele tocou a virilha e o coração. Ambos estavam intactos. O ferimento era na barriga da perna, outro estilhaço de metralha, bem pequeno, do tamanho de um chumbinho. Ele não havia notado esse ferimento por causa da dor abaixo da costela. Assim que foi enfaixado, levantou-se e foi para fora. Havia feridos por toda parte no local da explosão — soldados sangrando na cabeça, soldados com aspecto de que estavam para perder um braço ou uma perna.

No meio daquela devastação, Jordan percebeu que tinha tido sorte. E que não era o único. Outros americanos, cerca de uma dúzia, aguardavam o helicóptero, e era um milagre não estarem mortos. O segundo morteiro havia caído na lateral da barraca de sinalização da IM e detonara contra uma mesa de campo, 76 centímetros acima do chão, e como explosões de morteiro detonam para cima e para fora, e a maioria dos soldados estava de folga, sentados ou deitados, jogando videogames e cartas, a pior parte da rajada passou por eles sem atingi-los. Mas dois homens foram pegos de pé no momento do impacto: o sargento David Travis Friedrich e o sargento-especialista Lunsford Brown.

O lado direito de Friedrich havia sido rasgado e aberto; Jordan se aproximou dele no momento em que uma equipe de triagem tentava fazer uma aplicação intravenosa, mas suas veias escoavam rápido demais para permitir a entrada da agulha. Não havia nada que Jordan pudesse fazer por ele, então foi ver se podia ajudar alguma outra pessoa. Encontrou Brown em

agonia. Jordan não conhecia ninguém em Abu Ghraib por mais do que alguns dias, mas se afeiçoara a Brown, motorista do coronel Pappas. Eles haviam mostrado fotos dos filhos um para o outro. O bebê de Brown era uma menina de três meses e meio. Brown conhecia a filha apenas por fotografia, mas tinha uma licença para ir para casa dali a duas semanas, assunto sobre o qual ele falava nervosamente — cauteloso, como qualquer soldado, para não ficar esperançoso demais. Agora suas costas estavam dilaceradas, e Jordan temia que ele estivesse morrendo, e não havia nada que pudesse fazer por ele também.

Quando o helicóptero chegou, o sargento Friedrich já havia sangrado até morrer. Jordan ajudou a colocar seu corpo na ambulância que o levou para o local da aterrissagem, e um pouco mais tarde naquela noite o coronel Pappas anunciou às tropas que o sargento-especialista Brown também havia falecido. "Eu me senti um tanto culpado por aquelas mortes", disse Jordan, "por não ter arrebentado os cadeados daqueles prédios e por não ter insistido em levar os soldados para instalações sólidas."

Jordan voltou à barraca destruída da IM para analisar o solo ensangüentado. "Dava para ver onde o sargento Friedrich estava de pé", disse. "Ele havia acabado de sair daquela barraca, e vindo para o lado em que a primeira explosão aconteceu, recebeu uma parte dos estilhaços. Você podia ver o padrão dos estilhaços de metal — e o que o atingiu estava vindo na minha direção, do Mike Thompson, de Rivas e do coronel Pappas. Se aquele morteiro não tivesse atingido aquela mesa, quem sabe quantas pessoas mais teriam morrido. Se Friedrich não estivesse de pé naquele lugar, sei que muitos estilhaços metálicos de tamanho significativo teriam acabado com os meus dias aqui na Terra. E já houve vezes em que pensei: 'Ei, Deus, se você está mesmo aí, como é que não me levou e poupou o Friedrich?'. Não sei, Ele nunca me respondeu. Não é uma coisa que você possa explicar. Se ele não estivesse de pé naquele lugar, eu não teria tido mais tempo com meus dois filhos mais velhos. E eu não teria tido o meu filho mais novo."

Imediatamente após a confirmação da morte de Friedrich, enquanto Brown ainda estava entre os feridos, o batalhão da PE de Abu Ghraib emitiu um Relatório de Acidente Grave, que listava as mortes e observava que pouco antes dos ataques de morteiros duas caminhonetes brancas haviam sido vistas perto da prisão; uma delas se encaixava com a descrição de uma caminhonete que provavelmente estivera envolvida em outros ataques. A Força de Reação Rápida da prisão foi despachada e retornou logo depois com essa caminhonete, motorista e passageiro sob custódia. Membros da Força de Reação Interna, policiais militares treinados no controle de tumultos e procura de prisioneiros, se encontraram com os recém-chegados no portão da prisão para se responsabilizar pelos suspeitos — um homem e uma mulher, conforme relato dos soldados. De acordo com declarações sob juramento prestadas posteriormente à Divisão Investigativa Criminal do Exército por dois desses PEs, o sargento Gregory Spiker e o sargento de primeira classe Daryl Plude, alguns oficiais da Inteligência Militar chegaram ao local pouco depois, e um deles foi direto para cima do suspeito, gritando palavrões e atirando-o no chão com um soco atrás da cabeça.

"O suspeito foi algemado, colocado de joelhos e teve uma toalha enrolada na cabeça", disse Spiker. "O soldado da IM continuou berrando, 'Olhos para baixo, levante-se', enquanto o jogava de volta para o chão." Plude disse que o soldado gritava para o suspeito, "O que você está olhando, porra?", enquanto esfregava o rosto dele na terra. Diante daquilo, os PEs afirmaram que seu oficial superior, primeiro-tenente David Sutton, comandante da Força de Reação Interna, disse ao soldado da IM que aquela violência era desnecessária, ao que o soldado replicou ser profissional e saber o que estava fazendo. Sutton disse que ele não parecia um profissional, e o lembrou que o suspeito podia ser inocente. O soldado da IM o ignorou e um segundo

soldado da IM se aproximou — "um soldado muito grande e sólido", disse Plude — e agarrou o suspeito, levantando-o do chão. Spiker disse que o segundo soldado fez uma "gravata" com o braço em volta do pescoço do homem, e o primeiro soldado lhe deu um soco no estômago. Os soldados da IM então arrastaram o homem até o seu Humvee,ª onde o segundo soldado, de acordo com Plude, bateu nas costas e na cabeça do suspeito, enquanto gritava para que ele entrasse no veículo. Houve mais golpes, e Plude teve a impressão de que o suspeito sangrava pelo lábio, mas, como era noite, não tinha certeza. Plude pediu aos soldados que se identificassem e eles disseram que faziam parte da 519ª Companhia da IM. "Foi aí que eu me dei conta", ele disse, "que esses soldados eram da unidade que havia sido atacada."

Spiker disse que Sutton se juntou a Plude numa discussão em altos brados com os soldados da IM, e estes, para acabar com a discussão, subiram no Humvee e partiram com o suspeito. Mais tarde, naquela noite, o major DiNenna, chefe de operações da prisão, convocou Sutton e Plude para uma reunião com o oficial responsável da IM, um primeiro-sargento chamado McBride. De acordo com Plude, McBride "nos disse que nada daquilo havia acontecido, que havia gente ferida, e que todos estavam muito perturbados". "Nós explicamos para eles", disse Plude, "que, durante nossos muitos anos na aplicação da lei, nunca havíamos enviado suspeitos para a custódia de um grupo de pessoas diretamente afetadas por incidente pelo qual pudessem ser responsáveis, pois não se sabe o que pode acontecer numa situação dessas, e esse era exatamente o caso." McBride replicou que ele iria cuidar do assunto, mas os PEs disseram que eles iriam prestar declarações sob juramento e deixar o assunto por conta dos investigadores.

No total, cinco PEs fizeram declarações sob juramento descrevendo como o suspeito iraquiano fora surrado, e cinco oficiais da IM fizeram declarações sob juramento afirmando que não houve maus-tratos. Quando as declarações foram enviadas para a Divisão Investigativa Criminal, os

suspeitos iraquianos já haviam sido interrogados, considerados inocentes de qualquer ligação com os ataques de morteiros e liberados; e, na ausência de vítima, a DIC determinou que não havia base suficiente para prosseguir com o caso.

"As pessoas sempre ficam com medo de serem mortas, claro. Mas você não pensa na verdade sobre o que vai acontecer se o seu amigo for morto e você tiver de assistir a morte dele", disse o sargento Andrew Stoltzman. Ele estava no Iraque com a unidade da IM que sofreu as mais pesadas perdas no ataque de 20 de setembro, conhecia o sargento Friedrich e muitos dos feridos. Mas Stoltzman não estava em Abu Ghraib naquela noite. "Originalmente, ninguém da nossa companhia deveria ir para lá antes do começo de outubro", disse. "Aí, a estrutura do nosso comando decidiu mandar uma parte do seu grupo duas semanas antes."

Stoltzman pensou que era uma boa idéia consolidar as operações da IM em um único endereço. Mas Abu Ghraib? Mesmo antes daquele ataque mortal, disse, a decisão lançou uma nuvem escura sobre a sua companhia. "Nós tínhamos o pressentimento de que algo ruim iria acontecer. Sabíamos que aquele lugar era alvo constante de morteiros e achamos que não íamos conseguir sobreviver." E depois do ataque, enquanto pensava sobre o destino de seus companheiros, Stoltzman quase desejou que ele também estivesse lá — para participar das perdas que acabaram se tornando parte dele mesmo.

"É um sentimento muito estranho", disse. "Não sei se é culpa, porque para mim culpa é quando eu faço alguma coisa errada e caio fora. E não é como eu me sinto nesta situação." Mas, assim como o tenente-coronel Jordan ficava revivendo o instante da explosão em que um passo de Friedrich interrompeu seu encontro com a morte, Stoltzman não cessava de se perguntar: "Por que eles tinham de ter ido antes da hora? Se não tivessem ido antes, não teriam sido atingidos". E prosseguiu: "Estou tão feliz por ter

chegado em casa vivo, com todas as partes do meu corpo — eu nunca vou poder ser mais grato —, mas você sempre se pergunta por que não aconteceu aquilo com você. Você fica com aquilo para sempre na sua mente. Quem foi que realmente tomou aquela decisão? Eu acredito em Deus, e eu tenho um relacionamento muito forte com Jesus, e essa é a única coisa que me impede de enlouquecer por causa deste fato — o fato de que a situação estava fora do meu controle, o fato de que simplesmente ainda não tinha chegado a minha hora".

Quando finalmente chegou a Abu Ghraib com a segunda parte da companhia, Stoltzman sentiu outra ansiedade, ainda mais forte: "Como será que o resto dos nossos camaradas vai olhar para nós? Será que eles vão olhar para nós como antes? Pensando em nós como seus iguais, como camaradas, como amigos? Ou será que vão nos olhar como gente que não estava presente na tragédia, e, portanto não é mais igual, porque não passou pela mesma experiência que eles passaram, e agora eles vão ser um grupo separado?". Ele não teve que se preocupar por muito tempo. Na sua primeira noite na prisão um morteiro foi lançado contra a parede do local onde sua companhia dormia e explodiu o gerador. Depois daquilo, disse, "fomos muito bem-aceitos".

a Veículo militar tipo jipe usado especialmente para carregar soldados e equipamentos; alguns modelos podem ser usados para transportar armas, inclusive metralhadoras, lança-granadas e mísseis de curto alcance.

PARTE II
DURANTE

O passado é impreciso.
Czeslaw Milosz

6.

Ao chegar a Abu Ghraib em 1º de outubro de 2003, a sargento-especialista Sabrina Harman, da 372ª Companhia da Polícia do Exército, uma unidade de Reserva do Exército dos Estados Unidos de Cresaptown, estado de Maryland, escreveu uma carta para sua mulher:

> Kelly,
>
> Primeiro dia na prisão. São nove da noite e podemos ouvir tiros — nenhuma luz branca pode ficar acesa à noite, não se pode sair do prédio depois de escurecer. Espero que a gente não fique aqui por muito tempo! Nós chegamos de carro e dois helicópteros aterrissaram para levar prisioneiros embora. Tenho medo de helicópteros por causa do sonho. Acho que escrevi sobre isso antes. Eu vi um helicóptero e parecia que a cauda balançava para a frente e para trás, e de novo, e então uma labareda enorme se acendeu e ele explodiu. Eu me virei e vi que estávamos sendo atacados, eu estava sem a minha arma (meu revólver), então tudo o que podíamos fazer era nos esconder debaixo de umas mesas de piquenique. Bem, de volta para a prisão... nós fomos para os nossos prédios e, assim que eu pus o pé fora do meu caminhão, estava diante de uma mesa de piquenique. — Eu quase tive um ataque. Tenho maus pressentimentos sobre este lugar. Quero ir embora o mais rápido possível! Ainda temos esperança de ir para casa no Natal ou logo depois.
>
> Amo você.
>
> Vou tentar dormir um pouco.
>
> Escrevo de novo para você em breve.
>
> Por favor, não desista de mim!
>
> Sabrina

Como muitos reservistas jovens, Harman nunca imaginou que um dia iria para a guerra; o Iraque era algo irreal, parecia mais um sonho, como ela mesma dizia. E aí ela teve aquele sonho — sobre um atirador disparando

contra um helicóptero de cima de uma tamareira, enquanto ela se escondia, desarmada, embaixo de uma mesa de piquenique —, e o sonho parecia muito real. Esse foi o único sonho que ela recorda ter tido no Iraque. "E o sonho meio que se realizou, duas ou três semanas depois", ela disse. "Na estrada, uns homens começaram a atirar contra helicópteros de cima das tamareiras."

Isso ocorreu em Al Hillah, onde os PEs da 372ª estavam estacionados desde que chegaram ao Iraque, em meados de maio. Depois de terem passado a fase do "choque e espanto"ª da invasão no Forte Lee, em Virgínia, foram enviados ao Iraque através do Kuwait, logo após o presidente Bush haver declarado que a maior parte dos combates já havia terminado — e em Al Hillah, durante aquele primeiro verão, isso havia mesmo acontecido. Os PEs se sentiam seguros ao andar pelas ruas, faziam amizade com os iraquianos, brincavam com as crianças, compravam nos mercados locais, comiam em mesinhas dos cafés na calçada. O comando da companhia, em uma fábrica abandonada de processamento de tâmaras, era minimamente fortificado e nunca foi atacado. A missão da companhia era estabelecer a lei e a ordem, proporcionar suporte de combate para a 1ª Força Expedicionária da Marinha, que controlava a cidade, e treinar os policiais locais para o trabalho sob um novo governo nacional. Os PEs achavam que sua presença seria temporária — talvez por uns três meses, no máximo seis —, uma operação provisória; a expectativa deles, ao chegarem, era de que os Estados Unidos entregariam o país a iraquianos democraticamente eleitos até o final do verão, e então iriam embora.

Para Harman, sua presença seria como uma missão para assegurar a paz, não para combater, e ela não estava achando isso ruim. Era conhecida na unidade como uma pessoa que odiava ver ou agir com violência. "Sabrina literalmente não faria mal a uma mosca", disse o sargento Hydrue Joyner, líder de sua equipe. "Se tivesse uma mosca no chão e você fosse pisar nela, Sabrina faria você parar." O sargento-especialista Jeremy Sivits, mecânico da

companhia, disse: "Tentamos matar um grilo que durante a noite inteira não nos deixava dormir na barraca. Ela nos empurrou para poder pegar o tal grilo e correu com ele para fora da barraca. Ela não se importava a mínima se ia dormir ou não, o importante era o grilo estar a salvo". Sivits achou muita graça disso, mas ficou preocupado, pensando se ela sobreviveria a uma batalha com tiroteio. Joyner pensava o mesmo. "Quando você é um soldado, há ocasiões em que não pode permitir que o seu coração se intrometa no meio do caminho, porque no momento em que você faz isso, pode ser morto ou causar a morte de outra pessoa", disse. "Sabrina, acho que você se daria melhor como humanista do que como soldado, e não digo isso de maneira negativa." Sivits não conseguia imaginar por que ela havia entrado no Exército. "Ela era muito boazinha para ser soldado."

Harman disse que se tornara PE porque o Exército a ajudaria a pagar a faculdade e porque ela queria ser policial. Seu pai e seu irmão eram policiais. Ela pensava ser fotógrafa forense. Fotografias sempre a fascinaram — fazer fotos ou ser fotografada. Ela havia feito um álbum de fotos que tiraram dela — um bebê apoiado num sofá verde axadrezado ao lado de um cachorro; uma criança de fraldas e capa azul de tricô, sentada ao lado de um telefone amarelo e a boca escancarada de alegria; uma garotinha — nos seus quatro ou cinco anos — de franjas perfeitamente penteadas e enroladas, ajoelhada em seu vestido de babados, meias e luvas brancas, em um carpete verde, contra um fundo de exuberantes cerejeiras em flor; uma menina rindo; uma menina num pônei; uma menina com um cachorrinho; uma menina com um bicho de pelúcia; uma menina com um cavalo; uma menina com um cachorro grande e velho; uma imagem desfocada de menina de cabelos e franjas longas, curvando-se sobre uma mesa desfocada, soprando velinhas de um bolo de aniversário desfocado; uma criança pronta para o Dia das Bruxas, olhando pelos buracos de uma fantasia improvisada de cachorro preto; uma menina na praia, uma menina sob uma árvore de Natal, uma adolescente com maquiagem exagerada e cabelos ondulados de permanente;

uma adolescente de rabo-de-cavalo ajoelhada na grama debaixo de um salgueiro, em seu uniforme de saia xadrez azul e camisa pólo amarela, segurando um bastão de hóquei; uma adolescente com cabelo curto de menino, trajando calça de brim e botas e uma camisa de flanela, larga e solta, sob uma jaqueta de couro de motociclista; uma jovem de olhos meio fechados em um estacionamento ensolarado, trajando uniforme camuflado completo — capacete, colete à prova de balas, calças largas — e segurando um cassetete. Uma vida comum em fotografias, exceto por uma coisa: a maneira com que ela olhava diretamente para a câmera, olho no olho, fitando com franqueza através da lente como se fosse ela quem tirasse a foto.

Ela gostava de olhar. Podia recuar diante da violência, mas se sentia atraída pelo resultado. Conseguia olhar para praticamente qualquer coisa, e quando outros preferiam afastar os olhos, ela queria olhar mais de perto. Corpos mortos e feridos a fascinavam. Não fazia segredo disso. "Ela podia não deixar você pisar numa formiga", disse o sargento Javal Davis. "Mas se a formiga estivesse morta, ela ia querer saber como tinha morrido." E tirar fotografias também a fascinava. "Mesmo quando alguém se fere, a primeira coisa que me vem à cabeça é tirar fotos daquele ferimento", ela disse. "Claro, antes eu vou ajudar, mas a minha primeira reação é tirar uma foto."

Em julho, ela escreveu ao pai: "No dia 23 de junho eu vi meu primeiro morto. Tirei fotos! Outro dia, ouvi minha primeira granada detonando. Divertido!". Fez uma visita ao necrotério de Al Hillal e tirou fotos: um corpo que havia acabado de chegar, ensopado de sangue ainda não escurecido; corpos mumificados, fumegados de decomposição, escurecidos aqui e queimados acolá; fotos em extremo *close-up* de seus rostos espectrais, de suas mãos sem vida, carne e ossos arrebentados em seus ferimentos; dorsos esburacados, um pé decepado. As fotografias são repletas de informação forense. Sobre Harman, elas nos dizem apenas que ela não é suscetível, e sugerem que estava encantada.

Ela também fez com que tirassem uma foto sua no necrotério, inclinada sobre um dos cadáveres escurecidos, suas bochechas rosadas a poucos centímetros dos globos oculares incrustados do morto. Ela está sorrindo — um sorriso forçado, mas doce —, e sua mão direita está levantada, com o polegar para cima. Mas, naquele contexto, é uma garota de 26 anos, de aparência vividamente saudável. Outra imagem de Al Hillah mostra aquela mesma fotografia de Harman, no necrotério, com o polegar para cima, presa por uma fita adesiva a uma parede da fábrica de tâmaras embaixo de uma placa que diz SOMENTE FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS! INVASORES SERÃO VIOLADOS, um decalque da bandeira americana estampada com o endereço do site das Indústrias Black Hawk ("os melhores equipamentos táticos do mundo") e um absorvente manchado para dar impressão de usado. Humor de soldados. Se a foto incomodou alguém, Harman não foi incomodada por ninguém por causa dela.

"Eu meio que peguei essa mania do polegar para cima das crianças de Al Hillah", disse Harman. "Toda vez que vou ser fotografada, nunca sei o que fazer com as minhas mãos, então provavelmente ponho o polegar para cima porque é uma coisa que acontece automaticamente. É como quando você vai tirar uma foto e dá um sorriso." Há pelo menos vinte fotografias de Al Hillah nas quais ela aparece nessa mesma pose — mesmo sorriso, mesmo polegar para cima: tomando banho em uma piscina inflável; segurando um pequeno lagarto; de pé ao lado de um muro com um gigantesco baixo-relevo de Saddam (o botão do paletó do terno dele é maior que a cabeça dela); brincando com sua amiga, a sargento-especialista Megan Ambuhl, que está lhe mostrando o dedo e apontando a língua; segurando uma pequena figura de Jesus; segurando um melão, longo e fálico; montando o antigo leão de pedra de Babilônia nas ruínas da cidade do rei Nabucodonosor; encostada no ombro de um companheiro da PE que está segurando uma lata de Fanta em cima da qual está a cabeça de um gato morto; e assim por diante.

A cabeça de gato era mais uma das brincadeiras de Harman. Ela tinha um gato que foi morto por um cão, e como ele não tinha nenhum ferimento visível, ela fez uma autópsia meio tosca, acabou descobrindo uma destruição em um dos órgãos do animal, e então mumificou a cabeça do gato. Ela colocou pedrinhas no lugar dos olhos, e fotografou-a em várias situações inventivas: em um assento de ônibus com óculos de sol; fumando um cigarro; usando um chapeuzinho com estampa de camuflagem; flutuando em um travesseiro na piscina inflável; com flores atrás das orelhas. Fez mais de noventa fotografias e dois vídeos curtos com a cabeça de gato. A série, em sua estranha obsessão, chega a ser um tipo de humor negro. De um jeito ou de outro, pelo menos quinze dos companheiros de Harman da PE posaram para fotografias com a cabeça de gato, inclusive o vice-comandante da companhia, capitão Christopher Brinson, e vários outros oficiais superiores. Mais de uma dúzia de homens e meninos iraquianos também tiraram fotografias com ela. A cabeça de gato havia se tornado um fetiche, como o gato morto que Tom Sawyer e Huckleberry Finn[b] trocavam — uma cena que Norman Rockwell ilustrou em uma gravura singela, com a seguinte legenda: "Deixe-me ver, Huck. Nossa, como ele está duro!".

"Ela é uma pessoa superalegre", disse o sargento-especialista Sivits sobre Harman. "Ela gosta de se divertir. É engraçado tê-la por perto. Nunca vi um grama de raiva sequer nessa moça." E boa parte de seu álbum de fotos de Al Hillah parece mesmo um diário de viagem fantástico sobre o Iraque pós-Saddam: numa das fotos ela aparece com sua pele ruborizada e sorriso radiante, seus cabelos encaracolados cor de ouro e olhos de um azul brilhante, no meio de um enxame de crianças iraquianas efusivas — crianças trepadas no seu colo, crianças agarrando o seu pescoço, crianças cercando-a na rua; nesta outra ela aparece sendo bem recebida em uma casa, bebericando um copinho de café com mulheres de lenço na cabeça e homens de bigode em *dishdasha*,[c] sentados sob um ventilador de teto; numa outra, aparece visitando locais da Antiguidade: com um beduíno e seu

camelo no zigurate de Borsippa, e com soldados, seus companheiros da PE, nos Portões de Ishtar da Babilônia; e numa outra foto aparece em seu uniforme de camuflagem, abraçada a uma mulher grávida, enfaixada em negro — sua mão sobre a barriga da futura mãe, que sorri.

Harman comprava roupas, comida e brinquedos para seus amigos iraquianos. A uma família ela deu uma geladeira, e fez questão que já viesse abastecida. "Alguns de nós a chamávamos de Madre Teresa", disse o sargento Jeffery Frost. "As crianças iraquianas", disse o sargento Joyner por sua vez, "corriam por toda parte, gritando, 'Sabrina, Sabrina'. Todos amavam a Sabrina por uma razão ou outra. Ela dava para estas crianças balões, brinquedos, refrigerantes, biscoitos, bolachas, guloseimas, chocolates, de tudo. Fazia qualquer coisa para ver aquelas crianças sorrirem."

Mas embora Al Hillah fosse um dos poucos lugares onde um soldado americano era bem-vindo no verão de 2003, a simpatia era frágil. Os americanos não estavam trazendo aos iraquianos o que haviam prometido: uma nova ordem. A guerra não tinha acabado, o Iraque não tinha nenhum governo, os libertadores tinham se convertido em invasores, e a ocupação foi precipitada, improvisada e inadequada — na melhor das hipóteses, um desapontamento, e mais freqüentemente um insulto. Então, em meio ao calor escaldante — um mês depois do outro entre 43 e 48 graus centígrados — a alienação se instalou. A frustração deu lugar à hostilidade, a hostilidade à violência, e no final do verão a violência já estava cada vez mais organizada. Era desmoralizante. Qualquer iraquiano poderia ser um inimigo. Qual a razão de estarem ali, se eram indesejados? Ninguém da 372ª foi morto em Al Hillah, mas havia tiroteio durante as patrulhas, explosões à noite, e Harman teve seu pesadelo. Pelo menos as mesas de piquenique pareciam apenas fruto da imaginação, móveis arbitrários das paisagens dos sonhos, até que ela chegou a Abu Ghraib.

* * *

Depois de quatro meses em Al Hillah, os PEs da 372ª achavam que o seu tempo no Iraque já havia terminado e que estavam prestes a ir para casa — metade da companhia já tinha se deslocado para o Kuwait — quando ficaram sabendo que seriam remobilizados para a prisão. Por motivos de segurança, a ordem foi dada, como sempre, no último minuto. Tudo o que cada um deles sabia sobre o local era que ele estava nas manchetes, oficialmente designado como Base Operante de Ataque Abu Ghraib.

Para chegar até lá era preciso viajar pelas estradas mais mortíferas do país, fortemente bombardeadas e com freqüência atacadas em emboscadas. Pouco antes da viagem, os PEs receberam os apropriados coletes Interceptor, em substituição às velhas jaquetas militares com mais de 25 anos de uso que não contavam com placas à prova de balas, e que por sorte não tinham precisado em Al Hillah. Mas seus jipes ainda eram de lataria muito fina; nenhum havia sido blindado para protegê-los das bombas plantadas pelo caminho ou das granadas lançadas por foguete, que tinham enchido os acostamentos das estradas de destroços. Quando o comboio parava em uma cidadezinha para esperar por uns soldados extraviados, tudo o que se podia fazer para contornar o medo era rezar ou praguejar.

"Se você parar, você morre", disse Tim Dugan, um interrogador civil que trabalhou em Abu Ghraib naquele outono. Quando estava a caminho da prisão, vindo do aeroporto, seu motorista quase atropelou algumas crianças que deram a impressão de estar tentando fazê-los diminuir a velocidade para uma emboscada.

"Vimos um sinal dizendo 'Fallujah' — bem ali, a próxima cidade —, e pensamos 'Pronto, agora estamos bem no coração disso tudo'", disse o sargento Javal Davis. "O centro de Bagdá fica bem atrás da murada do fundo. Al Ramadi, a outra cidade violenta, fica logo acima, a oeste de nós, não muito longe. Estamos bem no coração da insurgência."

A prisão dava a impressão de estar achatada no deserto, severa e vasta, uma muralha de concreto puro, delineada por arame farpado e cercada por

torres de vigia. “Parecia algo tirado de um filme do Mad Max”, disse Davis. “Exatamente assim — como uma coisa medieval. Entramos por aquelas muralhas e não tinha nada além de entulho, prédios explodidos, cachorros correndo por toda parte, cachorros hidrófobos, restos de coisas queimadas. O fedor era insuportável — urina, fezes, podridão.” E havia os prisioneiros, vestidos em cor de laranja, aglomerados atrás do arame sanfona. “O campo onde eles estavam parecia, à primeira vista, quase como um daqueles do Hitler”, disse Davis. “Lá estavam eles, com seus pequenos macacões, do lado de fora, na lama. Os banheiros eram superlotados. Tudo muito nojento. Não dava vontade de encostar em nada. O pior lugar que você consegue imaginar era lá — o lugar para onde você não mandaria nunca, nunca, nunca nem o seu pior inimigo.”

Os PEs foram instruídos a se sentir como se estivessem em casa em um dos blocos da velha prisão de Saddam, um complexo de prédios atacado por saqueadores e invadido pelo deserto: a areia, em camadas de vários centímetros de profundidade, misturada ao lixo em decomposição. Mudar-se para lá significava escavar e varrer o lixo, e quando o entulho estivesse removido — um entulho feito de coisas estranhas, como, por exemplo, seringas usadas, que os faziam se perguntar o que vinha a ser aquilo —, o que emergeria seriam celas de prisão. O termo militar para o lugar onde os soldados dormem, tomam banho e comem na base é LSA, que significa Life Support Area [Área de Apoio à Vida], e em outras bases avançadas de operação pelo Iraque uma LSA significava barracas com controle de temperatura e refeitório, eletricidade e água quente, ginásio, internet, telefones, televisão via satélite, loja e lanchonetes. Uma LSA de verdade é um posto avançado da terra natal, e é uma afirmação do senso de orgulho tribal que é essencial ao moral e à disciplina das tropas. Em Abu Ghraib, quando os PEs da 372ª chegaram, o chuveiro era um barracão de madeira com tambores de água fria apoiados acima da cabeça. A unidade não possuía uma cozinha de campo, então a comida era só ração de combate — refeições

já prontas —, café-da-manhã, almoço e jantar em caixas de papelão: frango, porco, macarrão, torta de carne moída, omelete, sanduíche, frango, porco, frango.

Ninguém estava esperando por luxo depois de Al Hillah, mas o moral dos PEs estava baixo, para começar — a única coisa que eles queriam saber era quando iriam embora para casa —, e tinha algo que não soava nada bem naquela história de se instalar em celas em Abu Ghraib. "Nós tínhamos um tipo de incinerador no final do nosso edifício", disse a sargento-especialista Megan Ambuhl. "Era uma coisa circular enorme. E não sabíamos o que era incinerado ali dentro. Poderia ter sido gente, corpos." Javal Davis não tinha dúvida. "Havia ossos ali dentro", ele disse, ao se referir ao local como crematório. "Mas e aí, estamos em guerra", ele disse. "Agüenta firme ou cai fora." Esse era o mantra no Iraque. Claro que não era possível cair fora. E estacionado em uma cela de prisão em Abu Ghraib era impossível não se sentir banido e nem desamparado.

As noites de outono estavam ficando mais frias no deserto, descendo até os quatro ou cinco graus centígrados, e dava a sensação de ser menos ainda naquela caixa de concreto onde o vento entrava através das vidraças vazias. Das janelas de algumas das celas era possível olhar além das muralhas do perímetro da prisão e ver as janelas de um condomínio de apartamentos na cidade de Abu Ghraib, e as pessoas naqueles apartamentos também podiam ver as janelas da prisão. Enquanto esvaziavam suas mochilas em suas novas instalações, os PEs foram avisados de que franco-atiradores às vezes usavam daquele expediente para atirar em direção às celas da prisão. O truque era não fazer de si próprio um alvo: ficar fora da janela, deixar as lâmpadas com luz baixa e cobertas — não fazer sombra.

a "*Shock and awe*". Nome de uma doutrina militar baseada em uso de poder esmagador, exibição espetacular de força, com o objetivo de acabar rapidamente com o desejo do inimigo de lutar em razão da desproporcionalidade de recursos entre o atacante e o atacado; foi a estratégia usada na invasão do Iraque em 2003.
b Referência ao romance de Mark Twain *As aventuras de Huckleberry Finn*.

c Traje masculino, semelhante a um robe, muito usado no Oriente Médio.

7.

Uma das primeiras coisas que os PEs da 372ª ouviram ao chegar a Abu Ghraib no início de outubro foi que dois soldados da IM tinham sido mortos havia pouco, e não levou muito tempo para que eles mesmos tivessem suas próprias histórias de como, por um triz, não aconteceu isso ou aquilo com eles mesmos. "Poucas noites depois de termos chegado aqui", Sabrina escreveu para Kelly, "estávamos sentados em uma reunião quando ouvimos três baques e aí uma explosão." Logo em seguida começou um tiroteio. "No dia seguinte", Harman escreveu, "fiquei sabendo que tinha sido uma IED (bomba enxertada em uma lata de Coca-Cola ligada a um detonador) que explodira um veículo (ninguém se machucou), que perseguiram os três homens que fizeram aquilo e que os mataram."

Dizia-se que Abu Ghraib era a base americana mais atacada no Iraque naquela época, e deve ter sido mesmo. Houve dias e noites naquele outono em que nenhum morteiro atingiu a prisão, mas não muitos; no intervalo entre os morteiros havia as granadas lançadas por foguete e o fogo de armas de pequeno porte. A prisão certamente se transformara em alvo óbvio para os insurgentes: imensa, imóvel e mal defendida, posto avançado da ocupação militar no seu aspecto mais desprezado — literalmente por manter iraquianos presos.

"Morteiros. Foguetes", disse Javal Davis. "Eles costumam ir direto para aquele campo do outro lado da prisão e montam às pressas algum cano de PVC, ou alguém passa de caminhonete pela rua e deixa cair um tubo com os

explosivos dentro, atirando contra você. E aí você escuta o estrondo. *Tuumm*. *Shshshsh*. *Buuum*. Você está andando dentro do seu prédio. A próxima coisa que você sabe é que vai ouvir um *shshshs-buuummm*. Para dentro! Todo mundo começa a gritar. Para dentro! *Booom*. Para dentro! Para dentro! Você tem de correr em busca de um abrigo resistente."

"É tudo tão silencioso, e de repente vem uma explosão, e começa aquela correria frenética", disse Jeremy Sivits. "Todo mundo fica maluco. Você começa a correr para todo lado, procurando abrigo, dando trombada nos outros. Você perde a noção do que está fazendo." E abrigo resistente não era garantia de segurança: alguns morteiros conseguem perfurar concreto. "Um deles furou o telhado do prédio", disse Javal Davis. "Furou o telhado e foi cair bem no chão — mas não explodiu. E os soldados que estavam lá só falavam: 'Deus meu!'."

No início, os ataques só aconteciam ao anoitecer, mais ou menos no horário em que os muezins chamavam para a oração pelos alto-falantes, colocados no topo dos minaretes. "Quando as mesquitas tocavam, era como um 'morteiro-relógio'", disse Sabrina Harman. "Tinha um alto-falante bem atrás do nosso prédio. O som é bonito. Em Al Hillah era meio que calmante e relaxante, mas o barulho dos morteiros não combina com ele. Quando eles estavam orando, era quando a gente sabia que ia ser atacado em Abu Ghraib."

Com o tempo, porém, os bombardeios deixaram de acontecer nesse esquema tão previsível. "Nós tínhamos certeza — toda certeza possível — que estávamos bastante seguros durante o dia", disse Andrew Stoltzman. "Então, me lembro de estar escovando os dentes de manhã, e de repente morteiros começaram a explodir lá dentro. Isso trouxe preocupações totalmente novas." E Harman disse: "Eu fiquei com medo de andar do lado de fora, ou de tomar banho. Deixei de tomar banho várias vezes. Eu preferia usar toalhinhas de bebê. Fiquei meio infantil naquele tempo em que estive lá, talvez um banho de chuveiro uma ou duas vezes por mês, se fosse mesmo

preciso. Os chuveiros ficavam do lado de fora. Eram feitos de madeira, e se um morteiro o atingisse você estava morto. Você tinha que ir para o chuveiro ou ao banheiro com colete de artilharia antiaérea. Se pudesse fazer xixi do lado de dentro, eu faria".

"Uma vez, um ataque de foguete deu cabo de um grupo inteiro da 320ª companhia da PE", disse Javal Davis. "Todos os caminhões, acabados — os foguetes explodiram através dos vidros, estouraram todos os pneus. Tinha alguns soldados nos banheiros portáteis. Um deles teve a perna atingida. Por sorte, estava no mais distante. Se tivesse sido atingido num mais próximo, teria sido morto no banheiro. Esse ficou sendo o apelido dele — eu o chamava de Cara Morto no Banheiro, é meio engraçado." E ele respondia: "Não foi nem um pouco engraçado". Em Abu Ghraib, contava Davis, nem o sono era refúgio. Ele odiava a idéia de que poderia ser morto sem saber. "Eu costumava dizer: 'Deus, se eu me ferrar, se tiver de morrer, não me leve enquanto estiver dormindo. Eu quero sentir a minha morte.'"

Os soldados tinham abrigos contra bombas e instruções para seguir durante os ataques: corra, agarre suas vestes blindadas, corra, fique junto com os demais no abrigo e aguarde. Depois de um tempo, quase ninguém se importava mais. O fatalismo se instalou entre eles. "Se você foi atingido, foi atingido", disse Harman. "Não há nada que se possa fazer se eles derem sorte." E Tim Dugan, o interrogador civil, disse: "A melhor maneira de lidar com essa situação é você já se considerar morto. Se voltar, você é só um puta de um sortudo, mas enquanto estiver lá, se já se considerar morto, você pode fazer toda a merda que tiver que fazer e não se preocupar com nada".

Como o tenente-coronel Jordan acabou aprendendo, sobreviver pode ser tão acidental quanto morrer, e na maior parte das vezes os morteiros caíram em espaços vazios: ninguém ferido, nenhuma perda material. De fato, depois do ataque de 20 de setembro, nenhum soldado foi morto ou seriamente ferido dentro da prisão em 2003, mas a arbitrariedade e a imprecisão dos bombardeios persistentes só aumentavam a sensação de que

nenhum lugar era seguro. "Você estava sempre entre a cruz e a caldeirinha, se perguntando o que iria acontecer em seguida", disse Megan Ambuhl. "E então, se o bombardeio não acontece em um dia, nem no outro, você fica esperando, se perguntando por que ainda não aconteceu. Por isso o estresse era tão grande tanto quando nada acontecia como quando acontecia."

"E não podíamos sequer atirar de volta", disse Sabrina Harman. "Sem ordem não se pode atirar de volta. Não era como os prisioneiros. Você podia atirar neles, o que não faz nenhum sentido. Mas se eles estão atirando de fora dos prédios, você não pode."

A ordem de responder ao fogo só era dada quando os PEs nas torres de vigia tivessem tido contato visual direto com alguém atacando a prisão. "Você não pode ver se alguém está atirando de três quilômetros de distância, dentro de um tubo", disse Javal Davis. "Tudo o que se ouve é o baque do disparo do projétil, e você tem de esperar que ele o atinja: é isso. Assim que eles descobriram que tudo o que a gente podia disparar eram foguetes luminosos, devem ter pensado: 'Ei, muito obrigado por iluminar a nossa posição, agora a gente vai continuar a atirar o diabo a quatro aí nos seus prédios'. E para tirar um sarro na nossa cara, começaram a disparar foguetes luminosos na gente, só para nos amolar. Porque sabiam que não podíamos responder ao fogo."

No final de setembro, um contingente da 82ª Aeronáutica chegou a Abu Ghraib para ajudar a defender a prisão, mas os ataques de morteiros só aumentaram. "Certa vez, eu estava na torre de guarda, ouvindo o rádio", Davis disse. "Tínhamos uma equipe de contra-emboscada da 82ª Aeronáutica em campo. Eles estavam fazendo a patrulha, estavam sob fogo, e estavam no rádio, pedindo para atirar. Negado. 'Senhor, estamos sendo atingidos, temos homens caídos. Precisamos de fogo de apoio indireto, agora.' Negado. 'Senhor, raios, precisamos de fogo de apoio indireto,

precisamos neste momento.' 'É melhor você tomar cuidado com o seu tom nesse rádio, você está falando com um coronel', ou fosse lá o que ele era. Negado. Naquela noite, dois soldados foram mortos. Eles chegaram em seus caminhões crivados de balas, e um deles perdeu metade da perna porque o caminhão foi atingido de frente por uma granada lançada por foguete."

"Depois de um tempo, o medo vai embora e você só sente raiva", disse Davis. "Sabe esses jogos que você joga quando vai ao parque, e você tem de atirar no patinho que passa correndo, com uma pistola de ar?" Em Abu Ghraib, ele disse, todo mundo era como esse patinho — mas não um patinho sentado, que tinha a sorte de não saber que estava sendo caçado. "Você tem de ficar se movendo, para cá e para lá", ele disse. "Você mal pode dormir. Você está sempre pensando."

Os prisioneiros nos campos de barracas, claro, não podiam se mover. A impotência deles era absoluta. E os morteiros continuavam a cair em Abu Ghraib, prisioneiros continuavam a ser mortos ou mutilados. Essas mortes eram prontamente documentadas nos Relatórios de Incidentes Sérios nas redes de segurança militar. Então, os mortos eram removidos e levados a um necrotério, enquanto os feridos eram tratados na clínica da prisão ou, se o ferimento era grave, transportados a um hospital antes de serem trazidos de volta para os campos. Os americanos que dirigiam a prisão sabiam que era sua obrigação proteger os prisioneiros, e eles sabiam que em Abu Ghraib isso era impossível. Era um crime manter prisioneiros em tais condições. Mas ali estavam eles, e a idéia corrente entre os soldados era de que se esses prisioneiros não estivessem ali, presos, eles próprios estariam atirando os morteiros contra a prisão.

Durante a orientação que receberam em Abu Ghraib, alguns dos PEs da 372ª percorreram os campos ao ar livre acompanhados dos guardas da companhia que eles estavam substituindo. "Eles trouxeram dois homens, ordenando-lhes: 'Digam o que vocês nos contaram'", Megan Ambuhl lembrou. "Eles nos disseram que estavam ali para nos matar, e era isso que

iriam tentar fazer mesmo dentro da prisão." Esta era a mensagem, ela disse: "Não vire as costas para ninguém porque todos são possíveis terroristas, até mesmo as crianças".

Os PEs da 372ª chegaram à conclusão de que haviam sido enviados para Abu Ghraib porque era perigoso. Eles eram PEs de combate, treinados para dar apoio a operações de forças da linha de frente — para conduzir reconhecimento de rotas, escoltar comboios, fazer patrulhas e atacar. Estavam sempre fortemente armados e viajavam com uma frota de veículos pesados. "Nós somos puxadores de gatilho", Javal Davis disse. "Nós saímos para o campo de batalha. Fazemos tudo o que os homens da Infantaria fazem, exceto ir direto para o combate. Então, achávamos que iríamos fazer alguns ataques em volta da prisão e dar uma ajuda aos soldados. Mas não foi isso o que aconteceu. Assim que chegamos lá, eles já disseram aos nossos homens: Não — nós vamos ser guardas de prisão."

A nova tarefa desnorteou a companhia. Unidades de combate não tomam conta de prisões. Isto é território de outro núcleo da PE — policiais de internamento e reassentamento — que conhecem as convenções de Genebra. Os PEs da 372ª não tinham esse treinamento. Alguns possuíam experiência como oficiais correcionais nos Estados Unidos, mas a maioria não tinha a menor noção do trabalho de prisão. O comandante da companhia, capitão Donald Reese, era vendedor de persianas na vida civil. De que forma poderia liderar suas tropas em uma missão que ele mesmo não sabia como executar? Reese disse ao chefe de operações da PE em Abu Ghraib, major DiNenna: isso não está certo, este não é o nosso trabalho, nós não temos soldados para isso.

DiNenna compreendia. Ele também não tinha soldados para isso. A prisão continuava a expandir-se; a construção não parava, à medida que novos complexos eram adicionados ao Campo Ganci e ao Campo Vigilante,

e novos blocos de células eram incluídos na segurança máxima para acomodar as levas diárias de novos prisioneiros trazidos nos caminhões da 4ª Divisão de Infantaria, que os capturava em varreduras de segurança cada vez mais agressivas e indiscriminadas. A população nas prisões quase dobrou em outubro, e as forças de DiNenna estavam sobrecarregadas, trabalhando contra o relógio, em turnos de doze horas, sem dias de folga. Não era raro ver um grupo de apenas três PEs fazendo guarda a um grupo de quinhentos prisioneiros nos campos externos. Também os PEs de combate se sentiam desesperadamente sobrecarregados, cobrindo o perímetro de segurança e proteção de rua para comboios de suprimentos e de transporte, em face da intensificação dos ataques de insurgentes. E a maioria dos PEs era de reservistas, que tinham de ser mandados de volta para casa depois de 24 meses. Assim, aqueles que haviam sido mobilizados logo após o 11 de setembro já começavam a voltar. Ao contrário do Exército regular, os reservistas não tinham nenhum sistema de substituição de soldados. Quando DiNenna perdia alguém da tropa, estava perdido e pronto.

Dirigir Abu Ghraib requeria uma mentalidade rigorosa: DiNenna vinha fazendo os cozinheiros, mecânicos e encarregados de suprimentos assumir deveres de PE, e agora ele estava para perder uma companhia inteira de internamento e reassentamento. Os PEs da 72ª, uma unidade da Guarda Nacional que esteve na guarda do Campo Vigilante e da segurança máxima, estavam voltando para casa, para o estado de Nevada, e DiNenna disse ao capitão Reese que a 372ª tinha que substituí-los. "Eu fiz a recomendação de que ele usasse seus oficiais civis correcionais, que os colocasse na direção da prisão da segurança máxima — porque eles entendiam o conceito e o processo de como se opera uma cela de cadeia — e eles treinariam os outros PEs que trabalhavam com eles", DiNenna disse. "E assim foi feito." Ou, como

Javal Davis colocou: “Um major é superior a um capitão, então nós éramos agora guardas de prisão”.

Um sargento da 72ª guiou os soldados designados por Reese para a segurança máxima, em uma visita. Ele mostrou os blocos de celas para criminosos iraquianos, e o bloco da Inteligência Militar, onde os prisioneiros de alto valor eram mantidos, na Ala 1A. “Foi quando eu vi a nudez”, Javal Davis disse. “Aí eu perguntei: ‘Ei sargento, por que está todo mundo pelado?’. Você sabe — ‘Isso é a IM. É isso o que a IM faz. Esse é o barato da IM. Eu não sei.’ ‘Por que esses caras estão usando calcinhas de mulher?’ — ‘Para quebrá-los.’”

“Eles mantinham um homem de costas para as barras, abaixado e algemado na parte inferior das barras”, disse o sargento Jeffery Frost. “De modo que ele não podia ficar de pé, reto, e também não podia se sentar.” Um dos PEs da 72ª disse a Frost que essa era a maneira de lidar com prisioneiros que não cooperavam. “Deixe-os de pé ali, por uma hora mais ou menos. Ou deixe-os ali nus. E se você quiser acabar com ele de vez, deixe que uma mulher faça isso, pois aí fica mais humilhante ainda.”

“Homens nus”, disse Davis. “Homens com calcinhas de mulher. Homens algemados em posições de estresse, em solitárias, sem luz, sem janelas. Abre a porta, acende a luz — ‘Oh, meu Deus, Alá’. Apaga a luz, fecha a porta. O que é isso? Que droga é essa? Alguma coisa aqui não está certa.”

Uma delegação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha visitou o bloco da IM na segurança máxima entre 9 e 12 de outubro de 2003 e teve mais ou menos a mesma reação de Javal Davis. As convenções de Genebra exigem que se conceda aos delegados do CICV acesso irrestrito às prisões militares para monitorar condições e para entrevistar prisioneiros reservadamente. Em Abu Ghraib, no entanto, eles relataram que houve “muitos obstáculos” à sua missão, “impostos, aparentemente, por ordem da

Inteligência Militar", e o que eles foram capazes de ver não lhes agradou. Na Ala 1A encontraram vários prisioneiros nus em suas celas, e de imediato alertaram o tenente-coronel Jerry Pillabaum, o comandante PE da prisão. Pillabaum mais tarde relatou aos investigadores do Exército que ele levou o assunto diretamente ao tenente-coronel Jordan. E Jordan retrucou que a manutenção de prisioneiros nus era prática comum no bloco da IM. Mas os prisioneiros foram vestidos durante o resto da visita da CICV e os delegados puderam conversar com eles e ficaram sabendo que haviam sido algemados de forma dolorosa, deixados nus, em celas sem iluminação, desfilado nus pelo corredor, ameaçados verbal e fisicamente, e por aí afora. A Cruz Vermelha não se sentiu melhor quando oficiais da IM explicaram que esses maus-tratos eram parte de um "processo" de interrogatório, e os delegados ficaram indignados ao saber que havia alguns prisioneiros a quem eles não poderiam ver, de forma alguma. Eles interromperam a visita sem chegar a um acordo com as autoridades da prisão, exigindo que as convenções de Genebra fossem respeitadas até voltarem para completar a inspeção no final do mês.

Os PEs da 372ª assumiram o lugar da 72ª três dias depois, em 15 de outubro. No plantão da noite, que ia das quatro da tarde às quatro da manhã, o sargento Ivan "Chip" Frederick foi nomeado o oficial não comissionado no comando de todo o complexo; Javal Davis era o responsável pela Ala 1A e pela 1B; Megan Ambuhl era seu oficial júnior, com responsabilidade particular sobre a 1B, que abrigava mulheres e crianças também, além dos que não cabiam na 1A; e havia um PE designado para cada um dos outros blocos de celas, mais um avulso à disposição de quem precisasse de ajuda. Isso tudo dava um total de sete PEs para cerca de mil prisioneiros, e o sargento Frederick era o único que já tinha trabalhado em uma prisão.

Como forma de treinamento, os novos guardas passaram alguns dias seguindo seus antecessores em suas rondas. Frederick ficou surpreso quando viu um dos PEs da 72ª entrar em uma das celas, agarrar um prisioneiro idoso por sua longa barba branca e puxá-lo violentamente para cima das barras. Dizia-se que este prisioneiro, que era conhecido como Papai Noel, era mentalmente instável, mas ninguém fez nenhuma objeção à maneira como estava sendo tratado. Ele esteve choramingando, e a primeira regra nas alas era não falar. Além disso, Frederick disse, "ele não bateu o velho com força contra as barras".

Além desse treino por meio de exemplo, Frederick contou que sua orientação consistiu em aprender como ligar e desligar a água e a eletricidade. Não houve menção às convenções de Genebra ou às doutrinas militares dos Estados Unidos sobre internamento e interrogatório. Não havia nenhum regulamento escrito para o bloco de celas da IM, e quando Frederick pediu uma cópia do procedimento operacional padrão da prisão, tudo o que conseguiu foi uma única página contendo as regras de combate, que descreviam os passos para a escalada do uso de força em caso de confronto perigoso: grite, mostre, empurre, atire. "Não tinha nada a ver com lidar com prisioneiros."

"É isso — um pedaço de papel", disse Megan Ambuhl. Em contraste, prosseguiu, "o sargento Frederick me contou que o procedimento operacional padrão na sua prisão em Virgínia era mais comprido que ele, e ele tem no mínimo um metro e oitenta. Qualquer pequena situação seria enumerada em um procedimento. Mas nós fomos colocados em uma situação para a qual não tivemos nenhum treinamento, estávamos em imensa desvantagem numérica, e recebemos responsabilidades sem ter nenhum conhecimento sobre como executá-las. Era como colocar você dentro de uma sala de operação e dizer: 'Agora vá lá e faça uma cirurgia de coração. E espero que você consiga fazer direito. Por falar nisso, eu não vou treinar você para fazer isso. E também não vou lhe dar nenhum

procedimento de como fazer isso. E se você fizer errado, bem, daí você vai ter que enfrentar as conseqüências. Espera aí, vamos dar para você um pedaço de papel, uma regra geral — use uma faca, talvez algum anti-séptico. Boa sorte'".

Logo depois de sua visita a Abu Ghraib, vindo da baía de Guantánamo, no início de setembro, o general-de-divisão Geoffrey Miller recomendou que o comando de Bagdá desenvolvesse com urgência "um amplo conjunto de procedimentos operacionais padrão para os PEs" e "conduzisse treinamento para liderança dos centros de detenção e de funcionários que cuidem da implementação desses procedimentos". Para essa finalidade, Miller disse que tinha deixado no quartel do general Sanchez uma cópia do procedimento operacional padrão de Gitmo, um livro de 237 páginas, publicado com sua assinatura, que ditava passo a passo a maneira com que os PEs deveriam executar cada tarefa designada em sua rotina e como eles deveriam responder a toda possível situação de emergência: de tentativa ou realização de suicídios até interrupção de energia elétrica, situações com reféns, fratricídio (a morte de um soldado dos Estados Unidos por outro), incidentes com mortes em massa e desastres naturais.

Não há nenhum registro sobre o que foi feito do procedimento operacional padrão de Gitmo no escritório de Sanchez. Mas a política de interrogatório de Sanchez para Abu Ghraib deu aos interrogadores total autoridade sobre seus prisioneiros e, por extensão, sobre os PEs também. Em sua primeira página, as regras dessa política definem: "O interrogador deverá deixar transparecer que é a pessoa que controla todos os aspectos do interrogatório, incluindo a iluminação, o aquecimento e a configuração do local de interrogatório, bem como a comida, as roupas e o abrigo dado ao interno de segurança". E na última página o procedimento atribui o ônus de desenvolver um manual favorável à IM em Abu Ghraib sobre as unidades da

própria PE: "Operações de interrogatório nunca são conduzidas em um vácuo; elas são conduzidas em estreita cooperação com as unidades de detenção. Para garantir consistência, os regulamentos e políticas de detenção estabelecidos por unidades de detenção devem estar em harmonia com as políticas de interrogatório da unidade de coleta de informação".

Mas a política de interrogatório de Sanchez, que foi dirigida à brigada de IM, nunca foi atribuída aos PEs. E unidades de PE não escrevem os procedimentos; elas os seguem. O procedimento operacional padrão de Gitmo deixava isso claro. Eles vieram do comandante e só o seu índice tinha mais de quatro páginas de duas colunas em espaço apertado. A missão estava definida, a estrutura de comando estava mapeada e a responsabilidade de cada classe de soldado explicada. A burocracia sobre como manter e divulgar dados fora explicitada. Os PEs foram instruídos sobre como revistar cela, como vistoriar — ou não — o Alcorão de um prisioneiro, o que fazer com as chaves e com as roupas para lavar dos prisioneiros, como vigiar o corte de cabelo do prisioneiro, como microgerenciar as visitas dos delegados da Cruz Vermelha, como lidar com problemas médicos, como conduzir um funeral muçulmano, como entrar e sair por um portão, como administrar incentivos e prêmios, como administrar desincentivos e punições, como evitar contato com qualquer fluido corporal dos prisioneiros e o que fazer se não conseguir evitar. Havia quadros e tabelas, e um apêndice de cinqüenta páginas que apresentava amostras de todos os tipos de documento pelos quais os PEs eram responsáveis ao dirigir uma prisão.

Procedimentos operacionais padrão ortodoxos não deixam nada para a imaginação, e quando Ambuhl se estabeleceu em seu novo trabalho, ocorreu a ela que a ausência de um código era o código de Abu Ghraib. "Eles não podiam dizer que quebramos as regras, pois não havia regras", ela disse. "A nossa missão era ajudar a IM, e ninguém nunca disse: 'Estas são as minhas normas'. Mas, em certo sentido, elas eram o que se tornaram, porque nosso

trabalho era o de estressar os prisioneiros e ajudar a facilitar informações aos interrogadores e salvar a vida de outros soldados."

8.

Estressar os prisioneiros era um trabalho árduo. Havia diferentes regimes para diferentes prisioneiros da IM. Por exemplo, disse Javal Davis: "Cela sete, privação de sono. Ou, acordar às quatro horas, ir para a cama à uma, acordar às três horas, ir para a cama às cinco, desse jeito, acorda e dorme, acorda e dorme". Um prisioneiro da IM em regime de privação de sono de 72 horas podia dormir apenas quatro horas para cada vinte acordado. O tenente-coronel Jordan ouviu seus soldados discutirem as possibilidades: "Você poderia deixá-los dormir por quatro horas, deixá-los acordados por vinte horas, mantê-los acordados por outras vinte horas e aí deixá-los dormir por quatro horas. Assim, eles poderiam ficar acordados por quarenta horas, mas teriam quatro horas de sono antes e depois".

Era responsabilidade do PE não deixar que o prisioneiro adormecesse. "O pessoal da Inteligência Militar chegava até aqui e dizia: 'Ei, toca uma música agora e põe o volume bem alto'", disse Javal Davis. "Se ele adormecer, jogue água nele, acorde-o. Bata as portas, arraste uma lata de lixo para cima e para baixo, faça batucada nela, faça com que eles se levantem, não fiquem sentados, coisas desse tipo. Esse era o procedimento operacional padrão verbal. Pegue o megafone e ponha-o na porta para tratamento individual, e apenas toque música e apague e acenda as luzes, assim eles não conseguem saber se é hora de dormir ou de acordar — desoriente-os totalmente."

As instruções chegavam em grande parte anonimamente, pois os soldados da IM que lidavam com os prisioneiros na segurança máxima

usavam uniformes "estéreis", com seus crachás contendo nomes e patente removidos ou cobertos, ou não usavam uniforme nenhum, somente camisetas e moletons sem identificação. Os PEs não tinham como saber quem eram os soldados da IM que lidavam com os prisioneiros, ou qual era a posição deles na hierarquia de autoridade. Javal Davis disse que ele só sabia os apelidos de dois homens que freqüentemente lhe diziam o que fazer na Ala 1A: o Steve Grandão, que na sua estimativa devia medir cerca de dois metros e pesar mais de 120 quilos, e o Cara de Gitmo. "Ele nos disse o que fazia na baía de Guantánamo", relatou Davis. "Como na baía de Guantánamo, eles não têm nenhum direito, nenhuma Convenção de Genebra, blablablá. E a gente pensava, 'Nossa — tudo bem.'"

A maioria desses homens da IM que lidavam com os prisioneiros era de soldados, como o Cara de Gitmo. Mas houve pouca demanda por missões de Inteligência Militar no final do século XX, e o contingente da IM era escasso quando a guerra do Iraque começou. Então, mesmo com a chegada de mais soldados da IM, fazendo de Abu Ghraib sua maior operação desde a Segunda Guerra Mundial, grupos de civis empregados por firmas de segurança privadas na Virgínia foram trazidos para complementar o contingente: interrogadores e analistas da folha de pagamentos da CACI International[a] (Steve Grandão era um deles) e intérpretes de árabe fornecidos pela Titan Corporation.[b] Embora muitos desses civis fossem veteranos com mais experiência do que os soldados da IM na prisão (e eram também muito mais bem pagos), não tinham nenhuma posição na hierarquia militar. Apesar disso, foram integrados às "equipes de tigres", compostas por um interrogador, um analista e um intérprete, designadas para cada prisioneiro.

As instruções aos PEs com freqüência davam a impressão de ser deliberadamente vagas, assim como a identidade dos homens que as forneciam. Tabelas de manipulação do sono deveriam vir por escrito, e em

geral vinham mesmo, mas os detalhes ficavam por conta da imaginação dos PEs. O sargento Jeffery Frost, que fazia o plantão diurno na Ala 1A, disse: "Era tudo passado oralmente — um IM dizendo a um PE para amolecer um prisioneiro antes de ser interrogado, o que envolvia tudo, desde imposição de exercícios físicos para deixá-lo totalmente exausto antes da entrevista, até gritar com ele por alguns minutos só para sacudi-lo".

A Polícia do Exército gosta de afirmar que suas iniciais em inglês, MP [Military Police], significam "múltiplos propósitos" [*multiple purposes*]. Na Ala 1A essa noção ganhou um novo significado. "Primeiro, deveríamos ser babás. Depois, nos tornamos criadores de condições", disse Davis. "Viramos um instrumento dentro do plano." E isso o deixou muito aborrecido, após servir seis anos na PE e ser promovido a sargento, ter de fazer o trabalho sujo da IM, sem ninguém na retaguarda. "Sempre que levantávamos uma questão, ou perguntávamos algo a nossos superiores sobre aquele bloco de celas particular, a resposta era a mesma: 'Bom, é IM, faça apenas o que eles pedem para você'", diziam. "As linhas estavam cruzadas e confusas, uma bagunça. Era uma total falta de liderança. Dependemos de nossos líderes para tomar as decisões corretas, para facilitar o nosso trabalho. Nossos líderes nos faltaram e nos deixaram à nossa própria sorte."

E não era apenas a IM dando ordens. Alguns dos prisioneiros da Ala eram mantidos pelo CIC (Comando de Investigações Criminais do Exército), enquanto outros estavam sob os auspícios das OAG — "outras agências governamentais" —, uma sigla usada freqüentemente como eufemismo para a CIA, mas que também era utilizada na prisão para descrever vários outros aparelhos secretos ou clandestinos de investigação, como a Agência de Inteligência da Defesa, o FBI, Força Tarefa 121, ou Força Tarefa 6-26. "Nós os chamávamos de fantasmas, porque nunca se sabe quem são eles", disse Javal Davis. "Eles não usavam crachás com o nome. E tinham permissão para usar barba e bigode." Os prisioneiros das OAG, então, eram

prisioneiros-fantasmas. Nunca eram formalmente admitidos na prisão, nem obtinham números de prisioneiro, mas surgiam por lá anonimamente, com freqüência durante a noite, eram instalados na Ala 1A, interrogados por um dia ou dois, e depois sumiam da mesma forma. Os PEs deveriam tomar conta deles, mas não poderiam reconhecer sua presença em nenhum documento oficial. "Pois é — pegue esse cara, mas não faça nenhum registro", disse Javal Davis. "Só o coloque em uma cela, e não marque nada. Quando a Cruz Vermelha aparecer, esconda-o em algum lugar."

Com cerca de dez prisioneiros-fantasmas das OAG de cada vez, em um bloco de quarenta a cinqüenta prisioneiros, as rotinas mais comuns da guarda, como, por exemplo, contar o número de detentos, podiam acabar em confusão. "Eles existiam, mas não existiam, se é que isso faz algum sentido", disse o sargento Joyner. "Eles estavam lá, porém não estavam." Ele não gostava de fazer malabarismo com números fictícios de corpos reais, então trouxe um caderno de registro para o escritório da Ala 1A, e, ao lado da contagem oficial, os PEs começaram a marcar a contagem verdadeira — incluindo os prisioneiros das OAG, que algumas vezes eram simplesmente chamados de "os outros". O caderno de registro rapidamente se tornou a lista doméstica de tarefas de alimentação e banhos dos prisioneiros, seus cortes de cabelo e buscas em celas, problemas disciplinares e emergências médicas, falta de energia e problemas de encanamento. Essa ladainha pode se transformar em um pesadelo. Não havia um fim para os vômitos nem para os piolhos, para os ataques violentos controlados, para os suicídios ameaçados ou frustrados, para as ferramentas descobertas ou lâminas de barbear utilizadas. Mas o verdadeiro valor desse caderno de registros é o fato de ter se tornado o relatório cotidiano de eventos relacionados às idas e vindas e exigências dos novos chefes dos PEs, e também do envolvimento íntimo naquelas celas entre oficiais da PE e o pessoal sênior da IM. Não

fosse por ele, tudo isso teria permanecido obscuro e sem nenhuma documentação.

Na gíria militar, a primeira lei de sobrevivência é CST: cubra o seu traseiro. Joyner começou a usar o caderno de registro porque julgou que seria prudente fazê-lo. "Quem sabe?", ele disse. "Eles poderiam estar tentando me pegar." E em quase todas as páginas há observações como estas:

> Estamos mantendo um prisioneiro na cela 15 para a IM... Ele não consta oficialmente. Ele só vai ficar esta noite depois de falar com a IM, e pela manhã deve retornar ao Vigilante.
>
> O FBI está interrogando OAG número 8 no poço da escada.
>
> Os quatro novos OAG estão na 2, 4, 6 e 8 e não devem ter contato entre si nem com ninguém mais — eles não podem dormir ou se sentar até que sejam autorizados pelo pessoal das OAG, e também fomos informados que nenhum dos quatro está com sede ou fome.
>
> Nova tentativa de despir os seguintes [...] e puni-los de acordo com as instruções passadas pelo sargento Joyner, vindas do coronel Jordan, mas estas foram modificadas pelo capitão Brinson, que mandou vesti-los com macacões e colocá-los em celas. Ficar de pé nas celas seria a punição deles.
>
> OAG admitidos — eles vão falar com OAG na 1A-38 nos próximos dias e devem ficar em um programa perturbador de sono.
>
> Falei com o tenente-coronel Jordan sobre mudar IMS na 1A para abrir espaço. IMs também vieram aqui e mandaram dar tratamento especial para o prisioneiro [...] que foi trazido para cá esta manhã.

Em algumas ocasiões, os PEs eram orientados a tratar bem um prisioneiro — oferecer a ele uma refeição melhor ou um maço de cigarros — como prêmio ou incentivo por sua cooperação durante o interrogatório. Mas na maior parte das vezes o que os interrogadores queriam dizer por "tratamento especial" era punição: tire o colchão dele; mantenha-o

acordado; tire as roupas dele. "Era um procedimento normal alguém da IM determinar: 'Este cara vai usar calcinhas por um dia, ou vai usar calcinhas por três dias, ou até ele decidir cooperar conosco'", disse Frost. Havia uma grande caixa de papelão cheia de calcinhas na cela de suprimentos da Ala 1A, cada uma em um saquinho de plástico. "Elas eram cor-de-rosa", disse Frost. "Pareciam uma calça de biquíni. Não eram do tipo fio-dental, mas também não eram daquelas calças grandes. Era do tipo que mostra metade das nádegas. Pareciam a parte de baixo dos biquínis dos anos 70. Eram meio pequenas, e realmente não caíam nada bem em um homem."

Frost achava que a idéia de usar calcinhas era "meio estranha, mas fazia certo sentido". Ele percebeu que se a idéia era tirar a hombridade de alguém, uma calcinha cor-de-rosa poderia ser mais eficiente que a nudez. "Eu nunca fui treinado ou li nada sobre a técnica de interrogatório", ele disse, "mas imagino que a humilhação é uma tática para forçar alguém a cooperar." Não que alguém se importasse com o que ele achava. "Nós não tínhamos o direito de dizer nada sobre qualquer coisa que nos mandassem fazer", disse Frost. "Estava implícito que era para fazer o que a IM mandasse." Apesar disso, quando se tratava de punição ou privação de sono, "muita coisa ficava por nossa conta", disse. Eles podiam mandar os prisioneiros fazer flexões ou andar agachados por vinte minutos seguidos, ou ligar uma sirene em um megafone, ou gritar na cara deles até ficarem roucos.

"Eu comecei a tocar rap", disse Javal Davis. "Eu colocava o megafone no alto-falante e tocava rap no meu plantão inteiro, o mais alto possível. Eu tocava uma música chamada 'Hip Hop Hurray!' sem parar. Ela só repetia 'Hip Hop Hurray Ho' o tempo todo, e, depois de um tempo os iraquianos já falavam 'Hey, ho'. Então, mudei para o rock mais barulhento. Toquei o Metallica, aquela música 'Enter Sandman', que é muito barulhenta". Davis usava tampões de ouvido e fones que neutralizavam o som, punha o volume no máximo e deixava tocar a noite toda essa música de ninar sinistra: "durma com um olho aberto... Se eu morrer antes de acordar/ Peça a Deus

que leve a minha alma/ Silêncio, meu bebê, não diga nada/ E não ligue para aquele barulho que você ouviu".

"Eles gritavam 'Ai, não gosto disso'", disse Davis. "Mas depois de um tempo já estavam anestesiados. Acho que ficavam tão surdos por causa da guitarra que conseguiam até dormir. Então eu coloquei música country. Aí funcionou. Eles não agüentavam. E gritavam: 'Por Alá, por Alá, desliga isso'. Então, essa ficou sendo a minha música. Era Clint Black. Não me lembro que música. Só me recordo que era lenta. Ela falava sobre 'meu cachorrinho', ou algo assim. Eles têm muitos fãs, esse pessoal da música country, mas não naquele bloco de celas. Quando os interrogadores vinham buscá-los nas celas, eles estavam mais do que prontos para ir embora."

Em geral, quando a equipe de tigre queria "trabalhar" um prisioneiro, os PEs deveriam despi-lo e escoltá-lo a um pequeno complexo chamado Local de Madeira, ou simplesmente Madeira, que ficava do lado de fora da ala de celas — seis ou oito cabines feitas de madeira compensada, com cadeiras e uma mesa de plástico, um anel de metal no chão onde se prendiam as correntes, e janelas de vidro através das quais só se via do lado de fora, para que observadores pudessem assistir do corredor. Mas, especialmente à noite, alguns interrogadores preferiam fazer o serviço na cela mesmo, ou nos chuveiros, ou em uma câmara debaixo das escadas. "Eles punham um lençol por cima da porta e por horas e horas a fio tudo o que se ouvia eram gritos, batidas, empurrões, e mais gritos a plenos pulmões", Davis disse. "Quando eles terminavam, oito, dez horas mais tarde, traziam o homem para fora, meio grogue ou inconsciente. Ele era colocado de volta na cela e eles diziam: 'OK, esse aí não pode dormir. Joga água fria nele. Voltamos amanhã para buscá-lo.'"

Os PEs do bloco da IM nunca ficaram sabendo os nomes dos prisioneiros. Oficialmente referiam-se a eles pelos seus números de cinco dígitos, mas o

sistema de numeração era confuso: alguns prisioneiros tinham ganhado mais de um número quando mudavam de um campo para outro a caminho de Abu Ghraib, e alguns tinham números separados de IM que não batiam com os dados da PE. Além disso, os números não faziam sentido; não diziam nada sobre as pessoas, e por isso eram difíceis de memorizar. Então os soldados davam apelidos aos prisioneiros baseados em sua aparência ou seu comportamento. Um prisioneiro que fez um cabo e tentou esfaquear alguém era Cabo, e um prisioneiro que pegou uma lâmina de barbear e tentou dar um talho em um PE era chamado de Talho. Um que ficava borrifando água em si mesmo e na sua cela e estava sempre pedindo por uma vassoura era Senhor Limpeza. Um que repetidamente inundava a sua cela era chamado de Monstro do Pântano.

Havia um homem que eles chamavam de Sorridente, e outro que era o Sapinho, e mais um que era o Porquinho, e um que era chamado de Tique, por conta de seus tiques faciais. Havia um homem que não tinha dedos em uma das mãos, apenas o polegar, e que era chamado de Pequeno Polegar — para não confundir com o homem enorme chamado de Garra, ou Dr. Garra, porque uma de suas mãos estava sempre como que congelada numa posição semicurva. O homem que chamavam de Papai Noel também era conhecido por Homem de Neve, e havia um esquelético que eles chamavam de Gus, mas ninguém sabia dizer por que tinha esse apelido, mas às vezes ele também era chamado de Sr. Burns, por causa do vilão magricela de *Os Simpsons*. Havia um homem que chamavam de Taxista, porque havia sido preso enquanto dirigia um táxi, e havia Gilligan, que o sargento Hydrue Joyner batizou assim por sua semelhança com o personagem de televisão que tem este nome — "só faltava pôr o chapeuzinho nele".[c]

O sargento Joyner era o responsável pelo plantão diurno na Ala 1A, sendo dele portanto o crédito pelos apelidos dados a muitos dos prisioneiros. "Tinha um cara cujo hálito era um horror. Eu o chamava de Boca Fedorenta. E nós tínhamos um sujeito — provavelmente o iraquiano mais alto que já vi

— que tinha um nariz que nos lembrava o Garibaldo, do *Vila Sésamo*. Eu o chamava de Garibaldo. E havia o Mandíbula,[d] porque ele tinha dentes muito afiados, acho que conseguiria mastigar até um tijolo. E tinha um que eu chamava de Gomer Pyle.[e] Isso era estritamente para meu próprio entretenimento. Ele era um iraquiano grande e muito branco. Eu não sabia que existia gente assim no Iraque, grande e branca." Os apelidos tornavam os prisioneiros mais familiares que seus números, e ao mesmo tempo seus apelidos os transformavam em personagens de televisão, por isso confortavelmente irreais. "Aquilo era uma cadeia, está certo. Mas a gente também pode rir numa cadeia", disse Joyner. "Isso não é crime, espero."

Javal Davis também era do tipo que gostava de uma boa risada, e apreciava humor negro tanto quanto qualquer companheiro de PE. O problema é que quando se passa as noites fazendo coisas horríveis com outras pessoas, você também tem de agüentar aquilo. Você pode arrumar um jeito de tomar coragem para fazer aquilo — Davis tinha a violência dentro dele, e descobriu que espancar um homem contra quem não tinha nenhuma animosidade pessoal poderia levá-lo a uma fúria crescente e generalizada —, mas a agressão só leva você até o ponto em que a depressão o alcança. Havia inúmeras maneiras de atormentar um prisioneiro de acordo com as exigências da IM, e na maioria das vezes não havia nada de engraçado nelas.

"O cheiro", disse Davis. "Ponha os caras numa uma cela onde a privada é chumbada e entupida. Aquilo cheira a urina e fezes. É de enlouquecer." E então tinha a comida. Você podia ir mudando o horário da refeição do prisioneiro, ou deixar de dar comida para ele. Os prisioneiros comiam o mesmo prato feito que os guardas comiam, mas você podia negar a colher e todos os acompanhamentos. "Se você tem um bife à Salisbury, eles ganham o bife, mas não o arroz que vem com ele, nem o molho, nem os salgadinhos, nem o suco — só o bife à Salisbury, nada mais", disse Davis. "Eles estavam

mortos de fome quando chegava a hora de serem interrogados. E aí falavam para eles: "OK, nós daremos mais comida para você, se você falar".

Você também poderia provocar dor. "Havia as posições de estresse, e você podia ir aumentando gradualmente o estresse das posições. Eles eram forçados a ficar de pé por horas a fio. A ficar de pé em uma caixa. A segurar uma caixa com os braços esticados. A segurar garrafas de água, uma de cada lado. A fazer a cadeira elétrica, pôr as costas contra a parede e dobrar os joelhos em noventa graus para se segurar. A ficar algemados atrás das costas, com os braços para cima, em posições muito desconfortáveis, ou acorrentados ao chão", disse Davis. "E tinha também a submersão. Você colocava os prisioneiros em latas de lixo e as enchia de gelo e água. Ou os colocava nus debaixo da torneira, abria uma janela quando a temperatura lá fora girava em torno de quatro graus centígrados e ficava observando-os encolher para dentro de si próprios até entrar em choque."

E é claro que você poderia também combinar esses tratamentos. "Mohamed, da cela 68, está criando problemas e eles decidiram que vão mantê-lo acordado", disse Megan Ambuhl. "E eles o querem de pé. E só permitem que ele durma uns quinze minutos a cada quatro horas, ou algo assim. E durante aqueles quinze minutos, eles provavelmente vão vir interrogá-lo, ou é quando ele vai ganhar comida. Ele só têm autorização para ganhar o prato feito dele por uns quinze minutos — não tenho certeza do tempo exato —, mas na hora em que ele volta aquele tempo já passou. Então a comida dele já se foi e já é hora de novo de ficar de pé."

Era "coisa de Gitmo desde o começo", disse Davis. "Eu não inventei nada dessas coisas. Elas nos foram apresentadas. Eu não pulei da cama de manhã dizendo: 'Ei, eu quero dar umas pancadas num detento', ou, 'Ei, eu quero jogar gelo nas pessoas', ou, 'Eu quero tocar música bem alto'. Quem iria pensar em coisas como essas?"

Javal Davis havia se alistado na Reserva do Exército em 1994, quando estava na faculdade. Ele ficou fascinado com os exercícios militares do ROTC (Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva) que havia visto: "Os soldados batendo continência, fazendo as viradas, que pareciam tão precisas, as fileiras de homens marchando, a ordem e tudo mais; esperava seguir uma carreira, ganhar alguns benefícios na faculdade, avançar um pouco mais do que os meus colegas, adquirir disciplina, tornar-me um homem". Achava que era ao mesmo tempo uma honra e honorável servir ao seu país, e desejava morrer protegendo suas liberdades. "Especialmente depois do 11 de setembro", ele disse. Ele nasceu e foi criado em Roselle, estado de Nova Jersey, exatamente do lado oposto da baía de Nova York de onde ficavam as torres gêmeas do World Trade Center. Venceu campeonatos locais e estaduais na corrida de obstáculos de 110 metros, e esperava um dia tornar-se policial em Roselle, ou juntar-se à polícia montada do estado de Nova Jersey. "E ver aquilo acontecer na minha própria terra", ele disse, "me fez querer um pouco mais."

Mas depois de quatro ou cinco noites chefiando as Alas 1A e 1B na segurança máxima de Abu Ghraib, ele disse: "Eu só pensava em voltar para casa". Em vez disso, o sargento Frederick o transferiu para um dos blocos de celas da ACP, as Alas 3A e 3B, onde ele era responsável por quatrocentos prisioneiros que haviam sido detidos como criminosos, mas que nunca tinham sido acusados formalmente de nada nem tinham julgamento previsto, e que estavam tão revoltados por estar ali quanto ele. "Então eu improvisei", disse Davis. "Arrumei um detento que falava inglês e lhe pedi: 'Diga a eles tudo o que eu estou dizendo. Vocês todos vivem em uma cela. Eu vivo em uma cela. Vocês todos estão comendo comida ruim. Eu estou comendo comida ruim também. Vocês todos querem voltar para casa. Diabos, eu quero saber quando eu vou voltar para casa também. Eu nem sei quando vou voltar para casa. Vocês todos estão aqui trancados. Eu estou

trancado também. Nenhum de vocês pode ver a família. Eu não posso ver a minha família'. A partir daí, eles começaram a se relacionar comigo."

Para ganhar respeito e gastar alguma energia, Davis tirava a camisa e fazia exercício na frente de seus tutelados. Ele conseguia fazer trinta flexões em barra e cem flexões no chão, e quando acabava ele permitia que alguns prisioneiros saíssem, um de cada vez, e oferecia cigarros a quem conseguisse fazer mais. Não teve de dar muitos cigarros, mas disse que os prisioneiros ficavam agradecidos. Davis organizou horários regulares de oração para os prisioneiros e, com o tempo, aprendeu um pouco de árabe, e eles ficaram agradecidos por isso também. Porém, quando a prisão estava sob ataque e as bombas caíam, os prisioneiros na Ala começavam a entoar: "Nossa alma, nosso sangue, nós sacrificamos por você, ó Saddam". Isso era uma coisa que Davis não tolerava. Isso o assustava, disse, e então ele fazia com que os prisioneiros ficassem morrendo de medo e parassem com aquilo.

Davis manteve em seu novo posto a mesma reputação de gritar com os prisioneiros tão alto e tão abusivamente que tinha no bloco da IM. Alguns dos PEs da segurança máxima contaram que ele dizia aos prisioneiros em termos explícitos sobre como tinha transado com a esposa e com a mãe deles, e que ele ameaçava fazer o mesmo com eles. Também tinha uma história sobre como havia aberto sua arma, tirado as balas e contado uma por uma, dizendo aos prisioneiros, esta é para você e esta outra é para você. Os sargentos Frost e Frederick relataram essas histórias, e Frederick disse que uma vez ou outra, quando estavam "trabalhando" algum novo prisioneiro, Davis dava socos em seus rins.

Davis não falou sobre essas coisas, mas não fingiu ter extravasado sua ira e sua violência no bloco da IM. Na verdade, continuou indo até lá. Ele não era o único soldado que não tinha nenhuma tarefa oficial na Ala 1A que gostava de dar uma passada por ali e acabava ficando durante a noite. Havia sempre café quente no escritório, uma boa quantidade de quitutes — salgadinhos, queijo e biscoito, macarrão, todos os acompanhamentos e

extras que haviam sido retirados das refeições dos prisioneiros —, e a Ala 1A era onde estava a ação. Davis nunca se esqueceu da primeira vez que viu aquilo. "Mas depois", disse, "com o tempo — vendo aquilo todo dia, e vendo o pessoal da IM e alguns dos OAG também, rindo e fazendo piadas como se aquilo fosse muito engraçado —, dali a um tempo acabou se tornando a mesma coisa para mim também. Tipo: olha aquele cara. Aposto que agora você não vai querer mais explodir nenhum americano. Aposto que agora você não vai querer atirar na gente. Você deixa de ser uma pessoa que sente pena e diz 'Ei, não faça o homem usar calcinhas, ele é um homem adulto, que diabos você está fazendo?' e passa a dizer coisas do tipo 'E aí, irmão, você está de calcinhas agora. Não está com vergonha, não?'."

Davis sentia que o que fez e viu no bloco da IM era moralmente errado. "Mas tudo aquilo era reafirmado e encorajado pela nossa liderança — estamos em guerra, isso é a Inteligência Militar, isso é o que eles têm que fazer — e é só um trabalho", disse. "Você vai ficando insensível para aquilo, é como se não fosse nada. Tornou-se a norma. Você vê aquilo — que é horrível. Que é horrível estar na pele dele. E é isso aí. Você vai em frente. Ele dizia a si mesmo que era, de longe, muito melhor para um iraquiano ser prisioneiro dos americanos na Ala 1A do que para um americano ser capturado pelos insurgentes iraquianos. E disse ainda: "Qualquer um que não esteve nesta situação não vai entender. Se você esteve lá, então é provável que vá entender. Foi assim que eu tive que olhar para a situação".

a Empresa de assessoria em segurança, com sede em Arlington, Virgínia.
b Empresa de segurança em assuntos de defesa e segurança, com sede em Reston, Virgínia.
c O personagem é Gilligan, interpretado pelo ator Bob Denver, da série *Gilligan's Island* (no Brasil, *A ilha dos birutas*), que fez muito sucesso em meados dos anos 1960.
d Trap Jaw, personagem do desenho animado *Masters of the Universe* (no Brasil, *He-Man e os Mestres do universo*).
e Personagem do programa de televisão *The Andy Griffith Show*, que foi ao ar nos Estados Unidos de 1960 a 1968; Gomer Pyle, interpretado pelo ator Jim Nabors, era um simplório frentista de posto de gasolina.

9.

Sabrina Harman também sentiu que estava perdendo a sensibilidade em Abu Ghraib e, ao mesmo tempo, continuou se espantando com a sua capacidade de se chocar com coisas novas. "No começo, você vê alguém nu, com uma calcinha na cabeça, e se espanta: 'Nossa, que coisa horrível — não acredito que vi isso!'. Aí você vai para a cama, volta no dia seguinte e vê algo pior. Então começa a achar que o dia anterior não foi tão ruim assim."

Sabrina fazia o plantão noturno na segurança máxima, dando cobertura quando uma ajuda extra era necessária. Ela havia começado em um dos blocos de celas para criminosos iraquianos. "Eu realmente não me lembro do primeiro dia. Só me lembro do primeiro dia de trabalho na Ala 1A e 1B. Acho que a primeira coisa que percebi foi aquele homem — com uma calcinha na cabeça, algemado de costas para uma janela, e eles faziam muitas perguntas para ele. Foi a primeira vez que comecei a tirar fotos." Aquele era o prisioneiro que os PEs chamavam de Motorista de Táxi. Ele estava nu, exceto pela calcinha na cabeça. A posição em que se encontrava — com as mãos presas para trás e acima dos ombros, o que o forçava a inclinar-se para a frente com a cabeça abaixada, todo o seu peso suspenso pelos pulsos — é conhecida como "palestino pendurado", por causa da sua utilização nas prisões israelenses. Mais tarde, naquela noite, o Motorista de Táxi foi levado para uma cama, e Harman tirou outra foto dele ali. Então ela viu outro prisioneiro deitado em sua cama, totalmente vestido, e ela o fotografou também.

Pelo que sabia até então, ninguém mais havia tirado qualquer fotografia na Ala 1A. Mais tarde, quando viu uma foto tirada alguns dias antes de um homem nu no corredor, algemado nas barras de uma porta de cela, ela não se surpreendeu. O sargento Frederick tinha uma câmera, e também o cabo Charles Graner, que viera substituir Javal Davis como responsável pelo plantão noturno no bloco da IM. No final da primeira noite de Harman os três haviam tirado pelo menos 25 fotografias. A maior parte dessas fotos mostra prisioneiros nus e solitários em posições estressantes, algemados às barras de suas celas ou esticados e curvados para a frente e para trás sobre beliches, com as mãos amarradas nas grades. Alguns deles estão encapuzados com sacos de areia, alguns com cuecas. Um homem nu está deitado de rosto no chão, com os braços livres, em um piso de concreto. Várias fotografias mostram uma fila de prisioneiros vestidos com macacões cor de laranja, fazendo flexões no corredor; em uma delas pode-se ver o sargento Frederick, de pé ao fundo. Mas ninguém nessas fotografias parece ter notado a câmera. As fotos passam uma sensação de intenso desconforto, um sentido de silêncio e a ausência de qualquer atitude discernível, o que dá a elas a qualidade de um olhar roubado sobre homens imobilizados na condição de estátuas infernizadas.

Harman disse que começou a fotografar o que via porque achava aquilo tudo difícil de acreditar. "Se eu chegasse para você e dissesse 'Olha, isso está acontecendo', você provavelmente não acreditaria em mim a não ser que eu tivesse algo para lhe mostrar. Então, se eu dissesse 'Olha, isso está acontecendo; veja, eu tenho provas', você não poderia negar, eu acho." Esse foi o impulso, ela disse: "Somente poder mostrar o que estava acontecendo, o que era permitido fazer".

Na mesma noite em que começou a tirar fotografias na segurança máxima, Harman escreveu para casa:

Kelly,

Os dias são longos aqui, plantões de doze horas. A prisão tem estado silenciosa nas duas últimas noites. Na noite anterior outra bomba caseira (IED) explodiu. Ninguém foi morto, mas outro jipe blindado foi destruído. Ninguém da nossa unidade ficou no meio de morteiros e bombas caseiras. Não ainda. Tenho medo de sair da prisão e ir para o sul para usar os telefones, eles plantam essas bombas nas estradas e as detonam quando a gente passa. O som é inesquecível...

Os prisioneiros que temos vão desde roubo até assassinato de soldado dos Estados Unidos. Até a Cruz Vermelha chegar tínhamos prisioneiros que a IM fazia usar calcinhas na tentativa de fazê-los falar. Era bem engraçado, mas eles dizem que é "cruel". Eu não acho. Nenhum dano físico era causado. Até tivemos por aqui a guarda pessoal dos filhos de Saddam. Nossa, eles não fizeram o trabalho deles direito. É ruim trabalhar com prisioneiros porque todos eles fizeram algo errado. Nós temos gente aqui com erupções pelo corpo, e quem quer que esteja na cela com eles começa a pegar aquilo também... Falei cedo demais, são três da manhã e estão tentando apagar um fogo lá fora. Esse lugar nunca vai ser calmo! Temos pessoas aqui com tuberculose! Isso é ruim porque a gente pode pegar também. Alguns têm doenças venéreas. Tudo o que você imaginar. É pura sujeira!

A comida é *horrível*. Eu vivo de miojo, essas são as minhas refeições. As refeições que eles servem são como comida de cachorro em caixas. Se eu voltar para casa, Deus, como eu vou comer!

Na noite seguinte, Harman estava de volta ao bloco da IM e escreveu novamente:

20 de outubro, 03 – 24h29

Kelly,

As luzes se apagaram na prisão, então aqui estamos na escuridão — na prisão. Eu estou na guarda dos rapazes de dezoito anos pra baixo. Eu escuto: "Senhorita, senhorita!". Vou lá embaixo e jogo a luz da lanterna sobre um menino de dezesseis anos, sentado, tentando esmagar formigas com a sandália dele. Mas essas são formigas iraquianas, GRANDES! Tão grandes que conseguiriam carregar um cachorro e ainda te mostrar o dedo! GRANDES. E esse pobre garoto está sendo atacado por centenas delas. Todas as formigas na prisão resolveram vir para a cela desse garoto e decidiram tomar conta de tudo. Tudo o que pude fazer foi borrifar Lysol. As formigas riram na minha cara e continuaram o que estavam fazendo. E lá estávamos, eu e o menino, um de cada lado da cela, no escuro, com uma pequena lanterna, tentando matar formigas com os nossos sapatos. [...] Pobre garoto. Até eu fico apavorada com essas formigas.

Assim foi o começo do meu plantão. Eles estavam tirando a roupa dos prisioneiros "fodidos" e algemando-os nas barras. É muito triste. Tenho que rir na cara deles e jogar milho neles. Eu me sinto mal por eles, mesmo que eles tenham sido acusados de matar soldados dos EUA. Nós os humilhamos, mas não batemos neles, o que já é lucro, embora eu tenha certeza que preferiam que os matássemos. Eles dormem por uma hora e então nós gritamos e os acordamos — fazemos com que fiquem acordados por uma hora, então dormem por mais uma hora — e daí acordam etc. Isso continua por 72 horas enquanto fodemos com eles. Muitos ficam tão apavorados que se mijam todos. É triste. É um pouco pior que treinamento básico, isto é: ficar nu e algemado...

Mas tiramos fotografias, você tem de vê-las! Um saco foi posto na cabeça deles, ensopado de molho picante. Concordo, isso é errado, mas esses homens têm informações, estamos tentando fazê-los falar, só isso, não fazemos isso com todos os prisioneiros, só com os poucos que temos, uns trinta ou quarenta, não muitos.

Na outra madrugada, mais ou menos às três horas, quando escrevi para você sobre o incêndio... três mortos, seis feridos — iraquianos.

... Está na hora de acordá-los de novo!!!

E mais tarde, naquele mesmo dia, durante seu plantão noturno, Harman escreveu:

20 de outubro, 03
22h40

Kelly,

Bom, não gosto mais disso. No começo era engraçado, mas esta gente está indo longe demais. Terminei sua carta na noite passada porque estava na hora de acordar os prisioneiros da IM e "encher a paciência deles", mas aquilo foi longe demais, nem eu mesma consigo agüentar o que está acontecendo. Não consigo tirar isso da cabeça. Eu desci as escadas depois de tocar um apito e bater nas celas com um cassetete e aí encontrei o "Motorista de Táxi" algemado de costas para a janela, nu e com a cueca cobrindo a cabeça e o rosto. Ele parecia Jesus Cristo. Primeiro tive que rir, então peguei a câmera e tirei uma fotografia. Um dos soldados pegou o meu cassetete e começou a "cutucar" o pinto dele. De novo, pensei, é engraçado, mas então caiu a ficha, isso é uma forma de agressão. Não se pode fazer isso. Tirei mais fotos, agora para "documentar" o que está acontecendo. Eles começaram a falar com esse homem e no princípio ele estava falando "eu sou só um motorista de táxi, eu não fiz nada". Ele diz que nunca tentou machucar um soldado dos Estados Unidos, que apenas fez uma corrida com as pessoas erradas. E daí ele parou de falar. Eles apagaram a luz e fecharam a porta e o deixaram lá enquanto iam até a cela número 4. Esse homem está tão mal que quando eles agarram o pé dele pelas barras da cela, ele começa a gritar e a chorar. Depois de rezar para Alá ele fica resmungando uns ah, ah, curtos, em intervalos de poucos

segundos, durante a noite toda. Não sei o que eles fizeram com esse homem. O primeiro ficou algemado por uma hora e meia a duas horas até que começou a gritar por Alá. Então eles voltaram e o algemaram no beliche de cima dos dois lados da cama para ele ficar de pé, do lado da cama. Ele ficou ali por mais de uma hora e depois começou a gritar novamente por Alá. Não é todo mundo que sabe que essa merda está acontecendo. A única razão pela qual quero estar ali é para poder tirar fotos e provar que os Estados Unidos não são o que pensam. Mas não sei se eu seguro essa barra mentalmente. E se fosse eu no lugar deles? Essas pessoas vão ser os nossos futuros terroristas. Kelly, isso é horrível e você sabe como isso está fazendo mal para a minha cabeça. Os dois lados de mim mesma acham que isso é errado. Eu pensava que podia agüentar qualquer coisa. Estava errada.

Sabrina

Ninguém chamava Sabrina Harman de Madre Teresa na segurança máxima de Abu Ghraib. Mas mesmo no bloco da IM ela manteve sua reputação de espírito jovial da unidade — obviamente não uma líder, e também nunca uma discípula; era mais como uma liderada, o soldado que nunca deveria ter sido soldado. A primeira palavra que vinha à mente de Graner quando ele pensava em Harman era "inocente". Certamente, essa era também a idéia que ela tinha de si própria, mesmo quando mergulhava na corrupção das Alas 1A e 1B. Então, em suas cartas dessas primeiras noites, enquanto descrevia sua reação à degradação dos prisioneiros e o seu papel em tudo aquilo — oscilando entre a gozação infantil e a afetação casual, a solidariedade e a crueldade, a excitação e a autojustificativa, o autoquestionamento e a indignação, a identificação e o desespero —, ela conseguiu gradualmente se subtrair das cenas que narrava. No final dos seus desabafos, ela havia se reposicionado como uma pessoa de fora, uma estranha em Abu Ghraib, uma observadora e uma repórter, sacudindo a cabeça, e assim se sentia limpa diante de sua esposa. Dessa forma, ela preservava uma sensação de inocência.

Harman disse que ela queria estar ali para tirar fotos, e ela imaginava a si própria produzindo uma exposição — para "provar que os Estados Unidos

não são o que eles imaginam". A idéia era abstrata, e ela tinha somente uma vaga noção de como visualizar aquilo tudo, ou quais poderiam ser as conseqüências daquilo tudo. Disse que pretendia dar as fotografias para a CNN depois que voltasse do Iraque e saísse do Exército. Mas não queria ser uma aspirante a dedo-duro em banho-maria; o que desejava era se livrar do fardo da cumplicidade com condutas que considerava erradas e com o seu acobertamento, sem atribuir culpa nem causar problemas a ninguém em particular. E no princípio — durante suas primeiras semanas na segurança máxima — ela não incluía seus companheiros soldados nas fotografias. Nessas imagens, os soldados são as mãos invisíveis na provação dos prisioneiros; como nas fotografias de cenas de crimes, que mostram apenas as vítimas, diante das quais ficamos a nos perguntar: quem fez isso?

"Eu não estava tentando expor indivíduos específicos", disse Harman. "Estava tentando expor o que estava sendo permitido" — aquela frase novamente —, "o que os militares estavam permitindo acontecer com outras pessoas." Em outras palavras, queria expor uma política, e ao assumir o papel de jornalista ela havia encontrado uma forma de passar o seu tempo em Abu Ghraib sem ver a si própria como instrumento daquela política. Mas ser uma testemunha do trabalho sujo executado na Ala 1A não era meramente uma escolha. Era o seu papel. Sendo mulher, não se esperava dela que se engalfinhasse com os prisioneiros para colocá-los em posições estressantes ou para contê-los de qualquer outro modo, mas ampliar nos prisioneiros a sensação de impotência apenas por sua presença. Ela estava ali como um instrumento de humilhação. "Houve vezes", disse Graner, "em que eu estava 'treinando' um prisioneiro, e ele estava semidespido ou nu, e eu fazia com que ela estivesse comigo ou por perto somente para que eles soubessem que havia uma mulher por perto, e que ela estava assistindo aquela cena."

Os PEs sabiam muito pouco sobre seus prisioneiros ou sobre a cultura à qual eles pertenciam, e o entendimento era ainda menor. Porém, antes da

distribuição das tropas no Forte Lee, uma sessão de "conscientização cultural" foi oferecida como parte do treinamento, de onde eles tiraram a idéia — constantemente reforçada pelas operações da IM — de que os homens árabes eram sexualmente puritanos, com uma aversão especial por serem vistos nus em público, em especial por mulheres. Que maneira de dobrar um árabe, então, poderia ser melhor do que despi-lo, amarrá-lo e ter uma "espectadora feminina", como Graner a definiu, rindo dele? Mulheres americanas eram usadas nos blocos da IM da mesma maneira que David DiNenna havia falado a respeito dos cães — como "multiplicadores de força". Harman compreendeu. Ela mesma não gostava de ficar nua em público. Para os prisioneiros, serem fotografados pode ter sido uma pitada adicional de mortificação, mas para Harman, tirar fotografias era uma maneira de neutralizar a sua própria humilhação na transação — assumindo o controle de sua posição como espectadora.

Suas cartas para Kelly funcionavam da mesma forma. "Talvez escrever para casa funcionasse como um alívio, para me ajudar a esquecer o que estava acontecendo", ela contou. Então, momentos depois, disse: "Coloquei no papel tudo o que estava pensando. Esta é a única maneira pela qual consigo me lembrar das coisas, através de cartas e fotos". As afirmações parecem contraditórias, mas Harman parecia conceber a memória como um instrumento de armazenamento externo. Ao colocar suas impressões em um documento ela podia livrar a mente da presença delas e transformar a realidade em um artefato. Pelo menos ela diz que foi assim que vivenciou aquilo que fez e viu ser feito aos prisioneiros na Ala 1A: "Parecia o tipo de coisa que acontecia só na televisão, não algo que você realmente achasse que estava acontecendo. É como se fosse uma coisa que você assiste, mas que não é real".

Real ou irreal, participante ou espectadora, degradante ou degradada, superestimulada ou anestesiada — Harman pode não ter tido a intenção de causar nenhum mal, mas parecia interpretar aquilo no contexto das circunstâncias malignas do bloco da IM, no qual ela própria mal chegava a ser benigna. Incapaz ou sem vontade de reconciliar suas ações e reações mais perturbadoras e mais simpáticas, buscou o equilíbrio na ambigüidade. Quando escreveu sobre "os dois lados de mim mesma", disse, "referia-se ao militar e ao civil — o lado duro e o não duro. Você luta para ver qual dos dois é o mais forte. Você é treinado para ser duro. Eu tinha acabado de sair do treinamento básico, e você é treinado para cumprir ordens e não se deixar afetar pelas coisas. Você deve deixar todas as emoções de lado, pois isso é uma guerra. Acho que isso é quase impossível. Mexe com as suas emoções".

Megan Ambuhl, que era a melhor amiga e companheira de quarto de Harman em Abu Ghraib, concordava que era impossível escapar da emoção. Mas a emoção de Ambuhl alimentava sua dureza, e ela disse que não teve nenhum conflito por causa das práticas brutais da Ala 1A: "Não quando você leva em conta que ouvíamos que isso ajudava a salvar vidas, e víamos soldados vindo do lado de fora das cercas com partes do corpo faltando, e eles precisam saber quem estava fazendo aquilo para poder parar com aquilo — e eles eram os seus companheiros de batalha". Ambuhl via Harman como uma irmã mais jovem, necessitando proteção. "Ela era muito ingênua, mas maravilhosa", ela disse, "uma boa pessoa, porém nem sempre consciente da situação." Harman, por sua vez, chamava Ambuhl de "mamãe" e aceitava o veredicto de ingenuidade com iguais medidas de conforto e pesar.

O problema de Harman era que queria ser dura e boa ao mesmo tempo, e, segundo ela, "eu não deveria ter ido para lá. Quero dizer, não fiz o que deveria fazer. Eu não conseguiria bater em ninguém. Não tenho estômago para isso, de jeito nenhum. Não gosto de ver gente apanhando. Eu me sinto mal. Sei que é meio estranho que eu possa ver gente morta, mas não gosto

de violência de verdade. Eu não gostava de tirar o cobertor deles quando estava muito frio. Porque se estou congelando e estou usando casaco, touca e luvas, e esses homens não estão vestindo nada, e não têm um colchão, um cobertor, isso é duro de ver e de fazer com alguém — mesmo que seja com um terrorista". Na verdade, ela disse, "eu não os via como prisioneiros. Eu os via apenas como pessoas que estavam praticamente na mesma situação que eu, sem ter como sair de Abu Ghraib. Eu disse a eles que nós éramos prisioneiros também. E que nós sabíamos como eles se sentiam".

Era mais fácil ser bondosa com as mulheres e com as crianças na Ala 1B. Mas Harman declarou que "era meio triste que eles tivessem de estar ali". O mais jovem prisioneiro na ala tinha somente dez anos de idade — "um menino pequeno", ela disse, "ele podia passar no meio das grades de tão pequeno". Esse menino não era suspeito de ser criminoso ou terrorista, mas, como a maior parte das outras crianças e mulheres que estavam ali, ele era mantido como instrumento no esforço dos militares de capturar ou dobrar o pai dele. "Se não podemos pegar o líder insurgente, pegamos o filho dele", disse Javal Davis. "'OK, Akbar, eu estou com o seu filho — seu filho está na prisão, coopere conosco e deixamos seu filho ir.' Chamo a isso de seqüestro, mas foi exatamente o que fizemos."

Megan Ambuhl referiu-se a esses meninos como "reféns" e contou a história de um prisioneiro na Ala 1A — um dos ex-generais de Saddam — cujo filho estava sendo mantido em um dos campos de barracas: "Eles trouxeram o filho dele aqui para dentro e o ameaçaram dizendo que não falasse nada, só ficasse de pé ali. Então eles tiraram o general da cela dele com um capuz na cabeça e o levaram até onde o filho dele estava. Eles tiraram o capuz para que ele pudesse ver que o filho dele estava lá, e puseram de novo o capuz e o levaram de volta, e iam usar o fato de que tinham o filho dele e que ele sabia disso". Ambuhl acreditava que essa prática era uma das maneiras mais eficientes de fazer os prisioneiros falarem. "A

imaginação deles sobre o que você poderia fazer com a criança", ela disse, "será um fator muito motivador para qualquer pessoa."

De qualquer forma, Harman gostava de estar com as crianças. Ela as deixava sair para correr em volta da prisão em grupos, jogando bola, ou as convocava para ajudar a varrer o chão ou distribuir refeições — privilégios especiais reservados apenas aos prisioneiros mais favorecidos do bloco da IM. Ela nunca teve nenhum problema com os garotos. "Eles eram divertidos", ela disse. "Faziam com que o tempo passasse mais depressa." Claro, ela não gostava de ver crianças em uma prisão "por nenhum motivo, só porque o pai era quem era", mas preferia não pensar no assunto. De que adiantaria? "Você não pode ficar muito sensível senão enlouquece, então é melhor tirar da cabeça", declarou. "Você só pode fazer a estada deles um pouquinho mais aceitável, acho. Você dá a eles todos os doces que vêm nas refeições prontas, e assim melhora um pouco o tempo que eles passam aqui. Mas há somente o máximo que você pode fazer ou sentir a respeito."

Na Ala 1A, em vez de doces, Harman costumava passar escondidos uns cigarros ou doses de Tylenol ou ibuprofeno aos prisioneiros que estavam sofrendo mais. Era apenas um pequeno consolo, mas esses gestos a confortavam também, e ela se alegrava com o fato de os prisioneiros, algumas vezes, a buscarem em seu socorro. Uma noite, no final de sua primeira semana na segurança máxima, Harman estava passando pela Ala 1A quando um prisioneiro que estava algemado às barras da sua cela com as mãos para cima da cabeça chamou por ela. O sargento Joyner, que havia prendido o homem daquela forma no final de seu plantão, como punição pelo preso ter falado, deixou instruções com o sargento Stephen Hubbard, que estava substituindo Graner na ala naquela noite, para soltá-lo após vinte minutos. Joyner até mesmo escreveu essas instruções no caderno de registros, mas Hubbard ignorou-as. Seis horas já tinham se passado. O prisioneiro estava com dores. "As mãos dele estavam muito frias e pegajosas", disse Harman. "Perguntei a Hubbard por que o homem ainda estava daquele

jeito. E ele apenas respondeu: 'Se isso te incomoda, vai lá e solta o homem'. Foi o que fiz." Harman denunciou Hubbard a Joyner, e Joyner levou o caso a Frederick, que retirou Hubbard da ala.

Mas Harman viu ou se envolveu em cenas tão ruins como aquela sem fazer reclamações. Ela geralmente perdoava seus companheiros tanto quanto a si própria. Quando a dureza lhe faltava e a delicadeza não era possível, ela se refugiava na negação. "Essa é a única forma de passar cada dia: dar um jeito de bloquear as coisas", disse. "Você simplesmente esquece o que aconteceu. Vai para a cama e de manhã tem um novo dia para se preocupar. É um dia mais próximo do dia de voltar para casa. E quando aquele dia termina você o bloqueia também." Ao mesmo tempo, ela se culpava por não conseguir ser um soldado mais entusiasmado quando prisioneiros estavam sendo "trabalhados" na Ala 1A. Ela via outros PEs se entregarem a esse trabalho aparentemente sem inibição, e tudo o que ela podia dizer era que "eles são mais patrióticos".

10.

Além da qualificação por posto e graduação, todo o pessoal do Exército é classificado de acordo com algo chamado de Estrutura Ocupacional Militar [EOM], um código alfanumérico que indica seus níveis de treinamento, qualificação e liberação para tarefas específicas. O código EOM do cabo Charles Graner era 71L, uma graduação baixa, que significava que ele não possuía a autorização básica de segurança para usar uma braçadeira da PE nem para servir como policial em custódia de prisioneiros. O Exército anda ou tropeça de acordo com essas tecnicidades de doutrina e protocolo, e um EOM 71L não deveria ter tido permissão nem mesmo de visitar o bloco da IM. Mas ninguém deu importância quando o sargento Frederick colocou o cabo Graner na chefia do plantão noturno nas Alas 1A e 1B.

Claro que ninguém usava braçadeiras ou qualquer tipo de insígnias no bloco da IM. Uniformes estéreis eram o estilo básico, despidos de qualquer identificação. No entendimento de Graner, o anonimato era uma medida de segurança: se você está lidando com terroristas, não quer que eles saibam quem você é. "Poderia haver repercussões nos Estados Unidos", disse. Mas ele não agüentava o hábito dos iraquianos de ficar chamando "Mister, Mister" — insistentemente, como se eles fossem os policiais, ou em tons suplicantes, tal qual mendigos na rua. "Se quer a minha atenção, me chame de 'Sir'", disse. Ele havia aprendido árabe o suficiente para ter seus desejos compreendidos, e vários prisioneiros nas Alas 1A e 1B também falavam um pouco de inglês. Ainda assim, para ter certeza de que não havia nenhum

mal-entendido, Graner substituiu o crachá regular com seu nome por uma insígnia em árabe onde se lia "Sir".

"A minha primeira impressão de Graner foi que ele era um homem arrogante, barulhento, um tipo de pessoa detestável", disse o sargento Frederick. Isso foi ainda no Forte Lee, na Virgínia. Recém-chegado à unidade, Graner era um ex-fuzileiro naval, veterano da Operação Tempestade no Deserto,[a] agora um agente penitenciário na Pensilvânia, um homem adulto, com mais brilho nos olhos do que a maioria dos jovens da companhia. Ele fazia questão de ser notado, contando vantagens sobre suas experiências com as mulheres, de atitudes exacerbadas, um soldado apaixonadamente entusiasmado e ao mesmo tempo um gozador (gostava de contar sobre a vez em que dopou um guarda da prisão novato ao colocar uma substância no café dele); chegou com uma leve fama de menino mau, não de desajustado, mas de pessoa de atitude independente, sempre pronto para dar uma cutucada na ostentação e na hipocrisia, e que não dava a menor importância para quem o estava ouvindo.

Muito menos dava importância a brilhos e aparências, ou à oficial assexualidade no Exército: Graner gostava de manter um pouco de cabelo na cabeça e uns pêlos arrepiados no bigode, e em pouco tempo já tinha uma namorada na unidade, a soldado raso de primeira classe Lynndie England. Graner deixava claro que só acatava a autoridade nos seus próprios termos: quando ela ganhasse o seu respeito. Frederick, que amava um uniforme impecavelmente engomado e vincado, disse: "A melhor explicação que posso dar é que ele conhecia as regras, mas sempre procurava um jeito de contorná-las para explicar por que fez ou não fez alguma coisa".

A primeira impressão de Frederick a respeito de Graner nunca mudou por completo, mas em Al Hillah os dois se tornaram amigos. Eles saíram da fábrica de tâmaras — "Era horrivelmente quente naquele lugar, e os pássaros faziam cocô na sua cabeça", disse Frederick — e se instalaram numa barraca na rampa de carregamento de um prédio próximo, onde puseram uma

televisão, um DVD-player e um sistema de som ambiente. Frederick tinha a patente mais alta, mas era relativamente menos assertivo, mais do tipo maria-vai-com-as-outras, que se dá bem com todos, do que um líder natural, e ele sentia a excitação da rebeldia de Graner. Contou a história de certa noite em Al Hillah, quando acabou a energia e os soldados tiveram que tentar encontrar o seu caminho com lâmpadas fosforescentes, e Graner declarou que aquela seria a Terça-Feira Pelada Fosforescente.

"Ele abaixou as calças, quebrou a lâmpada fosforescente, despejou o líquido dentro das cuecas, no pênis e em todo o resto, e ficou desfilando por ali", disse Frederick. Ninguém chegou a ir tão longe, mas a idéia pegou. "Nós passamos a usar o líquido da luz fosforescente para pôr marcas nas pessoas e vê-las brilhar — como caras sorridentes, caveiras, coisas assim", disse Frederick. Até o primeiro-sargento Brian Lipinski, que pegou no pé de Graner por causa de seu relacionamento com Lynndie England, estava lá, e Frederick disse: "Praticamente todo mundo estava lá, rindo e tentando relaxar". Assim era o Graner: bolas para fora, assumindo a liderança.

Nem tudo eram flores em Al Hillah. Quando estavam do lado de fora, executando patrulhas de segurança, com a tensão nas alturas, alguns dos PEs faziam as próprias leis para impor sua autoridade aos iraquianos. O sargento Jeffery Frost contou que uma vez alguns homens da unidade levaram uma fechada no trânsito e arrancaram o motorista de dentro da sua caminhonete, jogando-o no chão antes de prosseguirem seu caminho. E houve outra vez, durante uma discussão em um posto de gasolina, segundo Frost, em que Javal Davis deu um soco em um iraquiano idoso. "Mas se a gente procurasse os nossos superiores e dissesse: 'Olha, está acontecendo isso e aquilo', nenhuma providência seria tomada." Em julho, o sargento-especialista Jeremy Sivits escreveu uma carta para seu pai, um veterano de três turnos no Vietnã, e perguntou o que deveria fazer quando um sargento

sênior que ele admirava reagisse de forma exageradamente brutal. Durante uma patrulha noturna, Sivits viu um sargento, cujo nome não foi revelado, confrontar um policial iraquiano e "arremetê-lo violentamente" contra uma caminhonete. Sivits não sabia contra qual dos dois ele deveria atirar. "Vou dizer uma coisa para você", ele escreveu, "esta guerra faz com que o demônio tome conta da sua mente." O sargento Frederick sabia disso muito bem. Ele contou ter participado de uma batida em que um grupo de iraquianos foi apreendido e colocado em fila, de joelhos, com as mãos na cabeça e a testa encostada na parede. Um dos prisioneiros não parava de falar. O capitão Brinson foi conversar com ele e, de repente, o sargento-especialista Matthew Smith deu-lhe um golpe na cabeça. O barulho foi alto "e tão forte que me chocou", disse Frederick. Ele ficou surpreso que ninguém tirasse Smith dali ou nem sequer protestasse.

Nenhum desses incidentes envolveu Graner, que parecia mais interessado em sexo do que em violência, e Frederick disse que o convocou para o bloco da IM por causa de sua experiência como guarda de prisão. Graner descobriu, porém, que seu treinamento civil não tinha muita utilidade em Abu Ghraib. "Eu vim para cá com uma mentalidade de agente penitenciário que cuida, custodia e controla, e eu pretendia trabalhar o mínimo possível e receber o meu pagamento porque isso é o que os agentes penitenciários fazem", disse. "E isso durou apenas um dia, até eu encontrar o Steve Grandão." Steve Grandão era o interrogador contratado da CACI, que Javal Davis identificou como um dos seus primeiros tutores da IM na Ala 1A. Seu nome verdadeiro era Steven Stefanowicz, um ex-oficial de baixa patente da Marinha que nunca havia conduzido um interrogatório antes de chegar a Abu Ghraib, em outubro, recebendo um salário de seis dígitos. [b] Mas sua altura impressionante inspirava uma aura de autoridade. "Ele passava a impressão de estar no comando", disse Graner. "Era daquele tipo que entra na sala e já controla o ambiente." Então, quando Steve Grandão disse a ele para dançar conforme a música, Graner não ignorou seu conselho.

Steve Grandão queria ver o Motorista de Táxi e alguns outros prisioneiros — Sorridente e Porquinho — quebrados, e explicou o que ele queria dizer com isso: gritaria, nudez e brutalidade. Ele lembrou a Graner da popular série de televisão *24 Horas*, cujo herói pós-11 de setembro era sempre perdoado por todos os crimes que cometesse, inclusive tortura, em nome da causa maior, que era salvar os Estados Unidos do terrorismo. Ele disse ter respondido a Steve Grandão: "A gente não faz esse tipo de coisa; isso é coisa de televisão", e Steve Grandão contou a ele que o Motorista de Táxi estava envolvido no atentado que explodiu a sede da ONU em Bagdá em meados de agosto, em que morreram o enviado da ONU, Sergio Vieira de Mello e outras 21 pessoas. "Isso me tocou lá no fundo", falou. Mesmo assim, Graner disse que checou com o vice-comandante da companhia, capitão Brinson, se deveria seguir as ordens de Steve Grandão, e, segundo afirmou, o capitão Brinson o lembrou de que estavam ali para trabalhar para a IM: "Na Ala 1A, nossa missão é dar apoio à IM".

Graner afirmou que o tenente-coronel Jordan e o oficial técnico Ed Rivas — "os figurões da IM envolvidos nos blocos" — também lhe disseram a mesma coisa: "Seja lá o que você esteja fazendo, está certo". Jordan estava na Ala 1A "praticamente todo dia", e Rivas também aparecia regularmente, então ambos viam "tudo o que estava acontecendo", disse Graner, e "tudo parecia ir bem". Graner falou que estava sempre perguntando o que era permitido, e Rivas o instruiu a seguir as recomendações do sargento James Beachner, o interrogador da IM que Javal Davis conhecia apenas como "o homem de Gitmo". Graner conferiu a Beachner o crédito por tê-lo ensinado como utilizar posições estressantes, como usar as mulheres para humilhar os árabes, como causar dor sem ferir e como espancá-los devidamente. Ele disse que Beachner afirmou que "as luvas de pelica já estão sendo retiradas", o que significava que não deveria "ter medo de usar força com os

prisioneiros. Eles não esperam que você vá usar de força ao lidar com eles porque somos americanos, e nós tratamos todo mundo muito bem".

Graner aprendia rápido. Durante um dos seus primeiros plantões na ala, um prisioneiro da IM foi trazido de Campo Vigilante. Os homens que o trouxeram ficaram de voltar na manhã seguinte para interrogá-lo, então Graner nem se deu o trabalho de colocá-lo em uma cela. "Nós o mantivemos do lado de fora e o 'treinamos' durante a noite toda", disse Graner. E por "treinar" ele queria dizer tudo, desde fazê-lo dobrar profundamente os joelhos até forçá-lo a engatinhar nu pela área inteira da ala. Caixas de papelão de comida pronta estavam sempre à mão: um prisioneiro podia ser colocado em cima de uma delas até cair, ou segurar uma delas com os braços esticados para a frente até não agüentar mais o peso. E, qualquer que fosse a manobra, eles deveriam sempre gritar com os presos. Em uma sessão completa de "treinamento", os prisioneiros poderiam ser empurrados e esbofeteados. Graner esgotou o prisioneiro do Vigilante e, disse, "supostamente a IM conseguiu extrair dele bons resultados". Depois disso, tudo virou rotina: para todos os novos prisioneiros na ala a primeira noite era a "noite no inferno". A idéia foi de Graner e ele acabou por se arrepender dela. "Você gasta bastante energia gritando com as pessoas, e isso perde o efeito muito rápido", disse, e acrescentou: "No final, ficamos todos sem voz".

Ainda assim, ele estava sempre pensando em novas maneiras de manter os prisioneiros na corda bamba. Uma das primeiras coisas que Frederick se lembrava de ter visto Graner fazer na segurança máxima foi conduzir um prisioneiro encapuzado e algemado na direção de uma grande estaca que se projetava do chão. Frederick percebeu que a colisão era iminente e avisou Graner para tomar cuidado, mas ele continuou indo em frente, na direção da estaca. "Não é que tenha empurrado o prisioneiro", disse Frederick, "ele

só deixou que ele fosse direto na estaca. O homem bateu um lado do esterno, mas não o rosto. Depois disso, Graner ainda gritou com o prisioneiro por ter batido na estaca."

Frederick deixou barato. A única vez que ele se recorda de ter pedido a Graner que se acalmasse foi depois de uma fuga de um dos blocos de celas para criminosos iraquianos. Dois prisioneiros haviam saído pela janela da sua cela na Ala 3A. Frederick estava de pé no corredor com os dois companheiros de cela dos fugitivos quando Graner apareceu. "Ele agarrou um dos prisioneiros e o atingiu no rosto com o cotovelo, em um golpe forte e rápido, usando mais o antebraço", disse Frederick. "O prisioneiro não reagiu. Quando Graner ia fazer o mesmo com o outro preso, gritei com ele para que parasse com aquilo, e ele parou. Aí ele começou a me ajudar a conseguir informações e a procurar pelo prédio. Não disse mais nada para o Graner porque eu estava mais envolvido com a busca de fatos sobre a fuga, e acabei esquecendo o incidente."

Portanto, Frederick podia dar uma ordem e Graner o obedecia, mas quando se tratava do bloco da IM, Frederick entendia que o tenente-coronel Jordan é quem comandava o espetáculo, portanto ali ele não interferia. Ao contrário, disse Frederick, tentava ajudar. Certa noite, ele veio até o bloco enquanto os sargentos-especialistas Luciana Spencer e Armin Cruz, da IM, interrogavam o prisioneiro chamado Sapinho no chuveiro da Ala 1B. "Os dois da IM estavam berrando com o prisioneiro e derrubando mesas por todo lado, e eu me aproximei e perguntei se eles queriam que eu berrasse com ele", Frederick disse. "E Cruz disse que 'sim, vá em frente'. Então comecei a berrar com o prisioneiro." Em seguida, chegou Graner, que ligou o chuveiro e deixou Sapinho todo molhado. Sapinho usava um macacão e tinha a cabeça coberta por um saco. Naquele momento, Frederick e Spencer deixaram o prisioneiro com os PEs; Graner saiu e retornou com um pouco de pimenta.

"Ele levantou o saco que cobria a cabeça do prisioneiro e jogou a pimenta nos olhos dele", disse Frederick, continuando: "O prisioneiro não gritou nem nada. Ele estava sacudindo a cabeça e se movendo para lá e para cá. Tive a impressão que ele estava com os olhos queimando. Então, eu e Graner começamos a bater nele com a mão aberta. Não com força, era mais ou menos como luta livre. Acredito que só batemos nele no peito. Não me lembro de ter batido em nenhum outro lugar". Eles continuaram a bater nele por mais algum tempo. "Acho que deve ter sido por cerca de uns cinco minutos", disse Frederick. Depois, também passou o antebraço em volta da garganta de Sapinho, prendendo assim sua cabeça. "Mas", disse Frederick, "eu não o estava sufocando, ou qualquer outra coisa do gênero."

Graner se recordava da cena de forma um pouco diferente. Segundo ele, Spencer e Cruz reclamaram que não estavam conseguindo tirar nada de Sapinho e pediram aos PEs que "dessem uma dura nele" por uns cinco minutos, quando então eles voltariam, fingiriam que estavam surpresos, expulsariam os PEs dali e retomariam o interrogatório. Ele disse também que havia usado um spray de gás em Sapinho, não pimenta, e que ele e Frederick bateram nele com "cotovelos e joelhos", além de "tapas e de golpes contra a parede e de jogá-lo de um lado para o outro". Ele chamava isso de "abordagem dura de amedrontamento", exceto pelo gás, que foi idéia sua.

Era tudo só "divertimento e brincadeira", disse Graner, até que Sapinho começou a reagir. Daí a coisa ficou "séria". Se um prisioneiro reage, isso significa que o uso da força pode ser chamado de "autodefesa". Você poderia até matar um prisioneiro em autodefesa, mas o uso do spray de gás tornou essa possibilidade desnecessária. E também não foi preciso dizer que, se você espirrasse o gás em alguém só para infernizá-lo, sempre poderia alegar que foi em legítima defesa. Se alguém questionasse, seria a sua palavra contra a de um suspeito de terrorismo. Mas era pouco provável que chegasse a esse ponto. Graner disse que o sargento de primeira classe Shannon Snider, que era o superior imediato de Frederick, apareceu no local quando eles

estavam batendo em Sapinho no chuveiro. O sargento Snider era o PE que chefiava a segurança máxima inteira, dia e noite, e nem Frederick nem Graner se recordam de ele haver demonstrado qualquer interesse no que eles estavam fazendo. "Era apenas uma noite como outra qualquer nas Alas 1A e 1B."

* * *

Por causa de todo o seu zelo no trabalho, Graner disse que não gostava de passar as noites maltratando prisioneiros e que "desde o início" havia pedido para ser designado para uma tarefa diferente. Ele sabia que quatro PEs estavam enfrentando cortes marciais por surrarem e chutarem vários prisioneiros em Campo Bucca durante os primeiros dias da ocupação, em meados de maio. Os acusados, que foram processados por atacar em grupo prisioneiros já rendidos no chão, disseram que se defendiam de agressão. O comandante do seu batalhão, coronel Jerry Pillabaum, era agora o comandante da PE em Abu Ghraib, e ele não era um líder que inspirasse muito os subordinados: assim que Graner começou a trabalhar na segurança máxima, Pillabaum, que andava reclamando de estresse, foi passar duas semanas de licença para descanso e recreação no Kuwait, por ordem da general Karpinski. Os PEs que serviam no bloco da IM souberam apenas vagamente da sua ausência, mas não podiam deixar de sentir que, quando os problemas começavam a acontecer, os soldados que cometiam erros sob o calor da batalha eram mandados para a prisão militar enquanto os figurões de alta patente saíam de férias. Graner sentiu que ele estava caminhando em direção ao "desastre" na Ala 1A. "Mas eles mandavam a gente fazer aquilo", disse, e, toda vez que pedia para ser transferido, a resposta de seus superiores era sempre "Não. Nós ouvimos dizer que você está fazendo um trabalho excelente para a IM. Eles precisam de você aqui. Não podemos removê-lo. Estamos com falta de pessoal".

Não muito depois de começar a trabalhar na ala, disse Graner, o comandante de sua companhia, capitão Reese, o procurou para perguntar se ele estava se divertindo mais do que quando estava em casa. Graner se recorda de ter dito a ele: "Eu não acho isso divertido" e "isso é ilegal". Ele disse que avisou Reese, em pelo menos três ocasiões distintas, que iriam "acabar tendo problemas por causa disso", e que Reese respondeu: "A IM sabe o que está fazendo. Não se preocupe com isso". Ninguém mais parecia preocupado também. "O capitão Brinson vivia trazendo gente aqui e mostrando para todo mundo o que estávamos fazendo", disse Graner. Oficiais da Procuradoria-Geral da Justiça Militar, que integravam o grupo jurídico da prisão, e o pessoal de saúde eram visitantes freqüentes, e eles aceitavam o que viam sem dificuldades, ou sugeriam pequenas modificações no tratamento deste ou daquele prisioneiro. Muitas dessas visitas foram anotadas no caderno de registros. Por exemplo, quando um prisioneiro que estava sendo mantido de pé e algemado às barras da cela começava a ficar com os pés inchados, um oficial de saúde, sargento Reuben Layton, aconselhava os PEs a algemá-lo sentado.

Não havia, porém, nenhum registro no caderno sobre a ocasião em que Graner, ainda em sua primeira semana no bloco, encontrou o prisioneiro chamado Sorridente caído na cela, sem condições de se levantar. Graner queria que Sorridente ficasse de pé, para poder gritar com ele por algum tempo, mas ele não se mexia. Esse era um problema recorrente com Sorridente, "Ele ligava e desligava, como que meio ausente", disse Graner — então ele achou melhor chamar um médico. Layton apareceu, examinou Sorridente e não encontrou nada de errado com ele. Mais tarde, descobriram que ele tinha câncer, mas não sabiam disso naquela época. Chegaram à conclusão de que ele estava se fingindo de doente e, disse Graner, "Layton o agarrou, jogou-o contra a parede, armou o gatilho da pistola, colocou-a na boca dele, e começou a berrar com ele". Ninguém

deveria estar portando uma arma na ala, mas lá estava ela, e isso fez com que Sorridente começasse a se mexer, "bem rapidinho", declarou Graner.

Ele não apresentou queixa contra Layton porque, segundo disse, "não aconteceu nada". Mas Graner nunca apresentou nenhuma queixa sobre nada que tivesse acontecido — pelo menos não exatamente, ou formalmente. Mas ele sempre manteve sua câmera à mão, pois se visse algo "fora do comum" ou "muito diferente", seria bom poder tirar uma fotografia. "Ele era do tipo de pessoa que gosta de tirar fotos", disse Frederick. "Sempre ficava orgulhoso das fotos que tirava." E quando Graner gostava de uma foto, ele gostava de mostrá-la. O sargento-especialista Joseph Darby, um PE da 372ª que trabalhava no escritório de operações da prisão, lembrava-se da primeira vez que viu uma dessas fotos, um dia de outubro, uma ou duas horas antes do amanhecer. "Eu estava sentando em uma pilha de madeiras, em frente ao prédio em que morava, e Graner estava saindo do trabalho na hora em que eu já ia começar", disse Darby. "Ele entra com sua máquina fotográfica, pega uma foto e diz: 'Dá uma olhada nesta aqui, Darb'. E aí eu disse: 'O que você tem aí?'. E ele me mostrou a foto de um prisioneiro acorrentado na cela, nu, com um saco cobrindo a cabeça e com água no chão, o que não me pareceu um abuso, pois o prisioneiro não estava acorrentado em nenhuma posição estranha. Um prisioneiro algemado a uma cela — é uma prática comum. É como estar algemado à porta de um carro."

Darby falou daquela fotografia como se a nudez do prisioneiro fosse invisível para ele. A única coisa que chamou sua atenção como algo incomum foi a poça de água no chão, mas havia uma garrafa de água derramada do lado dele, o que parecia explicar a cena. "Graner olhou para mim e disse: 'O cristão dentro de mim sabe que isso está errado, mas o agente penitenciário dentro de mim não consegue não achar o máximo fazer um homem se mijar todo', e então foi embora. Enquanto ele se afastava, gritei: 'Cara, você está doente da cabeça'. Mas aí chegou a minha carona, e eu fui para o trabalho e nunca mais pensei no assunto." A resposta de Darby

não indica se ele acreditou que Graner estava falando a verdade ou se estava só inventando. Ele disse que não tinha certeza: "Achei que talvez fosse só conversa mole. Não tinha nada de errado com o preso. Era apenas procedimento padrão".

Mais ou menos na mesma época, Graner mostrou várias de suas fotografias de prisioneiros nus, atados e com calcinhas na cabeça, para alguns homens de sua unidade que estavam por ali, na área residencial: um sargento de pessoal, um sargento de primeira classe, um tenente — todos eles seus superiores. Como Darby, eles trabalhavam em outras partes da prisão, portanto o que estavam vendo era novo para eles. Não há nenhum registro oficial da resposta deles, e isso já diz alguma coisa. Para Graner, isso dizia que o que estava fazendo era aceitável. Não significava que estava certo — "Essa coisa toda era errada?", ele disse, "Claro!" —, mas significava que ele não estava mantendo nada em segredo.

a Nome da primeira invasão do Iraque pelos EUA e seus aliados, em 1991, em resposta à ocupação iraquiana do Kuwait.
b Mais de 100 mil dólares por ano.

11.

O quarto da soldado raso de primeira classe Lynndie England em Abu Ghraib era pequeno e, claro, cheirava mal. "Tudo cheirava mal no Iraque", ela disse. "Você chega naquele país e — meu Deus, tudo cheira a óleo e merda, óleo diesel, fumaça e urina. Juro por Deus, você vai dirigindo numa avenida e de repente vê um desses caminhões limpa-fossa que suga o que tem dentro da privada deles, que é um buraco no chão, e despeja tudo no acostamento. Fica tudo lá, empoçado — um nojo." O seu beliche não chegava a ser muito ruim, mas não era um grande refúgio na escuridão fria do deserto: era apenas um lugar para dormir. Na maioria das noites, England preferia não dormir a voltar para lá.

Durante o dia ela era escriturária na administração da prisão. Trabalhava das dez da manhã às dez da noite no processamento de entrada de prisioneiros. Quando eles eram levados a Abu Ghraib, ela dizia a eles onde se sentar e quando mudar de uma cadeira para outra, enquanto outros escriturários anotavam seus dados nos computadores e lhes entregavam seus números de prisioneiros. Em seguida, ela tirava suas impressões digitais, escaneava suas íris, imprimia e laminava seus braceletes de identificação e colocava os braceletes em seus pulsos. Era trabalho de linha de montagem, e havia muito serviço. Havia dias em que centenas de novos capturados iraquianos davam entrada, e England tinha que fazer hora extra. Mas normalmente, se a prisão não estava sob ataque, ela ia para a segurança

máxima para matar o tempo com o cabo Graner e outros PEs do plantão noturno.

Graner e Iraque: para England, as duas experiências eram inseparáveis, às vezes indistinguíveis. No ano anterior, em novembro, a unidade estava em treinamento de fim de semana em Maryland, se preparando para a mobilização, dando tiros e colocando os cadastros em ordem. England estava fazendo o seu trabalho administrativo quando ele se apresentou — o recém-chegado. Ele conseguira sua transferência de outra turma de reservistas, pois queria ir para o Iraque. Entregou sua papelada para England e ela deu entrada em sua inscrição. "Tudo o que sabia é que ele era um ex-fuzileiro naval e que era voluntário. Eu não prestei atenção nele", ela disse. "Mas ele prestou atenção em mim. Quero dizer, não notei, na hora, mas as pessoas ficaram comentando. Ele ficava me seguindo. Por exemplo, eu fumava, ele não. Aí ele começou a fumar, assim poderia se juntar ao pequeno grupo de fumantes, e falar comigo."

England não estava acostumada a esse tipo de atenção. O sargento-especialista Jeremy Sivits se lembrava de outro fim de semana com a unidade, no verão de 2001, na primeira vez que entrou para a ativa; ele estava se aprontando para ir para a Bósnia, e conversava com seu sargento no local dos fumantes. "Tinha alguém ali de pé, de calça jeans, botas, jaqueta Carhartt, um chapéu Kentucky na cabeça e cabelos curtos. E eu disse: 'Quem é essa almofadinha?'. Ela se virou e respondeu: 'Eu não sou uma almofadinha.'" Era Lynndie England. "Ela era aquela típica moça do interior, esforçada, sempre simpática, muito bem educada", disse Sivits. "Uma pessoa tranqüila. Quase todos nós éramos assim. Mas dava para ver pelo olhar dela quando ela via um lugar diferente — e essa moça nunca tinha estado em nenhum outro lugar além de sua cidade natal."

England se alistou quando tinha dezessete anos de idade e passou pelo treinamento básico no verão do seu último ano de colegial. Ela sempre quis ser soldado e servir ao seu país, e o treinamento básico colocou seu desejo à

prova. No treinamento básico quase nada em você conseguia escapar: eles te demoliam e construíam de novo, já como uma nova pessoa, cujas ações e inações tinham conseqüências para todo um sistema. Disciplina significava respeito, e isso valia para os dois lados. Este era o princípio da responsabilidade de comando: cada soldado é responsável por seus companheiros, e eles eram responsáveis pelo outro, e cada oficial é responsável pelo bem-estar e pela boa conduta de seus soldados, e, se eles estão em apuros, você está em apuros. Era simples assim, um interesse coletivo básico: você responde ao seu oficial, assim ele não precisa responder por você, em toda hierarquia e sub-hierarquia, em todo segmento da linha de comando.

England admirava essa ordem de deveres. Ela via sua justiça e sentia sua recompensa, e achou estranho voltar para o colegial como uma PE. "Como, por exemplo, quando o professor saía da sala e os alunos começavam a aprontar e eu ficava com vontade de dizer 'O que você está fazendo? Você vai ferrar com todos nós'. Porque no treinamento básico, se a gente apronta, todo mundo é punido — a gente se ferra junto. Daí eu ficava pensando como todo mundo era imaturo." Ela se orgulhava por se sentir diferente. Além disso, trabalhava à noite em uma avícola, um mundo de penas, sangue, miúdos e um salário podre; e os benefícios de reservista para ajudar nas mensalidades eram a sua única esperança de ir para a faculdade — especialmente depois que foi despedida por ter reclamado que a gerência estava burlando os regulamentos de saúde e segurança. "Eu estava no Exército", ela disse. "Passei por um treinamento básico. Eu era parte de uma unidade. Eu era parte de uma coisa da qual muita gente quer ser parte."

Três anos mais tarde ela ainda parecia jovem demais, baixa e magra, mais parecida com a irmã mais nova de um soldado do que com um soldado. Os outros PEs estavam sempre dizendo: a sua mãe sabe que você não está na escola? A sua mãe sabe que você está fora de casa a esta hora? Ela não se importava. A brincadeira era a maneira normal de os soldados mostrarem

afeição — então, vários fins de semana de treinamento se passaram até ela se dar conta de que Graner não estava apenas brincando. "Era um jogo", ela disse. "Ele jogou comigo." Num fim de semana na caserna, ela estava sozinha no seu quarto e de repente ouviu música sertaneja em alto volume. Ela amava esse tipo de música, então foi seguindo o som, que a levou direto a Graner. "Tempos depois, ele me disse: 'Você é que veio para mim'. Ele sabia o que estava fazendo. Ele descobriu com outras pessoas o tipo de coisa de que gosto e o que me interessa. Ele nunca se preocupava com ele, sempre tentava fazer as coisas girarem em torno de mim. Por exemplo, ele tinha uma caminhonete, e era manual. Eu não sabia dirigir carro com câmbio, então ele me ensinou, só porque eu estava curiosa. Ele comprou roupas para mim, bebidas, comida. Eu nunca tinha ido à praia, então ele me levou a Virginia Beach."

Graner era divorciado. England era casada. "Era isso que me segurava, que me impedia de ter um relacionamento com ele", ela disse. "Porque eu sou do tipo de pessoa que tem um relacionamento de cada vez." Ela gostava do marido — todo mundo na família dela gostava dele —, mas sentia estresse e falta de entrosamento em casa, tudo isso agravado pela perspectiva da convocação para o Iraque. Ela conversou com Graner sobre essas coisas, e ele a ouviu. Se ela dissesse "Eu não preciso disso", ele dizia "Não, você não precisa". Se ela dissesse "Somos apenas amigos", ele lhe dizia o mesmo. "Nós não somos realmente compatíveis para ser marido e mulher", ele respondia: "Você e eu não somos realmente compatíveis para ser marido e mulher". E ela achou esse eco estável convincente.

"Graner", ela disse, "é realmente charmoso. Se você não o conhece e acabou de encontrá-lo, você sente uma atração por ele. Em uma sala cheia de gente, ele é o homem que vai atrair o seu olhar. Ele chama a sua atenção. Se ele não é o foco da atenção, ele vai até onde o foco está. Isso é o que ele faz. Sabe fazer isso. Se você não está prestando atenção nele, ele começa a fazer comentários sobre você, diz as coisas que você quer ouvir. E eu era o

quê? Uma garota de vinte anos quando o conheci. Ele tinha 34, catorze anos a mais de experiência do que eu. Ele sabia o que dizer, o que fazer, como agir. Eu finalmente não resisti mais e entreguei os pontos no final de fevereiro."

Na última semana de fevereiro de 2003, a 372ª companhia da PE foi ativada e as tropas reunidas no Forte Lee, em Virgínia. Em vez dos encontros ocasionais nos fins de semana, England e Graner estavam agora perto um do outro o tempo inteiro. "Todo mundo tentou me avisar: ele é muito velho para você, ele não é boa pessoa, eu não acho que você deveria se envolver com ele", ela disse. "Mas eu não acreditava nos outros, eu acreditava nele." England entrou com o pedido de separação do marido e disse a ele que queria o divórcio. Ela e Graner falavam de casamento, e de terem um monte de filhos. Num fim de semana, viajaram até a cidade natal dela, Fort Ashby, em West Virginia, para visitar a família dela. Mas seus pais haviam ido para Kentucky, e na ausência deles o marido de England é que estava na casa. Ela achou a situação muito estranha, e Graner quis ir para a casa dele, em Uniontown, Pensilvânia; eles foram até lá para passar a noite, e depois para Kentucky, para ver os parentes dela. Quando chegaram de volta a Forte Lee, haviam viajado cerca de 1600 quilômetros. Foi uma primavera inebriante e movimentada, com a guerra na tevê e eles esperando para partir, apaixonados.

Graner e England não fizeram nenhuma questão de manter o romance em segredo, mas sua consumação fez com que o caso os colocasse fora da lei. Sob o Código Uniforme da Justiça Militar, adultério é crime, sujeito a corte marcial; você pode ser preso por causa disso. E o regulamento diz que você é casado até o divórcio ser oficializado; separação não conta. Soldados solteiros também não podem fazer sexo enquanto estiverem em serviço. "Não era permitido no Exército, ponto final", disse England. Mas passar o

tempo no Forte Lee enquanto aguardavam ordens não era a mesma coisa que treinamento básico. Era mais ou menos como voltar ao colegial. Os soldados formavam casais, ou faziam festas, e ninguém se dava mal. Se você não conseguisse se dar muito bem na qualificação de um treinamento — se perdesse alguns disparos na linha de tiro, ou, sei lá, estivesse um pouco acima do peso para seu tamanho e idade —, o mais provável era que alguém lhe dissesse para tentar melhorar, e não que você fosse reprovado. O Exército precisava de soldados para o Iraque; a maior parte das unidades estava procurando engrossar as fileiras, e ninguém iria prender soldados por bobagens feitas nas vésperas de ir para a guerra. "Era um jogo de gato e rato para nós, então eles não iam pegar a gente", disse England. "Porque não nos disseram que não podíamos ficar juntos daquele jeito. Os superiores, primeiros-sargentos, sargentos de pelotão, eles sabiam o que estava acontecendo. Mas enquanto eles não vissem nada, era como se nada estivesse acontecendo."

O problema era que Graner gostava de ser visto, e também que England fosse vista com ele. Ele estava sempre tirando fotos dela e enviando-as por e-mail aos amigos, ou exibindo-as para as pessoas na unidade. "Ele achava que eu era sexy — e, você entende, ele queria mostrar que estava com uma menina de vinte anos", disse England. "Era coisa de homem." Certa noite, em Virginia Beach, ele tirou fotos enquanto faziam sexo, e fez com que ela posasse para mais fotos, e fez uma pose ao lado de um companheiro deles que dormia — e tirou fotos para mostrar-lhe quando acordasse. "Eu fui contra as fotos de sexo", disse England. "Mesmo assim, ele as fez." Depois disso, escondeu a câmera para que ela não pudesse apagar as imagens. Ela se acostumou com essas coisas. England disse: "Ele tinha poder sobre mim", e acrescentou: "Eu era jovem, e acho que estava cega de amor".

Câmeras digitais significavam que muita gente estava tirando e trocando toda sorte de fotos de tudo. Se você não gostasse, não precisava olhar. E quando eles foram para o Iraque, Graner explicou a England as razões para

documentar seus feitos: assim, quando ele contasse aquelas coisas às pessoas, disse, não queria que duvidassem. Ele serviu na primeira Guerra do Golfo como fuzileiro naval, e, quando voltou para casa com suas histórias, achou que o ouviam com ceticismo. Ele não entrou em detalhes, mas sua questão principal era com a Administração dos Veteranos (AV).[a] Quando ele foi reclamar dos sintomas de estresse pós-traumático, mostraram-lhe o caminho da porta. "Ele tinha pesadelos e dores de cabeça, coisas assim", disse England. Tentou conseguir remédios ou alguma coisa da AV, mas viram seus documentos e que sua unidade não ficava em zona de combate, embora o pelotão sim, e era lá com o pelotão que ele estava. Exigiram provas, não acreditaram nele e não lhe deram a ajuda de que precisava. Desta vez, disse que ia ter prova de tudo que viesse a ver e passar. Ele queria tirar fotos de tudo, pois assim haveria evidência de que aquilo acontecera. Eu achei que fazia sentido. E toda vez que ele queria que eu pegasse a câmera para tirar fotos quando ele não podia, eu tirava."

Eles tiraram muitas fotografias em Al Hillah, mas nada que pudesse interessar à AV, somente "fotos alegres" dos dois e de seus amigos fazendo palhaçadas nas horas de folga; mergulhando na piscina de um dos palácios de Saddam; urinando em um de seus retratos; brincando com um gatinho; posando com suas armas; dormindo na mesa; olhando calendários com imagens de mulheres nuas; mostrando o traseiro para a câmera; bebendo cerveja; indo pescar. Três dessas coisas — bichos de estimação, pornografia e bebida alcoólica — eram proibidas pela Ordem Geral Número Um para todas as tropas americanas no Iraque, mas lá estavam elas. Ninguém parecia se importar. Quando Graner armou sua barraca ao lado da fábrica de tâmaras, England só faltou se mudar para lá também. Oficiais superiores viviam dizendo que eles deveriam acabar rapidamente com o relacionamento, mas eles não o fizeram. Graner deixou ainda mais gente irada quando pintou as palavras "PO Lixo Branco"[b] na traseira de seu Humvee. Além disso, a sargento-especialista Megan Ambuhl estava se

encontrando com um dos companheiros de quarto de Graner, e freqüentava a barraca quase tanto quanto England sem ser incomodada por causa disso. Então, England não achava nada demais, quando chegou a Abu Ghraib, sair depois do toque de recolher para encontrar-se com seu homem. Oficialmente, ela não tinha autorização para pôr o pé no bloco da IM — ela não estava em horário de serviço e aquele não era o seu posto; ela nem era guarda —, mas sob seu ponto de vista, a segurança máxima à noite era o lugar mais natural para estar. Afinal, disse ela, "a única coisa que nos mantinha indo em frente era poder estar com nossos amigos".

O meio do plantão noturno nas Alas 1A e 1B se dava exatamente às dez da noite em Abu Ghraib, horário em que England saía do trabalho. Àquela hora, os prisioneiros já tinham sido contados, alimentados, banhados e colocados na cama, ou amarrados em posições estressantes para passar a noite, e, se tudo estivesse tranqüilo nas alas, ela encontraria Graner e Ambuhl na pequena sala que os PEs haviam montado no andar de cima, entre as duas alas, assistindo filmes no laptop de Graner. Eles assistiam a vários filmes de guerra durante o plantão noturno, e a vários episódios antigos de *M*A*S*H* e *South Park*;[c] e toda vez que não estava passando um DVD, Ambuhl estava no computador jogando paciência. Sabrina Harman costumava brincar que Ambuhl deveria ser processada por negligência no cumprimento do dever por jogar aquele jogo. O primeiro-sargento Shannon Snider, o oficial da PE no comando da segurança máxima, estava lá com freqüência, jogando com ela. A sala não tinha nada de especial — um canto de corredor, com paredes de sacos e madeira compensada —, mas Graner tinha uma cafeteira lá, e Frederick dava uma passada ali regularmente para jogar conversa fora entre um plantão e outro. Era o que mais se aproximava da velha barraca montada na rampa de carga em Al Hillah. Nas horas mais

lentas da noite, England com freqüência se enrolava no canto de alguma cela vazia para tirar uma soneca. Mas se havia trabalho a fazer, ela ia junto.

Na noite de 24 de outubro, quando England chegou à ala, ela encontrou Graner e Ambuhl de saída para tirar o prisioneiro apelidado de Gus do buraco — uma cela de concreto isolada, de portas sólidas e desprovida de janelas, luz, água, banheiro e mobília, reservada para prisioneiros fora de controle, ou a quem os interrogadores prescrevessem um regime restritivo de total desorientação sensorial. Era o primeiro dia de Gus na ala, e ele esteve lá desde que chegara. Graner tinha um prisioneiro da IM que deveria ser colocado no buraco depois de seu costumeiro regime de "treinamento" às 2h30, e ele queria limpá-lo primeiro. Prisioneiros costumavam defecar naquele lugar durante suas estadas lá.

O que se dizia de Gus era que havia sido capturado pelas tropas de ocupação alguns dias antes e foi parar no Campo Ganci, onde agiu de forma descontrolada, gritando insultos e ameaças aos guardas. Ele jogou pedras nos guardas e por isso foi levado à segurança máxima. A mudança não o subjugou. "Ele estava cuspindo, estava nu, e continuava dizendo que odiava os americanos e queria que a gente morresse", disse England. "Ele tentava agarrar a gente por entre as barras, e acho que essa era uma das razões por que foi colocado na solitária." Para retirar um prisioneiro genuinamente perigoso de uma cela, você normalmente precisa de dois a três homens que sabem como agir durante uma briga. Mas Gus estava esquelético e não havia um grupo desses disponível, então Graner pegou uma correia usada para amarrar cargas, colocou sua câmera no bolso, e disse a Ambuhl e England para seguirem atrás dele.

"Eu estava bem atrás dele e Megan estava atrás de mim", disse England. "Nós descemos a escada. Quando abrimos a porta, Gus estava lá, nu. Ele não saía da cela, estava deitado no chão. Não queria se levantar. Foi por isso que Graner levou a correia de prender carga. Ele entrou na cela e colocou a cinta em volta do pescoço de Gus, para fazê-lo sair de quatro. Então Gus começou

a engatinhar. Quando ele já havia saído metade do caminho, Graner virou-se para trás e me pediu para segurar a cinta. Eu fiz o que ele pediu. Quando agarrei a cinta, ele saiu e tirou uma foto. Gus continuou a engatinhar para fora. Na primeira foto, ele estava com metade do corpo para fora, e, nas outras duas, estava de corpo inteiro para fora da cela. São três no total. Ele estava engatinhando e depois estava meio deitado. Dá para ver Megan ao lado, de pé. E eu apareço só segurando a cinta. Você pode ver a parte solta dela. Sei que tem gente que diz que eu estava arrastando Gus, mas não cheguei a fazer isso. Quando Graner terminou de tirar as fotos, ele colocou a câmera no bolso, voltou para a cela, pegou a cinta das minhas mãos, e acho que naquela altura Gus já estava querendo cooperar, então Graner tirou a cinta do pescoço dele e o arrastou até a cela. E este foi o fim do episódio."

Para England, aquele episódio não teve nada de mais. "Naquela época, naquele lugar, essa era a norma", ela disse. Aquelas fotografias foram as primeiras que Graner tinha tirado dela com um prisioneiro, e a única razão pela qual ela segurava aquela correia era para ele tirar as fotos — como "um suvenir", disse ela, "alguma coisa para que ele pudesse dizer que tinha visto isso ou aquilo, tinha feito isso ou aquilo". Clique, clique, clique: a sessão inteira de fotos levou 22 segundos.

A primeira foto é mal iluminada e tirada de um ângulo esquisito, de modo que o chão de concreto do corredor da prisão, todo sujo de saquinhos vazios de plástico e de papéis, parecia inclinado para cima, e somente a parede da direita, pontuada por portas de celas com cortinas de cobertores, é visível. England aparece de pé no canto esquerdo da foto, no meio do corredor. Ela está usando roupas do Exército: uma camiseta marrom metida para dentro de calças largas de camuflagem presas por um cinto e enfiadas dentro de botas para deserto. A postura dela é a que soldados chamam de à vontade, pés afastados, ombros relaxados, a mão direita pendurada

calmamente de lado e a esquerda não muito esticada, segurando a cinta. O ângulo de sua cabeça e seu olhar sem expressão estão alinhados com aquele braço segurando a cinta, criando uma linha descendente diagonal contínua em relação a Gus. Se não fosse pela cinta, ele passaria despercebido à primeira vista: sua cabeça, seus braços e ombros estão muito obscurecidos pelas sombras e parcialmente bloqueados da visão por uma cadeira de plástico branca ao lado da porta de sua cela. Seus cotovelos e antebraços seguram seu peso; um braço está esticado acima de sua cabeça, o outro está enfiado por debaixo do peito. Nas manobras militares, esta posição é chamada de "engatinhar baixo" — puxando com os cotovelos e com os pés, e arrastando pelo chão todo o corpo, do umbigo até o joelho.

Na segunda foto, o enquadramento muda e a perspectiva se equilibra: ambos os lados do corredor estão visíveis, e Megan Ambuhl aparece no lado esquerdo, vestida como England, com as costas na parede e as mãos nos bolsos. A postura de England é a mesma, exceto que agora sua cabeça está mais claramente virada de perfil, com o olhar inexpressivo sobre Gus, que emergia do buraco e rolou pelo seu lado direito, se expondo completamente para a câmera. Dá para notar que ele está de barba, mas seu rosto continua nas sombras. Seu corpo está nu, exceto por um bracelete de identificação que England deve ter colocado nele e que está manchado pela imundície. Gus aparece deitado com o braço direito esticado no concreto e o esquerdo curvado sobre o pescoço, com a mão esquerda segurando o peso da cabeça elevada e dura. Suas pernas estão oblíquas, em uma posição esquisita que lembra um pulo de sapo. Ele parece se contorcer de dor.

A composição da terceira fotografia é a mesma, mas England está se movendo, dando um passo em direção à câmera e olhando direto para ela. O rosto de Gus está finalmente visível, e seus olhos dão uma impressão assustadora, os globos oculares virados para trás, com um reflexo branco do flash. Na cadeira de plástico, na porta da cela, percebe-se agora que um objeto antes não identificável é um megafone, daqueles usados para gritar

com os prisioneiros para mantê-los acordados. Das três fotografias, esta é a mais bem iluminada e a menos posada, e, portanto a mais perturbadora; ela dá a impressão de que England está levando Gus para passear com uma coleira e encontrou-se com Ambuhl no caminho. Mas foi a segunda fotografia, mostrando apenas England e Gus, que vazou primeiro para a imprensa, foi vista em todo o mundo, se tornou da noite para o dia uma das imagens mais reconhecíveis de nosso tempo e fez de England um ícone da desgraça americana: "a moça segurando a coleira".

England compreendeu quão perversa a fotografia parecia na tela da tevê ou no jornal, mas declarou: "Eu não vejo aquilo como a fotografia da infame Guerra do Iraque. Vejo apenas a foto de mim mesma. É só uma foto. A primeira coisa que me vem à mente é que sou eu ali, e, claro, aquilo aconteceu mesmo, quando eu estava no Iraque, e aquela foi uma das fotos que foram tiradas". Mas ela não considera aquilo um registro de seu relacionamento com Gus porque não houve nenhum, mas uma foto de seu relacionamento com Graner. "A fotografia mostra que ele tinha poder sobre mim e que ele queria demonstrar esse poder", ela disse. "Qualquer coisa que ele pedisse, ele sabia que eu faria." Mas ela achava ridícula a idéia de que a fotografia pudesse significar humilhação sexual. "Só porque Gus está nu?", ela disse. "Isso era procedimento operacional padrão." De qualquer forma, ela admite que a atitude de Graner quando enquadrou aquela foto mostrando Gus e ela pode ter sido intencional. "Talvez ele quisesse mostrar a mim — uma mulher pequena e magra — dominando aquele homem", ela disse. "Talvez fosse apenas para documentação, ou para sua própria diversão. Não faço idéia do que passou pela cabeça dele."

a Ministério na administração federal americana encarregado de prover tratamento e benefícios aos veteranos de guerra do país.
b"PO White Trash", expressão pejorativa que designa pessoas brancas pobres que vivem em "trailers" em vez de casas.
c *M*A*S*H* foi uma série humorística de TV famosa nos anos 1970, passada em uma unidade médica de combate americana na Guerra da Coréia; *South Park* é uma série de TV no ar desde 1997, famosa

por fazer pilhéria debochada de celebridades e de assuntos políticos e sociais sérios, inclusive o terrorismo.

12.

Graner disse que quando pegou sua câmera antes de tirar Gus daquele buraco estava pensando no que faria como guarda de prisão quando voltasse para casa. “No sistema penitenciário da Pensilvânia você deve documentar o uso planejado da força, geralmente com videoteipe.” A idéia é que se algo der errado, as imagens contarão a história. Graner disse ter checado as condições de Gus quando assumiu o plantão. “Ele tinha ferimentos no lado do corpo e nas costas, e estava deitado sobre fezes e urina. Gus tentou se levantar, dizendo “Eu vou matar você”. Graner fechou a porta. “Eu realmente não tinha a menor idéia de como tirá-lo de lá.” Ele voltou para o escritório e viu a correia usada para levantar carga. “Eu pensei que se conseguisse pôr o laço em volta dos ombros dele — ele não era um prisioneiro grande —, poderia arrancá-lo de dentro da cela. Esse era o meu plano de ação.” Ele disse que pediu a England e Ambuhl para virem junto e ficarem na retaguarda, porque “geralmente os iraquianos não lutam contra mulheres”. Ele encontrou Gus do mesmo jeito e passou a correia em volta dos ombros dele. Quando Gus começou a erguer-se, Graner deu um puxão na correia. “E a correia acabou em volta do pescoço dele, e ele começou a engatinhar para fora”, disse. O plano não tinha sido esse, então ele passou a correia para England e tirou as fotos.

Graner disse que England não sabia que ele iria lhe passar a correia até o fazer e que a teria dado para Ambuhl se fosse ela quem estivesse mais próxima naquele momento. Talvez. Mas as fotografias de Gus laçado pela

cinta são as únicas de Abu Ghraib nas quais Ambuhl aparece na mesma imagem com um prisioneiro. "Ela só estava no caminho por acaso", disse England. "Ela não gostava de aparecer em fotografias." Ambuhl falou que não gostava das fotos de England e Gus, ponto final. "Ela dá a impressão de que só estávamos brincando com um detento, para nosso próprio prazer", declarou. "E não era esse o caso. Tratava-se de um prisioneiro que não cooperava e precisava ser retirado da cela — um homem com feridas, essas coisas. Não dava para tocar nele. Você o põe para fora, e pode ter sido de um jeito não ortodoxo, mas não machucou ninguém; ele não se feriu."

Ambuhl disse que foi em consideração a seus sentimentos que Graner a cortou da famigerada foto quando ele a mostrou ao pessoal de saúde na prisão pouco depois de tirá-la. "Eles queriam ter uma cópia da foto", disse Ambuhl, "e ele não sabia se eu me importaria de aparecer nela." Mas, segundo ela, o que mais a interessou na conversa de Graner com os médicos foi a reação deles à foto. Ela disse que os médicos aprovaram a maneira com que Graner lidou com Gus, dadas as circunstâncias.

É verdade que o major David Auch, o médico que comandou a unidade médica de Abu Ghraib no outono de 2003, disse tempos depois aos autores de um artigo no *New England Journal of Medicine*[a] que havia autorizado pessoalmente o uso da correia em Gus antes de as fotografias terem sido tiradas. Afinal, não existiam camisas-de-força na prisão, e, Auch disse, "minha preocupação era fazer o que fosse necessário para não feri-lo". Mas, na verdade, Graner não havia discutido seu método de lidar com Gus com nenhum oficial médico até depois do fato. Auch estava confundindo Gus com outro prisioneiro, apelidado de Bostinha, que fora trazido da Ala 1B cinco dias antes. Como Gus, ele foi transferido de Campo Ganci depois de haver jogado pedras em PEs; e, como Gus, ele não se acalmou com a mudança para as celas internas.

O Bostinha era um maníaco. “Ele era um dos piores de lidar”, disse Ambuhl. “Costumávamos alimentá-los nestes pequenos recipientes de plástico, e algumas vezes eles ganhavam uma xícara para o chá. Ele começava pondo fezes e urina naquilo. Às vezes ele acabava bebendo aquilo. E aí cuspia na gente, ou se masturbava quando passávamos por perto. Ele acabava com seus macacões o tempo todo, esfregando fezes neles. Deitava com a bunda para cima e enfiava coisas no reto — ossos de frango, qualquer coisa que você possa imaginar. E ele jogava fezes para todo lado, em nós ou nos outros detentos. Esse tipo de coisa é considerado crime em uma prisão americana, jogar os fluidos do seu corpo em alguém. E a privada — era um buraco no chão, mas era na verdade como uma privada de porcelana — ele quebrou em pedaços, cavando o concreto, e comia aquilo. E ele comia também as lascas de tinta que tirava da porta da cela, e atacava os soldados, e batia a cabeça em tudo.”

Ninguém sabia o que fazer com o Bostinha. Lynndie England disse que Graner costumava usar uma máscara de gás quando entrava na cela dele, e Bostinha sempre se punha a cantar ao ver aquilo. Ele era constantemente levado da cela para o chuveiro, e colocado em isolamento, e certa vez, quando se lambuzou com suas próprias fezes, Graner e Frederick o levaram para fora, na chuva, e o fizeram rolar na lama — uma punição-padrão para soldados em treinamento básico, mas para um homem com as preferências de Bostinha, aquilo não era exatamente desencorajador. Fotografias tiradas imediatamente após seu banho de lama mostram-no de pé bem no meio do bloco de celas, magro e musculoso e completamente imundo, com uma corrente unindo os tornozelos, os braços bem abertos e a cabeça para trás, como em êxtase. Em outra série de fotografias, Bostinha é visto nu e pendurado de cabeça para baixo em sua cela, com os pés presos na moldura da parte de cima do beliche, os joelhos para o ar, e a cabeça pendente a poucos centímetros do chão. As fotos se parecem com muitas outras que mostram prisioneiros na segurança máxima contorcidos em cativeiro. Mas

as situações dolorosas de Bostinha eram muito mais extremas do que qualquer posição estressante concebida pelos soldados, e a razão, que as fotos não revelam, é que Bostinha pendurou a si próprio no beliche — por sua própria vontade e sem ajuda.

Javal Davis disse que Bostinha era um imitador incansável, que repetia tudo o que se dizia para ele e que, em seus frenesis de autoflagelação, também parecia querer simular os rituais grotescos das técnicas de contra-resistência da IM por imitação e exagero. Ao resolver ficar nu e levar sua auto-exposição ao extremo — sujando-se e se masturbando —, ele inverteu a ordem prevalecente de humilhação no bloco de celas, infligindo a si próprio aos soldados e fazendo com que sua desgraça se tornasse a deles. Enquanto os soldados riam dos outros prisioneiros para aumentar a vergonha, Bostinha ria dos soldados; e não havia limites para a sua busca incansável de ser aquele que ri por último; enquanto os soldados faziam prisioneiros encapuzados dar trombada nas paredes, Bostinha, sem capuz e com os olhos bem abertos, estava sempre fazendo a mesma coisa consigo mesmo. "Eu estava chegando, certa vez", disse Hydrue Joyner, "e ele basicamente começou a bater a cabeça com toda a força contra a parede — pá, pum!"

Dia e noite, semanas a fio, Bostinha encontrava novas maneiras de desafiar seus carcereiros, e ele era apenas um entre pelo menos dez prisioneiros com problemas mentais, mantidos na Ala 1B naquela época. Tique era outro desses prisioneiros; ele tinha uns acessos violentos e, segundo Sabrina Harman, "cantava uma vez a cada hora, sempre na hora certa. Não sei como ele fazia isso, mas ele sabia". Tique era outro batedor de cabeça. Há uma série de fotografias de uma noite em que Graner teve de dar uns pontos na sobrancelha dele, enquanto England lhe apontava uma arma. E há mais fotografias de Tique, algemado de costas a outro prisioneiro, "um cortador — ele fez vários cortes em si próprio", disse Graner; ambos os homens estão nus e tentando se afastar um do outro, e o rosto do cortador

surge diante da lente como uma máscara de pura desolação, seus olhos inundados de perturbação. Monstro do Pântano era outra fonte de problemas. Como o Bostinha, ele tinha a tendência de brincar com suas fezes. "Ele fazia pequenas figuras, como se fosse com argila, só que não eram de argila", disse Jeffery Frost. "Ele gostava de brincar com água, e havia literalmente vários centímetros de água na cela dele. Precisávamos tirar constantemente o colchão dele para secar. Não sabemos que tipo de problema ele tinha, mas ficava falando sozinho, longas conversas."

E havia a irmã do Pequeno Polegar, moça frágil que emitia gritos agudos e rasgava suas próprias roupas. Pequeno Polegar era um ex-Fedayeen — dizia-se que ele perdera quatro dedos porque esperou demais para atirar uma granada —, mas ninguém sabia dizer por que sua irmã estava lá. E Papai Noel também era um mistério, menos dramático do que os demais — talvez o problema dele fosse apenas senilidade —, mas todos os PEs concordavam que ele era louco. "Ele estava toda hora batendo no peito e dizendo 'Oh, eu não consigo respirar. Meu coração, meu coração'", disse Frost. "Mas daí, se eu oferecesse um cigarro, ele dizia 'sim', então eu dizia: 'Agora você não está tendo nenhum ataque de coração, não é?'." Tinha alguma coisa com o Papai Noel que fazia com que os outros prisioneiros implicassem com ele. "Eles tentavam jogar objetos nele e deixá-lo irritado, e então ele tentava atacar os outros, esse tipo de coisa", disse Ambuhl. Quando levava Papai Noel para o chuveiro, ela sempre pedia a Graner para ir junto. Os outros prisioneiros se continham quando viam Graner, e Ambuhl disse: "Ele não queria ver esse homem, que era mentalmente perturbado, ser provocado pelos outros detentos. A mesma coisa com o Bostinha — não tínhamos nenhum interesse em ver estas pessoas sofrerem".

Os médicos eram solidários, mas também não tinham muito que fazer. "Para todos os nossos loucos, a gente só dava Benadryl", disse Graner. O major Auch disse ao *New England Journal of Medicine* que a clínica de Abu Ghraib dispunha de um bom estoque de drogas antipsicóticas, mas não

havia ninguém em seu quadro de auxiliares qualificado para administrá-las. Então, os prisioneiros ficaram entregues aos seus demônios, e os guardas à sua própria engenhosidade.

Há uma série de fotografias mostrando Bostinha de macacão, primeiro com um braço enfaixado em borracha de espuma, um tipo de camisa-de-força improvisada que Graner idealizou, depois os dois braços. Na última foto da seqüência, Bostinha está totalmente amarrado. Seus braços acolchoados estão enfiados junto com enchimento dentro de um saco e amarrados em volta da cintura com uma corrente fechada com cadeado, e Graner está de pé atrás dele, usando um *kaffiyeh*[b] em volta do pescoço, seu bigode levantado em um sorriso orgulhoso. Nove horas mais tarde, no caderno de registros, Graner deixou uma nota sobre Bostinha: "Mastigou as amarras no braço esquerdo — reamarrado". Uma sessão de fotos posterior mostra como Graner e Frederick cobriram Bostinha com isopor grosso, o deitaram de rosto para baixo em uma maca no chão, colocaram outra maca em cima dele, e usaram correias de carga para amarrar as duas macas juntas, para imobilizá-lo. Ambuhl disse que o pessoal da saúde chamou isso de "sanduíche de padiola" e que eles estiveram presentes supervisionando a sua montagem. Graner posou ao lado de Bostinha durante cada estágio do processo, e quando estava pronto, Frederick se sentou em cima do prisioneiro achatado. Não muito depois, Bostinha se soltou. "Ele quase levou um tiro naquela noite enquanto tentava escapar", disse Ambuhl. "Portanto, o método não foi exatamente um sucesso."

"Nós o chamávamos de Houdini",[c] disse Javal Davis. "Todas as vezes que tentavam contê-lo, ele se soltava. Ele quebrava os cadeados. Uma vez, quase escapou. Ele estava correndo pelo corredor, pelado, até que o sargento Snider conseguiu pegá-lo. E ele começou a rir. Ria de qualquer coisa." Davis achava que Bostinha era "bem engraçado" e Harman o chamava de

"divertido", mas Ambuhl não achava nenhuma graça. Pelas suas contas, Bostinha quebrou quatro pares de algemas e várias correntes. "Mostramos as fotos de Bostinha para o oficial técnico Rivas, e para quase todos os oficiais superiores que apareceram por aqui; desse modo, podíamos dizer que não tínhamos o que era necessário", disse Ambuhl. "Tentavamos fazer as pessoas perceberem que não podíamos lidar com esse tipo de coisa e ainda fazer aquilo que, de verdade, era a nossa obrigação. Estávamos tentando tirar o Bostinha dali." Mas ninguém sabia onde colocá-lo, e não ajudou em nada, disse Javal Davis, quando um psiquiatra que visitou a prisão concluiu que Bostinha era apenas um fingido. "Eu acho que ele queria que as pessoas pensassem que era louco", disse Davis. "Ele fez um trabalho danado de bom."

Lynndie England compartilhava desse ponto de vista, segundo o qual Bostinha era um artista de teatro. "Ele estava manipulando a gente, exatamente como quando o seu filho manipula você — dá para perceber", ela disse. "Ele só queria ir embora da prisão e ir para a ala psiquiátrica no hospital de apoio de guerra. Acho que ele pensou que seria muito melhor. E provavelmente seria mesmo, porque o hospital estava em uma zona segura, a Zona Verde. Nossa prisão era atingida por morteiros todo dia e toda noite. Faz sentido para mim." É claro que England admitia que as batidas de cabeça e a coprofagia eram atitudes bastante extremas. "Eu não sei se eu teria ido tão longe", ela disse. "Mas eu não era um prisioneiro iraquiano também."

Não fazia muita diferença se Bostinha era louco ou trapaceiro. O fato é que ele não podia ser ignorado. Quando o sanduíche de padiola não conseguiu contê-lo, a tentativa seguinte de Graner foi modelar um arreio de corpo com correias, e com isso prender Bostinha à porta da cela. Essa foi a técnica que o major Auch aprovou e que mais tarde ele confundiu com a guia usada em Gus, mas tampouco foi bem-sucedida. Bostinha rapidamente encontrou espaço suficiente entre as amarras para balançar a cabeça para trás e dar cabeçadas na porta sólida. Repetidamente ele jogou a testa para a

frente contra os ferros até por fim cair no chão, deixando um risco de sangue a marcar sua queda. Graner capturou a cena em sua câmera, em três fotografias e em quatro videoclipes de quinze segundos cada um. Mais uma vez, ele mostrou as imagens ao oficial técnico Rivas. "Pouco depois daquilo", disse Ambuhl, "Bostinha e os outros detentos com problemas mentais foram transferidos para um hospital."

Provas. Como Harman, Graner dizia a todos com quem trocava fotografias que ele as tirava para dispor de provas. Ele guardava suas fotos em seu laptop, no escritório da Ala 1A, e no caso de Bostinha, elas ajudaram a comprovar o que ele dizia. Mas fotografias não podem contar histórias. Elas só podem oferecer evidência sobre elas, e a evidência é muda; ela exige investigação e interpretação. Vista desta forma, como evidência de algo além de si mesma, uma fotografia pode ser mais bem compreendida não como uma resposta ou o final de uma inquirição, mas como um convite para olhar mais de perto e para fazer perguntas. Graner usou suas fotos para demonstrar que Bostinha não podia ficar sob custódia na segurança máxima. Mas as fotografias, por si mesmas, não provavam nada. Elas podiam facilmente — talvez até mais do que facilmente — ser lidas de forma diferente. Davam a impressão de ser fotos de abuso, de maus-tratos dos prisioneiros, em especial as que mostravam Graner e Frederick posando ao lado do detento depois de o terem empacotado e amarrado seus pés e mãos.

Por que Graner sorri? Por que Frederick está sentado sobre o sanduíche de padiola? Nessas fotos, eles parecem dois turistas, e Bostinha se torna uma peça na cena, ou mesmo um suvenir, um símbolo da aventura dos dois, como a Torre Eiffel ou a Esfinge — o pano de fundo que fala: estivemos aqui, fizemos isso. Mas o que fizeram eles? Ele é a vítima? Eles o derrotaram? Não há nada na foto que indique que ele os podia estar derrotando.

Quando os soldados não aparecem na foto, e Bostinha está só, tranqüilo ou exaltado, as fotos ainda podiam ser suvenires, mas não o Bostinha. Ele atrai totalmente nossa atenção, ou a repele — e, em ambos os casos, não sabemos o que estamos vendo. Sua imagem, apenas, nada pode nos dizer. Precisamos de uma explicação. Ver Graner e Frederick ali com ele não explica nada. Mas a presença deles, como a de Lynndie England na fotografia de Gus, sugere uma história, e nos encoraja a imaginar que sabemos que história é aquela, quando na verdade não sabemos. Assim que ouvimos a história de Bostinha, porém, as fotos dele com Graner e Frederick se tornam relativamente anódinas. Com Gus e a correia, o oposto é verdadeiro: mesmo quando sabemos da história, as fotos dele com England continuam sendo chocantes — só que agora o choque se refere ao fato de que as fotos parecem piores, mais deliberadamente desviantes e abusivas do que a realidade que elas retratam.

E se, em vez de passar a England a correia no momento em que Gus engatinhava para fora do buraco, Graner a tivesse largado no chão e tirado uma foto de Gus desacompanhado? O que teríamos visto? A foto ainda teria cumprido o objetivo que Graner afirmou ter sido a sua intenção: a documentação do uso de força planejado que deu ligeiramente errado. E ela ainda teria mostrado um prisioneiro nu usando algo que parecia uma coleira. Gus ainda pareceria maltratado; ainda veríamos que algo havia sido feito contra ele, e nos perguntaríamos quem é que o fizera; e a fotografia ainda seria terrivelmente triste, talvez até nos inspirasse indignação. Mas a presença de England segurando a correia, na verdade, faz com que as fotos se tornem sensacionais. England parece responder a todas as perguntas que sua ausência teria levantado, criando um sentido de ação direta — que, no entanto, é falsa, segundo todos os que estavam lá: ela se torna a violadora.

O fato de England estar posando, consciente da câmera e se apresentando a si própria à câmara, também envolve o fotógrafo na cena. Ele se torna o diretor do cenário da violação, e, de repente, o ato de fotografar pode ser

visto como parte da injúria — tão ofensiva, que a foto em si, mais do que aquilo que ela retrata, poderia ser considerada uma ofensa. E, no final, a atitude de Graner ao fazer England posar para a foto, independentemente de ter sido intencional ou não, envolve a nós também, como espectadores, ao nos colocar em sua posição e nos convidar a pensar que sabemos o que estamos vendo. Uma fotografia de Gus sozinho, com a coleira caída no chão, permitiria que nos sentíssemos como testemunhas; com England ali, somos colocados na posição de *voyeurs*.

Para Graner, tirar fotografias sempre foi, explicitamente, um projeto autobiográfico. Ele disse a Frederick e a vários outros soldados que serviram com ele em Abu Ghraib a mesma história que contou a England, sobre como sua experiência ao ser desacreditado na Guerra do Golfo o levara a pensar na fotografia como garantia de credibilidade. Assim, usou sua câmera para asseverar sua presença. Queria mostrar sua mão. Ele também gostava de pregar peças e gostava de chocar, e, à medida que se acostumava à depravação do bloco da IM, seu padrão de cena que mereceria ser fotografada — algo "incomum" ou "excêntrico" — foi crescendo.

a Uma das mais respeitadas publicações acadêmicas do mundo na área da medicina.
b Tradicional lenço para cabeça usado por homens árabes.
c Nome artístico de Ehric Weiss, um dos mais famosos mágicos do início do século XX, célebre pelos truques em que se libertava de diversas formas de aprisionamento.

13.

Na mesma noite em que Charles Graner fotografou Lynndie England com Gus na coleira, Chip Frederick, Javal Davis e outro PE levaram dois prisioneiros encapuzados e algemados para a Ala 1A, vindos do bloco de Davis, onde haviam sido acusados de estuprar um adolescente, também prisioneiro. Estupros e outras formas de ataques, confirmados ou não, eram um problema constante em Abu Ghraib, particularmente nas barracas de Campo Ganci e Campo Vigilante, e — assim como não havia nenhum outro lugar para isolar os doentes mentais — o bloco da IM acabava sendo o repositório de prisioneiros suspeitos de crimes cometidos entre si. É evidente que meninos não deveriam estar entre a população geral da prisão; Frederick removeu o acusador e o colocou na Ala 1B, onde, segundo England, "ele deu ao menino água e doces, e várias coisas para que se sentisse confortável". E, depois, Frederick juntou-se a Graner e England, que despiram os dois acusados e os colocaram sob um estrênuo regime de "treinamento", antes de trancafiá-los em celas separadas e mandá-los confessar. Mas qualquer coisa que os homens dissessem não faria nenhuma diferença — "o menino identificou ambos como sendo os estupradores", disse England —, e, na noite seguinte, o suplício dos dois continuou.

A essa altura, já circulava a notícia de que havia dois prisioneiros estupradores no bloco, e alguns homens da IM vieram dar uma olhada neles — o sargento-especialista Roman Krol, que era interrogador, e dois analistas, Armin Cruz e Israel Rivera. Eles encontraram Frederick e Graner

submetendo os prisioneiros a atividade física extenuante e, como não havia nada mais para fazer, disse Roman Krol, "nós só ficamos para ver o que ia acontecer. Só por curiosidade, acho". Foi então que outro PE apareceu, o sargento-especialista Mathew Smith, que trabalhava em comboios como motorista e atirador. Smith era amigo de Graner e ia sempre visitá-lo na segurança máxima. Ele pegou o megafone e começou a gritar com um dos prisioneiros, enquanto o outro continuava a fazer flexões.

Lynndie England estava no andar de cima, no escritório, com Megan Ambuhl, que jogava paciência no computador de Graner. A certa altura, as duas resolveram descer para ver o que estava acontecendo. Graner gritou para que England trouxesse sua câmera e tirasse algumas fotos, mas Krol não o ouviu. Havia muita gritaria — "palavras aleatórias que não faziam nenhum sentido", disse Krol, "só uma diarréia de palavras" —, e ele se deu conta de que ele e seus companheiros da IM estavam se juntando àquilo: "Só gritando palavrões", disse, "você pode fazer uma idéia".

A gritaria era alta e incessante — seis soldados e um intérprete subjugando dois prisioneiros nus e gritando por gritar. Mesmo enquanto participava daquilo, Krol se perguntava qual era exatamente o objetivo. Eles vociferavam "confesse, confesse", mas não era um interrogatório; era justiça de presídio. "Todo mundo sabia que aquilo era errado, apesar de os estupradores merecerem", disse Krol. "Acho que eles só queriam puni-los na frente de todo mundo, assim isso não aconteceria de novo. Os outros prisioneiros não se sentiam à vontade vendo gente nua. Estavam fazendo aquilo de modo que todos pudessem ver, nos corredores entre as celas. Era como o proscênio de um teatro, e os detentos que estavam vendo aquilo faziam seus comentários também. Muitos deles estavam na verdade apoiando o que acontecia. A maior parte disse até que deveríamos matá-los. Então, eles não ligavam se os dois fossem mortos, mas se incomodavam por estarem nus, pelo que eu entendi."

England disse que, nas celas de cima, prisioneiros que não podiam ver o que estava acontecendo também aplaudiam. O entusiasmo deles era um som novo no bloco, mas, England disse, "esperava sempre que eles observassem. Isso fazia parte da humilhação, ser obrigado a fazer coisas vergonhosas. A nudez é um assunto sério na cultura deles, especialmente em frente de mulheres. É parte da fraqueza deles, e em tempo de guerra, quando se está tentando obter informações ou obrigá-los a fazer alguma coisa, você usa a fraqueza deles".

O sargento Ken Davis não era iraquiano, mas também achou que a nudez era assunto sério quando apareceu na Ala naquela noite e se deparou com tantos soldados participando daquela cena. Ken Davis estava com os PEs da 372ª, mas ainda fazia o que a companhia havia sido treinada para fazer: acompanhar comboios, e estava ali procurando pelo sargento-especialista Smith, que era um de seus soldados. Talvez a surpresa tenha transparecido em seu rosto, ele disse, pois assim que apareceu na porta do 1A, o sargento-especialista Cruz já foi logo perguntando: "O senhor acha que passamos do limite?". Davis achava que sim. Mas não estava bem certo de qual seria o limite. "Não é que eles estivessem tentando esconder algo. É exatamente isso que me chama a atenção. Se você sabe que está fazendo alguma coisa errada — algo muito errado, mesmo —, vai tentar esconder. Você vai fazer o possível para ocultá-la de modo que as pessoas não percebam."

Davis ficou ali para observar. A sessão de "treinamento" havia acabado. Graner então já estava algemando os prisioneiros um ao outro e colocando-os no chão, enlaçados em várias posições sexuais. Davis estava perplexo. "Eu pensei: se alguma coisa estivesse errada aqui, Graner me contaria. Aí ele viu Lynndie England no andar de cima, com uma câmera. "Lembrei-me que Graner, no início de outubro, tinha me dito que estava tirando fotos para

mostrar o que o estavam forçando a fazer. Aí juntei as coisas e pensei — OK, ela está tirando fotos para ajudar a dar cobertura para Graner."

Enquanto isso, outro prisioneiro foi trazido para a ala e Frederick anunciou que este também tinha sido acusado de participar do estupro. "Cruz estava gritando para ele: 'Tire a roupa, tire a roupa!'", disse Davis. "E o homem dizia: 'Não, senhor, não'. Então, eles disseram: 'Graner, obrigue-o a tirar a roupa'. E Graner gritou — se alguma vez você já ouviu um instrutor de treinamento gritar, você sabe: é terrível; é suficiente para fazer você pular — 'TIRE A ROUPA!'. Então, o prisioneiro começou a tirar a roupa."

Quando o homem já estava nu, alguém atirou água no chão, e o obrigaram a se arrastar naquela poça. Ele tentou ficar de quatro, mas não deixaram. "Cruz colocou o pé no traseiro dele e o empurrou para baixo para fazê-lo arrastar os órgãos genitais no concreto", disse Davis. "E eu perguntei: 'O que está acontecendo aqui? É assim que vocês interrogam as pessoas?'. E ele respondeu: 'Tem muitas maneiras de interrogar as pessoas'. E eu disse: 'Já vi o suficiente', e fui embora. Eu sabia que ia mandar um relatório sobre esse incidente, porque era uma loucura. Fui para a cama, e é impressionante, porque quando você se deita, por mais que escute música, por mais que aumente o volume, você ainda escuta os gritos. Ainda vê as cenas. Você não se livra daquela visão."

"Achei que deveria ir embora", disse Roman Krol. "Mas aí eu não conseguia ir embora." Então ele ficou assistindo quando o terceiro prisioneiro foi colocado em cima dos outros dois e algemado a eles em um entrelaçamento confuso. Enquanto eles se contorciam ali, alguém apareceu com uma bola de futebol improvisada, e os soldados começaram a chutá-la para lá e para cá, brincando de jogá-la um para o outro. "Pode parecer estranho", disse Krol. "Eu não estava me divertindo de verdade. Nós só ficamos jogando a bola, um para o outro." Eles então começaram a jogar a

bola no chão. Krol atirou a bola nos prisioneiros e atingiu a perna de um deles.

Naquele mesmo momento, no andar de cima, Lynndie England tirava uma foto. Ela não usava flash, e Krol disse que não tinha idéia do que aparecia nas fotos até que viu as tais fotografias meses depois, quando já havia retornado à vida civil nos Estados Unidos. As imagens eram desbotadas, distantes e cheias de gente — difíceis de ler —, mas lá estava ele, e lá estava a bola de futebol, no ar, lançada por ele. A pergunta que lhe ocorreu foi: por quê? "Quando você faz uma coisa errada, tirar fotos daquilo é estupidez", ele disse. "Você está fornecendo as provas."

"E tem mais", disse Krol, "nas fotos as coisas parecem muito mais horríveis do que foram. O que sinto quando olho a fotografia aqui e o que senti quando vi o incidente acontecer são perspectivas completamente diferentes. Quando você se senta em sua sala de estar, no seu sofá confortável, e assiste a televisão, mesmo depois de ver o fato na vida real, ele parece muito pior. Nas fotos parece que é realmente tortura. A pior coisa que foi feita com os prisioneiros fisicamente foi que eles tiveram que engatinhar no chão, e que estavam nus, então era muito, muito desconfortável. Mas não posso chamar isso de tortura. Foi um caso muito, muito grave de humilhação, apenas isso. Naquele dia, não dei muita atenção ao incidente. Eu pensei: OK, então dois detentos foram punidos por algo que merecia punição. Só isso. E não pensei mais naquilo."

As fotografias trouxeram o assunto de volta para Krol, e ele quis prestar contas sobre sua participação. Em seus próprios interrogatórios, ele disse, só raramente sentiu necessidade de usar abordagens agressivas contra os prisioneiros. Ele se lembrava de três casos em que usou métodos severos de amedrontamento para fazer alguém falar, mas na maior parte das vezes afirmou que o interrogatório era "muito parecido com o trabalho de jornalista". Ele achava que noventa por cento dos iraquianos trazidos a ele se mostravam felizes por poder falar, pois não tinham nada de importante para

revelar; haviam sido presos em massa e eram obviamente inocentes, e ele julgava cansativo ter que falar com eles, um depois do outro, e ter que preencher a papelada para sua soltura, sabendo que outros tantos continuariam a ser presos, por semanas ou meses a fio, sem nenhum motivo. Quando foi para o Iraque, Krol estava entusiasmado a respeito da guerra, e achava que era a coisa certa para os Estados Unidos fazerem. Imaginou que o plano era ir até lá, libertar os iraquianos e ir embora. Em Abu Ghraib passou a ver a ocupação como algo sem sentido e desmoralizante, um desperdício de tempo para ele e todos os outros. Talvez Krol ainda não tivesse juntado todos esses sentimentos até então, mas naquela noite, na Ala 1A, seu descontentamento encontrou um foco.

"Durante o incidente inteiro, no começo fiquei meio indiferente, e depois fui sentindo emoções negativas em relação aos estupradores", ele disse. "Abu Ghraib era atingido por morteiros quase todo dia. Nossa gente estava morrendo ali. Então, meu nível de frustração estava bem alto." Na verdade, ele disse, o sargento-especialista Cruz foi ferido no ataque de 20 de setembro, que matou os sargentos Brown e Friedrich na barraca da IM, e Cruz era muito próximo de Friedrich. "Ele disse que quando estava maltratando aqueles prisioneiros, fazendo-os rolar e engatinhar no chão, estava na verdade vendo as pessoas que haviam matado o amigo dele", disse Krol. "Acho que todo mundo tinha as próprias razões. Eu tenho um irmão de cinco anos de idade, e quando penso nessa gente que estupra criança, fico doente. Esse era o meu motivo, somente um ódio pelo que eles haviam feito. Acho que foi o que aconteceu com a maioria dos PEs e IMs. Eles simplesmente explodiram. Acho que já estavam tão cheios dessa coisa toda de lidar com prisioneiros que quando ouviram essa história horrível — o estupro de um menino de quinze anos —, todos eles simplesmente explodiram. Bem, isso foi o que aconteceu comigo, pelo menos. Eu simplesmente fiquei maluco dentro de mim. Pouco antes de sair, estava tão louco da vida que eu tinha uma garrafa de água e joguei a água neles só para

extravasar o meu ódio, o ódio que senti por eles terem feito aquilo com o coitado do menino."

Diante da ladainha de traumas a que os três prisioneiros foram submetidos por mais de uma hora, jogar água neles não chega a parecer digno de nota. Na verdade, é o sentimento por trás dessa atitude que torna a explosão de Krol intrigante. Nenhum dos PEs que passaram suas horas de trabalho distribuindo aflições no bloco da IM falou de tal ódio contra os prisioneiros. Eles os viam como inimigos, com graus variados de medo, raiva, hostilidade e desprezo. Mas a animosidade que os PEs projetavam ao longo do seu trabalho sombrio era essencialmente impessoal. Determinadas vezes, alguns deles podem ter encontrado satisfação, ou mesmo prazer, no seu poder de tratar homens como sacos de carne, mas aquele poder provinha do fato de estarem no controle, não de estarem perdendo o controle. O que deu a Krol a impressão de ser uma crise de emoções, para os PEs era simplesmente uma atividade de rotina — uma noite de inferno como as outras que tinham de proporcionar a todos os novos prisioneiros na Ala. Eles não precisavam buscar dentro de si nenhuma explicação para o seu comportamento. "Se a IM não existisse em Abu Ghraib", disse Megan Ambuhl, "os detentos estariam em suas celas e nós estaríamos na sala assistindo um filme ou tomando café."

Os supostos estupradores, claro, não eram prisioneiros da IM, mas o envolvimento de tantos soldados da IM no seu tormento deu a impressão a Ken Davis de que era a IM que estava dirigindo o show — e o fato de que aquilo era um show, aberto e acintoso, o fez parar para pensar na manhã seguinte, quando decidiu procurar seu líder de pelotão, o primeiro-tenente Lewis Raeder, para relatar o que tinha visto. "Um monte de coisas diferentes vem à sua mente", ele disse. "Se não informar algo que você viu, pode se dar

mal por não-cumprimento do dever. E se no final das contas for decidido que aquilo não era nada de mais, algumas pessoas vão ficar com raiva de você ter feito a denúncia. Mas tudo bem, pelo menos você está cobrindo a si próprio, está cobrindo a situação." Saber que Lynndie England havia tirado fotos enquanto ele estava lá reforçou a sua decisão. "Então, eu fui até o tenente Raeder e disse: 'Senhor, a atuação da Inteligência Militar na segurança máxima — eles estão fazendo algumas coisas muito estranhas com detentos nus'. Ele me disse que aquilo não era da minha conta e também disse: 'Fique fora do caminho da IM e deixe que eles façam o trabalho deles'."

Ken Davis então deixou o assunto para lá, e Ambuhl disse que a IM, de fato, acabou interrogando os acusados de estupro, e depois entregaram o assunto à polícia iraquiana, que determinou que eles não haviam estuprado o menino, no final das contas. Dois deles permaneceram na Ala 1B, onde foram considerados pelos PEs tão amistosos e confiáveis, que em pouco tempo receberam a honra de assumir o trabalho de limpeza. O terceiro, que retornou ao seu antigo bloco de celas, tinha data marcada para uma audiência de soltura algumas semanas mais tarde, mas foi morto quando o comboio que o levava para a corte foi atingido por uma bomba durante o trajeto na estrada. Coube a Javal Davis a tarefa de recolher seus pertences da cela e dar a notícia de sua morte aos outros presos do bloco. Essa era a história de Abu Ghraib que sempre ficava entalada em sua garganta quando ele a contava.

"Aquilo me incomodava", ele disse. "Aquilo me entristecia porque aqueles homens, embora fossem criminosos, e muitos deles tivessem sentimentos antiamericanos, e eles expressavam esses sentimentos, eram seres humanos. Estavam se tornando vítimas de guerra, como nós ou os insurgentes iraquianos e as outras pessoas sem uniforme. Eles não tinham condições de proteger a si próprios. Aquilo me tocou. O homem estava a caminho de ser

libertado, de poder ir para casa, e não conseguiu. Todo mundo é perdedor em uma situação como esta — é assim que eu penso."

14.

Há uma constante tentação, quando se apresenta uma versão da história, de distorcer a realidade dando-lhe um sentido grande demais. Essa tentação é maior quando a história é recente e trata de crises que estão ocorrendo — crises que moldam a compreensão que temos do nosso mundo e de nós mesmos. Certamente, quem chegou tão longe nesta história sórdida deve ansiar por um pouco de alívio, alguma libertação da ininterrupta e claustrofóbica aniquilação do cárcere; um claro e refrescante toque de sanidade, um interlúdio de justiça vingadora ou uma erupção de decência, a entrada arrebatadora de um herói. Mas com certeza não quer ser iludido. Não há tal consolo ou refúgio nesta história. Abu Ghraib era um pandemônio, e o bloco da IM era seu coração disparado e doente. Não havia desculpas para isso, nem nada a mostrar, nenhuma grande coleta de informação útil, nenhuma finalidade que justificasse os meios. E ninguém sequer se deu ao trabalho de fingir o contrário. O horror da Ala 1A era totalmente gratuito e não fazia senão piorar.

"Você provavelmente também já sabe disso, a esta altura", disse o sargento Ken Davis. "Uma vez que afunda a sua mão em Abu Ghraib, você já não volta o mesmo. Há uma parte de você que ou morreu ou está totalmente confusa."

Então, qual é o ponto? Qual a utilidade disso? Por que atormentar a sua alma?

Qual é a alternativa? Não há como manter nossas mãos limpas de Abu Ghraib. Ignorá-la não funciona, denunciá-la também não, e não há como repudiá-la, muito menos negá-la. A mancha é inescapável e irreversível, e ela é nossa, e se temos qualquer esperança de contê-la e superá-la, só poderá ser através de um enfrentamento integral.

A mancha é nossa, porque quaisquer que fossem as demais motivações da guerra do Iraque, ela teve a ver sempre, e acima de tudo, com os Estados Unidos — com a projeção de força dos Estados Unidos e com a imagem dos Estados Unidos no resto do mundo. O Iraque era o palco, e os iraquianos teriam que sofrer por isso, suportando cerca de cinqüenta mortes para cada soldado americano caído: por essa, e por todas as outras medidas da devastação, essa guerra era deles. Mas embora houvesse iraquianos que apoiassem o confronto, por ver esperança e oportunidades para o seu país ou para eles próprios, a guerra não foi escolha deles. Era uma guerra americana, porque as autoridades eleitas dos Estados Unidos decidiram travá-la por iniciativa própria, "na hora que escolhermos", como disse o presidente, e era uma guerra que tinha a ver com os Estados Unidos porque foi promovida em nome de nossa liberdade e da liberdade do mundo. O que estava em jogo, tanto para os defensores da guerra como para os céticos e para seus opositores, era uma história americana — a história dos Estados Unidos campeão da lei e da liberdade no país e no exterior, árbitro duro, porém correto, do destino das nações, intolerante apenas contra a intolerância, flagelo de regimes embusteiros e de ditadores bandidos que usurpam a ânsia natural de toda humanidade de seguir o seu exemplo.

Nos seus momentos culminantes, os autores da guerra descreveram seu objetivo como nada menos do que a extensão da Revolução Americana aos súditos tiranizados por Saddam — e depois, por mero poder de influência, ou por expansão da campanha, ao resto do mundo muçulmano. Por causa

de alegações como essas, a guerra foi freqüentemente definida por seus cronistas mais simpáticos como uma batalha de idéias: liberdade, democracia e direitos humanos *versus* fascismo, tribalismo e tirania. E em razão de nunca um autogoverno democrático ter sido imposto a nenhum povo por meio da invasão militar de um poder estrangeiro, muitos dos críticos da guerra viram a aventura como romântica e reacionária, uma tolice imperialista. De uma forma ou de outra, o presidente e seus arautos eram vistos como movidos por uma ousada ambição, e, como disse Abraham Lincoln a respeito dos Pais da Pátria: "Se fossem bem-sucedidos, seriam imortalizados; seus nomes transferidos para condados e cidades, rios e montanhas; e reverenciados e cantados, e brindados através dos tempos. Se fracassassem, seriam chamados de patifes e loucos, e de fanáticos por um tempo curto; e então afundariam no esquecimento". Só que, a esta altura, a ambição dos Pais da Pátria foi tão bem-sucedida que um fracasso americano da escala e do escopo da Guerra do Iraque não pode ser esquecido tão prontamente.

Uma das marcas do sucesso do grande herói de Lincoln, o general George Washington, na Guerra da Independência, foi sua insistência no tratamento civilizado aos prisioneiros inimigos. A política britânica permitia o massacre dos soldados continentais que fossem capturados ou rendidos, e um grande número dos que não eram mortos instantaneamente morria devido a maus-tratos selvagens, doença ou fome. Mas quando os americanos capturaram centenas de mercenários hessians[a] depois da batalha de Princeton, Washington ordenou: "Façamos com que eles não possam reclamar de copiarmos o exemplo brutal do Exército britânico no tratamento de nossos desafortunados irmãos". E assim como as atrocidades dos "casacos vermelhos"[b] aprofundaram o sentimento anticolonialista, essa expressão unilateral de humanidade deu a Washington uma vantagem. Ela não apenas conquistou os hessians, tanto que grande número deles decidiu se

estabelecer nos Estados Unidos depois da guerra, como ajudou a conquistar apoio internacional para a rebelião americana.

No caso do Iraque, já tinha ficado óbvio, muito antes do início das hostilidades, que uma guerra tão carregada de sentido político iniciada por decisão dos Estados Unidos jamais seria vencida apenas pelo uso de força esmagadora; a vitória teria de ser assegurada igualmente no teatro da opinião pública mundial, onde a guerra foi adicionada imediatamente às respostas ao 11 de setembro. Mas mesmo naqueles tempos febris, quando as feridas ainda estavam abertas e a sede de justiça vingadora corria nas alturas, a causa era difícil de vender; e na selva da retórica que cercava o Iraque quando a invasão se aproximava aceleradamente, era impossível ter certeza do propósito da guerra. No entanto, em meio às obscuras advertências de armas de destruição em massa nas mãos de terroristas ou apontadas para Londres, e de provas aparentemente irrefutáveis de armamentos nucleares, uma promessa de substituir o sistema prisional stalinista de Saddam pelo justo e humano império da lei sobressaía como o ponto mais inquestionável da chamada às armas: não mais batidas noturnas à porta, não mais desaparecimentos, não mais prisões arbitrárias, não mais torturas e extermínios de prisioneiros.

O Iraque todo era retratado, com certa razão, como uma gigantesca colônia penal, onde até mesmo os que não estavam aprisionados eram reféns do medo do Estado, e acorrentados a este medo. E, quando conquistamos o país e o temido arsenal provou ser apenas uma ilusão, a justificativa de que nossa presença era essencialmente humanitária só se tornou mais gritante e insistente. Até mesmo quando o presidente declarou o fim da guerra convencional no Iraque e definiu a ocupação como a nova frente da guerra ao terrorismo, mesmo aí ele terminou seu discurso do Primeiro de Maio, o da "missão cumprida", para as tropas a bordo do USS *Abraham Lincoln* com um chamado à consciência: "E aonde quer que você vá, carregue uma mensagem de esperança — uma mensagem que é antiga e sempre nova. Nas

palavras do profeta Isaías, 'Aos cativos, *saiam!*, e aos que estão nas trevas, *venham para fora!*'".

Na verdade, Isaías atribui essas palavras a Deus:[c]

> Assim diz Javé:
> "Na ocasião favorável, eu respondi a você,
> E no dia da salvação eu o ajudei;
> Preparei e designei você
> Para ser a aliança do povo,
> Para reerguer o país,
> Para redistribuir as propriedades arrasadas,
> Para dizer aos cativos: 'Saiam!'.
> E aos que estão nas trevas: 'Venham para fora!'".

O Senhor, o profeta, o presidente — quem quer que estivesse falando, as palavras pareciam sugerir um socorro maior do que a simples transferência da herança desolada de Abu Ghraib. Será que ele achou realmente que ninguém notaria? Será que ao menos se importava? Talvez tenha achado que poderia se livrar daquilo. E ele tem conseguido. Mas nós não podemos.

Claro, os Estados Unidos sempre realizaram as mais sórdidas operações clandestinas em nome da liberdade. No passado, porém, esse tipo de coisa foi feito com o entendimento de que crimes cometidos em nome da segurança nacional continuavam sendo crimes. Foi por isso que o vice-presidente o chamou de "lado escuro" e falou sobre a necessidade de colocar "alguns personagens muito repulsivos" na folha de pagamentos. Mas isso foi antes de seus advogados e os do presidente decidirem que, na guerra ao terrorismo, é mais eficiente substituir a lei pela teoria de que a tortura é um crime ilusório, definido como uma intenção que não se pode provar de impor a alguém um nível de dor que não se pode medir. Com esse problema inoportuno resolvido, e em face de uma rebelião mortal e decidida (que

ninguém, entre os responsáveis pelo lançamento da maior operação militar americana desde o Vietnã, havia previsto, muito menos se preparado para enfrentar), o "negócio maldoso, indecente, perigoso e sujo" de buscar e prender iraquianos suspeitos sem acusação formal, de insultar, maltratar, e, sim, torturar essas pessoas, foi designado para o tipo de gente a que o vice-presidente presumivelmente se referia quando falou com desdém de "bons rapazes certificados e oficialmente aprovados": soldados americanos comuns, que não conseguiam se ver como bandidos, mesmo quando fotografavam a si próprios engajados em atos de bandidagem.

É muito mais fácil entender a atração do vice-presidente pelo lado escuro do que a abjeta incompetência e o amadorismo com os quais esse lado escuro foi levado a aparecer sob o clarão brilhante dos flashes em Abu Ghraib. É motivo quase tanto de orgulho nacional quanto de desespero o fato de alguns soldados americanos parecerem não ter entendido, ou não ter se importado, que deveriam manter sua diabólica tarefa em segredo, que eles jamais tenham aceitado completamente o código de culpa da *omertà* respeitado com naturalidade por todos que são verdadeira e assumidamente corruptos. Eles nunca perderam inteiramente de vista o absurdo e a insanidade de sua posição. Mesmo enquanto afundavam na rotina da depravação, mostraram pelo seu ato de tirar fotografias que não a aceitavam como algo normal. Nunca entraram de fato no programa. Não é um crédito para eles o fato de terem sido profundamente desmoralizados pelo seu serviço no quinto dos infernos?

Sem experiência, sem treinamento, sob ataque e cumprindo ordens para fazer a coisa errada, os PEs reservistas de baixa patente que implementaram a execrável guerra ao terrorismo no bloco da IM na segurança máxima de Abu Ghraib sabiam que o que estavam fazendo era imoral, e sabiam que, se aquilo não era ilegal, deveria ser. Sabiam que era seu direito, e também seu dever, desobedecer a uma ordem ilegal e levá-la ao conhecimento de seu superior imediato; e, se isso falhasse — ou se esse superior fosse a origem

daquela ordem —, continuar informando aos escalões superiores na cadeia hierárquica até obterem uma satisfação.

"Você é ensinado desde o começo que deve seguir as ordens que recebe, e se não fizer isso vai se dar mal", disse Megan Ambuhl. "E se as seguir, obviamente também vai acabar se dando mal se alguém descobre que eles não gostaram das ordens que lhe foram dadas. É fácil para esses oficiais aposentados, coronéis, generais, majores, ou seja lá o que forem, ficar lá no seu canto e dizer 'Bem, essas pessoas deveriam saber que eram ordens ilegais, e eles deveriam se insurgir contra aqueles tenentes, coronéis e majores. Deveriam ter se levantado contra eles naquele momento, em uma zona de guerra onde vidas estavam sob risco'. É meio irrealista pensar que isso iria acontecer." Além disso, disse Ambuhl, "naquele momento, todo mundo em nossa cadeia de comando disse que estava tudo OK. As perguntas foram feitas e respondidas. Então, depois disso, o que lhe resta fazer?".

"Não sei o que eu poderia ter feito diferente", disse Sabrina Harman. "Eu poderia ter dito: 'Dane-se, eu não trabalho mais aqui', e ser presa por desobedecer a uma ordem. Eu acho. Mas não sei. Tenho certeza que todo mundo pode fazer algo diferente. Mas eu simplesmente não sei o que teria feito de diferente se fosse posta de novo na mesma situação."

As palavras desses soldados soam apenas como desculpas? Alguns deles não se deram liberdades e chegaram a extremos — não trataram sugestões como se fossem ordens, e depois as interpretaram como quiseram? — quando poderiam, em vez disso, ter mostrado compaixão? Sim. Mas o que aconteceu com a responsabilidade do comando? Não teria havido liberdades a dar nem extremos a chegar se alguém quisesse manter os PEs sob controle. Ninguém queria fazer isso porque em Abu Ghraib a ausência de lei era a lei.

Certa tarde, em meados de novembro, Charles Graner se apresentou para o plantão noturno na Ala 1A e encontrou seis novos prisioneiros,

encapuzados, esperando. O sargento Joyner explicou que eles haviam acabado de chegar de Campo Vigilante, onde supostamente teriam tentado iniciar uma revolta. Joyner encaminhou um pedido do tenente-coronel Jordan para que os submetesse ao "treinamento" — "o que já se sabia, a essa altura, que deveria ser obrigá-los a fazer flexões, nus, com a cabeça coberta por sacos", disse Graner. Ele assumiu a guarda dos homens e começou a fazer a revista e a despi-los, o que é procedimento inevitável para os que acabam de chegar, mas o prisioneiro com quem começou estava resistindo. "Eu o joguei contra a parede", disse Graner. O prisioneiro caiu no chão, e Graner escreveu no caderno de registros: "Sangue começou a escorrer por debaixo do capuz. Quando dei uma olhada, parecia que tinha um sangramento no nariz, e o saco foi colocado de volta na cabeça do prisioneiro. Alguém fez uma notificação e um paramédico veio examinar e encontrou uma laceração de 3,8 centímetros no lado direito do queixo".

O prisioneiro precisou levar oito pontos, e Graner ajudou a costurá-lo. Ele também fez questão de fotografar a situação em detalhes, passo a passo: o prisioneiro deitado no chão com sangue escorrendo por baixo do queixo como se a sua garganta tivesse sido cortada, e mais sangue espalhado pelo rosto; Graner curvado sobre ele, usando luvas cirúrgicas, prestando atenção em sua pinça e linha; a parede riscada de sangue, contra a qual o prisioneiro havia sido jogado; a sua camisa ensopada de sangue, estendida cuidadosamente no chão, como uma relíquia sagrada. Graner, então, fez sua refeição da noite na ala, e enquanto isso o capitão Brinson e o primeiro-sargento Lipinski vieram ver como estava o prisioneiro ferido. Quando Graner voltou sua atenção aos outros recém-chegados, um deles também não estava seguindo as instruções, então bateu nele também. "Você sabe", disse, "eu digo o que tem de ser feito em árabe, e se ele não entende o que estou dizendo, dou-lhe um tapa na cara, exatamente como fiz com qualquer outro."

Graner começou a despir os prisioneiros para a atividade física, como achava que Jordan queria que fizesse, mas Brinson pediu-lhe que os mantivesse vestidos e os colocasse em suas celas. Graner então mandou que colocassem os macacões e, disse, "quando todos estavam prontos, exceto o homem que levou os pontos, que eu já tinha levado para a cela, os outros com saco na cabeça receberam ordens de engatinhar para suas celas enquanto o primeiro-sargento Lipinski e o capitão Brinson me observavam". Graner disse também que o capitão Avery, um advogado do corpo de fuzileiros navais da Procuradoria-Geral da Justiça Militar, estava na ala naquela noite, como "quase todo dia". Avery e outro oficial da Procuradoria-Geral, capitão Fitch, que era o assessor legal do coronel Pappas, tinham familiaridade com a visão de prisioneiros nus, "com homens no chão, sendo forçados a fazer atividades físicas extenuantes, com prisioneiros pendurados nas portas", disse Graner. Algumas vezes, um deles via algo acontecendo com um prisioneiro e dizia: "Ei, isso é errado", ou: "Operacionalmente, não podemos fazer isto". Mas quando não diziam nada, Graner interpretava o seu silêncio como "consentimento implícito — que tudo isso estava OK, porque tem aqui uma pessoa da Procuradoria-Geral, e ela parece não ver nada de errado com isto".

Aparentemente, Avery estava pouco à vontade com a visão do prisioneiro com o queixo cortado, e ele mencionou isso a outro oficial da Procuradoria, que tinha menos familiaridade com a ala. "Uma bandeira vermelha foi levantada", disse Graner, e Brinson, que era seu líder de pelotão, sentiu-se compelido a documentar o incidente. Dois dias depois, ele apresentou a Graner um Formulário de Aconselhamento de Desenvolvimento, um documento-padrão do Exército pelo qual um oficial pode formalmente comunicar suas preocupações a um soldado que ele considera estar necessitando de orientação. Sob o título Pontos-Chave de Discussão, Brinson havia escrito:

Cabo Graner, você está fazendo um bom trabalho na Ala 1 da ICB [Instalação Correcional de Bagdá]. Como responsável não comissionado da área de "Prisão da IM", você tem recebido muitos elogios por parte das unidades de IM daqui e especificamente por parte do tenente-coronel Jordan. Continue a agir neste nível e isso nos ajudará a ter sucesso em nossa missão como um todo.

Estou preocupado com dois assuntos relacionados à sua atitude. Primeiramente, o sargento de primeira classe Snider tem falado com você sobre sua aparência em serviço. Eu exijo de todos os soldados que mantenham o uniforme do Exército e padrões de aparência em todos os momentos e recomendo que os exceda sempre que possível. Quero reforçar esta questão com você.

Em segundo lugar, devido ao alto nível de estresse associado ao trabalho na Ala 1, estou preocupado com que isso não afete seu trabalho. Muitas vezes você tem de lidar com detentos de segurança que são do maior valor de informação secreta. Esses detentos com freqüência tentam incitar nossos soldados a atos agressivos, insultando-os ou não obedecendo aos comandos. Além disso, a Ala 1 abriga as celas de isolamento para a prisão da segurança máxima. Estas celas estão cheias de detentos cujos comportamentos não cooperativos e/ou agressivos os colocaram no isolamento. E também a Ala 1 mantém prisioneiros com problemas de saúde mental. Esses detentos adicionam estresse ao trabalho na Ala 1.

Houve um incidente em 14 de novembro de 2003 envolvendo um detento de segurança cujas ações, em suas palavras, obrigaram-no ao uso da força para recuperar o controle da situação. O detento recebeu escoriações e cortes no rosto durante o incidente. Deixe-me dizer primeiro, e antes de qualquer coisa, que você tem um direito inerente de autodefesa, que não pode ser tirado de você. Eu dou cem por cento de apoio à sua decisão quando você achar que deve defender a si próprio. Você afirmou que aumentou a intensidade de suas ações dentro dos níveis aprovados de força. Afirmou que usou o nível apropriado de força através do *continuum* do uso de força para conter a situação. Em seguida, afirmou que interrompeu todo o uso de força e buscou atenção médica para o detento. Declarações de outro PE em serviço naquela noite não esclarecem em nada o incidente. A não ser que outra evidência se apresente, aceito sua versão dos acontecimentos.

Esta foi a primeira página, e na segunda, sob o título de Plano de Ação, Brinson aconselhou Graner a consultar novamente as regras de ação dos PEs — a folha que descreve a abordagem do "grite, empurre, mostre, atire", referente à escalada de força — e também que procurasse um oficial da Procuradoria-Geral para responder a quaisquer perguntas que pudesse ter sobre o assunto. Brinson também disse a Graner que suas atribuições de trabalho seriam ajustadas para que ele tivesse tempo de folga fora da Ala, bem como acesso ao capelão e a "outras opções de aconselhamento para

lidar com o estresse". Se Graner alguma vez procurou ou recebeu aconselhamento, não há nenhum registro, e ele permaneceu no bloco da IM por mais um mês antes de ser designado por um mês para servir nos comboios de transporte de prisioneiros, que era o que ele disse que queria desde sempre. Tecnicamente, o formulário de aconselhamento era uma advertência. Mas Brinson tinha uma mentalidade política; na vida civil ele trabalhava como assessor legislativo e sargento-especialista em segurança nacional para o deputado Mike Rogers, um republicano do Alabama no Comitê de Serviços das Forças Armadas. Se tivesse identificado algum erro na atitude de Graner, ele deveria prestar contas, em nome de ambos, aos seus próprios comandantes. Ao cobrir seu soldado de elogios, resguardou a si próprio nas duas direções, e Graner e seus colegas levaram o relatório ao pé da letra, ou seja, como aprovação e sinal verde.

"Ele recebeu um tapinha nas costas", disse Javal Davis.

Também a Cruz Vermelha era política — embora com o compromisso de permanecer apolítica. Menos de uma semana após a 372ª assumir sua função na segurança máxima, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) retornou a Abu Ghraib para completar sua avaliação interrompida do bloco da IM. Dessa vez, depois de impacientes negociações, os delegados puderam ver os prisioneiros que pediram para ver, embora por breve tempo, durante o plantão diurno, e sob a observação de guardas militares que os proibiram de fazer quaisquer questionamentos a não ser sobre a identidade e a saúde dos presos. "Essa foi uma situação totalmente ruim", disse o sargento Jeffery Frost. "Eles queriam que abríssemos todas as celas e deixássemos que eles andassem livremente e entrevistassem todos os detentos. Entendemos que era o direito deles, mas essa prisão é nossa — é preciso aceitar as nossas regras."

O interessante é que as regras do Exército eram oficialmente as mesmas do CICV — as convenções de Genebra; Frost disse que, mesmo quando a general Janis Karpinski inspecionou a prisão, a instrução que veio de cima, antecipadamente, era para arrumar a Ala: o chão deveria ser esfregado, os prisioneiros tomariam banho e ficariam apresentáveis. "Nós tivemos uma exibição de cães e pôneis", ele disse. "Todo mundo ganhou de volta seus colchões. Todo mundo ganhou suas roupas de volta. E então, assim que eles foram embora, quem quer que estivesse destituído de alguma coisa, seria destituído de novo." As visitas de Karpinski eram raras, mas Frost disse que a enganação era um transtorno.

Os delegados da Cruz Vermelha, no entanto, não se deixavam enganar tão facilmente, e tendo como base suas duas visitas relataram — pessoalmente, na época, ao comando da prisão, e por escrito, várias semanas mais tarde, à própria Karpinski — que a Ala 1A era palco de aberrações e violações sistemáticas das convenções de Genebra. O relatório escrito do CICV descrevia prisioneiros nus e privados de sono, em posições estressantes, em celas sem luz, com feridas e cicatrizes nos pulsos por serem algemados incorretamente, e com mentes aturdidas por trauma psicológico — "fala incoerente, reações de ansiedade aguda [...] idéias suicidas". E o CICV finalmente concluía que os "maus-tratos" dispensados a esses prisioneiros "em alguns casos eram equivalentes a tortura".

As descobertas eram condenatórias, um grito agudo de alarme — especialmente à medida que o relatório deixava claro que a brutalidade no bloco da IM era conhecida e admitida pelos altos oficiais que comandavam Abu Ghraib. Mas o CICV é dirigido a partir de sua sede em Genebra, com a mesma ética de lábios selados quanto à confidencialidade do cliente que um banco suíço utiliza. Por isso compartilha suas avaliações das condições de prisões somente com os governos e exércitos responsáveis por elas. Esse sistema de circuito fechado de monitoramento e responsabilidade, que se apóia em boa-fé e retidão mútuas, deixa a Cruz Vermelha sem poderes de

fato, e efetivamente a torna cúmplice do acobertamento, quando o maltrato de prisioneiros é o resultado de uma política, como era na segurança máxima. Da mesma forma, quando os delegados da Cruz Vermelha visitaram os campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, não disseram a ninguém o que viram e ouviram, exceto aos nazistas. Em circunstâncias tão comprometidas, os relatórios da Cruz Vermelha não podem servir aos seus propósitos legais e humanitários, a não ser quando vazam à opinião pública, como aconteceu com o relatório sobre Abu Ghraib — seis meses mais tarde. Naquela altura, porém, isso não teve mais nenhum efeito.

Karpinski, que considerava que a Ala 1A era departamento da IM, não seu, encaminhou o relatório ao coronel Marc Warren, o consultor legal do tenente-general Sanchez, que havia escrito as regras de interrogatório para a prisão. "Eu não podia acreditar", disse Warren. Então, ele fez indagações: "Eu falei com oficiais da Procuradoria-Geral e da IM que tinham familiaridade com as condições de Abu Ghraib, e a reação unânime foi de que esses relatórios não podiam ter credibilidade". Em particular, Warren falou com o vice do coronel Pappas e com seu principal consultor legal, e ele disse: "Eu me lembro de uma conversa em que se afirmou que essas alegações eram malucas". Com essa confirmação, Warren preparou uma carta para Karpinski em que desautorizava as observações do CICV como uma fantasia equívoca e hostil.

Teria sido ultrajante, claro, se os inspetores da maior operação da IM dos Estados Unidos no Iraque não soubessem o que estava acontecendo com seus prisioneiros de maior valor. Mas a cumplicidade, o fechar de olhos e o acobertamento, a negação de responsabilidade, em que cada um cobria seu próprio traseiro, a auto-enganação e a covardia, a indisciplina e a incompetência contaminaram cada elo da corrente de comando que corria do bloco da IM ao Pentágono e à Casa Branca — uma burocracia militar que havia sido intimidada e corrompida de cima a baixo por senhores civis que

não tinham nenhuma experiência de combate. Tempos depois, quando as fotografias do bloco da IM se tornaram públicas e a desgraça americana era a conversa do momento em todo o mundo, não havia mais fim para as especulações sobre se se poderia encontrar um elo direto — um documento, uma pista de documentos, alguma evidência inegável — que ligasse as cenas das fotos àquela chefia civil: o presidente, o vice-presidente, o secretário da Defesa. Falava-se desse suposto elo perdido como a "prova do crime". Mas o elo não estava perdido: ele estava exatamente ali, na nossa frente. Abu Ghraib era a prova do crime.

a Soldados alemães do estado de Hesse contratados pelos ingleses para ajudar a combater os colonos durante a Revolução Americana.
b Expressão pela qual eram conhecidos os soldados ingleses durante a Revolução Americana.
c Isaías 49, 8-9, conforme a tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin em *Bíblia Sagrada*, São Paulo, Paulus, 1990, p. 993.

15.

Pouco depois das quatro da manhã do dia 4 de novembro de 2003, um novo prisioneiro foi trazido a Abu Ghraib e levado direto à segurança máxima. O plantão diurno acabara de começar, e o sargento Tony Diaz estava assumindo no lugar de Hydrue Joyner como o PE responsável no bloco da IM. Jeffery Frost estava lá também. Os americanos que apareceram com o novo prisioneiro, um interrogador e seu intérprete, estavam vestidos de preto e identificaram-se como homens de OAG. "Gente da CIA", disse Frost. O prisioneiro tinha a cabeça coberta por um saco. As mãos estavam algemadas nas costas, e ele usava apenas uma camiseta — nenhuma calça, cueca, meias ou sapatos. "Ele estava bem machucado. Disseram que tinha resistido à prisão", disse Frost. "Ele estava respirando muito forte. Dava para ouvir o coração dele, também. Era uma batida muito alta. Quero dizer, estava tudo bem — ele falava enquanto estava vindo. Eles o interrogavam", disse Diaz.

Os PEs não fizeram nenhuma pergunta. "Quem era o homem, o que ele tinha feito, não era da nossa conta", disse Diaz. "Tudo o que fizemos foi o seu processo." Não havia documentos, claro, com um prisioneiro-fantasma. Fazer o seu processo significava tirar sua camisa, revistá-lo, fazê-lo vestir um macacão e marchar até o chuveiro na Ala 1B, onde o interrogador da CIA instruiu os PEs a acorrentarem suas mãos algemadas a uma janela, pendurando-o em posição palestina. Então os PEs foram dispensados.

Trancaram a porta engradada do chuveiro atrás de si, cobriram-na com lençóis para obter privacidade e deram início às rodadas da manhã.

Uma hora depois — ou talvez uma hora e meia — Diaz e Frost estavam tomando café quando o interrogador emergiu do chuveiro e pediu a ajuda dele. O prisioneiro não estava respondendo às perguntas, e o interrogador queria pendurar ainda mais alto as mãos dele nas barras para aumentar o desconforto. Os PEs entraram e Diaz içou o homem para o alto enquanto Frost levantava a corrente. Quando Diaz o largou, o prisioneiro pendeu para a frente pendurado pelos braços. "Pensei: 'Nossa, esse homem é forte'", disse Diaz. "Você podia ver as algemas — é como se todo o peso dele estivesse sustentado pelos pulsos."

O interrogador, que havia se sentado, continuou a fazer perguntas sem parar enquanto observava os PEs manobrarem seu prisioneiro silencioso. Então, ele pediu para levantar mais alto as mãos do homem. Dessa vez, Frost fez o levantamento. "Estou segurando o homem somente pelo macacão. Não estou segurando embaixo dos braços, nem nada, e o macacão o está levantando pela virilha. Eu disse, 'Credo, esse homem é ótimo em se fingir de morto, pois eu no lugar dele estaria urrando como nem sei o quê'. Todo mundo deu risada e ninguém pensou muito naquilo."

Quando as algemas foram reajustadas, Frost o largou. "Lembro-me como os braços dele iam para trás. Era uma posição muito esquisita, e, de novo, eu pensei: 'Esse homem é realmente incrível, porque os braços dele estão quase quebrando, estou surpreso de não terem quebrado ainda'. Eu estava esperando pelo estalo."

Diaz disse que o interrogador continuou com as perguntas. "A gente pensou: 'Nossa, isso está errado'", Diaz disse. "Eu cheguei mais perto, tentando ouvir o coração dele, mas não ouvi nada." Ele pediu a um PE que trouxesse água fria, e quando o balde chegou ele jogou a água no prisioneiro. O homem não recuou. "Foi quando levantei o capuz e vi então pela primeira vez o rosto dele. O rosto estava totalmente acabado — olhos roxos enormes

e contusões por todo lado." Um dos olhos não abria de tão inchado e o outro estava aberto. Diaz não sabia dizer o que o olho aberto estava olhando. Ele abanou um dedo perto do nariz do prisioneiro, mas o olho fitava o vazio, e ocorreu a Diaz: "Esse homem nem está vivo".

Ele disse que avisou ao interrogador: "Senhor, este homem está morto", e o interrogador respondeu: "Mesmo? Ele não pode estar morto".

"Não sei se ele na verdade já sabia que o prisioneiro estava morto e estava só tentando acobertar o fato", disse Diaz. "Mas, para mim, ele fingiu que não sabia que ele estava morto. Eu disse: 'Sim, senhor, ele está morto'. E foi aí que ele pegou o celular e começou a ligar para as pessoas. Ele saiu do chuveiro."

Quando Diaz e Frost tiraram as algemas do prisioneiro e o abaixaram até o chão, espirrou sangue de sua boca e nariz. Diaz disse ao interrogador: "Ei, escute, isso é por sua conta". Então ele pegou o rádio e também pediu ajuda.

Durante seu tempo em Abu Ghraib, Diaz dedicou muitas noites ao videogame Max Payne, cujo herói que lhe dá o nome é um ex-policial procurando vingança pelo assassinato da esposa e do filho. "Ele vai atrás dos bandidos", Diaz explicou. "Ele vai por sua conta, pega tudo em suas próprias mãos, tentando encontrar quem matou sua família. Ele consegue no final. Ele mata todos eles." Diaz se tornou um especialista naquele jogo; quando se tornou Max Pain, ele também matou todos os bandidos. "Era uma maneira de me entreter", disse. Mas ele nunca tinha tido nada a ver, antes, com uma pessoa morta de verdade — "cemitérios, só isso que eu vi, túmulos", disse —, e ele não conseguia tirar da cabeça que havia visto aquele morto andando com seus próprios pés uma hora e meia antes.

"Durante o tempo todo estávamos mexendo com o homem, carregando-o e levantando-o — nesse tempo inteiro, ele estava morto", disse Diaz. "Eu até fiquei com sangue no meu uniforme, porque ele estava pingando. E eu me senti mal porque sei que não tenho nada a ver com isso, mas de repente isso me faz sentir que tenho, sim."

Quando a notícia da morte se espalhou pela hierarquia de comando de Abu Ghraib, uma parada de oficiais sêniores desfilou pelo chuveiro da Ala 1B. Os homens da CIA se recusaram a levar o prisioneiro destruído com eles quando saíram, e ninguém sabia como lidar com o corpo de alguém que não existia oficialmente quando estava vivo. Como você chama um fantasma morto? Ninguém sequer sabia seu nome.

Quando o coronel Pappas apareceu, disse: "Eu não vou assumir isso sozinho". Não estava claro se ele estava ameaçando alguém em particular, mas nada mais precisava ser dito para assegurar que o interesse coletivo em negar o ocorrido foi agudamente sentido. Então, o pessoal de saúde foi chamado para limpar o morto, enfaixar suas feridas abertas e envolvê-lo em gelo dentro de um saco de cadáver. O chuveiro foi escovado com cloro, o saco foi fechado e colocado em um canto, a sala foi trancada e um aviso foi escrito no caderno de registros do bloco de celas: "chuveiro do 1B não deve ser usado até que OAG seja removido".

Naquela tarde, quando os PEs do plantão noturno se apresentaram ao serviço na segurança máxima, o capitão Brinson os chamou para uma reunião. "Ele disse que havia um prisioneiro que tinha morrido no chuveiro, e que ele havia morrido depois de um ataque do coração", disse Sabrina Harman. Ela e Graner estavam de plantão naquela noite e estavam curiosos, claro — todo mundo estava —, mas voltaram ao trabalho.

Na noite anterior, um agente do Comando de Investigações Criminais do Exército (CIC) chamado Ricardo Romero, soldado de linha no bloco da IM, havia trazido um novo prisioneiro, suspeito de envolvimento na morte de um companheiro de CIC. A história era que o prisioneiro insistia em dar um nome falso e em dizer que ele não era quem o CIC afirmava que ele era. "Eles achavam que ele estava mentindo", disse Graner. "Se pudessem descobrir que estava mentindo quanto ao nome, poderiam pegá-lo quanto

às outras acusações também. Então, eu tinha instruções de Romero... Suas palavras foram 'Faça a vida dele um inferno sobre a terra durante os próximos três dias e descubra o nome dele'." Graner deu ao prisioneiro o apelido de Gilligan e o submeteu ao tratamento-padrão: os gritos, a atividade física extenuante, a caixa de refeições para segurar ou subir. Ele manteve Gilligan encapuzado; normalmente também o teria despido, mas, disse, "estava fazendo um frio terrível naquelas duas noites". Então, Graner cortou um buraco em um dos cobertores das celas e o colocou no prisioneiro como um poncho. Mas isso foi por piedade. Na segunda noite, Gilligan estava de pé na caixa, dessa vez no chuveiro da Ala 1A, e Graner gritava para ele com sua voz poderosa de instrutor de treinamento dos fuzileiros navais, "só berrava com ele a noite toda", disse, "mais ou menos repetindo a primeira metade do *Nascido para matar*,[a] o mais alto possível, e então perguntava qual era o nome dele".

Por um momento, naquela noite, o amigo de Graner, sargento-especialista Matthew Smith, foi até lá e se juntou à gritaria, e Javal Davis também o visitou e emprestou sua voz ao coro. Da mesma forma o sargento Frederick. Frederick disse que quando ele andava pelo bloco em suas rondas noturnas de segurança encontrou-se com Romero na Ala 1B flertando com uma prisioneira através das grades da cela — conversando com ela e jogando beijos. Frederick disse que perguntou a Romero sobre Gilligan, e que Romero respondeu: "Estou cagando e andando para o que você vai fazer com ele, só não mate o cara".

Frederick disse que ele tomou as palavras de Romero "como uma ordem, mas não como uma ordem específica", e explicou: "Para mim, Romero era uma figura autoritária; quando ele disse que precisava que o detento fosse estressado, eu queria me certificar de que o detento estava sendo mesmo estressado". Então Frederick foi ao chuveiro para inspecionar a cena. Graner estava descansando, e Gilligan estava empoleirado em sua caixa. Frederick percebeu alguns fios elétricos soltos, pendurados na parede, atrás de

Gilligan. “Eu agarrei os fios e encostei um no outro para ter certeza de que não estavam ligados na corrente”, disse. “Quando vi que não acontecia nada, dei um nó no final do fio e coloquei, acho, no dedo indicador dele, e o deixei ali.” Frederick disse que Javal Davis e Harman chegaram ao chuveiro enquanto ele estava fazendo isso, e alguém, então, amarrou um fio na outra mão de Gilligan, e enrolou outro embaixo da garganta dele. “Eu me lembro de Davis dizendo qualquer coisa do tipo ‘onde fica o interruptor?’ — ou algo assim”, disse Frederick. Mas Harman contou ter dito a ele que não caísse, que ele seria eletrocutado se caísse.

Harman ficou ocupada quase todo o tempo, naquela noite, mantendo o prisioneiro que eles chamavam de Garra acordado, e socorrendo Bostinha, que havia se sujado todo novamente. Ela havia dado uma parada para descansar quando foi juntar-se aos outros no chuveiro, e, embora Gilligan entendesse inglês, ela não sabia ao certo se ele acreditara em sua ameaça ou não.

“Eu sabia que ele não seria eletrocutado”, ela disse. “Então, aquilo não me incomodou de verdade. Eram apenas palavras. Não havia ações reais naquilo. Teria sido mais maldoso se de fato houvesse eletricidade e ele pudesse ser eletrocutado. Nenhum dano físico foi realmente infligido a ele.” Na verdade, ela disse, “ele estava rindo de nós no final da noite, talvez porque soubesse que não conseguiríamos quebrá-lo”. O caso todo do falso choque elétrico não durou mais do que dez ou quinze minutos, só o tempo necessário para uma sessão de fotos. Assim que os fios foram atados em Gilligan, Frederick deu uns passos para trás, instruiu Gilligan a estender os braços para os lados, como asas, e tirou uma foto. Depois, tirou mais uma, idêntica à primeira: o homem encapuzado, com sua capa de poncho, descalço em cima de uma caixa, braços estendidos, fios amarrados aos dedos. Clique, clique — dois segundos —, e passados três minutos Harman fez uma foto semelhante, mas de alguns passos atrás, de modo que Frederick aparece ao fundo, no canto da foto, analisando a fotografia que havia

acabado de tirar na tela de sua câmera, a foto que se tornaria a mais famosa, a mais reconhecida e a mais amplamente reproduzida imagem da guerra.

Aquelas não foram as primeiras fotografias tiradas no bloco naquela noite, nem seriam as últimas. Logo após a sessão com Gilligan, alguém notou que havia água escorrendo por debaixo da porta para o chuveiro na Ala 1B. Graner pegou a chave e Harman o acompanhou para ver o que estava acontecendo. "O cara que foi morto — ele começou a derreter", ela disse. "Ele estava ali fazia horas, e todo o gelo que estava em cima dele escorria para fora." Quando entrou no chuveiro, Harman fotografou o saco de borracha preto contendo o corpo, que jazia na parede oposta. Graner clicou a mesma cena. Então, com as mãos revestidas por luvas cirúrgicas de látex azul-turquesa, eles abriram o zíper do saco.

"Nós só checamos o corpo e tiramos fotos dele", disse Harman. "Dava para perceber que ele não morreu de jeito nenhum de ataque do coração, por causa de todos aqueles cortes e sangue saindo pelo nariz. Você não imagina que os seus comandantes vão mentir para você a respeito de alguma coisa. Bem, não dá mais para confiar no seu comandante depois dessa."

Bolsas de gelo translúcidas envolviam o prisioneiro morto do pescoço para baixo, mas sua face machucada e enfaixada estava exposta — boca semi-aberta, como se estivesse no meio de uma fala. Harman, a aspirante a fotógrafa forense, fotografou-o de vários ângulos, fazendo diversos closes, enquanto Graner esfregava o chão. Quando terminou, ele tirou uma foto dela posando com o morto, curvando-se para dentro da composição da foto, iluminando com o flash seu sorriso Kodak e uma de suas mãos enluvadas com o polegar para cima. Ela usou a câmera de Graner para fazer uma foto dele parecida com essa, e depois, cerca de seis minutos no chuveiro, fechou o zíper do saco contendo o cadáver, e foram embora.

"Acho que na hora não estávamos pensando, puxa, esse cara tem família, ou, puxa, esse cara foi assassinado", disse Harman a respeito daquelas fotos alegres e festivas. "Foi meio assim — puxa, esse cara está morto, vai ser legal tirar uma foto ao lado de uma pessoa morta. Eu sei que dá uma má impressão. Quando eu olho para estas fotos, hoje, penso, meu Deus, isso dá uma péssima impressão. Mas quando estávamos naquela situação, não era tão ruim como parece agora nos jornais, acho, porque as pessoas têm fotos de tudo quanto é coisa. Por exemplo, se um soldado vê alguém morto, normalmente ele tira fotos daquilo."

Harman poderia ter dito com muito mais exatidão que não é incomum tirar fotos como essas. Soldados têm sempre trocado histórias malucas de guerra — como forma de se gabar ou confessar, de moralizar ou estimular —, e as respostas acríticas de outros soldados em Abu Ghraib às fotos do plantão noturno do bloco da IM sugerem que elas eram vistas como parte dessa tradição de camaradagem. Javal Davis não tirou nenhuma foto na segurança máxima, e também não aparece em nenhuma delas, mas disse que "todo mundo tinha uma câmera digital. Todo mundo estava tirando fotos de tudo, dos prisioneiros, até dos mortos. Como no Vietnã, quando os caras estavam tirando fotos do morto com um cigarro na boca. Tipo, 'Ei, mãe, olha isso'. Parece doentio, mas lá isso era lugar-comum, não era nada. A sua mente, em uma situação dessas, fica entorpecida. Quando você está cercado pela morte, por carnificinas e pela violência 24 horas por dia, sete dias por semana, você é absorvido por aquilo tudo. Você vai andando pela rua e vê um morto no meio do caminho, e, se há alguns meses você diria: 'Ai, meu Deus, uma pessoa morta', hoje você só diz: 'Saco, esse aí se deu mal, vamos comer alguma coisa'. Você podia até ver uma pessoa correndo pela rua em chamas, e se não fosse um soldado americano você só pensava que precisava apagar o fogo daquele cara".

Mas há uma grande diferença entre fotografar os excessos da guerra e usá-los como cenário de poses de exibição. Ao ver Graner e Harman

fazendo caretas ao lado do prisioneiro morto, não há como evitar a impressão de que esses soldados estão celebrando a morte dele, e a sugestão de que talvez tenham tido algo a ver com aquela morte. As fotos podem ter sido tiradas apenas como brincadeira — "para uso pessoal", como disse Frederick sobre as fotos de Gilligan —, mas elas parecem estar em total desacordo com as alegações de Harman de que as fotos de Abu Ghraib tinham um propósito maior de documentário. Por contraste, o ato de Harman tirar esses retratos horríveis e íntimos do cadáver é um indicador de sua experiência de choque ao descobrir os escombros.

Mais tarde naquela mesma noite, Harman retornou ao chuveiro com Frederick para examinar o corpo mais cuidadosamente. Dessa vez ela olhou por debaixo dos sacos de gelo, levantou as ataduras e ficou fora das fotos. "Comecei a tirar fotos de tudo o que vi e que estava errado: de todos os machucados e cortes", ela disse. "Os joelhos dele estavam feridos, as coxas e os genitais. Ele tinha marcas nos pulsos, ferimentos por todo lado. Você tinha que ver de perto. Ou seja, eles limparam o corpo muito bem. As gazes nos olhos dele foram colocadas depois que ele morreu para dar a impressão de que teve tratamento médico, porque ele não teve quando chegou à prisão. Tinha tanta coisa em volta das faixas, como o sangue que saía do nariz e dos ouvidos. E o dente dele estava lascado — não sei se isso aconteceu ali ou antes —, um dos lábios estava aberto. E parecia que alguém deu uma coronhada nele ou o jogou contra a parede. Era uma ferida profunda, de tamanho considerável. Fotografei aquilo também. Eu só queria documentar tudo o que via. Foi por isso que tirei aquelas fotos. Foi para provar, para todo mundo que visse aquele cara, que mentiram para mim. Esse cara não morreu de ataque do coração. Veja todos esses ferimentos existentes que tentaram acobertar."

Graner tinha uma idéia diferente sobre o que as fotos provavam. Na próxima vez que um homem das OAG lhe pediu que levasse de volta à cela um prisioneiro que desmaiara durante o interrogatório ele lhe disse: "Eu não

me preocuparia com isso. Você sabe que esses caras podem matar. Se alguém estivesse inconsciente, eu o arrastaria de volta para a cela".

Depois de aproximadamente trinta horas dentro do chuveiro, o cadáver foi removido da Ala disfarçado de prisioneiro doente — com o objetivo, disse o tenente-coronel Jordan, de prevenir uma "revolta geral" na prisão. Jordan descreveu o procedimento desta forma: "Eles colocaram o corpo em uma maca, enrolaram o saco onde ele esteve colocado, puseram um cobertor por cima, amarraram um soro intravenoso já usado no braço dele, para dar a impressão de que estava recebendo soro, cobriram o rosto com uma máscara de oxigênio e o levaram embora". A cena fez com que Hydrue Joyner, que estava de novo de serviço naquele dia, se recordasse da comédia farsesca de Hollywood, *Um morto muito louco*, na qual dois carreiristas bufões tratam seu patrão assassinado como se fosse um boneco, fingindo que ele está vivo para não despertar suspeitas sobre sua morte.

"Inacreditavelmente grotesco", disse Joyner a respeito da simulação do saco com o soro intravenoso. "Mas a coisa veio de cima. Eles não queriam nenhum dos prisioneiros pensando que estávamos ali matando gente." No caderno de registros, Joyner referiu-se ao morto como Bernie, mas os investigadores do Exército logo o identificaram como um suspeito de insurgência chamado Manadel Al-Jamadi, que supostamente havia fornecido os explosivos para o bombardeamento da sede da Cruz Vermelha em Bagdá uma semana antes de sua prisão. Na semana seguinte, uma autópsia concluiu que Al-Jamadi tinha sucumbido a "ferimentos causados por força bruta" e "respiração comprometida", e sua morte foi classificada como homicídio.

Por volta da mesma época, o comando chegou à conclusão de que Gilligan não era, afinal de contas, quem eles pensavam que fosse quando sofria no chuveiro. "Tudo aquilo, e o pobre homem era inocente", disse

Harman. Ele permaneceu na Ala 1A, e logo se tornou um dos prisioneiros favoritos dos PEs. Como os homens da 1B acusados de estupro, que comeram o pão que o diabo amassou antes de serem isentados de culpa, Gilligan também recebeu o status privilegiado de trabalhador do bloco, com permissão para sair regularmente de sua cela para ajudar na limpeza. Megan Ambuhl o achava "bastante decente", e disse que tinha uma fotografia dele compartilhando uma refeição e um cigarro com Charles Graner. Gilligan, ela disse, "não parecia sofrer de nenhum efeito maléfico" do tratamento anterior dispensado a ele; e Sabrina Harman disse que "ele era um cara muito, muito engraçado. Se eu tivesse que trazer algum deles para casa, definitivamente eu o escolheria".

Diante das circunstâncias, Harman ficou perplexa quando a figura de Gilligan, como Frederick o havia fotografado — de capa e capuz, amarrado a fios elétricos, de pé em cima de uma caixa —, se tornou, tempos mais tarde, o ícone de Abu Ghraib, e provavelmente o símbolo mais reconhecido da guerra ao terrorismo depois das torres gêmeas do World Trade Center. A imagem havia se proliferado pelo mundo em incontáveis reproduções e representações, na imprensa, claro, mas também em murais e cartazes, camisetas e outdoors, nas paredes de mesquitas e em galerias de arte. Anos mais tarde, a própria Harman fez uma tatuagem de Gilligan em um dos braços, mas ela considerava aquilo um assunto pessoal. Foi a fascinação do público pela fotografia de Gilligan — entre todas as imagens de Abu Ghraib — que ela não conseguia decifrar. "Acho que as pessoas pensaram que ele estava sendo torturado, mas não estava", disse. "Existem muitas fotos bem piores. Nada de ruim aconteceu com ele, na verdade."

Por que Gilligan, se Al-Jamadi jazia morto no chuveiro, logo ali ao lado? As fotos de Harman, tiradas quinze minutos após a sessão de Gilligan, eram a única prova, além das investigações secretas do Exército, da CIA e do Departamento de Justiça, de que o homem havia sido morto durante um interrogatório. Isso sem falar em assassinato. "Veja o Motorista de Táxi",

disse Harman. "Aquilo foi muito mau." Sua primeira fotografia de um prisioneiro ainda a assombrava, a imagem de seu momento de iniciação ao horror de Abu Ghraib. O Motorista de Táxi foi pendurado pelos braços esticados para trás — nu e com uma cueca na cabeça — exatamente na mesma posição agonizante em que Al-Jamadi esteve quando morreu. "Acho que aquilo foi pior do que Gilligan só ali de pé, sendo mantido acordado", ela disse.

Harman estava certa: essas fotos eram piores. Mas deixando de lado o fato de que fotografias de morte e nudez, embora dignas de serem noticiadas, não despertam muito interesse na imprensa, o poder de uma imagem não reside necessariamente naquilo que ela mostra. A fotografia de um cadáver lacerado, ou a de um homem nu e amarrado em suplício, pode chocar e revoltar, provocar protestos e investigação, mas deixa pouco para a imaginação. Ela pode ser rica em informação prática, porém é destituída de qualquer significado mais amplo. Na medida em que ela representa quaisquer circunstâncias ou condições que a ultrapassam, ela o faz genericamente. Essas fotografias repelem, em grande parte, por terem uma mesmice terrível e reducionista. Exceto quanto ao ponto de vista forense, não possuem ambigüidade e têm a qualidade da pornografia. Elas são o que mostram, nada mais. Não comunicam nenhuma visão, oferecem pouco, se é que oferecem algo, para se pensar, nenhuma ocasião para questionamento. Não têm valor como símbolo.

Claro, o símbolo dominante da civilização ocidental é a figura de um homem quase nu sendo torturado até a morte — ou, mais simplesmente, o instrumento em si da tortura, a cruz. Mas nossas imagens da morte selvagem de Cristo são o produto da imaginação e da idealização religiosas. Na realidade, com sua carne ferida, lacerada e intumescida, ensangüentada e descolorida sob o impiedoso sol do deserto da Judéia, sua verdadeira imagem teria sido horrível demais de olhar. Se tivesse havido câmeras no Calvário, será que por vinte séculos os fiéis teriam sido movidos a pendurar

fotografias daquela cena em seus altares e em suas casas, ou a portar no pescoço o ícone de um homem sendo executado como um emblema de paz, esperança e camaradagem entre os homens?

A fotografia é franca demais para permitir a noção de sofrimento como algo nobre ou enobrecedor. A fotografia de Gilligan tirada por Frederick se torna poderosa pelo fato de que ela não mostra a forma humana desnuda e reduzida à matéria bruta, mas porque cria uma imagem original de desumanidade, que não admite nenhuma leitura imediatamente auto-evidente. Sua fascinação reside em grande parte no seu mistério e impenetrabilidade — em tudo que está oculto naquilo que é revelado. É uma imagem de carnavalesca esquisitice: aquele corpo ereto, encoberto da cabeça aos pés; aqueles fios; aquela pose que lembra, claro, o crucifixo; e o capuz pontiagudo que carrega associações tão vagas e demoníacas. A pose é obviamente produzida e teatral, uma invenção deliberada, que parece pertencer a algum ritual negro, uma cena primitiva de martírio. Ficamos fixados naquela foto porque ela parece verdadeira, mas, olhando para ela, só podemos imaginar que verdade é essa: tortura, execução, uma cena montada para a câmera? Assim, apreendemos a figura de Gilligan como um símbolo que representa tudo o que sabemos que estava errado em Abu Ghraib e tudo o que não podemos — ou não queremos — entender sobre como isso veio a acontecer.

a Referência ao filme de Stanley Kubrick de 1987 (no original, *Full Metal Jacket*). A primeira metade do filme é inteiramente dedicada ao desumano programa de treinamento de recrutas do corpo de fuzileiros navais americanos durante a Guerra do Vietnã.

16.

A brutalidade é entediante. De novo e de novo, noite de inferno após noite de inferno, a mesma rotina idiota, chata e bestial: fazer homens engatinharem; fazer homens gemerem; pendurar homens em grades; empurrar homens; bater em homens; congelar homens nos chuveiros; jogar homens contra as paredes; mostrar pais acorrentados a seus filhos, e filhos a seus pais. E, se acontecer de terem lhe entregado o homem errado, você pode, depois de já ter conseguido fazer da vida dele uma coisa pequena e horrorosa, permitir que ele seja o seu faxineiro e recolha o lixo dos outros prisioneiros.

Sempre havia outro prisioneiro e mais outro. Homens sem rosto sob capuzes: você os despia de suas roupas, você os despia de seu orgulho. Não havia muito mais que se pudesse tirar deles, mas as pessoas são inventivas: certa noite, alguns soldados pegaram uma navalha e rasparam as sobrancelhas de um dos ex-generais de Saddam. Ele era um homem idoso. "Parecia um avô e parecia ser um cara simpático", disse Sabrina Harman, e ela tentou consolá-lo, dizendo-lhe que ele parecia mais novo, e passando-lhe, escondidos, alguns cigarros. Depois ela teve que fazê-lo ficar de pé virado, para um som potente que berrava um rap de Eminem cantando algo sobre estuprar a mãe dele, ou provocar um incêndio, ou zombar de suicídios, alguma coisa do tipo — estas eram algumas das músicas mais vendidas na história dos Estados Unidos.

"Eminem já é em si uma tortura, e se alguém está sendo torturado, todo mundo é torturado junto, pois a música é horrível", disse Harman. O general manteve a linha, apesar do ataque violento de barulho. "Ele parecia tão triste", disse Harman. "Eu me senti muito mal por ele." Na verdade, disse, "de tudo o que vi, aquilo foi o pior". Esse sentimento soa implausível, ou pelo menos ilógico, até que se reflita sobre o assunto. O bloco da IM era um lugar onde um cara morto era apenas um cara morto. E um cara pendurado na janela ou um cara obrigado a arrastar sua nudez num chão de concreto molhado — bem, como você poderia relacionar-se com isso tudo a não ser, talvez, tirando uma foto? Mas um homem que manteve seu queixo erguido enquanto você o dinamitava com hinos de estupro, um homem velho destituído de suas sobrancelhas, cuja presença, por si só, faz com que você pense nos netos dele — você poderia se deixar tocar por isso tudo, especialmente se tivesse que compartilhar da punição dele: "Vadia, você pensa que eu não vou te enforcar, não, puta/ até que as cordas vocais não funcionem mais na tua garganta...", ou fosse lá o que a música dizia.

A única coisa boa que Harman podia dizer a respeito desse incessante barulho na Ala era que isso a ajudava a ignorar os gritos de prisioneiros sob interrogatório nos chuveiros, ou debaixo das escadas traseiras. Lynndie England gostaria de poder dizer o mesmo. Houve uma noite em que ela pensou estar ouvindo um homem sendo morto. "A OAG estava lá, fazendo o interrogatório", ela disse. "Nós não vimos o que eles fizeram com ele, mas ouvimos. Fiquei ali por apenas cinco ou dez minutos e não agüentei os gritos. Foi ruim demais."

Os outros não podiam ir embora, mas ainda podiam sentir-se chocados. Para Megan Ambuhl houve a noite em que ela estava fumando um cigarro e um OAG — ela tem certeza de que ele era do FBI — emergiu do chuveiro e falou a ela que podia levar o prisioneiro de volta para sua cela. "Eu fui buscá-lo", ela disse. "Ele estava algemado na janela do jeito que o outro cara morreu, então tirei as algemas dele, e eu estava levando o prisioneiro para a

cela quando o cara do FBI disse algo do tipo 'seria engraçado' se eu o queimasse com o cigarro. Deixei o cara ir embora; então peguei o detento e o levei de volta para a cela."

Os PEs podiam até chocar a si mesmos. Em 7 de novembro, dois dias depois que o corpo de Al-Jamadi foi levado da segurança máxima com o soro intravenoso e a máscara de oxigênio, houve um motim no Campo Ganci. Protestos contra as más condições daquela superlotada cidade de barracas ocorriam com freqüência, e não levou muito tempo para os prisioneiros perceberem que estavam dormindo sobre um aterro de lixo; arranhando daqui e cavando dali eles desenterraram restos de metal e de garrafas, além de outros entulhos que serviam como projéteis acessíveis, e todos pareciam saber como usar um pedaço de pano como estilingue. Naquela tarde, os guardas lutavam para controlar os cativos enfurecidos quando alguma coisa dura e pesada, um tijolo ou um pedaço de concreto, voou através dos arames farpados e atingiu uma PE no rosto. A Força de Reação Rápida e três equipes adicionais de PE foram chamadas, Ganci foi cercada por jipes equipados com armas automáticas, para disparar fogo repressivo, e a ordem foi restabelecida sem mais ferimentos. Naquela noite, sob uma lua quase cheia, sete homens que haviam sido identificados como os instigadores da confusão foram entregues à segurança máxima para isolamento e possível interrogatório no bloco da IM. Eles chegaram à Ala 1A por volta das dez horas, e quando foram levados para suas celas, três horas e meia mais tarde, haviam sido jogados em uma pilha, pisoteados, surrados, despidos e rabiscados com uma caneta mágica, forçados a subir um em cima do outro formando uma pirâmide humana, forçados a simular sexo oral, pressionados em linha contra uma parede, e obrigados a se masturbarem — e nenhum dos PEs que participaram desse desordenado show de variedades conseguiu dar uma justificativa para isso.

"Aquela noite começou como uma noite totalmente normal", disse o sargento-especialista Jeremy Sivits. "Encerrei meu dia no pelotão de transporte, e tinha que tomar conta do gerador naquela noite no centro de operações táticas da companhia. Ficar sentado ali, à noite, é uma coisa muito entediante. Eu estava tentando ligar o computador — tínhamos acabado de conseguir estabelecer conexão por e-mail, e levava mais ou menos meia hora, às vezes, para carregar — quando o sargento Frederick apareceu. Começamos a conversar, e ele recebeu uma chamada pelo rádio dizendo que havia alguns indivíduos que ele tinha que processar. Ele disse: 'Se você não tem nada para fazer, por que não desce lá na segurança máxima comigo?'. Aí eu respondi: 'OK, qualquer coisa que faça o tempo passar mais depressa.'"

Os sete prisioneiros do Campo Ganci estavam em uma área de confinamento em frente da segurança máxima, com sacos na cabeça e as mãos algemadas para trás. Como era mecânico, Sivits nunca havia lidado com prisioneiros em Abu Ghraib, mas ele considerava Frederick um bom amigo, e gostava de sempre poder ajudar seus camaradas, então se ofereceu para escoltar um dos prisioneiros até a Ala 1A. Javal Davis estava lá para dar uma força, e também o sargento de primeira classe Snider, que era o supervisor de Frederick na segurança máxima, e o sargento-especialista Matthew Wisdom, um PE que trabalhava no plantão noturno em um dos blocos de celas da ACP. Sivits se dirigiu ao final da fila de guardas, e, quando chegaram à ala, Graner os instruiu a jogar os prisioneiros em pilha no chão. Sivits deu um empurrão no seu prisioneiro, que caiu sobre os outros. Graner, de pé diante deles, gritava em árabe e em inglês. Ele pareceu a Sivits genuinamente enfurecido. Davis, de repente, deu alguns passos e arremessou-se para cima do amontoado confuso de corpos, comprimindo-os contra o solo de concreto.

Sivits já havia visitado Frederick algumas vezes no bloco da IM, portanto tinha uma noção das coisas que aconteciam por lá, mas não estava preparado para o que estava vendo ali naquele momento. "Javal tem quase um metro e noventa", ele disse. "Eu não sei por que ele fez aquilo. Não tenho idéia. Eu não sei por que um monte de gente fez aquelas coisas, naquela noite. Eu gostaria de saber. Raiva, cansaço, tédio, estresse, acho, talvez tudo isso junto — é como um armário que você vai enchendo e enfiando coisa ali dentro por um bocado de tempo, até que chega a um ponto em que você não vai conseguir pôr mais nada lá. E ele estoura. Tenho a impressão que foi isso que aconteceu naquela noite. Simplesmente se chegou ao ponto em que eles não podiam agüentar mais nada e começaram a explodir."

Ou, como o próprio Davis relatou: "O que acontece é que todo mundo estava de saco cheio. Como você sabe, soldados foram feridos — era um momento de muita tensão". Davis entendia por que os prisioneiros se rebelaram. Eles estavam de saco cheio também, disse. Empresas iraquianas corruptas estavam lhes servindo comida que não dava para comer — "traziam arroz sujo, com bichos dentro, comida podre, restos de comida, coisas que sobravam dos restaurantes e que eles colocavam em baldes, jogavam na traseira de um caminhão, serviam aos prisioneiros e eram pagos por isso". E era apenas o começo do descontentamento dos prisioneiros. "Os banheiros portáteis deles eram nojentos — viviam transbordando", disse Davis. "Eles estavam vivendo nas condições mais extremas, em cima de um lixão, cercados por arame farpado, e durante o dia o sol era abrasador, todo mundo suando, sem higiene — gente cheirando mal, doença, ferimentos abertos e coisas deste tipo. E muitos estavam ali sem nenhum motivo, só porque foram varridos junto, nas batidas. É como se estivessem em um campo de concentração, sabe? Eu me revoltaria também. Bem que eu queria poder me rebelar no Campo Vitória, pular em cima da mesa de um comandante que está comendo bife e camarão toda noite, com ar-condicionado, enquanto eu tenho de ficar aqui fora na pior, me esfalfando

com estes prisioneiros, muito mais numerosos que nós, em média uns duzentos para cada soldado."

Em vez disso, Davis pulou em cima dos prisioneiros, e, quando o fez, sua atitude dizia: "Nós estamos aqui tão cheios quanto vocês". Sentindo-se impotente, fez o que podia. "Eu perdi as estribeiras", disse. "Eu pensava: 'Você machucou um dos nossos soldados, então agüenta.'" E, quando saiu de cima da pilha de corpos, começou a andar em volta deles, pisando nas mãos e pés dos prisioneiros. "Ele pisava com muita força, e os detentos gritavam de dor", disse o sargento-especialista Wisdom.

Davis disse que na verdade estava se controlando. "Por sorte, graças a Deus, não estourei para valer", disse. "Teve um soldado conhecido meu que morreu, assassinado por um insurgente. Nós estávamos sendo bombardeados todas as noites. Todas essas coisas se acumulavam na sua mente, e tudo o que você quer é descontar naquele cara, ali na sua frente. Ele quer tirar a sua vida, ou quer ver você ferido, quando você está lá para evitar que ele seja ferido. Eu queria feri-lo, ferir o cavalheiro que jogou um tijolo no rosto daquela PM. Eu queria feri-lo para valer, porque eu sentia que ele merecia. Eu sentia que todos eles mereciam aquilo. Então pisei no dedo do cara. Pisei nos seus dedos do pé. Naquela hora, claro, pensei 'Nossa, acho que a gente está indo longe demais'. Mas a resposta àquilo foi o contrário: nós estamos em guerra. Eles explodiram Nova York e por aí afora. Então era como se a gente estivesse mesmo indo longe demais, mas a gente deveria ir longe demais. Essa é que era a mentalidade. Essa é que era a atmosfera. Era assim: 'eles explodiram nossos edifícios, eles estão matando a gente aí fora, portanto, a gente detona os caras.'"

Sivits era totalmente a favor da autodefesa. Ele descendia de uma longa linhagem de militares, inclusive vários que morreram em batalhas ou em conseqüência delas, e em seu capacete de combate ele escreveu "A liberdade não é de graça". Mas os prisioneiros que Davis pisoteava estavam totalmente sob controle, e não constituíam nenhuma ameaça. "Eles estavam

apavorados. Se você olhasse para eles, via que estavam apavorados", disse Sivits, e ele ficou tão aliviado quanto espantado quando a voz mais rude que já tinha ouvido repentinamente gritou, de cima, o nome de Davis. Era o sargento Snider, no balcão do andar superior da Ala. Ele fez um sinal com o dedo passando na garganta, e mandou que Davis parasse imediatamente com aquilo. Davis obedeceu: "Eu saí dali", disse, "e esse foi o fim da minha participação".

Snider também saiu, foi para a cama. Pouco depois, Lynndie England e Megan Ambuhl o substituíram como observadoras no balcão. England estava com a câmera de Graner, e tirou uma foto enquanto ele agachava ao lado dos prisioneiros, sorrindo e fazendo sinal de positivo com o polegar. Enquanto isso, Sabrina Harman, que naquela noite estava de serviço na ronda da segurança máxima, acabava de chegar à ala, procurando por Ambuhl. Telefones tinham acabado de ser instalados em Abu Ghraib, e Harman finalmente havia conseguido licença para ir para casa — ela partiria em 36 horas —, e ela queria que Ambuhl fosse com ela ligar para Kelly, contando as boas-novas. Mas, quando viu os prisioneiros no chão, também resolveu parar para algumas fotografias. Enquanto tirava as fotos, Graner agarrou a cabeça de um dos prisioneiros prendendo-a com seu braço esquerdo, envergou o braço direito com o punho levantado, posando como se fosse dar um golpe, e pediu a Sivits que tirasse uma foto. Era óbvio para todos que Graner estava encenando a situação para a foto, e Sivits obedeceu, usando a câmera de Frederick. Harman também clicou a cena.

Daí, Graner começou a dar socos de verdade nos prisioneiros, e ninguém tirou fotos. "Parecia que um monstro havia sido liberado", disse Sivits. "Detesto dizer isso, mas essa era a impressão que dava. Não parecia o Graner que eu conhecia." Wisdom disse que viu Graner golpear o primeiro homem na mandíbula e os outros na cabeça ou no peito. "Não sei se ele deu socos em todos, mas acho que foi quase isso", disse Wisdom. Sivits e Frederick se recordam de terem visto Graner aplicando um soco particularmente forte na

têmpora de um dos homens. "O detento caiu imóvel, mas ainda respirava. Ele deu um gemido quando Graner o atingiu", disse Frederick. "Depois que deu o soco nele", relatou Sivits, "ele sacudiu a mão e falou: 'Ai, droga, esse doeu.'"

E assim foi; os humores oscilando entre a violência mais raivosa, e a palhaçada mais jocosa. Graner mandou que England descesse para tirar fotos mais de perto. Ele e Frederick começaram a despir os prisioneiros e a remover suas algemas. Um homem nu teve que se sentar no chão e inclinar-se para a frente com a cabeça contra a parede. Harman fotografou-o assim. Momentos depois, outro homem nu foi trazido e teve que se sentar nos ombros do primeiro. Harman fotografou aquela pose também. Foi quando ela recebeu a papelada que veio com os prisioneiros do Campo Ganci e descobriu que um deles havia sido originalmente preso por estupro. Graner agarrou a perna do macacão daquele homem e a rasgou com as mãos. Harman pegou uma caneta mágica e escreveu "ESTUPRADOR" na coxa dele. Ela não sabe por que fez isso — "para identificação, ou para chamar a atenção sobre ele" —, mas em Abu Ghraib, disse, "não era incomum escrever nas pessoas". Sivits ainda estava preocupado com o prisioneiro que Graner havia socado na têmpora. Ele achava que o homem estava deitado demasiadamente quieto. "Fui até lá e levantei o capuz até ver os olhos dele", ele disse. "O cara estava inconsciente. Eu falei: 'Graner, você nocauteou o cara'. Ele não pareceu ficar preocupado. Então fui até o Freddy. A gente estava de pé, ali. E o Freddy olha para mim e diz: 'Ei, olha isso'. Ele então pega o cara que eu tinha escoltado, levanta o cara, marca um X no peito dele e dá um soco bem no meio do peito. E eu disse: 'Que é isso? Quem é você, o que você fez com o Freddy?'. Porque eu nunca o tinha visto fazer uma coisa dessas. Quando a gente estava em Al Hillah, esse era o cara que pegava um saco de dois quilos e meio cheio de doces e dava para as crianças, e chegava

perto das pessoas e conversava com elas, e gostava de estar ali. E, assim que levou o soco, o cara caiu. E o Freddy veio até mim e disse: 'Acho que fiz o cara ter uma parada cardíaca.'"

Wisdom não ouviu esse comentário, mas viu Frederick golpear o prisioneiro no peito, e disse: "Frederick me falou 'você tem de experimentar isso'". Wisdom, que havia acabado de retornar ao Iraque depois de uma licença, nunca tinha estado no bloco da IM, e era sua segunda ou terceira noite na segurança máxima. Ele não sabia por que os PEs estavam atacando os prisioneiros: "Achei estranho que fizessem aquilo na minha frente, pois não me conheciam, absolutamente. Parecia que eles achavam legal bater nos prisioneiros". Depois de uns quinze minutos na Ala 1A, disse, "eu estava tão enojado com o que vi que fui embora para a minha área de celas. Nunca bati em ninguém, nem poderia".

O prisioneiro que Graner havia nocauteado começou a se mover novamente, mas o homem que Frederick tinha derrubado continuava imóvel, do jeito que caiu, e respirando de forma anormal. Enquanto alguém chamava um médico, e Ambuhl era convocada a buscar o inalador de um prisioneiro asmático no bloco, Sivits agachou perto do prisioneiro. "Apontei para os meus olhos e para ele e falei 'olha para mim, olha para mim'", disse. "Mostrei para ele como respirar fundo e tentei acalmá-lo, e finalmente a respiração dele desacelerou." A inalação também ajudou, e quando a médica chegou, não viu nenhum motivo para alarme. "Quando ela estava saindo, foi muito estranho", disse Sivits. "Eles olharam para ela e disseram: 'Ei, você quer aparecer também em algumas fotos? Você quer algumas?' e ela diz 'não'. Vira as costas e vai embora."

Depois disso, pareceu a Sivits que os guardas relaxaram um pouco. Graner e Frederick continuaram a aterrorizar os prisioneiros, mas pararam com os socos e pontapés, e continuaram a despi-los e colocá-los contra a parede, sentados um em cima do outro; e como Harman recomeçou a tirar fotos, England entrou na cena, posando com os homens nus, apontando

para eles, rindo e fazendo sinal de positivo, com o polegar para cima, em direção à câmera. Graner disse que usava as mulheres na ala para esse tipo de trabalho com tanta regularidade que England o fez "automaticamente" naquela noite.

Enquanto observava a cena, Sivits notou que as mãos de um prisioneiro que ainda estava no chão tinham ficado roxas. As algemas de plástico estavam muito apertadas e já não saíam. Ele disse a Graner: "Esse cara vai perder as mãos". Então, Graner e Frederick o ajudaram a levantar o homem e a segurá-lo, enquanto Sivits tentava, com sua faca, tirar as algemas, apertadas como um torniquete, e Harman fotografava o procedimento. Cortar o plástico duro das algemas sem atingir o prisioneiro foi demorado, mas Sivits conseguiu, afinal, e se sentiu bem por tê-lo feito. Ele ficou feliz por estar ali. "Até onde sei, o cara não perdeu as mãos", ele disse. "Talvez isso tivesse acontecido se eu não tivesse avisado a tempo. Não sei. Nunca tive a oportunidade de ver quanto demora uma coisa dessas."

Uma curta sessão de atividade física se seguiu antes que Graner começasse a levar os prisioneiros um por um para o meio da Ala e colocá-los de quatro, ombro a ombro, quadril com quadril. Quando quatro homens estavam em uma linha reta, ele mandou que outros dois subissem em cima deles. "Nós não sabíamos o que ele estava fazendo", disse England. "Ele não falou nada. E então disse que estava empilhando os prisioneiros em uma pirâmide. E nós perguntamos por quê, e ele respondeu 'para controlá-los, assim eles ficam todos numa área.'" Claro que os prisioneiros já estavam inteiramente nas mãos de Graner, nus e encapuzados e sem oferecer resistência, mas ele os manteve na pirâmide — com o sétimo homem no topo — por menos de dez minutos. Pelo que Sivits podia dizer, o objetivo era a humilhação, e acrescentou: "Acho que era também para a câmera, apenas mais uma foto para adicionar à coleção".

Não era bem uma pirâmide, era mais um amontoado de gente caindo para cá e para lá, já que os prisioneiros, sem poder ver, mal conseguiam

equilibrar-se. Harman fotografou-os de trás, uma confusão de nádegas, pernas e pés, quando assumiram suas posições. England estava no outro lado da pilha humana, e fotografou Harman lidando com sua câmera, com um borrão de cabeças encapuzadas em recortado movimento no primeiro plano. Então, Harman voltou seu sorriso para uma fotografia, com Graner de pé ao seu lado, radiante, os braços cruzados em frente ao peito, os músculos flexionados. E, finalmente, mais uma foto cheia de nádegas: England e Graner posando na cabeça da pirâmide, com os braços enlaçando um ao outro, e o polegar das mãos livres indicando positivo. Aquela fotografia foi tirada alguns minutos antes da meia-noite, e à meia-noite era o aniversário de England. Ela completava 21 anos.

"Ouvi Graner dizendo: 'Bem, este é o seu presente de aniversário', ou algo do tipo", disse England. "Não sei por que ele teria dito isso, porque eu não ia realmente querer aquilo." Mas nas fotografias ela parecia estar de ótimo humor, e essa é a lembrança de Frederick. "Ela estava rindo e se divertindo", disse. "Ela não mostrou nenhum sinal de que não estava gostando, ou que queria ir embora, ou algo assim." Na verdade, disse Frederick, todos estavam se divertindo. Ele descreveu o humor de Graner, naquela noite, como "bastante normal, rindo", e disse que ele também achava que na maior parte do tempo "era tudo bem engraçado".

Graner foi mais cuidadoso ao descrever o estado de espírito de England. "Ela sorriu em várias fotografias", disse, "mas não posso dizer que estava gostando do que estava fazendo." Ele não se lembrava de ter rido muito naquela noite, mas admitia que teria sido possível. "Em relação às risadas e às piadas", disse, "você sabe, tínhamos visto coisas horrendas acontecer, e nós fizemos algumas coisas horrendas — não horrendas, mas fora do habitual, fora da norma. E diversas vezes nós lidamos com a situação fazendo piadas."

Mesmo Sivits, que naquela noite passou a maior parte do tempo cuidando da saúde dos prisioneiros, disse: "Tinha umas coisas sendo feitas que me fizeram rir. Vê-los começar a pirâmide foi um pouco engraçado. Mas aí me deu o clique. Foi meio assim, 'como eu me sentiria?'. Aqueles caras provavelmente se sentiram uma bosta. E, para piorar, estávamos tirando fotos deles. É tudo o que eu queria, alguém tirando fotos de mim enquanto eu estou nu com outros sete caras nus. Não, aquilo não estava certo. Não, isso não é mais uma piada. Isso não é engraçado". Mesmo assim, Sivits ficou ali. "Graner era meu superior", ele disse. "Freddy era meu superior. Então, não questionei a autoridade deles. Nunca fiz nenhuma pergunta. Eu não tinha que saber nada. Não era da minha conta. Eu não trabalhava naquela área. Sim, você sabe a diferença entre certo e errado, mas também é ensinado a seguir ordens quando elas são passadas, e Graner me disse que eles estavam fazendo o que lhes havia sido ordenado. Então eu pensei, OK. É por isso que vocês estão fazendo isso. Você obedece a ordens no Exército. Isso é tudo o que você pode fazer."

Claro, como Sivits reconhecia, a pirâmide tinha sido feita para que fotos fossem tiradas. De fato, quase tudo que foi feito com os prisioneiros naquela noite foi para as câmeras, já que eles estavam nus. Foi o que tornou aquela noite diferente das outras, embora Sivits não tivesse como saber disso. Sim, humilhação sexual dos prisioneiros era rotina e tirar fotos dela também havia se tornado normal. Mas as fotos sempre haviam sido uma resposta ao que acontecia, não o motivo para que acontecesse. E, sim, a foto de Gilligan com os fios em cima da caixa havia sido posada, bem como as que Harman e Graner tiraram um do outro com o corpo de Al-Jamadi. Mas foram coisas únicas, concebidas para durar um instante, como forma de se divertir no meio da ação. A pirâmide humana e as cenas que a antecederam e sucederam eram algo novo.

Do momento em que Graner apareceu entre os prisioneiros recém-chegados com o punho fechado e pediu que tirassem fotos, o impulso

documental que tinha prevalecido entre os PEs do turno da noite deu lugar ao velho desejo de produzir instantâneos felizes; e à medida que a noite seguia, aquela necessidade deu lugar ao espírito do grande teatro. A seção virou um estúdio fotográfico, onde o trabalho soturno dos PEs foi representado como uma farsa obscena para as câmeras, enquanto sua violência nua e furiosa — os socos e pontapés — não era registrada. Foi nisso que deu o uso da fotografia como simples prova da realidade.

Nunca havia ocorrido uma situação em que trabalho, brincadeira e fotografia tivessem se misturado tão completa, consciente e indistintamente no bloco da IM, e nunca voltaria a ocorrer. Enquanto Graner e Frederick tentavam superar um ao outro na coreografia dos corpos nus dos prisioneiros em composições mais e mais ultrajantes, era como se a única maneira de criar uma imagem que fizesse justiça à simples loucura da sua experiência em Abu Ghraib fosse por meio do exagero e do artifício. Sem dúvida, eles também estavam se exibindo para England e Harman, que faziam apenas o que homens convencionais esperam que mulheres convencionais façam quando eles bancam os pavões: apontavam para eles, riam, tiravam fotos, posavam.

Megan Ambuhl, como sempre, manteve uma prudente distância das câmeras. Para ela, "foi apenas mais uma noite louca", e ela disse que "alguns erros foram cometidos no meio do caminho, e provavelmente não foi uma boa idéia sorrir e tirar fotos, mas é isso o que as pessoas fazem". Ela ficou lá em cima, não se envolveu, a não ser quando levou a bombinha de asma. Mas quando a pirâmide estava sendo desmontada, Harman foi até ela, e quando elas desciam para finalmente usar os telefones, encontraram os prisioneiros rearranjados, agora em posições de sexo oral. "Frederick estava lá, em pé, com dois detentos", disse Harman. "Um estava ajoelhado, o outro estava em pé. Eu tirei uma foto. Então tiraram o capuz do que estava ajoelhado e eu fiz outra foto."

Harman disse que aquilo era um pouco estranho. Ambuhl também foi reservada em seu julgamento: "Era uma coisa meio bizarra, e que eu achei um pouquinho excessiva. Naquele ponto, eu e Sabrina caímos fora".

"Nós saímos", disse Harman. "Eu disse a Frederick que íamos telefonar, e foi tudo. Quero dizer, se eu tivesse ficado lá para a masturbação, também teria feito uma foto daquilo. Mas eu não estava lá."

Quando Harman e Ambuhl foram embora, disse Sivits, "Frederick andou e disse para eu olhar. E pegou de fato a mão do iraquiano e fez com que ele começasse a se masturbar. E quando aquilo começou, falei que eu também estava indo embora. A coisa estava saindo um pouco do controle". Ao descrever aquele momento de decisão, Sivits parecia revivê-lo. "Foi como: não, não, adeus, eu não vou me envolver mais com isso. Aquilo era simplesmente errado. Não, de jeito nenhum. Por quê? Por que obrigar alguém a fazer uma coisa dessas? Quero dizer: eles estavam apavorados. Não sabiam de fato o que estava acontecendo. Estavam nus em frente a homens e mulheres, sem poder decidir o que fazer. Nós estávamos lá para mostrar-lhes que somos boas pessoas, que queríamos ajudá-los. E estávamos fazendo o oposto do que havíamos ido lá para fazer. E quando eu estava saindo, alguém me disse: 'Ei, você não viu nada de errado aqui'. E sendo quem sou — eu tento ser amiga de todo mundo — respondi: 'Ver o quê? Não vi coisa nenhuma'."

Sivits lamentou ter-se deixado calar tão facilmente. "Eu gostaria de dizer alguma coisa a alguém, mas eu lhes prometi que não o faria. Porque, como meu pai sempre me disse, se você não pode confiar em alguém nas coisas pequenas, em quem você vai confiar nas coisas realmente importantes? E Graner e Freddy eram dois sujeitos do tipo que, se estivéssemos em uma batalha e estivessem atirando contra nós de um prédio, me diriam que iriam tomar aquele prédio e eu iria junto com eles, de tanto que eu tinha confiança neles. Eu tinha uma confiança de vida e morte nos dois."

Alguns minutos depois de Sivits ter deixado a Ala, Matthew Wisdom retornou. Frederick era o seu líder de turno e Wisdom precisava lhe fazer uma pergunta. "Quando eu cheguei", disse, "vi um dos prisioneiros de joelhos e com a boca aberta, e outro prisioneiro se masturbando, com o pênis no rosto do que estava ajoelhado. Os dois estavam inteiramente nus. A única pessoa que vi perto desses dois prisioneiros foi o sargento Frederick. Eu o chamei, ele se virou para mim e disse: 'Veja o que esses animais fazem quando a gente os deixa a sós por dois segundos.'"

Wisdom perguntou a Frederick o que tinha de perguntar e foi embora. Então deixou a segurança máxima e atravessou a prisão até a torre de observação, em busca do chefe de sua equipe, o sargento Robert Jones, que estava ali de vigia. Wisdom contou a Jones tudo o que havia visto na seção 1A e falou que não queria mais trabalhar na segurança máxima. Jones lhe disse que conversaria com Frederick sobre isso.

Várias horas depois, quando Harman e Ambuhl retornaram à área residencial, no final do plantão, Jones estava lá, e Harman o ouviu falar algo sobre masturbação na Ala 1A. Harman não conseguiu ouvir os detalhes, mas Jones parecia irado, então ela relatou tudo a Ambuhl e as duas decidiram que era melhor ir contar ao sargento Snider o que acontecera depois que ele saiu. "Nós fomos até o quarto onde ele estava dormindo", disse Harman. "Tenho medo de escuro, então não entrei. Mas Megan falou com ele. Eu o ouvi dizer que tomaria conta de tudo."

"Este foi o fim da história", disse Ambuhl. "Não sei o que ele fez. Não tive, na verdade, o impulso de ir atrás e saber o que aconteceu. Ele está vários níveis acima de mim; nós o pusemos a par dos fatos, e se ele diz que vai tomar conta de tudo, então é isso."

"Não aconteceu nada, na verdade", disse Harman, "exceto por Wisdom, que junto com o sargento Jones foi transferido da segurança máxima para as torres."

Lynndie England não entendia o porquê de tanta confusão. "As coisas que fizemos eram comuns", disse. "Era procedimento operacional padrão." Graner não tinha tanta certeza. "A masturbação não", ele disse. "Tudo o mais que aconteceu na Ala foi sob as minhas instruções." A masturbação o incomodou. Ele disse que Frederick lhe contara que a IM queria que os prisioneiros fizessem isso, mas não acreditava muito — e Graner sabia que Snider e Jones haviam falado com Frederick sobre o assunto. Então, Graner também relatou o fato no dia seguinte, quando viu o tenente-coronel Jordan. "Tive a impressão de que ele não teve nenhuma dificuldade com aquilo", disse Graner. Ele se recorda que tudo o que Jordan falou foi "OK".

Graner também mostrou as fotografias daquela noite a Snider, ao tenente Raeder e a outros oficiais; e embora não tivesse mencionado isso, trocou a foto de proteção de tela de seu laptop para a imagem da pirâmide humana — aquela que foi tirada de trás, com England e ele abraçados no lado oposto —, de modo que qualquer um que entrasse na Ala podia vê-la. Se a fotografia era uma forma de Graner se exibir ou de dizer que nada demais havia ocorrido, era uma questão de opinião. Qualquer que fosse o caso, "não era segredo, e nenhuma medida foi tomada sobre isso", disse.

De todo modo, o abandono inconseqüente da noite da pirâmide humana, a alegria perversa com que os guardas envolvidos se apresentavam às câmeras e faziam da violação aos prisioneiros uma brincadeira, e a ligeireza com que muitos a confessaram a seus superiores, chegam a dar a impressão de que queriam ser pegos — ou, como Javal Davis disse, de ouvir um "pára com isso". E a facilidade com que, em vez disso, foram absolvidos, o modo reflexivo e *blasé* com que seus superiores demonstraram cumplicidade, eram apenas em parte tranqüilizadores. Seria realmente desejável ter domínio em um lugar onde o certo e o errado não tinham conseqüências? Seria isso sequer possível?

Na manhã seguinte, Sabrina Harman escreveu:

Kelly,

Não dormi a noite inteira. Simplesmente não consigo dormir. Seis prisioneiros escaparam a noite passada. Nós demos uma busca, mas não tivemos sorte. Eles são espertos. Já são oito que nós perdemos em três noites. Alguma coisa ruim está para acontecer aqui. Estou saindo, para voltar para casa, dentro de três horas e meia. Não sei exatamente como me sentir. Estou muita ansiosa. Acho que alguma coisa vai acontecer; ou eu não vou conseguir chegar ou foi você que fez alguma errada. Eu penso demais. Espero estar errada, mas caso eu não esteja, fique sabendo que eu a amo, e que você é e sempre será a minha mulher. Detesto estar assim tão apavorada. Detesto ansiedade. Detesto o desconhecido.

Um soldado de sua unidade havia aconselhado Harman a apagar todas as fotografias que ela havia tirado na prisão. Ela não sabia como proceder e disse a Kelly:

Pode ser que estejamos sendo investigados. Não tenho certeza, mas há umas conversas sobre isso. Sim, eles realmente batem nos prisioneiros e eu já te escrevi sobre isso. Não acho que isso seja certo e nunca achei, por isso tiro as fotografias, para provar a história que eu conto às pessoas. Ninguém nunca acreditaria nestas merdas que estão acontecendo. Ninguém. O cara morto não me incomoda, eu até tirei uma foto com ele, com o polegar para cima... Eles dizem que a autópsia determinou "ataque de coração". É mentira. O Exército não é nada, só mentiras. Eles acobertam demais. Esse cara nunca esteve na nossa prisão. Essa é a história... Se eu quiser continuar a tirar fotos desses eventos — eu até tenho uns filmes curtos — tenho que fingir um sorriso toda vez. Espero não me dar mal por algo que não fiz. Vou tentar fazer uma cópia destas fotos e mandar para você quando eu estiver no Kuwait — por via das dúvidas.

Te amo e espero te ver no dia seguinte,

Sua mulher,
Sabrina

17.

Na gíria em acrônimos derivada do alfabeto fonético militar — Alfa, Bravo, Charlie, Delta — Charlie Foxtrot significa "grupo fodido", uma inviável confusão de forças sem direção, e Tim Dugan, um interrogador civil que chegou a Abu Ghraib como parte de uma equipe da CACI, no início de novembro, disse: "Era Charlie Foxtrot, sem dúvida — sem nenhuma sombra de dúvida. Eu nunca tinha visto nada igual, e jamais imaginei que pudesse ver soldados americanos tão deprimidos e com o moral tão baixo. Um amontoado de idiotas amadores que não sabiam nada sobre a droga do trabalho que estavam fazendo ali, jogados e misturados por uma cretinice irresponsável. Isso me deixa puto da vida porque, enquanto fazemos tudo errado, americanos estão morrendo. Nossos jovens estão morrendo e os jovens iraquianos estão morrendo — todo mundo está morrendo. E nós não conseguimos nenhuma informação importante".

A maioria dos interrogadores não abria a boca sobre o trabalho. Mas Dugan não parava de falar. Ele descreveu a atmosfera geral: "Nós não tínhamos nenhuma proteção de força. Você não pode confiar nos 'terps'" — os intérpretes. "Você não pode confiar nos PEs. Tem uma puta competição entre os IMs e os PEs. Você não pode confiar na IM. Eles estão sempre querendo jogar a culpa das coisas uns nos outros. Você está sob ataques de morteiros todas as noites. Você tem os prisioneiros que fogem — a polícia iraquiana aceita subornos e deixa que eles fujam o tempo todo. É uma insanidade."

E ele foi mais específico: "A capitã Wood e o sargento de primeira classe Johnson nos deram orientação sobre o que fazer, que abordagens estavam autorizadas e quais não estavam. Fui designado para uma seção antiterrorismo no domingo de manhã, deixei o sargento e o interrogador da seção muito irritados. Eu disse, 'E o lixo de bolso?'. Lixo de bolso é tudo o que está junto com o cara quando ele é preso, qualquer coisa que traga nos bolsos ou no corpo. Ele tinha uma arma? Ele tinha algum pano com sangue? Se ele diz que não estava atirando morteiros e tem uma tabela de morteiro no bolso, então ele provavelmente estava atirando a droga do morteiro. Isso é prova. Quando cheguei lá, tinham um cofre para as provas, mas ninguém sabia do que eu estava falando".

"Fui transferido para a força de proteção cerca de uma hora depois. Havia duas sargentos-especialistas, uma era interrogadora, a outra era analista. Pedi a elas que me mostrassem quais eram os procedimentos que seguiam para que eu lhes indicasse no que estavam erradas. Fomos interrogar esse cara, o Lobo. Abu Ghraib havia sido atingido por uma barragem de morteiro, em 20 de setembro, que matou dois americanos e feriu uns dezesseis, e este Lobo, supostamente, era o líder de célula do ataque. Eles o levaram para baixo da escada, na segurança máxima, e tiraram toda a roupa dele, o que, segundo as instruções, não deveríamos fazer. Quando acabamos, meu sargento de seção disse: 'É, não deveríamos fazer aquilo, mas deixamos as mulheres fazerem algumas coisas daquele tipo por causa daquela coisa da cultura árabe'. E eu falei: 'Você acabou de dizer que não deveríamos fazer aquilo', e ele respondeu: 'Eles têm autorização para fazer aquilo, mas você não. Eu não recomendaria que você fizesse'.

"Então, no meu primeiro interrogatório sozinho, trago esse cara para a sala e o tornozelo dele parece que tem elefantíase — com uma aparência enorme e inchada. Ele me conta essa coisa toda e então tento dar um jeito no tornozelo dele. Nossos médicos não querem vê-lo porque é um fodido de um iraquiano. Eles dizem 'sai fora', e eu pergunto, 'ninguém pode ajudá-lo?',

e eles, 'que porra você quer eu faça?'. Eu estou citando literalmente o que ouvi. Não estou adicionando a minha própria 'porra'. Estamos com um cara que me dá informação, e não vamos ajudar a curar a porra do tornozelo dele.

"E eles me mandam interrogar um barbeiro. Isso no mês de novembro. Ele foi preso em abril. Você sabe por que o prendemos? Porque ele mora a uns 450 metros de uma casa onde fomos fazer uma busca e não havia ninguém em casa. Fiz uma carta para a soltura do filho-da-puta. E quando eu fui embora, em fevereiro, ele ainda estava lá. É isso que consideramos ganhar corações e mentes?

"Essa idéia de abusar dos detentos — eu não tenho que abusar de detentos. Sou um interrogador. Essa é a porra do trabalho que eu faço. Há anos descubro quais são os meus presentes de Natal antes do Natal só fazendo perguntas abertas e bem conduzidas. Oitenta por cento da população, você sai por aí e fala com eles e eles vão te contar tudo. Uma das coisas que um interrogador faz toda hora é avaliar a veracidade e a confiabilidade da informação dada. Este é exatamente o último parágrafo de todo relatório que se escreve. Então, se consigo informação sob tortura, não tenho como verificar coisa nenhuma, porque posso imaginar que você vai me falar o diabo a quatro que te passar pela cabeça só para fazer parar aquela dor.

"Achei que era um punhado de PEs burros agindo como idiotas, a julgar pelo pouco que ouvi quando estava lá, sabe? Não acho mais isso, de jeito nenhum. Quando cheguei a Abu Ghraib, eles tinham um grupo dessas equipes especiais que eram classificadas como as equipes quebradoras, e elas trabalhavam das oito da noite às oito da manhã, quando a grande maioria da nossa categoria trabalhava das oito da manhã às oito da noite. As equipes quebradoras faziam seus interrogatórios na segurança máxima e aí, porra, todos os abusos aconteceram na segurança máxima à noite. As equipes quebradoras não podiam falar sobre nada do que estavam fazendo. Então

você me diga que diabos está acontecendo na segurança máxima à noite. Não acho que esses meninos apareceram com essas bostas por conta própria, mas não sei quem autorizou essa porra.

"No Exército, se alguém que tem patente mais alta que você diz 'pula', então, no meio do ar você pergunta, 'a que altura?', porque você já pulou. Bom senso, infelizmente, não é uma virtude comum. De acordo com o que ouvi, Steve Stefanowicz disse para eles amaciarem os caras e fazer aquele tipo de coisa. Ele estava trabalhando com as equipes quebradoras, e Steve veio até mim e me disse que eu deveria me aproximar dos PEs e usá-los — eles poderiam ajudar a amaciar os detentos. Respondi que ele estava fora de controle, que eu achava que os PEs estavam fora de controle, e eu disse que ele podia ir à merda.

"E aí ele disse: 'Por que você acha que as nossas ordens são do Departamento do Interior?'.[a] Eu nem sabia disso. Quero dizer, parecia que as ordens que sempre recebi eram do Departamento da Defesa, mas ele diz 'Departamento do Interior'. E perguntou: 'Por que você acha que é assim? Porque podemos fazer qualquer coisa aqui e não vamos nos dar mal por isso'. Há implicações para as pessoas do Departamento da Defesa que fazem coisas. Mas se você é do Departamento do Interior, ninguém tem nenhuma jurisdição sobre nada do que você faz."

Para se preparar para sua estada no Iraque, Dugan leu vários livros. Sobre a história do Iraque, o Alcorão, e releu a história da vida de Hanns Scharff, o homem conhecido como o mestre interrogador da Luftwaffe (Força Aérea Alemã) durante a Segunda Guerra Mundial. Scharff, que cresceu na aristocracia — sua família possuía uma fábrica têxtil —, estabeleceu-se na África do Sul na juventude e casou-se com uma inglesa que era filha de um piloto abatido na Primeira Guerra Mundial pelo barão Manfred Albrecht Freiherr von Richthofen, o ás alemão conhecido como Barão Vermelho.

Segundo a história da família, quando o barão viu o avião britânico caindo do céu, ele o seguiu, aterrissou ao seu lado, libertou o piloto gravemente ferido das fuselagens, levou-o até um hospital de campo, deu-lhe chocolate, cigarros e champanhe, e permaneceu ao seu lado até ele morrer. Em 1939, Scharff estava visitando a família quando os nazistas invadiram a Polônia; ele foi logo convocado a alistar-se no serviço militar, e quando se tornou interrogador adotou a conduta cavalheiresca do Barão Vermelho. Ao contrário de seus colegas da Gestapo, Scharff jamais ergueu a voz com seus "hóspedes", muito menos os maltratou fisicamente. Ele apenas conversava com eles em seu inglês elegante e os conquistava com suas maneiras suaves e agradáveis, empregando o que o manual de campo do Exército chama hoje de abordagem do "sabemos de tudo" para ir preenchendo os vazios de seu crescente conhecimento dos planos de guerra dos Aliados. Nesse processo, construiu amizades duradouras com os pilotos americanos capturados que interrogou. Depois da guerra, emigrou para os Estados Unidos, onde estabeleceu uma segunda carreira como artista de mosaicos, criando, entre outras obras monumentais, um mural de 300 mil azulejos da vida de Cinderela no Castelo de Cinderela na Disneyworld.

Segundo Scharff, seu trabalho como interrogador foi tão fácil quanto gentil. "Barbarismo não é necessário", ele escreveu, e explicou: "O caráter mais forte, o soldado mais obstinado, está exposto a tensões psicológicas violentas pela circunstância do cativeiro. Isso exerce pressões poderosas sobre a mente e o espírito de um homem que sabe que é inocente de qualquer má ação. Esta imperscrutável 'psicose do arame farpado' faz coisas com um homem que não têm nada a ver com medo ou com raiva. O âmago, ou alma, do prisioneiro de guerra é erodido por essa psicose que distorce sua concepção de mundo e dos humanos que compartilham isso com ele".

Felizmente, o discernimento de Scharff não foi suficiente para ajudar os nazistas a ganharem a guerra, mas ele emergiu dela como um herói em ambos os lados ao aderir a um credo que atribuiu a seu chefe, Horst Barth:

“Um interrogador, no meu modo de ver, deve ser um homem que luta sem palavras, que encurrala sem espada, luta apenas com seu cérebro. Ele deve ser um homem muito curioso... um homem gregário”. Essa auto-imagem lisonjeira exerceu um óbvio apelo sobre gerações subseqüentes de inquisidores americanos, muitos dos quais estudaram os métodos de Scharff na Escola de Inteligência do Exército dos Estados Unidos, no Forte Huachuca. Um dos oficiais que ensinaram esses métodos lá foi o coronel Stuart Herrington, e um de seus alunos foi Barbara Fast, que era agora a chefe da IM no Iraque. Na primeira semana de dezembro de 2003, Herrington visitou Abu Ghraib a convite da general Fast. Ela lhe disse que não estava satisfeita com a qualidade das informações que chegavam por suas linhas de comando, e a missão de Herrington era dar uma olhada no trabalho que estava sendo feito e ver se boas oportunidades estavam sendo perdidas.

Herrington tinha uma carreira histórica. Era veterano do Programa Fênix, implantado pela CIA no Vietnã, uma operação de contra-insurgência que recebeu o crédito de haver “neutralizado” mais de 81 mil militantes vietcongues, capturando-os ou, em mais de 27 mil casos, matando-os. Ele foi um dos últimos americanos a partir de helicóptero do telhado da embaixada dos Estados Unidos em Saigon, em abril de 1975, e seu nome tornou-se mais tarde referência no conhecimento de espionagem, captura de espiões e técnicas de interrogatório, primeiro como comandante da Divisão Ásia/Pacífico da Agência de Informação da Defesa, e depois como chefe da Unidade de Contra-Inteligência do Exército. Durante a invasão do Panamá pelos Estados Unidos, em 1989, dirigiu o centro de interrogatório dos membros capturados do círculo íntimo do general Manuel Noriega, e durante a Guerra do Golfo estava no comando de operação similar junto aos oficiais de alta patente do Exército de Saddam. Herrington havia se aposentado das Forças Armadas pouco antes da Guerra do Iraque e estava trabalhando para uma indústria de tacos de golfe, no encalço de

falsificadores na China. Seu itinerário no Iraque permitia apenas um dia em Abu Ghraib, mas isso foi suficiente para ver que a operação estava em contradição não apenas com as convenções de Genebra, mas também com o objetivo de coletar informações.

"Você não poderia ter escolhido um lugar pior", disse Herrington. "Quando você tenta dirigir uma instalação sofisticada de interrogação de detentos e está sendo atacado por morteiros à noite, a polícia iraquiana que veio para lhe ajudar não foi avaliada, e as linhas mais altas de comando não morrem de vontade de vir visitá-lo — porque ninguém quer atravessar aquelas estradas —, então a situação é muito ruim desde o princípio." Essa foi a primeira impressão que ele teve; e depois de visitar o Campo Vigilante e o bloco da IM, de conversar com o coronel Pappas, com o tenente-coronel Phillabaum e com o tenente-coronel Jordan, e de convocar "uma longa e difícil reunião a portas fechadas" com interrogadores, ele disse: "Nós tivemos uma bela imagem de uma equipe encurralada e reduzida em uma situação muito, muito ruim — ruim a 360 graus".

No mês que antecedeu a visita de Herrington, o chefe do Serviço de Polícia Donald Ryder — o mais alto oficial da Polícia do Exército do país — havia apresentado ao general Sanchez um relatório sobre as operações no Iraque. "Em geral", Ryder escreveu, "as condições nas prisões, instalações de detenção e cadeias oferecem os padrões mínimos sanitários, de saúde e de direitos humanos estabelecidos pelas convenções de Genebra." Mas Ryder mostrou-se preocupado quanto à superpopulação, às barracas inadequadas e às condições sanitárias de má qualidade em Abu Ghraib, e também quanto à falta de procedimentos operacionais padrão para os PEs na prisão. Embora declarasse que sua equipe "não identificou nenhuma unidade de Polícia do Exército aplicando propositalmente práticas de confinamento inapropriadas", Ryder fez objeções quanto ao que descreveu como "o modelo" para prisões militares no Iraque, onde PEs eram subordinados à IM e obrigados a "criar ativamente condições favoráveis" para os interrogadores.

“Tais ações vão geralmente de encontro à operação tranqüila de uma instalação de detenção, na tentativa de manter sua população em estado de docilidade e submissão”, Ryder escreveu, e ele pedia que as Forças Armadas estabelecessem urgentemente procedimentos prisionais que “separassem claramente as ações dos guardas e do pessoal da Inteligência Militar”.

O tenente-general Sanchez, porém, ignorou o conselho de Ryder, e em meados de novembro nomeou o coronel Pappas comandante-geral de Abu Ghraib. Colocar uma prisão inteira — uma base de operação avançada inteira, neste caso — sob o comando da IM foi uma atitude sem precedentes. Pappas era conhecido não como um soldado entre soldados, mas sim como um homem distante e ansioso que estava em seu limite, sofrendo de choque de bomba desde o ataque de morteiro de 20 de setembro que matou seu motorista, o sargento-especialista Brown. Sua nomeação para a mais alta chefia de Abu Ghraib foi recebida como um insulto pela linha de comando da PE, que respondeu instruindo seus soldados a recusar os pedidos da IM para escoltar prisioneiros indo e vindo de interrogatórios. “Eles disseram que não iam mais transferir prisioneiros, não iam mais fazer buscas de prisioneiros, e que não podíamos usar as algemas neles”, disse Tim Dugan. “Eles estão putos porque o Pappas está no comando, mas, você sabe, isso é insano. Parte do que você faz como interrogador é sentar em uma cabine e esperar que os caras sejam trazidos para você, e assim você parece onipotente para o detento que chega. Quero dizer, basicamente, que na minha cabina de interrogatório eu sou Deus, OK? Digo o que vai acontecer, digo quem pode falar — tudo ali dentro, eu é que estou no controle. Usurpa minha autoridade ter que andar na lama e ir buscar um detento e andar com ele por aí como se eu fosse um cretino e como uma pessoa qualquer.”

Herrington concordava. Ao contrário de Ryder, ele considerava essencial o serviço da PE à IM em um centro de interrogatórios que gostaria de dirigir, e que descrevia como “um ambiente muito controlado, com o número certo de hóspedes em relação aos senhorios, sob controle do

homem da IM — uma coisa total e completamente madura do tipo a-Cruz-Vermelha-pode-vir-ver-quando-quiser-porque-temos-orgulho-do-que-fazemos-aqui". Em Abu Ghraib ele encontrou "o oposto". Chamou aquilo de "bagunça", "claramente um pesadelo", "superlotado e fervendo de descontentamento", "absolutamente como não se deve fazer as coisas", "um caso perfeito de tudo o que pode dar errado", e, disse, "esta tempestade perfeita consiste de uma localidade insegura e envenenada, uma unidade de PE inexperiente e mal conduzida, uma unidade de IM inexperiente, interrogadores esforçados tentando fazer a coisa certa, paralisados pela língua, os ataques de morteiro, a enorme pressão vinda de cima para produzir resultados, com poucos recursos, no extremo mais distante da linha de apoio". Teve um momento em que um soldado abriu uma gaveta de suprimentos e disse: "Veja, senhor, duas resmas de papel. Temos pedido mais papel há uma semana".

Enquanto isso, caminhões lotados de prisioneiros não paravam de chegar, gente apreendida em massa, sem apoio de provas; e quando havia provas, Herrington descobriu, eram com freqüência reunidas de forma igualmente arbitrária e caótica. Ele disse: "Um dos oficiais me contou que uma divisão trouxe quase 230 quilos de documentos que foram acumulados durante várias operações e eles simplesmente jogaram tudo aqui, sem nenhuma idéia de onde vieram, quando foram apreendidos, em que quartéis estavam, e que pessoas eram relacionadas ou associadas a eles. Isso é do tipo de coisa chamada 'dar um tiro no próprio pé' se você tentar realmente usar aquilo de forma produtiva. Ah, e tinha um detalhe — era tudo em árabe".

Era impossível lidar com aquele pântano de gente e de informação. O coronel Pappas disse a Herrington que havia 3800 prisioneiros — mais da metade dos detentos de segurança de Abu Ghraib — que ele não tinha nenhuma intenção de interrogar, mas que o conselho de revisão-e-soltura da general Fast não o deixava dispensar. Herrington não quis mencionar os

detalhes específicos de seu relatório à general Fast, mas o documento vazou e nele constava a reclamação de Pappas.

Herrington também visitou um centro de interrogatório no aeroporto, dirigido pelo Grupo de Inspeção Geral do Iraque — uma equipe organizada pelo Pentágono e pela CIA para procurar as armas de destruição em massa —, e ficou sabendo que alguns prisioneiros haviam sido agredidos lá quando capturados pela Força Tarefa 121 (a sucessora dos grupos especiais Força Tarefa 20 que mataram os filhos de Saddam). Herrington não conseguiu ter acesso ao centro de interrogatório da Força Tarefa 121, mas disse que um representante da CIA lhe contou que "lá as práticas transgrediam a orientação de sua agência sobre o que era e o que não era permitido no interrogatório de detentos". Em Abu Ghraib, ao contrário, Herrington não viu nenhuma evidência de que os detentos eram "ilegal ou inapropriadamente tratados", mas advertiu que a prisão estava quase fora de controle. Em seu relatório final para a general Fast, ele escreveu: "Até um ano atrás, teríamos salivado ante a perspectiva de poder falar com pessoas como as centenas que estão agora sob sua custódia. Agora que as temos, deixamos de nos devotar ao planejamento e à criação de recursos para otimizar essa missão. [...] A história talvez nos mostre que tivemos uma oportunidade de contar com doze meses para realizar esta tarefa, e na melhor das hipóteses conseguimos uma nota abaixo da média".

Uma semana depois da visita de Herrington a Abu Ghraib, Saddam Hussein foi capturado quando estava escondido em um buraco no chão em uma fazenda de criação de ovelhas próxima à sua cidade natal, Tikrit. Vários de seus associados presos na mesma época foram levados a Abu Ghraib, e na noite seguinte Tim Dugan foi chamado para uma reunião com o coronel Pappas para discutir o interrogatório dessa nova leva de camaradas de Saddam. Pappas explicou que ele havia acabado de se reunir em

teleconferência com o general Sanchez e com o secretário da Defesa. "Ele disse que estavam 'começando a formar uma equipe de projetos especiais, para quebrar a espinha da resistência. Quem não quiser ser voluntário neste projeto tem de sair da sala. E se você for voluntário, não pode falar com ninguém sobre isso'", declarou Dugan. "Todos nós concordamos em ser voluntários e ele disse que todas as técnicas de abordagem estavam autorizadas. Alguém perguntou: 'Até cães?', e ele respondeu, 'Sim, até cães'. E meio que reafirmou: 'Nós temos a chance de quebrar essa insurgência fora-da-lei, e os membros de uma insurgência fora-da-lei não têm nenhuma proteção sob as convenções de Genebra'".

Dugan achou que aquilo já era definitivo. "Se a porra do secretário da Defesa designa a filha-da-puta da insurgência como fora-da-lei, o que me resta dizer? É uma insurgência fora-da-lei, você não acha? Ele é o segundo mais alto filho-da-puta do país nesta guerra." Mas, ele disse, "nunca me foi dito que eu poderia abusar fisicamente de alguém. Você não tinha permissão nem mesmo de ameaçar o uso de violência física".

Apesar de sua admiração por Hanns Scharff, Dugan gostava de gritar na cabine de interrogatório. "Falar palavrão é coisa séria para um árabe", ele disse. "E eu falei palavrão como um filho-da-puta, para conseguir a porra da atenção deles. Eu berrava com eles ou dava socos na mesa: 'Vê se me escuta, porra!'. Eles não agüentam esse tipo de coisa. Eles não fazem isso. Não gostam disso. E você faz pressão sobre eles, e xinga com palavrões. E eles ficam com um puta pavor disso, e isso faz de mim ainda mais infiel. Eu disse a muitos deles: 'Olha, eu quero ter certeza que você entende uma coisa, OK? Se você estivesse pegando fogo neste momento, eu nem mijaria em você. Isso é o tanto que me importo com você, OK? Mas é com os americanos que eu me importo. E se você puder me contar sobre alguém que está tentando matar americanos, daí eu vou tomar conta de você'".

Algumas vezes Dugan enfatizava sua gritaria batendo com o punho em uma mesa de plástico. Mas quando se tratava do *entourage* sunita de

Saddam, ele disse, "a melhor coisa para fazê-los falar eram as eleições. Eu perguntava, 'quem vai ganhar as eleições?'. 'Os xiitas.' E eu dizia, 'como os xiitas vão tratar você comparado com o jeito que os americanos tratam você?'. 'Eles vão me matar.' E eu: 'É mesmo? Parece que você tem um problema, meu caro. Para mim é fácil escrever aqui no pé desse formulário: transferir para o governo soberano do Iraque'. E ele, 'o que você quer saber?'".

Mesmo assim, Dugan disse que "ninguém conseguiu realmente nenhuma informação, só alguns de nós, muito poucos. A maioria dos nossos interrogadores era de meninos de dezoito anos que eram reservistas. Pensa um pouco. Você pega um cara de 45 a 65 anos, um general de uma, duas, três ou quatro estrelas com quem vai ter que conversar, e você só tem dezoito anos, acabou de sair do colegial, entrou no Exército e foi para a escola de interrogadores. Esses meninos ficam intimidados como o diabo, e os generais, coronéis e esses caras mais velhos sabem disso, e riem na cara deles.

"Eu amo o Exército. Sempre quis ir para as Forças Armadas. E a melhor coisa sobre as Forças Armadas é que, em minha opinião, essa poderia ser a profissão mais honrada do planeta. Você faz a porra da coisa certa o tempo todo. Em Abu Ghraib não havia nenhum profissionalismo, nenhuma honra. Não havia padrões. Não havia disciplina. Era com uma porcaria de um Exército de Terceiro Mundo que eu estava lidando. Não dava para acreditar. Eu ainda não acredito. Eles estão mandando nossos jovens para dentro de um moedor de carne.

"Vou dizer uma coisa a você. Meu pai morreu quando eu tinha oito anos de idade. Cresci graças à Previdência Social. Consegui um emprego quando tinha nove anos, e tenho trabalhado desde então. Sempre senti que devia alguma coisa ao meu país. Não existem muitos lugares em que a gente poderia viver do jeito que vivemos, eu trabalhando em um posto de gasolina. Eu dependia da Previdência Social. Minha irmã mais nova não

tinha idéia de como as coisas eram ruins até os dezesseis ou dezessete anos. Foi positivo neste sentido. Eu sempre senti que devia alguma coisa porque todo mundo no país nos ajudou. É isso o que a Previdência Social é. É assim que vejo as coisas. E me formei em história e ciência política. Estudei tudo sobre a história do mundo. E nós estamos fodidos, mas este país é a melhor coisa que existe nesta porra deste planeta, e isso para mim é fato. O que nos torna diferentes e faz com que as pessoas venham para o nosso lado é que não estamos torturando, mentindo, roubando os filhos-da-puta como o resto do mundo.

"Não me entenda mal. Não sou ingênuo a ponto de achar que o Exército era puro. Mas era um ideal puro. Sei que os nossos Pais da Pátria eram humanos. Sei que o George Washington não era nenhum santo. Mas eles puseram no papel alguns padrões morais, valores e idéias incrivelmente elevados. Logo depois foram corrompidos, escravidão no Sul, todo tipo de coisa. Mas este é o tipo de merda que a gente tem de tentar alcançar. E vou lhe dizer uma coisa: nove em cada dez vezes, você não consegue. Mas se pelo menos tentar, vai dar tudo certo. É muito difícil lidar com as coisas quando tudo o que você sempre considerou certo, e sempre defendeu, se transforma em um monte de merda. É um saco ser formado em história."

a O Departamento do Interior é o ministério, no governo americano, encarregado de proteger os recursos naturais e culturais do país.

18.

Toda manhã, em Abu Ghraib, o sargento Ken Davis subia até o telhado de seu prédio e conversava com Deus. "Deus", ele dizia, "me faça um favor hoje. Faça com que os meus soldados voltem vivos para casa. Faça com que eu não tenha que matar ninguém aqui. E faça com que minha família possa me ver novamente. Isso é tudo o que eu peço." Não era pouco o que pedia, e toda noite o sargento Ken Davis voltava ao telhado para dizer "Obrigado, Deus, por atender às minhas preces hoje, embora eu não mereça".

Alguns soldados em Abu Ghraib chamavam Davis de Pregador, e alguns o chamavam de Reverendo, porque ele copiou alguns versículos na parede de sua cela. Havia o Salmo 91, aquele sobre Deus, o refúgio; Deus, a fortaleza, Deus que o protege sob suas asas, então você não temerá o terror da noite, nem a flecha que voa de dia, nem a epidemia que caminha nas trevas, nem a peste que devasta ao meio-dia, e, mesmo que caiam mil ao seu lado, e 10 mil à sua direita, a você nada atingirá. E havia as Crônicas 4,10, em que Jabes invoca o Deus de Israel pedindo que o abençoe, aumente suas terras, preserve-o de todo mal, e Deus lhe concedeu o que tinha pedido. Esta é a história inteira de Jabes, em apenas uma linha, e Davis a interpretou desta forma: "Se você me abençoa com uma coisa, eu abençoarei outras pessoas". E disse: "Se vivêssemos desta forma, se chegássemos ao extremo de dar tudo que pudéssemos para melhorar alguma outra pessoa, não estaríamos no estado de coisas que estamos agora". Dado o atual estado de coisas, no entanto, o grafite bíblico de Davis também incluía o Salmo 23: o

Senhor é meu pastor etc. — das verdes pastagens e das fontes tranqüilas até o vale da sombra da morte.

Davis era um PE da estrada — um homem de transporte. Ele passava seus dias nas principais rotas de suprimentos, levando comboios. Naquelas estradas, movendo-se rapidamente no asfalto esburacado pelas explosões de bombas caseiras e repleto de restos incendiados de veículos idênticos aos que ele dirigia, era como estar no vale de sombras da morte, com certeza — sem metáfora. Davis não se importava. Depois de sua estréia no bloco da IM na noite do tormento dos três acusados prisioneiros de estupro, considerava-se sortudo por ter o antiquado trabalho de soldado que a 372ª era designada para fazer. Ele levava as pessoas importantes para onde elas tinham de ir — um coronel que tinha que pegar um vôo no Aeroporto Internacional de Bagdá ou participar de uma reunião no Campo Vitória, por exemplo. Mas na maior parte das vezes ele levava prisioneiros, os que eram mantidos nos blocos da Autoridade da Coalizão Provisória na segurança máxima e no Campo Ganci, que tinham sido presos por crimes civis e reconhecidos pelo sistema de justiça criminal iraquiana. Eles não eram muitos e o trabalho era rotineiro — toda semana, em dias determinados, os mesmos movimentos: assinar a saída deles, levá-los à corte, esperar por suas audiências ou julgamentos, trazê-los de volta para Abu Ghraib, assinar a entrada deles. Quando estava esperando o tempo passar, nas imediações da corte, Davis gostava de mostrar boa vontade com os iraquianos, conversando com eles e dando presentes: doces, Bíblias, ursinhos. A pior parte do trabalho era dizer aos prisioneiros que foram absolvidos ou dispensados que eles teriam de voltar a Abu Ghraib até que os americanos os liberassem — isso e saber que os insurgentes observavam todos os seus movimentos fora da prisão.

Dava para vê-los por toda parte — os espiões registravam os horários de comboios, filmavam, memorizavam rotas e rotinas. Davis e seus homens estavam atentos a cada detalhe, relatavam tudo a seus comandantes e imploravam para mudar suas rotinas e assim pegar os espiões de surpresa.

Algumas vezes parecia que ninguém dava ouvidos a seus avisos, outras, que todos ficavam antenados, mas o pessoal de Davis era sempre ignorado da mesma forma: só façam o que mandamos. Davis sempre soube que poderia morrer em Abu Ghraib — "nós estávamos no tempo emprestado", ele disse, "era uma zona de guerra que havia sido classificada como missão cumprida" — mas, se os de cima não estavam dando retaguarda, você podia sentir como se tivesse que morrer.

Davis disse que vários soldados se viam como mortos ambulantes, ainda respirando, mas mortos de qualquer jeito; era apenas uma questão de tempo, e não era bom pensar no assunto, pois isso os tornaria mais lentos e, portanto, mais vulneráveis. Davis entendia o sentimento, porém não gostava dele; com uma atitude dessas, nada vai para a frente. Ele achava que todos temos um encontro marcado, mas se por um lado ele não queria ir antes da hora, por outro também não queria temer a morte. É aí que entram seus escritos na parede: eles lhe davam uma âncora, dizia, um lugar positivo para voltar se começasse a perder a direção ou o foco. Foi desse modo que sua avó o criou.

Mesmo assim, as coisas podiam sair do controle. Na manhã de 8 de novembro, Davis estava tentando ligar para casa com seu telefone de satélite quando o motorista, Matthew Smith, ficou sabendo que havia perdido uma promoção por causa de erro na documentação e anunciou: "Eu desisto". Davis disse a ele: "Você não pode desistir — você está no Iraque, homem". Catorze prisioneiros, com as mãos algemadas atrás das costas, eram colocados dentro de um duque, um caminhão de duas toneladas, para serem levados à corte. Mas Smith estava claramente sem condições de dirigir. Davis disse a ele para ficar na torre giratória do veículo, onde se maneja a arma, até que sua mente clareasse. Para isso contou com a anuência do atirador que deveria ficar na torre — como o atirador deveria ir para casa no dia seguinte para um período de folga, ele ficou feliz por poder ficar com a cabeça dentro do veículo. O problema é que o sujeito era um péssimo

motorista, então Davis achou melhor ele mesmo dirigir seu jipe. Ele ainda estava tentando ligar para casa, e era hora de virar — tudo estava meio fora de prumo —, e no momento em que acabava de sair em direção às rotas de suprimento, logo atrás do caminhão, lhe ocorreu: eu me esqueci de rezar, eu não rezei, eu tenho que rezar.

Normalmente, Davis fechava os olhos quando rezava, mas como estava dirigindo, continuou olhando a estrada, e esperava que Deus o ouvisse de qualquer forma. "Eu disse: 'Deus, preciso que você mantenha os meus soldados em segurança hoje'. Era uma prece rápida, e enquanto eu rezava um Caprice branco me ultrapassou em alta velocidade, piscando as luzes. O jipe da frente está menos de cem metros adiante e eu o vejo tentar tirar o carro para fora da estrada. Ele estava tentando ir mais devagar, no caso de haver um carro-bomba. Enquanto presto atenção a isso, digo 'Amém.'" E quando Davis disse "Amém", uma explosão, vinda de algum lugar, arrancou violentamente seu pára-lama direito, e o dia escureceu.

Davis lembrava-se de seu treinamento: em uma emboscada, ligue o motor, continue dirigindo, passe por ela, então lute. Você não vai querer parar onde está sendo atacado. Quando ele emergiu da fumaça, o caminhão com os prisioneiros deu uma guinada e parou na pista da esquerda. Davis então parou seu jipe atrás dele, na horizontal, para formar um muro de proteção. Ele viu a porta do lado do passageiro do caminhão se abrir. Um rifle M-16 e um atirador de granada caíram, rolando pela estrada. Então o sargento Cook caiu para fora apertando as orelhas, que sangravam — e havia muito mais sangue atrás do caminhão: os prisioneiros estavam ensopados em sangue.

Davis podia ouvir Smith atirando na torre do veículo — então ele estava OK —, mas não queria se meter no meio de uma troca de tiros. Pegou o rádio e orientou o comboio a ir em frente, até um posto avançado da PE, que

ficava uns poucos quilômetros adiante. De alguma forma, o sargento Cook havia voltado para dentro do caminhão, mas os pneus de trás do veículo estavam furados; ele ia aos solavancos, muito mais devagar do que Davis gostaria. Smith atirava contra um táxi que ele achou que podia estar envolvido no ataque, e Davis disse a ele que atirasse em qualquer um que se aproximasse, por via das dúvidas.

No posto avançado o guarda gritou para que fossem mais devagar e observassem o limite de velocidade, então a adrenalina de Davis repentinamente canalizou-se para um sentimento de raiva que ele desconhecia. Ele não costumava gritar nem dizer palavrões, mas a nuvem de fumaça da explosão ainda enegrecia o céu e ele berrou em resposta: "Foda-se! Temos mortos e feridos". Ele estava preocupado, não sabia se alguém havia morrido. Assim que o caminhão parou, correu para checar. Os prisioneiros iraquianos estavam amontoados, incapazes de se desemaranhar uns dos outros por causa das algemas. Alguns estavam com estilhaços nas costas, e outros tinham estilhaços saindo pelo peito. Quando os PEs os separaram, um deles implorou: "Ajude o meu amigo, ajude-o". Seu amigo estava caído embaixo dele, no chão, sem uma parte da cabeça.

O corpo do homem foi colocado num saco mortuário e guardado dentro de uma barraca. Davis foi até ele para tirar suas algemas e dizer que sentia muito. "Porque éramos responsáveis por sua segurança", disse. "E eu lembro que me afastei do grupo, botei meus óculos escuros e simplesmente comecei a berrar. Eu disse a Deus que ele contava com a pessoa errada para o trabalho, pois eu estava ficando cansado de ver pessoas morrerem, que para mim eram inocentes. Se você queria me atingir, devia atingir a mim, não a ele." Ouvir a si próprio gritar com Deus desta forma e pedir para morrer fez com que Davis se desse conta de que estava sendo egoísta. "Ser atingido e viver provavelmente machuca mais do que ser atingido e morrer, porque você tem de viver com aquilo", disse. "Você tem de viver não apenas com a culpa de ter sobrevivido, mas com o fato de que não há nada que você possa

fazer. Estou aqui para ajudar essas pessoas, e agora elas estão tentando me matar."

Enquanto o humor de Davis escurecia, novos motivos para desespero se sucediam. Primeiro, os helicópteros Apache e os tanques Abrams M1 que foram mobilizados em resposta imediata ao ataque a seu comboio foram enviados às coordenadas erradas — quase quatro quilômetros fora da marca. Em seguida, ele voltou para Abu Ghraib e ficou sabendo que uma equipe de finanças que havia chegado pouco antes de ele sair naquela manhã tinha observado atividades suspeitas ao lado da estrada onde ele foi atingido, mas só relatou o que viu depois do ataque. Então ele ficou esperando que seu comandante perguntasse se seus soldados estavam bem, mas o comandante nunca perguntou nada. E para completar, ouviu que o prisioneiro que morreu era um dos acusados de estupro que havia sofrido abusos no bloco da IM duas semanas antes. Este foi o prisioneiro cuja morte levou Javal Davis a sentir que "todo mundo é perdedor em uma situação como esta". Ken Davis concordava, e sentia dor ao recordar a última vez que viu aquele homem vivo, de quatro no chão, nu. "Esse deve ter sido o único jeito em que ele se lembrou de nós antes de morrer", ele disse. "Como as pessoas que não estavam lá para promover a paz, mas sim a tortura e o abuso."

Nos dias que se seguiram à explosão de seu comboio, Ken Davis foi dominado por um aumento incontrolável de emoções violentas. "Eu estava neste lugar muito, muito escuro", disse. "Eu queria matar. Queria muito me vingar. Queria me livrar do que estava sentindo. Estava passando por um período de ódio pela primeira vez na minha vida. Odiando a tudo e a todos, porque estava amargurado com o que aconteceu naquela manhã, porque saí com as melhores intenções — para ajudar, não para ferir —, e os iraquianos não me viam desta forma. Eles me viam como um soldado americano."

Na terceira manhã de seu destempero, Davis pediu dispensa de seu trabalho regular de transporte de prisioneiros para a corte, e se apresentou como voluntário para ir ao Campo Anaconda na Base Aérea Balad, ao norte de Bagdá, onde iria pegar um prisioneiro de grande importância e trazê-lo para Abu Ghraib. Quando chegou lá, o prisioneiro, um insurgente suspeito de haver matado americanos, recusou-se a ser algemado. "Eu me lembro de ouvir meu cabo dizendo 'vou algemar você'", Davis disse, "e aí comecei a gritar com o cara, puxei a minha pistola 9mm, e disse 'ou você põe a porra da sua mão para trás, ou eu estouro os seus miolos'. E na minha cabeça foi o que fiz, mas, felizmente para mim, não fiz." O prisioneiro pôs a as mãos para trás e foi algemado, mas a equipe de Davis ficou olhando para ele com preocupação. "Eu disse que estava bem e saí andando."

De volta a Abu Ghraib, naquela tarde, Davis encontrou todos de seu comboio costumeiro com expressão sombria. "Você não ficou sabendo?", alguém perguntou. "Outro grupo foi atingido hoje por uma bomba doméstica." Dessa vez não houve mortes, mas Davis teve um ataque de fúria. "Eu peguei meus documentos e, joguei tudo no capitão e comecei a gritar: 'Por que você não escreve as cartas agora e manda todas de uma vez, dizendo que vai matar os meus soldados? Porque ninguém está ouvindo a gente aqui. Você fica aqui atrás do arame. Você fica aqui nesta área restrita. E nós temos que sair e arriscar a nossa vida todos os dias, você vai fazer com que a gente morra." O capitão mandou que ele se acalmasse. "Sargento, nós sabemos que você está aflito", ele disse, e Davis respondeu: "Não, você não sabe de nada".

Davis sabia o que havia desencadeado aquilo tudo — os ataques —, mas não conseguia entender a sua fúria. Ele se considerava um cara de boa índole, calmo e alegre. "E a parte mais difícil disso tudo é que eu não sabia a quem eu odiava", ele disse. "Será que odiava os iraquianos? Ou os americanos? Ou o nosso governo? Eu não sabia. Eu apenas sentia ódio. E dor." Uma sessão com o capitão de uma equipe de combate ao estresse não

trouxe nenhum alívio. “Estou morrendo aqui”, Davis disse a ele. “Mas isso não tem jeito.” O capitão se ofereceu para tirá-lo de Abu Ghraib por alguns dias, para relaxar na relativa tranqüilidade do Aeroporto Internacional de Bagdá, mas Davis não conseguia se ver deixando seus soldados para trás.

Sentindo-se daquele jeito, Davis se lembrou de Graner e dos outros PEs que trabalhavam na segurança máxima. Algumas vezes, quando Graner não conseguia dormir depois do plantão noturno, ele pedia para acompanhar Davis em suas missões, só para aliviar-se da tensão. Davis sabia que Graner estava “irritado” com seu trabalho no bloco da IM, e se recordava de um encontro que eles tiveram logo após os primeiros dias de Graner na segurança máxima. “Ele estava muito rouco, e eu perguntei ‘você está ficando doente?’, e ele respondeu ‘ah, não, é que eu tenho que gritar com os detentos’. E aí ele disse: ‘Tenho uma pergunta para você. Eles estão me mandando fazer umas coisas que considero erradas, moral e eticamente. O que devo fazer?’. E eu respondi ‘não faça’. E ele disse ‘não tenho escolha’. E eu falei ‘claro que tem’. E ele: ‘Você não entende. Toda vez que uma bomba explode do lado de fora do arame, o Steve Grandão vem correndo e diz: Você está vendo? Tem mais um americano perdendo a vida lá fora. E a não ser que você nos ajude a conseguir informação, o sangue deles está nas suas mãos também.’”

“Pegue uma pessoa como o Graner, por exemplo”, Davis disse. “O casamento dele havia acabado. Ele sabia para que vida voltaria quando retornasse aos Estados Unidos. Talvez não tenha gostado das escolhas que fez. Agora está no Iraque, em Abu Ghraib, onde estão os detentos importantes, uma guerra contra o terrorismo, e você tem os caras das OAG, da CIA e da IM que vêm e dizem ‘você é a nossa linha de frente. Ajude-nos a conseguir esta informação’. Ele é o homem da hora. E ele vai fazer o que pedirem, especialmente quando recebe essas ordens de diferentes pessoas de sua linha de comando, e eles dizem ‘cale a boca e continue a fazer o seu trabalho, pare de reclamar’. Quando você tenta emergir para alcançar a bóia

e as pessoas não param de tirá-la de você, você só pode afundar. Então, ninguém está ajudando este cara, e eu não desculpo o abuso, mas entendo como a coisa foi escalando a esse nível, porque ninguém estava querendo fazer nada, porque as políticas que foram colocadas em prática não eram claras, e eram aceitas."

Davis também sentiu que estava afundando e disse: "Se até eu, sabendo como sou, pude por um instante mudar e odiar tanto a ponto de até querer matar alguém, posso imaginar o que seja trabalhar naquele tipo de ambiente o tempo todo, sabendo que estão trazendo os assassinos dos americanos e colocando-os ali na sua cara. A mentalidade do soldado é lutar." Mas a questão que incomodava Davis era: para que ele estava lutando? "Antes de ir para lá eu estava sempre preocupado sobre quem eu ia matar", disse. "Será que vou matar um pai, um filho, um primo que está apenas protegendo a família contra quem eles consideram uns infiéis?" E agora que ele desejava ardentemente matar alguém, ele se perguntava: "Como podemos saber se não são pessoas que passaram por Abu Ghraib e ficaram amargas por causa daquela experiência na prisão?".

Davis não sentia necessidade de provar seu patriotismo. Ele era um veterano da Força Aérea e, em 1994, enquanto visitava Washington como turista, foi um dos três civis que desbarataram e impediram uma tentativa de assassinato, ao atacar e dominar um homem de Colorado, Francisco Martin Duran, que disparou 29 tiros com um rifle semi-automático através de uma cerca voltada para o gramado norte da Casa Branca. Quando Davis se alistou como PE na Reserva depois do 11 de setembro, sua esposa "ficou muito brava", mas sua atitude foi "você atacou a minha terra natal, eu vou lutar contra você por causa disso". "Só que o meu problema era com os terroristas", disse. "Eu teria amado ir para o Afeganistão, porque achava que lá é que a guerra estava." No Iraque ele sentia que se engajara em uma "espécie de paródia" da guerra ao terrorismo, e enquanto lutava contra o desconhecido demônio da vingança, Davis teve a impressão de que o que o

fizera ter vontade de matar foi a mesma coisa que fez os iraquianos quererem matá-lo: o fato de que ele estava lá.

Dessa forma, os dias de ira de Davis o deixaram à beira de um entendimento que ele não podia aceitar. Não foi apenas seu comboio que explodiu; não foi apenas a vida de um prisioneiro confiado a seus cuidados que havia se perdido — foi também a sua crença de que havia colocado sua vida sob risco por uma guerra justa e válida. Aquela crença — já sob ameaça desde que ele havia visto seus companheiros fazendo "coisas estranhas com detentos nus" na segurança máxima — havia dado à idéia de sua morte um significado. Davis não estava preparado para morrer em defesa dessas coisas estranhas. Ele achava que estava lá para lutar contra elas, e embora não questionasse a probidade de suas intenções ao servir à ocupação, já não conseguia mais manter a convicção de que a ocupação servia ao seu país, muito menos aos iraquianos que acabaram se tornando o inimigo.

A crise de Davis não tinha solução. Ela só declinou quando ele retomou o fio que havia deixado cair na manhã em que se esquecera de rezar. "No sétimo dia", ele disse, "outro cara que também escrevia passagens bíblicas na parede me puxou para a cela dele e me fez sentar. Ele disse: 'Aonde você pretende chegar com isso, homem?'. Aquilo me derrubou. Respondi: 'Não sei'. E ele leu algumas passagens para mim. Leu passagens diferentes sobre paz e sobre amar os inimigos, e o Salmo 23. E aquilo me jogou de volta ao meu ponto firme. Recuperei meu foco naquele momento. Eu disse: 'Não posso sentir raiva do povo iraquiano.'"

Em 24 de novembro, nove dias após ter recuperado o equilíbrio na cela de seu amigo, Davis estava retornando de uma missão, já na entrada de Abu Ghraib, em seu jipe com as janelas abaixadas, quando ouviu tiros ecoando através do pátio da prisão. Um motim ocorria no Campo Ganci, e pelo rádio ele ouviu uma voz tentando se comunicar com Sombra Mestre, o centro de

operações táticas da PM: "Ganci Sombra Mestre, Ganci Sombra Mestre, estamos sem munição não-letal. O que devemos fazer?".

Sombra Mestre respondeu: "Estamos em uma zona de combate, use munição letal".

Davis ficou atordoado. Os prisioneiros em Ganci eram gente do povo — não eram insurgentes, nem terroristas, eram apenas uma massa de pessoas levadas de roldão pelas rondas da Infantaria com alguns poucos, misturados no meio, que eram mais ou menos suspeitos de haver cometido crimes, e estavam todos muito amontoados no pátio cercado de arame farpado para poderem ser alvejados com alguma precisão. Havia mais de 5 mil prisioneiros no campo, que fora construído para abrigar não mais do que 4 mil, e era mais adequado para 2500. Agora os soldados corriam em direção ao tumulto, e quando Davis pegava em sua arma para juntar-se a eles, Ganci voltou ao rádio: "Entendido. Munição letal. Sombra Mestre confirmou".

Por que atirar para matar? A única razão que Davis podia imaginar era que os prisioneiros estavam à solta, derrubando os arames e fora do controle dos guardas. Este era um medo constante dos PEs. Tumultos eram algumas vezes iniciados como distração durante fugas, e esses tumultos conseguiam se alastrar de um campo a outro, e até para as alas da ACP na segurança máxima. "Se todos os prisioneiros de Abu Ghraib tivessem se rebelado de uma só vez, eles teriam tido uma chance muito boa de dominar a instalação", disse o major DiNenna. "Eles poderiam pegar os cobertores, ou pegar um ao outro e atirar-se sobre o arame e pular para o outro lado. Teria sido extremamente fácil. Se quisessem passar pelos arames farpados em massa, eles poderiam. Obviamente, acho que não fizeram isso por causa dos guardas das torres com armas automáticas."

Quando o tiroteio começou, disse Davis, "a única maneira de descrever a cena era 'o inferno desembestou sobre eles. A fúria de Deus'. O som mais sinistro foi o das armas automáticas abrindo fogo pela área toda. Então, começo a correr, esperando ver prisioneiros rompendo os arames da área de

contenção. Subi num caixote de refeições e eu tinha minha M4, minha carabina rifle, apontada, e pensava 'estou pronto'. Mas não vejo ninguém saindo. Eles estão todos dentro de suas barracas. Então, começo a ver os mortos e os feridos. E eles puxam um homem morto que ainda tinha espasmos e o jogam aos meus pés. Olho para ele. E aquilo me derrubou. Fui buscar a ajuda da capelã — estive bastante com a capelã, ia escoltá-la até Babilônia — e comecei a chorar. Eu perguntava 'o que estamos fazendo aqui? É para isso que a gente serve? Por que essas pessoas estão jogando pedras? Porque estão bravas, pois a comida delas tem vidro? Eles estão bravos porque quando eu os levo para a corte e o juiz diz 'você é inocente', a gente os mantém aqui por mais três meses? É para isso que a gente serve? Porque se é isso, pra mim chega. Acabou".

Davis disse que ele teve outra crise naquela noite, quando ligou para casa para contar à mulher o que havia acontecido. Em seguida, ligou para o pai e disse "pai, eu não agüento isso. Eu não agüento ver estas pessoas inocentes sendo mortas por munição americana. Eu não posso fazer isso". Mas ele sabia que tinha que agüentar. "Sentir que tudo já acabou para você em uma zona de combate é totalmente diferente de sentir que tudo já acabou para você aqui", ele disse. "A gente simplesmente não pode abandonar tudo. Você tem de ir em frente."

19.

Quando o tiroteio terminou no Campo Ganci, quatro prisioneiros estavam mortos e sete feridos tão gravemente a ponto de necessitar remoção médica de emergência. Lynndie England estava em seu posto na administração durante os tumultos. "Eles começaram a trazer os mortos até onde estávamos", ela disse. "O primeiro cara que trouxeram para nós tinha o rosto coberto pelo próprio casaco. Eles o colocaram no chão e foram buscar outros corpos. Então, estávamos lá sentados conversando quando de repente esse cara começa a gemer e a mexer os braços. Fomos até ele e tiramos o casaco de cima do seu rosto, e vimos que tinha sido atingido em um dos olhos — levou três tiros — e parte da cabeça dele estava perdida. Quero dizer, ele estava morto, mas acho que era o sistema nervoso dele, eram gemidos *post mortem*, acho. Um paramédico vinha a toda hora checar o pulso dele. Estava realmente morto. Foi uma loucura. E tivemos de ficar em estado de alerta de novo quando caiu a noite. Todos os companheiros deles do lado de fora começaram a nos atacar com morteiros, tiros e coisas do tipo. Foi uma longa noite."

No bloco da IM a noite também foi longa e carregada de ameaças. Graner estava de folga e o sargento William Cathcart ficou responsável pelas alas. Por volta das seis horas, Megan Ambuhl disse a ele que um prisioneiro doente mental da 1B estava agindo de forma demente. Cathcart foi buscar um paramédico e deixou Ambuhl tomando conta de um dos prisioneiros favorecidos que cuidava da limpeza naquela noite. Ela o observava indo de

cela em cela, coletando o lixo. Quando voltou da cela do Motorista de Táxi, ele disse "senhorita", e chamou-a fazendo um sinal com a mão. Ambuhl se aproximou e viu que o Motorista de Táxi queria lhe contar algo. Ela não conseguiu entender exatamente o que era, mas ele parecia querer dizer que havia um prisioneiro na Ala que tinha conseguido uma arma ou uma granada ou algumas facas — ou talvez todas as três: arma, granada e facas.

Ambuhl foi buscar Cathcart e eles tiraram o Motorista de Táxi de sua cela, empurrando-o pelo corredor como se estivesse causando problemas, assim os outros prisioneiros não iam perceber que ele era um informante. Eles o levaram aos chuveiros e, com a ajuda de um intérprete, conseguiram a história: uma arma, uma granada e algumas facas — de alguma forma, um dos guardas iraquianos dos blocos de celas da ACP as passara clandestinamente para dentro da segurança máxima e as dera a um prisioneiro sírio no andar de cima da Ala 1A. As armas já estavam lá fazia alguns dias, e haviam passado por vários prisioneiros, por segurança, em diferentes momentos. O Motorista de Táxi disse que ele sabia de tudo porque havia ficado de posse das armas por um breve período. O sírio confiava nele a esse ponto.

O Motorista de Táxi já havia dado aos PEs, antes, informações úteis sobre outros prisioneiros. Eles não tinham nenhuma razão para duvidar de suas afirmações sobre o arsenal mortal do sírio. A questão era: como desarmá-lo da forma mais segura e rápida possível? E os PEs também se perguntavam: quem mais possuía armas? O sargento Frederick foi chamado para ajudar a formular um plano de ação, e o sargento Robert Elliot, outro PE de serviço na segurança máxima, juntou-se à discussão. Então, o tenente-coronel Jordan apareceu, trazendo doces.

"Eu tinha doce de leite ou biscoitos ou algum outro tipo de guloseima que alguém tinha recebido em um pacote", ele disse. "Quando você ganha a mais, você divide com os outros, então eu disse 'vou levar um pouco dessas coisas para o pessoal da segurança máxima.'" Jordan sabia que os soldados

estavam abalados depois do motim e das mortes no Campo Ganci, mas ficou surpreso quando Frederick disse "não temos tempo para nos preocupar com o seu doce de leite". Quando Frederick o colocou a par do prisioneiro e das armas, tudo o que Jordan conseguiu pensar foi "não é possível". Mas os PEs já estavam colocando seus coletes à prova de balas e pegando suas armas no escritório, e ocorreu a Jordan que a situação poderia acabar ficando fora de controle. O Motorista de Táxi havia dito que a arma tinha migrado por várias celas. Os PEs corriam o risco de estar caminhando em direção a uma emboscada: eles iriam até a cela do sírio e outro prisioneiro, do outro lado do corredor, abriria fogo. E se houvesse uma granada?

"Havia uma 'informação de rumor' — como eu preferia chamar a isso — de que seríamos atacados pelo lado de fora, no portão e em algumas torres", disse Jordan, "enquanto alguns policiais de segurança iraquianos e os detentos atacariam pelo lado de dentro. Estávamos muito preocupados com um ataque coordenado, em que talvez milhares de detentos se amotinassem, tentando escapar e nos controlar, tomando as armas, e coisas dessa natureza. E sempre sentíamos que se as coisas saíssem calamitosamente erradas poderia haver uma morte muito, muito intensa de soldados."

Jordan disse que pediu a todos que fossem mais devagar e chamassem a Força de Reação Rápida. Mas os PEs não queriam nenhuma agitação que alarmasse imediatamente toda a Ala e que despertasse a atenção dos guardas iraquianos na segurança máxima também. Se estavam passando armas clandestinamente aos prisioneiros, era melhor não pagar para ver que lado eles tomariam caso o inferno se instalasse por ali. Melhor manter as coisas sob um aspecto banal, disseram os PEs: dar a impressão de que estavam fazendo uma inspeção rotineira em todas as celas procurando por contrabando. Jordan concordou e decidiu juntar-se ao grupo.

Enquanto isso, na 1B, o Bostinha engajava-se em sua mania noturna de tentar comer de tudo dentro da cela e sujar-se da cabeça aos pés. Ambuhl o

havia levado até o chuveiro, e no meio da operação de neutralização do sírio, o Bostinha soltou-se e saiu correndo pelo corredor, molhado, nu e enlouquecido. Era um desses dias, disse Ambuhl, que se ela tivesse uma arma nas mãos, teria atirado nele. Ele se escondeu dentro da cela de suprimentos da PE, até que foi recapturado e trancado novamente. Mas Ambuhl sentia-se agitada enquanto vestia seu Kevlar e juntava-se aos homens na 1A para a busca.

Os soldados saíram em uma fila única, com Cathcart à frente, e Ambuhl, que tinha a patente mais baixa, atrás de todos. Eles se posicionaram perto da parede para que o sírio não os visse antes que chegassem. À medida que avançavam, cela a cela, mandavam que os prisioneiros pusessem as mãos para fora das grades para serem algemados. Era um tipo de procedimento comum, a não ser pela presença de alguns paramédicos, em caso de necessidade. E a presença deles ali era tão inquietante quanto tranqüilizadora. Ambuhl ficou aguardando um sinal para correr entre os prisioneiros em um ataque geral.

Quando Cathcart se aproximou da cela do sírio, o sargento Elliot, que havia circulado pelo bloco, chegou pelo lado oposto carregando uma arma calibre doze. O sírio falava inglês, e Jordan escutou Elliot dizer: "Dê um passo à frente", ao que o sírio respondeu "não".

"Dê um passo à frente. Ponha as mãos para fora", Elliot disse.

"Eu não tenho arma", respondeu o sírio.

Ninguém havia falado em arma. Jordan não conseguia ver dentro da cela. Ele estava encostado na parede do corredor, vigiando o balcão superior para detectar qualquer movimento alarmante no andar de cima. Quando o tiroteio começou, o barulho foi ensurdecedor, e Jordan não tinha idéia do que estava acontecendo. Várias armas foram disparadas ao mesmo tempo; balas ricocheteavam nas grades metálicas.

O que aconteceu foi que o sírio havia se jogado em seu beliche e pegara debaixo do travesseiro uma pistola soviética Makarov de nove milímetros, atirando para todos os lados. Cathcart se colocou em frente às grades e uma das balas ricocheteou em seu colete protetor. Elliot revidou o fogo do sírio com sua arma de balas não-letais. O sírio foi atingido no peito, mas continuou atirando, engatinhando na cela, tentando um ângulo em que pudesse atingir os soldados. Ele disparou mais cinco ou seis tiros, enquanto Elliot recarregava sua arma, dessa vez com balas letais, mirou e atirou para dentro da cela. A carga atingiu as pernas do sírio. Nessa altura, ele já estava sem munição, e passou a pistola por baixo da porta, em sinal de rendição.

Os soldados entraram na cela e arrastaram o atirador ensangüentado para fora. Enquanto os paramédicos cuidavam de seus ferimentos e chamavam o helicóptero-ambulância para levá-lo ao hospital militar no Aeroporto Internacional de Bagdá, os PEs encontraram duas baionetas embaixo de seu colchão. Mas mesmo depois de uma busca completa pela cela não acharam nenhuma granada.

"Tivemos que continuar andando pelas celas, para ter todos os prisioneiros acordados e seguros", disse Ambuhl. "E alguns deles pareciam não entender, ou estavam apavorados pelo barulho do disparo das armas. Então, foi bem estressante. Não dava para saber se eles estavam só assustados, ou se tinham armas também. No andar de baixo, havia um cara na segunda cela que não queria pôr os braços para fora das grades. Os outros detentos, de outras celas, diziam em árabe para ele fazer o que mandávamos, mas ele não obedecia. Já estávamos a ponto de atirar por causa de seu comportamento estranho. Mas ele finalmente resolveu botar os braços para fora, e então não tivemos que machucá-lo. Assim, todos foram trancados nas portas de suas celas e foi aí que os cães PEs chegaram."

Os cães treinados das Forças Armadas que o major DiNenna havia requisitado para servir de força multiplicadora em junho tinham chegado havia poucos dias a Abu Ghraib, depois que DiNenna enviou um e-mail

impaciente a seus superiores: "A noite passada tivemos um motim significativo no Campo Vigilante. Os cães são uma força extra, e necessitamos deles o mais rápido possível. Temos atualmente 4500 prisioneiros em três localidades diferentes. Precisamos dos cães". O Exército enviou dois cães e seus treinadores, especializados em operações contra narcóticos, e a Marinha enviou uma equipe com três cães farejadores de explosivos. Nenhum deles tinha experiência em prisão, e nenhum dos cães havia estado nos blocos da IM antes de a equipe da Marinha ter sido chamada para ajudar na busca de munições. Nada foi encontrado — se houve alguma vez uma granada por ali, já não estava mais —, mas os cães foram mantidos nas imediações para latir e rosnar para os prisioneiros, enquanto soldados desciam até a Ala, frenéticos por informações e controle.

"Era um caos total", disse Frederick. "Eram interrogadores civis e da IM correndo por todo lado. Os cães estavam enlouquecidos." Jordan e vários outros oficiais reuniram todos os policiais e carcereiros iraquianos na segurança máxima, revistando a todos e a seus pertences na tentativa de descobrir quem havia passado as armas para dentro da prisão. "Descobriram que alguns deles tinham mensagens de prisioneiros para seus familiares", disse Jordan. "Um ou dois tinham narcóticos. Alguns possuíam lâminas de barbear que poderiam se transformar em faca ou parte de uma arma." Até o final da noite, mais da metade da força policial iraquiana havia sido identificada como tendo laços com o velho aparato de segurança de Saddam. Eles foram conduzidos a celas da prisão para questionamentos mais detalhados, e os americanos na segurança máxima foram para a cama sentindo-se mais preparados para o combate do que nunca.

"Eles trouxeram terroristas para serem os guardas da prisão", disse Javal Davis. "Tenha dó. Essas pessoas do Alto Comando não sabem o que fazem. Então, como se não bastasse você ter que arriscar a vida com o bombardeio do lado de fora da prisão, tem de arriscar a vida também com esses guardas iraquianos que não foram investigados. Eles eram mais numerosos do que

nós, e nem todos eram maus, mas a grande maioria era ruim. O cara que contrabandeou a arma me parecia um bom guarda. Mas descobrimos que era Fedayeen. Sorri pela frente e te apunhala pelas costas."

Durante o pânico na prisão, naquela noite, Graner apareceu e fotografou as paredes furadas de balas da cela do sírio, o chão vermelho de sangue, e o rasto ensangüentado deixado por suas pernas feridas enquanto era arrastado para fora. O local parecia um matadouro, com os pedaços de sangue coagulado, brilhantes, e as fotografias perturbaram Megan Ambuhl — especialmente tempos depois, quando se tornaram públicas e todos puderam vê-las. Para ela as fotos representavam o momento em que os soldados americanos pouparam a vida de alguém que tentou matá-los, e depois correram para cuidar dele, da mesma maneira que teriam corrido para salvar um dos seus. "Mas isso não aparece quando você vê uma fotografia de algo que aconteceu", ela disse. "A sua imaginação pode correr solta quando você apenas vê sangue, mas não tem uma história por trás daquilo. As fotos só mostram uma fração de segundo. Você não vê nem o antes nem o depois. Não vê o que está fora do enquadramento."

Um dia ou dois após a troca de tiros com o sírio, o sargento-especialista Joe Darby retornou a Abu Ghraib de uma licença nos Estados Unidos. Ele lamentou ter perdido a ação. "Fiquei sabendo que havia sangue por toda parte", ele disse. "Então, é claro que eu queria ter visto. E soube que alguém havia tirado fotos naquele dia. Eles sempre tiram fotos dessas coisas. Então perguntei a Graner. E perguntei também a várias pessoas que trabalhavam na prisão. Graner foi o único que confirmou. E ele então pegou a sacola dele e tirou dois CDs e os entregou a mim. Eu achei honestamente que ele havia me dado as fotos erradas, pois as fotos que eu queria não estavam ali."

Darby verificou que as fotografias no primeiro disco eram todas de Al Hillah: fotos turísticas da Babilônia antiga e fotos alegres da fábrica de

tâmaras. Darby ficou feliz por poder vê-las. Quando ele botou o segundo disco e a primeira foto apareceu, ele começou a rir. A tela estava cheia de nádegas de homens. "Era uma pirâmide, vista de trás", ele disse. "Eu estou no Exército há oito anos, e tenho visto soldados fazerem coisas muito esquisitas. Então, à primeira vista, nem percebi que eram iraquianos."

Darby tinha fama na unidade de ser um aficionado de coisas obscenas. Em seu serviço militar anterior ele ficou conhecido como o rei pornô da Bósnia, um título que o agradava. "Nós tínhamos uma maleta enorme, cheia de pornografia", disse. "Aquilo pesava mais de cem quilos. Ficava no meu quarto. E todo mundo da unidade vinha pegar as revistas emprestadas o tempo inteiro." Assim são os soldados, segundo Darby. "Tive um suboficial, certa vez, que tinha uma filosofia com a qual eu concordo, de certo modo. Dê aos soldados americanos três coisas, e eles vão conquistar o mundo — pornografia, álcool e tabaco. A qualquer lugar que você vá, mesmo sem permissão, você tem essas três coisas. Os soldados acham um jeito. Depois da Guerra do Golfo, eles passaram a proibir álcool nas zonas de combate. Então, é óbvio, queremos o que não podemos ter. Você pode comprar álcool nas ruas do Iraque — vodca em lata — e pornografia. Como os soldados americanos estão distantes de suas amadas, suas esposas, suas namoradas, então eles sempre querem pornografia."

Portanto, Darby não era nem um escrupuloso nem um moralista, e ele não achou nada da fotografia que Graner havia mostrado a ele em outubro de um prisioneiro nu pendurado pelos pulsos e com uma calcinha na cabeça. Sabia que prisioneiros não cooperativos eram mantidos nus nos blocos da IM. Isso não o incomodava, e ele disse: "As calcinhas estavam lá quando nós chegamos. Era uma coisa que a unidade anterior a nós havia instituído". Mas ele disse que, à medida que ia passando as fotos de Graner na tela, quando percebeu que haviam sido tiradas na Ala 1A, ele se concentrou nas imagens de "coisas sexuais" da noite da pirâmide, e lhe ocorreu que estava vendo provas de maltrato a prisioneiro. "E então meu

pensamento seguinte foi: 'O que eu faço agora? Devo entregar essas fotos a alguém, ou olho para o outro lado?'."

Darby não fez nada precipitadamente. "Estou nas Forças Armadas e convivo com esses caras há tempo suficiente para saber que cada um deve cuidar da sua vida", disse. E imaginou o que seria dito se ele relatasse o que viu: "Diriam que eu estava delatando um amigo, que era um traidor, um dedo-duro". Decidiu sondar seu companheiro de quarto e um sargento que ele considerava mentor e modelo de virtude. Mas foi muito vago ao mencionar o caso às pessoas. "Eu perguntava: 'O que você faria se', e não uma pergunta direta. Ou eu inventava algo, uma história para dar uma enrolada, porque eu não queria que eles soubessem que eu estava com as fotos." Então, Darby manteve suas opções em aberto. Embora os amigos dissessem que ele deveria sempre fazer a coisa certa, uma pergunta vinha o tempo todo à sua mente: "Vai valer a pena uma possível retaliação?". Ele estava particularmente preocupado com Graner.

"Eu me dava bem com Graner", disse Darby. "Ele não era um amigo, mas também não era um inimigo. Tempos antes, quando ainda estávamos em Al Hillah, tive alguns problemas, e não conseguia dormir bem à noite. Graner estava trabalhando no portão, em frente à fábrica de tâmaras. Eu não tinha nada para fazer senão fumar um cigarro, então simplesmente saí e comecei a conversar com ele. Ele me perguntou qual era o problema e eu lhe contei. E ele disse que tinha tido algo semelhante." O problema, disse Darby, era "uma esposa infiel". "Eu tive esse problema quando fui a primeira vez para o Iraque, e ele passou por isso antes de vir para o Iraque. Mas a maneira com que me aconselhou a lidar com o caso era completamente errada. Ele me disse que, quando aconteceu com ele, se sentou do outro lado da rua com um rifle, em frente à casa da mulher dele, esperando que ela saísse."

Graner não atirou na esposa. De acordo com a história, desistiu da vigília antes que ela aparecesse. Mas quando Darby pensava nas fotos do bloco da IM de Graner, ele se lembrava daquela noite em Al Hillah; e também de uma

manhã bem cedo em Abu Ghraib quando Graner lhe disse: "O cristão em mim sabe que está errado, mas o agente penitenciário em mim não consegue não amar fazer um homem crescido mijar nas próprias calças"; e começou a ver Graner como uma figura verdadeiramente diabólica. "Ele é a pessoa mais carismática e mais manipulativa que você já encontrou na vida", disse Darby. "Vai gostar dele quando conversar com ele. Mas ele tem um lado muito obscuro; um lado muito, muito obscuro."

Darby também viu Frederick, England, Harman e Jeremy Sivits nas fotografias, mas ele se fixou em Graner. Para Darby, era óbvio que Graner era a fonte do abuso, e que os outros, embora também culpados, estavam simplesmente sob sua influência. E Darby encontrou conforto nessa idéia, enquanto meditava sobre o que fazer quanto às fotos. Disse que não achava que precisava agir rapidamente para tentar impedir novos maus-tratos contra os prisioneiros no bloco da IM, porque, logo depois que ele viu as fotos, Graner havia finalmente sido transferido da segurança máxima e fora indicado para trabalhar com Ken Davis nos comboios. "Os abusos já não aconteciam mais naquela época", Darby disse, "porque Graner não estava mais na prisão."

Na verdade, Graner continuou a trabalhar na Ala 1 A até meados de dezembro, três semanas após o tiroteio com o sírio, e disse: "Depois do tiroteio, ficou um lugar muito violento". Ele e Frederick eram chamados repetidamente por interrogadores para bater nos prisioneiros, e vários incidentes terminaram com Graner tendo que pegar a agulha e o fio cirúrgicos para reparar os estragos que haviam sido feitos. Embora tenham sido tiradas poucas fotos em dezembro, comparando com os meses anteriores, eles deixaram claro que o abuso contra prisioneiros continuou em passo acelerado na ausência de Graner. Nenhuma das fotos de dezembro foi encenada; muitas eram sangrentas, e muitas estavam fora de foco por causa da comoção, e elas incluem as cenas de mais puro terror jamais

registradas na segurança máxima — imagens de prisioneiros, nus e vestidos, acossados por cães.

Sabrina Harman havia retornado a Abu Ghraib de sua licença no final de novembro. Também ela perdera o tiroteio com o sírio, mas não se importava. Nem teria voltado à prisão, disse, se não implicasse em corte marcial por deserção. Em uma de suas primeiras noites nos Estados Unidos ela disse que tentou confessar tudo a uma pessoa completamente estranha: "Fui a um bar em Washington, fiquei muito bêbada, e simplesmente comecei a falar. Uma garota disse que trabalhava para a CNN, e eu disse 'ah, eu tenho uma história para você — tenho até as fotos'. Mas não contei tudo para ela. Ela me deu seu cartão, porém não sei nem se ela acreditou em mim. Não faço idéia do que aconteceu com aquele cartão. Eu estava tão mal que o perdi".

Naturalmente, Harman mostrou a Kelly todas as fotos de Abu Ghraib. Kelly deveria estar preparada para o conteúdo delas, já que lera as cartas, mas Harman disse que "ela parecia estar em choque". Aquela reação a deixou impressionada. "Acho que a realidade choca", disse. "O que estava acontecendo não era certo, o que, claro, você sabe desde o início. Mas eu não queria tirar mais nenhuma foto. Não acho que tirar fotos tenha me ajudado a lidar com a situação. Não senti nenhum alívio do estresse. Para mim, acabou."

Além disso, como Harman havia escrito a Kelly, ela ouviu rumores, pouco antes de deixar Abu Ghraib, de que os PEs estavam sob investigação. Harman achou melhor ser cuidadosa. Deixou um conjunto completo de fotos com Kelly e apagou-as de seu computador antes de voltar para o Iraque. Quando retornou a seu trabalho na segurança máxima, não pegou mais sua câmera. "Eu não queria ver mais nada", disse.

Mas ela não podia parar de olhar. Na noite de 12 de dezembro, Harman viu algo novo na Ala 1A, e algumas noites depois escreveu a Kelly:

Outro dia um prisioneiro estava na cela dele. Checaram as celas e descobriram que ele havia arrancado a janela e tinha feito uma corda com o cobertor. O resto do cobertor rasgado estava enrolado no formato de uma bola ovalada. Ele disse que não tinha quebrado a janela que era pai de um bebê e que estava fazendo um boneco com seu cobertor rasgado para lembrar-se de seu bebê. Ninguém acreditou nele; então o levaram para fora da cela, tiraram a roupa dele e chamaram o K9. Essa foi a primeira vez que eu vi cães da Polícia do Exército aqui. Dois cães com seus treinadores chegaram e foram até o homem que estava contra a parede. O homem estava completamente apavorado. Iraquianos têm medo de cachorro, não sei por quê. Os cachorros latiam e ele foi ficando cada vez mais apavorado.

Então Graner manda o cara deitar no chão e traz os cães mais perto e fica por trás, gritando com ele; o iraquiano começa a gritar e corre em direção a Graner e o intérprete. Parecia que ele ia pular no colo deles. Graner e o intérprete se movem, e um dos caras deixa o seu cão solto o suficiente para mordê-lo na perna — sem nenhum motivo —, então o prisioneiro fica histérico e começa a correr em direção a mim. O cara não conseguia mais controlar o cão e ele morde a outra perna dele — tinha sangue por todo lado...

Os caras o atacaram por trás. Ele não estava tentando escapar de ninguém, só daqueles cães. Agora o chão estava coberto de sangue — eu corri e peguei a maleta de primeiros socorros + água e eles, claro, tiraram fotos —, eu parei de tirar fotos. Não quero me envolver nessa confusão mais do que já me envolvi. Então comecei a limpá-lo, e a primeira mordida não estava muito ruim, nada que precisasse mais do que um pedaço de gaze. Era mais as marcas dos dentes. Mas a outra, um dente havia furado a pele e era dali que o sangue escorria. Um dos paramédicos veio e me ensinou a dar pontos. Ele deu um, eu dei o outro... Eu me senti muito mal por causa desse cara. O cão nunca deveria ter estado ali.

Graner disse que era verdade: Não havia necessidade dos cães. O prisioneiro não estava causando nenhum problema até a chegada dos cães, que latiam e tentavam se soltar de suas guias. Ambuhl tirou as fotos aquela noite — Lynndie England havia ido para casa de licença —, e nelas é palpável o pânico do prisioneiro nos momentos que antecedem a seu pulo em direção a Graner: ele está de pé, nu e acuado, protegendo a cabeça com ambas as mãos, e, à medida que os cães convergem para ele, ele se dobra até a cintura, tentando recuar, mas com uma parede em suas costas não há para onde fugir. "Não sei onde entra o Grite, Empurre, Mostre, Atire, Ladre", disse Graner. "Não tivemos nenhuma instrução sobre como usar os cães."

Mas os cães continuaram a voltar. No dia seguinte, Saddam foi capturado, e um dia depois disso, quando o secretário da Defesa autorizou a equipe de projetos especiais, parecia que os cães estavam em todo lugar, ganindo famelicamente do lado de fora das cabines de interrogatório ou latindo e tentando abocanhar prisioneiros pendurados em posições estressantes. Frederick disse que Steve Grandão encorajou os PEs a obrigarem os prisioneiros a fazer a "dança dos cãezinhos", e que os adestradores dos cães, que se tornaram freqüentadores regulares do bloco, sargento Santos Cardona e sargento-especialista Michael Smith, promoviam um concurso para ver qual deles conseguia fazer mais prisioneiros urinarem de medo. Todos os soldados da prisão se admiravam com os cães, que garantiam audiência sempre que estavam presentes. A dança dos cãezinhos passou a ser o entretenimento romano no bloco da IM.

Frederick recordava-se de uma noite quando Smith e Cardona apareceram com o agente especial Tyler Pieron do Comando de Investigação Criminal do Exército. "Um dos adestradores perguntou se eu tinha algum detento que estava causando problemas naquela noite porque Pieron queria ver o que acontecia quando os cães acuam os detentos", disse Frederick. Ele havia visto Pieron e os treinadores dos cães andando juntos nos dias de

serviço e de folga — eram claramente bons amigos. "Contei-lhes que eu tinha um ou dois detentos malcomportados. Então, fomos até o 1B onde o general da Ba'ath estava. Levamos o general para fora de sua cela e o pusemos no chão, e os cães começaram a latir para ele. Ele ficou sentado ali e não se moveu — realmente, nenhuma reação. Então, levamos os cães e pusemos o general de volta em sua cela. Quando estávamos saindo, a polícia iraquiana tinha outro prisioneiro algemado nas grades de ferro do lado de fora, no corredor. Smith foi para fora do portão e deixou seu cão latir para o detento por trás, e o detento ficava pulando um pouco em volta. O cão mordiscou o detento no punho, mas não foi nada de sério, mal rasgou a pele."

Era difícil capturar a dança dos cãezinhos com a câmera: os homens e os cães, gingando para cá e para lá, sempre cobriam a imagem. Mas em 30 de dezembro Ambuhl conseguiu a façanha, com uma série de fotos de Smith e seu cão confrontando um prisioneiro que conhecido como AQ, porque se acreditava que ele fosse membro da Al Qaeda. AQ era considerado o prisioneiro mais importante do bloco naqueles dias. Dizia-se que o secretário da Defesa tinha interesse especial por ele, e que se comunicava com o coronel Pappas, várias vezes por semana, por telefone ou por videoconferência, para saber dos interrogatórios. Steve Grandão era o interrogador de AQ e, segundo Frederick, "dizia que era para pôr os cães em cima de AQ em todas as chances que tivéssemos — era para usar os cães para latir, apavorar e intimidar o cara. Ele basicamente queria que usássemos os cães para tratá-lo como merda. Ele nos mandava colocá-lo nesta ou naquela posição, e depois jogar o cão em cima. Daí, mandava tirar os cães e ia para a cela, fechava a porta, e acho que aí fazia o interrogatório".

Na noite das fotografias, AQ foi deitado de lado no chão, com as mãos amarradas para trás das costas, e Smith fez com que o cão latisse no seu rosto de uma distância de trinta a sessenta centímetros. Então, AQ foi içado

para uma posição de joelhos com as costas para a parede, e um saco foi colocado em sua cabeça, que estava inclinada para a frente. Mais uma vez, Smith se aproximou com seu animal. Em uma foto você o vê arremessando-se, orelhas para trás, uma mancha negra desfocada de músculo e mandíbula, em direção ao topo do saco. Na foto seguinte você vê AQ já sem nada na cabeça; o cão havia arrancado o saco e o prisioneiro tenta se achatar contra a parede, o que fica difícil de fazer se você está ajoelhado, com as mãos amarradas na base da coluna. O movimento propulsiona seu peito em direção ao cão ávido, latindo a apenas alguns centímetros de distância da sua garganta, e dessa vez Smith está na foto, curvado sobre o cão, contendo-o e atiçando-o ao mesmo tempo.

Não parece possível amplificar o drama desse momento, mas a expressão no rosto de AQ faz exatamente isso. Ele tem a expressão horrorizada, contorcida e agitada de uma alma completamente destruída. Está tudo lá, em seus olhos úmidos e loucos de medo, fixados em uma boca cheia de presas. Quais serão esses segredos que tanto queremos descobrir, mas tão preciosos para alguém a ponto de lhe dar forças para suportar tudo isso, dia após dia? No caso de AQ, a resposta é: nenhum. Mais uma vez, em Abu Ghraib, pegaram o homem errado, ou pegaram errado o homem, e, quando perceberam o engano, depois de meses de cães e sujeição e cabeça coberta e barulho e falta de sono e calor e frio e sabe-se lá que outras técnicas robustas de contra-resistência, tudo o que lhe disseram foi: 'Cai fora', e arquivaram o caso. As fotos de AQ naquela noite antes do Ano-Novo são as últimas conhecidas de nossos prisioneiros no bloco da IM em Abu Ghraib, o que parece adequado, pois elas não deixam muito para a imaginação do espectador, exceto a questão óbvia: se você combate o terror com terror, como pode dizer qual é qual?

20.

Lynndie England havia partido em licença no início de dezembro, e quando desembarcou de volta, no Aeroporto Internacional de Bagdá, não havia ninguém de sua unidade lá para buscá-la. Ela passou a noite de Natal no aeroporto, comendo refeições militares prontas e dormindo de uniforme, em uma barraca fria e infestada de ratos. "A única coisa que eu tinha para me cobrir era um cobertor de Kentucky que ganhei de presente dos meus pais", disse. Finalmente, outra unidade da PE em Abu Ghraib mandou um veículo para pegá-la. O atraso transformou sua licença de duas semanas em uma ausência de três semanas de Abu Ghraib. Ela estava ansiosa para ver Graner, entusiasmada por estar de novo perto dele, mas ele trabalhava com os comboios durante o dia e a evitava à noite.

"Ele estava espalhando um boato por lá de que tinha terminado comigo", disse England. "As pessoas me diziam 'olha, ele anda se envolvendo com a Megan', e eu só respondia que, 'não, não está'. Mas nunca conseguia pegá-lo para conversar sobre isso. Ele não falava nada comigo. Ele me ignorava. Então, fiquei louca da vida. Eu queria saber o que estava acontecendo. Numa hora ele me diz que quer se casar comigo e formar uma família, e não me diz nada sobre a gente terminar — é muito estranho. Não acreditei naquilo. Então, quando eu o confrontei, nós tivemos uma grande discussão, e ele saiu e depois voltou e me mandou sentar para me dizer que 'não, é tudo mentira, estão tentando deixar você irritada' e blablablá — 'eu ainda amo você' etc. e tal. Ele disse tudo isso. Só que continuava a aprontar com a Megan, e

obviamente estava dizendo para ela que a gente tinha terminado, porque ela estava acreditando nisso."

England também queria acreditar em Graner, e ela acreditou mesmo — pelo menos quando estava com ele. O resto do tempo — que era a maior parte do tempo — ela se sentia arrasada: desconfiada, com raiva, ferida, desorientada, com medo. Ela amava Graner e confiava nele: tinha lhe dado seu coração — durante a licença, finalizara o processo de seu divórcio — e o queria de volta. A história de seu amor por ele era a sua história da guerra; ela o havia servido com uma devoção que teria deixado qualquer comandante de tropas com inveja, e agora ele tinha desertado; e ela não podia aceitar que seu serviço tivesse sido mal aplicado ou malconduzido; que tivesse servido a uma ilusão. Queria que ele voltasse para reivindicá-la; queria ser restituída. Não podia imaginar nenhum outro consolo. Mas era apenas em momentos roubados que ele permitia que ela o perdoasse.

"Ela sentava-se em seu escritório, que era ao lado do meu, e chorava todos os dias", disse Joe Darby. Joe não se surpreendia. "Era uma novela comum em minha unidade", disse. "Todo mundo se encontrava com todo mundo. É assim na maioria das unidades — quando você tem mulheres na unidade junto com homens, eles se juntam em pares na organização das tropas." Além do mais, ele andava observando Graner nesse mês de dezembro com mais interesse do que normalmente, enquanto pensava no que fazer quanto às fotografias, e disse: "Eu suspeitava que ele a estava traindo com a Megan Ambuhl porque ele estava sempre com ela, mas não tive certeza até a volta da Lynndie. Então, as peças se encaixaram. Um dos amigos de Graner namorou a Ambuhl enquanto ele namorava a Lynndie, e então o amigo de Graner terminou com a Ambuhl enquanto a Lynndie estava de licença — bem, agora ele estava com a Ambuhl".

Darby não culpava Ambuhl: "Ela era uma boa pessoa". Mas ele se identificava com Lynndie, que também era uma boa pessoa, disse, mas havia mais do que isso em sua solidariedade. "Ela se empenhava ao máximo para

fazer o que tinha que fazer — sim, eu gostava de Lynndie." Quando ele a ouviu chorar, Darby foi até lá. Perguntou o que estava acontecendo e ela lhe contou. Durante sua licença, um mês antes, ele próprio havia remendado seu casamento despedaçado, mas não esquecera os sentimentos que Lynndie estava sentindo agora. Quando a ouviu chorando de novo, foi até ela outra vez e ela lhe contou mais coisas. O desespero de England reforçou a imagem que Darby tinha de Graner como uma força das trevas, e ele disse: "Provavelmente uns três ou cinco dias depois de ela ter voltado, eu denunciei as fotografias".

England não duvidava que seu contratempo romântico pudesse ter empurrado Darby a fazer o que fez, mas "voltei da licença em 27 de dezembro e ele denunciou as fotos no dia 13 de janeiro. Não me parece, então, que tenham sido só três dias". Era verdade. Darby tinha o hábito, quando recontava a história, de confundir as datas e alterar os períodos de tempo para desviar a atenção do fato de que ele esteve em poder das fotos de Graner por seis semanas sem tomar nenhuma atitude. Darby preferia criar a impressão de que havia agido prontamente — em duas semanas, disse, ou no máximo três. Isso era surpreendente, pois as datas não estavam em discussão, e também porque nos anos seguintes Darby veio a ser considerado o herói de Abu Ghraib.

Darby prestou esclarecimentos a sucessivas equipes de investigadores militares; testemunhou em várias cortes marciais; deu inúmeras entrevistas a repórteres admirados, e foi honrado com o Prêmio Perfil de Coragem John F. Kennedy.[a] Ele sempre dizia que simplesmente cumprira seu dever quando outros falharam em cumprir os deles, e ao receber o prêmio descreveu sua decisão como dura, porém clara: "De um lado, eu tinha a minha moral e a moral do meu país. E, de outro, eu tinha os meus camaradas, meus irmãos em armas". Ao colocar a moralidade acima da fraternidade, parecia ser o

único soldado de Abu Ghraib que não tinha nada a esconder. Então por que Joe Darby não podia contar a sua história direito?

As explicações dos soldados que se viram em maus lençóis quando Darby finalmente resolveu agir têm que ser tratadas com ceticismo. Embora a maior parte concorde que ele foi correto ao entregar as fotografias, nenhum acredita que o tenha feito por pura probidade. "Joe Darby: há sempre um motivo dissimulado por trás de tudo o que ele faz", disse Javal Davis. Ele achava que Darby estava dando o troco às pessoas que o ridicularizavam por estar obviamente acima do peso. Ele disse que Frederick e Graner costumavam insultar Darby chamando-o de Gordo Bastardo, e Darby ficava fervendo de raiva quando os outros riam.

England e Sivits também apontavam a gordura de Darby como o motivo por trás de sua decisão de entregar as fotos, porém não achavam que ele estivesse tentando se vingar, mas sim buscando um jeito de subir. "Ele tinha sido sargento-especialista desde sempre", disse England. "Estava tentando ser promovido, mas era muito gordo para passar no teste físico. Então, achou que se fizesse uma boa ação eles o promoveriam, o que de fato aconteceu." Sabrina Harman contou uma história diferente, na qual Darby ouvira outros soldados discutindo planos de denunciar os maus-tratos no bloco da IM e resolvera se antecipar. "Ou ele pensou 'ô merda, vou ser pego com estas fotos', ou 'sabe de uma coisa? Quero ganhar os créditos para mim'", ela disse.

Mas que importância tem se Darby era gordo ou calculista, vingativo ou interesseiro? Ele não cometeu nenhum crime; tentou, sim, impedir alguns. Deveria ter agido antes, e seus subterfúgios, omissões e confabulações demonstram que sabia disso. Então, qual a importância da motivação de Darby ao ter feito o que fez, se fez a coisa certa? É importante pela mesma razão que tem importância saber por que as pessoas denunciadas fizeram o que fizeram, e em que contexto.

Para Darby, porém, as evidências eram auto-explicativas: ele era o soldado que escolheu moralidade e dever, os outros eram os soldados que optaram por depravação e crime; ele agiu sozinho, e os outros agiram sozinhos — um bando de PEs malévolos sob o poder do líder hipnotizador Charles Graner —, e qualquer tentativa de colocar a história em um contexto mais amplo era meramente uma distorção "política". "Não tinha nada a ver com obter informação", disse. "Esses soldados estavam entediados. Eles fizeram isso porque não tinham nada melhor para fazer. E um deles tinha uma maneira muito doentia e alterada de fazer as coisas."

Então, enquanto buscava representar a si próprio como um pacote bem organizado e independente de motivos e ações coerentes, Darby rejeitava qualquer sugestão de que pudesse haver outras coisas sobre a história dos PEs nas fotografias além do que elas mostravam. "Quando dei as fotos ao CIC, a investigação deles estava quase terminada", disse. "Tinham todas as provas. Provavelmente poderiam tê-los processado naquela noite, sem falar com mais ninguém. As fotos diziam tudo. Não tinha como interpretar erradamente as fotos. Não havia como pensar que elas eram alguma outra coisa que não aquilo". Ele disse: "As fotos eram a minha prova. Eram a verdade. A verdade estava no meu computador, sentada na minha frente. Eu sabia antes de entregar as fotos que alguém iria para a prisão por causa daquilo. Achava que eles iriam ser processados por crimes de guerra. Meu desejo era que fossem punidos; eu só queria que essas pessoas fossem punidas; minha intenção era que fossem punidos; eu ficaria muito, muito feliz se essas pessoas fossem presas, se fossem punidas, e que tudo acabasse ali".

Quando apresentou as fotografias ao agente especial Tyler Pieron, da CIC, em 13 de janeiro, Darby explicou que estava fazendo aquilo porque Graner estava designado para retornar ao trabalho na segurança máxima no dia

seguinte. Aparentemente, Darby não sabia que Pieron conhecia bem o bloco da IM e que outros agentes do CIC eram visitantes regulares da Ala 1A fazia vários meses, vendo muito do que estava acontecendo sem fazer objeção, e às vezes até expressando aprovação e encorajamento. Pieron e seus colegas mantiveram a história em segredo. Eles prontamente reuniram Ambuhl, England, Harman, Frederick e Graner, e logo depois convocaram Javal Davis e Sivits também, para questionamentos. Esses eram os sete plantonistas noturnos da PE envolvidos com os sete amotinados do Campo Ganci na noite da pirâmide humana. Eles foram suspensos do serviço, mas também foram autorizados a retornar a seus alojamentos, sem supervisão nem isolamento. Harman mandou as notícias para Kelly sem perda de tempo. Em todas as suas cartas anteriores de Abu Ghraib, ela nunca pareceu tão animada:

> Bem, querida, você se casou com uma criminosa. É isso aí, as fotos foram entregues e estou sob investigação desde as dez da manhã de hoje. Tanto esforço para esconder essas fotos quando estive em casa, e na verdade elas já estão nas mãos deles. Eu não queria estar envolvida nisso. Sabia que ia me meter em confusão só por estar ali, mas de que outra maneira se poderia fazer as pessoas saberem a merda que o Exército está fazendo. Não sei o que vai acontecer, que acusações serão feitas contra mim — eu só estava lá, não toquei em ninguém nem por um minuto, nem sequer gritei com ninguém, claro que você sabia disso pelas cartas que lhe enviei antes. Planejei um monte de coisas — e tem várias coisas que aconteceram e que eu nem sei. Eles têm fotos que eu nem sabia que existiam. Fodeu. Estou até meio feliz que isso aconteceu, era necessário. Ambuhl arrumou um advogado, eu abri mão do meu direito de ter um também — eu não estava lá o suficiente para precisar de advogado. Não tenho idéia do que os outros decidiram. Tiraram fotos de mim e as minhas impressões digitais. Você pode pensar que estou apavorada, mas não estou. Estou é feliz que eles pegaram essas fotos. Eu sabia que eu ia cair com elas. Lugar errado na hora errada. O que me enerva é que a companhia inteira sabia do que estava acontecendo, todos viram as fotos e não fizeram nada — então todos deveriam ser processados. Vou manter você informada do que acontece, vou tentar telefonar esta noite, mas os ataques de morteiro continuam hoje, com probabilidade de mais ataques à noite — não sei. Amo você e espero estar em casa em breve.
>
> Sabrina

“Eu não achava que ia enfrentar nenhum tipo de problema”, disse Harman. “Não achava que tinha feito nada de errado. Certo, tirei fotos e estava em uma delas. Mas eu não achava que era realmente parte daquilo que estava ocorrendo, e isso na verdade nem importa porque tudo tinha sido autorizado.” Os outros não estavam tão confiantes, mas todos ficaram surpresos quando, dois dias depois, em 16 de janeiro, o coronel Pappas emitiu um memorando de três páginas a todo o pessoal militar na prisão sob o título: “Reiteração dos Padrões de Conduta na Instalação Correcional Central de Bagdá, Base Operacional Avançada Abu Ghraib, Período de Anistia, e Inspeção de Saúde e Bem-Estar”. O memorando tinha o tom genérico e direto de um aviso burocrático de rotina. A mensagem era: nós temos regras aqui; vocês as conhecem, e por via das dúvidas, cá estão elas de novo; agora vocês vão segui-las ou responderão por seus atos. “Especificamente”, Pappas escreveu, “as seguintes atividades proibidas serão punidas”:

a. Compra, posse, uso ou venda de armas de propriedade particular, munição ou explosivos...
b. Introdução, compra, posse, venda, transferência, manufatura ou consumo de qualquer bebida alcoólica.
c. Introdução, compra, posse, uso, venda, transferência, manufatura ou consumo de quaisquer substâncias controladas, ou parafernália narcótica.
d. Introdução, posse, transferência, venda, criação ou exibição de quaisquer fotografias, videoteipes, filmes, desenhos, livros e revistas pornográficas ou sexualmente explícitas ou representações similares...
e. De acordo com as diretrizes das convenções de Genebra, os soldados não deverão criar nem possuir fotografias, videoteipes, vídeos digitais, CDs/DVDs, pastas/arquivos de computador, filmes ou nenhum outro meio de comunicação contendo imagens de qualquer detento criminal ou de segurança, atual ou anteriormente mantido na Instalação Correcional Central de Bagdá, localizada em BOA Abu Ghraib, Iraque...
f. Jogos de qualquer natureza, incluindo apostas de esportes, loterias e rifas...
g. Remover, possuir, vender, alterar ou destruir artefatos arqueológicos ou tesouros nacionais.
h. Vender, negociar ou trocar quaisquer moedas por outra que não a tarifa oficial da nação anfitriã.

i. Adotar animal de estimação ou mascote, cuidar ou alimentar qualquer tipo de animal doméstico ou selvagem.

j. Fazer proselitismo de qualquer religião, fé ou prática.

k. Tirar ou manter suvenires ou troféus individuais... conseguidos durante exercícios e operações.

O memorando continuava, definindo itens proibidos como "contrabando", e convidando a todos que os possuíssem a livrarem-se deles "sem penalidades ou conseqüências legais" depositando-os em uma das várias "caixas de anistia" que estariam à disposição dos soldados em suas áreas residenciais por 48 horas, a começar de 18 de janeiro, um minuto após a meia-noite. No final do período de anistia, regras punitivas estariam novamente em vigor, e haveria inspeções periódicas das áreas residenciais e dos pertences de todos os soldados em Abu Ghraib "com o objetivo de assegurar saúde, bem-estar, segurança, seguridade, boa forma militar, boa ordem e disciplina de nosso pessoal". Essas inspeções, o coronel Pappas explicou, "não serão usadas como pretexto para descobrir contrabando", mas se contrabando fosse encontrado, seria ensacado e rotulado, e os soldados que o possuíssem deveriam tomar conhecimento de seus direitos antes do questionamento.

Pappas não ofereceu nenhuma explicação a respeito de sua repentina preocupação com padrões de conduta, e embora tenha chamado seu memorando de "reiteração", ninguém na prisão se lembrava de ter visto algo semelhante — particularmente a menção às fotografias. O resto era texto pronto, o velho catecismo de leis contra imoralidade, oriundas do Código Uniforme de Justiça Militar e Ordem Geral Número Um. Mas e as fotos? Elas foram incluídas de forma a dar a impressão de que não eram nada de especial, entre o álcool, a pornografia, as armas pessoais, o jogo, a pilhagem e os animais de estimação, exceto que saltam à vista por começarem pela frase pouco familiar, "De acordo com as diretrizes das convenções de Genebra". Todas as outras descrições de contrabando no memorando eram

simples declarações, mas as das fotos eram um mandamento, e era específico quanto ao local: vós não o fareis em Abu Ghraib.

Sabrina Harman estava perplexa. A investigação das fotografias havia apenas começado. Então por que o comandante da base estava emitindo uma ordem a todo o batalhão para que se livrassem delas? A oferta de clemência vinda de Pappas soou-lhe como um tipo de ameaça. Então, as caixas de anistia apareceram, exatamente como previsto. Pareciam caixas de correspondência feitas de madeira crua, e foram colocadas entre as áreas residenciais, bem do lado de fora, onde todos pudessem vê-las. Quanto esforço pelo anonimato; Harman nunca viu ninguém chegar perto de nenhuma delas. Megan Ambuhl tampouco, e ocorreu a ela que a localização desfavorável das caixas de anistia foi uma tática deliberada de intimidação. "Foi como um tipo de 'leia nas entrelinhas'", disse Ambuhl, e a mensagem era: livre-se de seu contrabando, mas faça-o de algum outro jeito.

"Houve muito fogo naquela noite", disse Sabrina Harman. "Tinha um monte de pornografia sendo queimada e álcool sendo despejado ou enterrado." Enquanto isso, soldados faziam faxina nas pastas de fotos de seus computadores. O CIC estava distribuindo questionários a todos os soldados de Abu Ghraib, perguntando se eles sabiam de algum caso de maus-tratos, se possuíam fotos que mostrassem maus-tratos ou se haviam visto tais fotos. "E eles limparam todos os seus discos", disse England, "e apagaram tudo para que não sobrasse nenhuma prova contra eles. E diziam 'não, não sei. Não sei do que se trata'".

"Foi um desastre", disse Harman. "Destruíram todas as provas."

Javal Davis concordava. Ele leu o memorando de anistia de Pappas e sentiu o nó se apertar. "Basicamente, ele fez com que sumissem em um dia todas as possíveis testemunhas de defesa, qualquer indivíduo que pudesse estar disponível para dar um passo à frente e falar 'olha, isso é o que eu sei'", disse Davis. "Depois do período de anistia, quem iria querer se apresentar? Ninguém."

Ambuhl colocou a questão de forma diferente: "E se alguém quisesse realmente saber o que estava acontecendo? Por que eles dariam início a uma investigação sem querer saber de nada?".

No mesmo dia em que o coronel Pappas emitiu seu memorando de anistia, o Comando Central dos Estados Unidos divulgou um comunicado à imprensa, originado em Bagdá, que dizia: "Uma investigação foi iniciada a partir da informação de incidentes sobre maus-tratos a prisioneiros na instalação de detenção das Forças de Coalizão. A divulgação de informação específica a respeito dos incidentes poderia obstruir a investigação, que está ainda em seus estágios iniciais. A investigação será conduzida de forma completa e profissional. A Coalizão se compromete a tratar todas as pessoas sob seu controle com dignidade, respeito e humanidade. O tenente-general Ricardo S. Sanchez, nosso comandante-geral, tem reiterado essa recomendação a todos os membros". Uma nota curta no pé de página da editoria de notícias internacionais do *New York Times* identificava a instalação como Abu Ghraib, e dizia que "um oficial sênior do Pentágono declarou que as autoridades foram alertadas sobre possíveis maus-tratos de detentos nos últimos dias e que estavam levando as alegações 'muito a sério'". A imprensa não deu mais nenhuma atenção ao assunto.

No dia seguinte, o general Sanchez enviou à general-de-divisão Karpinski uma carta de reprimenda, censurando-a por falta de supervisão de seus soldados; ao mesmo tempo, o coronel Phillabaum e o capitão Reese foram suspensos de seus postos. Dois dias mais tarde, em 19 de janeiro, Sanchez requisitou que o Comando Central iniciasse uma investigação administrativa da 800ª Brigada da PE, sob o comando de Karpinski, concentrando-se na sua conduta de detenção e de operações de internamento desde 1º de novembro de 2003. Essa ordem, que foi logo passada adiante para o general-de-divisão Antonio Taguba, era

surpreendente: menos de uma semana depois de Darby entregar as fotografias a Pieron, Sanchez havia determinado os parâmetros para a inquirição do Exército de modo a excluir a Inteligência Militar, e até a excluir o incidente do outono precedente, no qual soldados da IM eram claramente identificáveis nas fotografias do abuso dos três supostos estupradores, na noite de 25 de outubro. O corte retrospectivo da data para 1º de novembro também deixava de fora qualquer investigação das práticas dos PEs da 72ª, que antecedeu a 372ª companhia no bloco da IM. Além disso, a abrangência da investigação de Taguba, que cobria operações em todo o Iraque, assegurava que ela levaria vários meses.

Embora a 800ª Brigada da PE tivesse sido formada no Iraque, o quartel-general de Karpinski era no Campo Doha, no Kuwait, e foi lá que um oficial de relações públicas do Exército (ORP), tenente-coronel Vic Harris, viu pela primeira vez as fotografias de Abu Ghraib, não muito depois de Darby as entregar ao CIC. "Eles baixaram e imprimiram as fotografias no nosso departamento legal", disse Harris, "e sendo um ORP, eu obviamente tive que vê-las." Harris ficou chocado com o que viu, mas o que o chocou ainda mais foi a resposta do Exército às fotografias. "Eu ouvi as discussões dos oficiais e dos nossos comandantes, e não havia nenhuma intenção de fazer coisa alguma, a não ser contê-las", ele disse. "Eles não tinham nem mesmo a intenção de entrar com nenhum processo. O único propósito era escondê-las e impedir que fossem parar na imprensa, dar um sumiço nelas antes que o público tomasse conhecimento. Fiquei muito frustrado. Tive a atitude exatamente oposta. Olhei para elas e pensei — ei, esses caras têm que ser levados à Justiça."

Em certo momento, disse Harris, os advogados do Exército no Campo Doha ligaram para agentes do CIC nos Estados Unidos para lhes pedir que tentassem localizar todos os amigos e familiares dos soldados de Abu Ghraib que pudessem ter recebido cópias das fotografias por e-mail. Harris achou

que aquilo foi "bastante insidioso", pois civis não tinham nenhuma obrigação de entregar seus arquivos de computador para investigadores militares. Ele também achou que a medida era pouco prática na era digital. "É ridículo até mesmo pensar que você poderia localizar todos eles", disse. Mas a ordem foi dada — de fato, a mulher de Sabrina Harman, Kelly, em pouco tempo já tinha agentes batendo à sua porta —, e para Harris aquele esforço confirmava que o acobertamento já estava a caminho.

"Não havia nenhuma intenção de tentar levar à Justiça as pessoas que obviamente estavam cometendo crimes, em alguns casos crimes de guerra, naquelas imagens", Harris disse. "Quanto ao Exército, se eles pudessem se safar não deixando o público saber o que tinha acontecido, isso era exatamente o que teriam feito. Tenho cem por cento de certeza disso — até mesmo que eles não teriam feito nada para punir os soldados responsáveis pelo que aconteceu, porque isso em algum momento exigiria que as fotos se tornassem públicas. Eles teriam deixado passar tudo, completamente."

Harris conhecia muita gente da televisão. Ele havia trabalhado em reportagens do programa *60 Minutes*[b] no passado, e ficou impressionado com os resultados. "Então, liguei para uma amiga minha que era uma das produtoras de Dan Rather[c] naquela época, Dana Roberson", disse. "Lembro-me exatamente de onde eu estava. Eu estava na embaixada japonesa, em algum evento social, na Cidade do Kuwait. Harry contou a Roberson que alguns soldados haviam maltratado prisioneiros em Abu Ghraib e que havia fotos; Roberson levou a informação para sua chefe, Mary Mapes, e juntas elas começaram a investigar. Finalmente fizeram contato com o sargento Frederick, que passou a elas o nome de Joe Darby. Então Mapes encontrou um número residencial de Darby e ligou.

A esposa de Darby atendeu. "Ela não queria falar comigo", Mapes disse. "Ela não queria falar sobre essa história. Estava perturbada com o que o marido havia feito. A atitude dele foi vista como uma grande pisada de bola, no início. E de modo semelhante àquele pelo qual, na imprensa comum,

gostamos de procurar por vilões, vítimas e heróis, senti ao falar com a mulher dele que aquilo não era realmente uma história simples sobre um rapaz que viu algo muito feio acontecendo e quis parar com aquilo e queria que o mundo soubesse. Era algo mais soturno do que isso. A esposa dele deixou claro que o que ele fez foi uma fonte de vergonha para a família. Foi muito difícil para eles."

Enquanto estavam ao telefone, a mulher de Darby saiu à rua e Mapes pôde ouvir sons de vizinhos em pugilato ao fundo. O barulho deu a ela uma idéia do mundo de Darby — uma cidade pequena e obstinada, com fortes laços militares, onde sua família e a unidade com a qual você luta eram profundamente entrelaçadas, e onde aquele que rompe a ordem o faz por sua conta e risco, que era o ponto que a esposa de Darby sustentava. "Darby foi visto como a causa de todo o problema", disse Mapes, "não os soldados que se meteram naquela situação em Abu Ghraib. E isso tornou a vida dela muito difícil. Todo mundo estava com raiva de Darby e, por extensão, com raiva dela. Acho que a mulher dele começou a receber um monte de babaquice de seus amigos de dentro da comunidade militar."

Mapes tinha um filho de nove anos de idade e, segundo ela, "algumas vezes ele diz algo que machuca as pessoas, embora não tenha essa intenção. Não é de propósito. Ou revela algum segredo da família sem querer". Com Darby, ela disse, "foi quase a mesma coisa, como se ele tivesse desencadeado essa sucessão de eventos inadvertidamente. Ele fez o que fez sem ter idéia de que acabaria se tornando algo tão sério. Nunca falei com ele. Mas nunca tive a sensação de que esta era a história de um rapaz que simplesmente quis fazer o que era certo. Eu achava que tinha alguma outra coisa, e não sabia exatamente o que poderia ser". Mapes ainda não estava perto da obtenção das fotos, mas ela queria vê-las mais do que nunca, e lhe ocorreu que a melhor maneira de consegui-las poderia ser por intermédio dos soldados que as tiraram e apareceram nelas — os soldados que as fotos supostamente

difamavam, que agora enfrentavam um amontoado de problemas e que ainda não tinham sido ouvidos.

Enquanto isso, a população de prisioneiros em Abu Ghraib continuava crescendo, e as condições continuavam a se deteriorar, à medida que a prisão passou a ser alvo de ataques regulares e intensivos. O dia em que Taguba visitou Abu Ghraib pela primeira vez, 2 de fevereiro, coincidiu de ser o último dia de Tim Dugan lá, e ele disse: "Fomos atacados a noite inteira. No dia anterior, acho que foi isso, matamos o principal xeque da cidade de Abu Ghraib. Os caras no helicóptero o estavam observando com infravermelho, e ele tinha estado com dois grupos que lançavam morteiros, em duas vezes diferentes, e seguiram o filho-da-puta até a casa dele. Quando ele entrou na garagem, atiraram diversas vezes no carro dele. Era uma poça de sangue. Bem, e quando você mata o xeque, quem assume? O porra do filho mais velho do xeque. Fomos atingidos por 36 morteiros naquela noite de sábado. Nunca vi nada parecido, e olha que já estive em umas guerras porretas antes. Quando fui embora, naquela manhã, estávamos sem munição.

Naquela noite, Sabrina Harman escreveu a Kelly:

> Na noite passada eu tive um sonho em que alguém me mostrava umas cartas e eu puxei uma, que tinha obituários de pessoas. Não sei como escrever essa palavra, é o que aparece no jornal quando as pessoas morrem — eu abria uma destas páginas e havia algumas fotos aleatórias e diferentes significados, todas com alguma coisa a ver com as maneiras como alguém podia morrer. Então, o dia inteiro fiquei apavorada que algo poderia acontecer com você. Neste momento acabo de voltar de um ataque em nossos edifícios. Parecia que o morteiro tinha atingido a minha parede. Rod pulou em cima de mim e nós corremos para fora do prédio. Ele atingiu um ponto de caminhões e gasolina atrás do nosso prédio. Labaredas enormes, até que bonitas, mas meu nível de estresse é ALTO. Meus olhos estão começando a arder, e qualquer barulhinho já me deixa apavorada. Esta investigação está me matando — está demorando muito, eu me entreguei e dei a eles as notas que escrevi para meu advogado. [...]

Então — eu contei tudo a eles. Sei que isso não vai me ajudar em nada, mesmo que eles digam que vai. Não estou nisso por minha causa — isto é para ajudar os mais de mil que acabam sendo prisioneiros aqui —, isto não vai acontecer de novo. Sem arrependimentos! Cuide-se, doçura — amo você!

Sabrina

Esta foi a última carta que Harman escreveu de Abu Ghraib. Alguns dias depois, os sete PEs do plantão noturno, nos quais a investigação do CIC se concentrou desde o início, foram removidos da prisão e transferidos para o Campo Vitória, onde deveriam aguardar o seu destino.

a Prêmio criado em 1989 pela família Kennedy para reconhecer e honrar pessoas do serviço público que se distingam por atos de coragem. O nome vem do livro *Perfis de coragem*, escrito por John F. Kennedy, no qual ele descrevia a vida de pessoas cuja coragem admirava.
b Um dos programas jornalísticos de televisão de maior audiência nos EUA, no ar aos domingos à noite pela rede CBS desde 1968.
c Na época, âncora do telejornal diário *CBS News*, e um dos mais famosos e respeitados jornalistas americanos.

PARTE III
DEPOIS

Felizes aqueles que morreram sem nunca ter precisado perguntar a si próprios: "Se eles arrancassem as minhas unhas, eu falaria?". Mas ainda mais felizes aqueles que, mal saindo da infância, não tiveram que fazer a si mesmos outra pergunta: "Se meus amigos, soldados camaradas, ou meus líderes arrancassem as unhas de um inimigo na minha presença, o que eu faria?".

Jean-Paul Sartre

21.

Em *Otelo*, a tragédia de Shakespeare sobre humilhação e vingança no alto comando veneziano, uma intriga excepcionalmente complicada, plena de maquinações conspiratórias e engodo, sustenta-se em um único instante de grotesco equívoco. Quando o conselheiro mais íntimo de Otelo, o falso e ardiloso Iago, lhe diz que sua esposa, Desdêmona, está tendo um caso com Cássio, que vem a ser o homem com quem Iago disputa o poder, Otelo exige uma prova irrefutável. "Infame vilão", diz ele, "certifica-te de provar que minha amada é uma rameira. Certifica-te disso. Fornece-me a prova ocular."[a] Iago o faz lançando mão de uma elaborada artimanha. Ele se apossa de um lenço bordado que foi o primeiro presente de Otelo a Desdêmona, um objeto que, como um fetiche, simboliza o amor e o elo entre os dois, e o coloca no quarto de Cássio. Então, faz com que Otelo observe, escondido, quando a esposa de Cássio aparece e atira o lenço em Cássio, acusando-o de tê-lo recebido de uma amante. Otelo apreende a cena — ele acredita no que vê sem compreender que está vendo apenas o que foi levado a acreditar — e um banho de sangue se sucede.

A prova ocular: mais de trezentos anos antes da invenção da fotografia, Shakespeare descrevia com precisão o poder de uma imagem na transmissão de uma idéia de conhecimento comprobatório perfeito, e ao mesmo tempo da capacidade de ser colocada fora de contexto ou de ser usada como instrumento de manipulação.

Na última semana de abril de 2004, o programa *60 Minutes* e a revista *The New Yorker* veicularam várias fotografias de Abu Ghraib, e depois de alguns dias elas já eram mostradas e publicadas em quase todo o planeta. Da noite para o dia, a pirâmide humana, o homem encapuzado em cima da caixa, a jovem soldado com um prisioneiro na coleira e o cadáver envolto em gelo tinham se tornado as imagens definidoras da Guerra do Iraque, e o presidente dos Estados Unidos diria tempos depois que o dia da divulgação dessas imagens foi o pior dia da guerra.

Nunca antes uma câmera captara cenas de calabouço tão primitivas e com tamanha crueza. Se fossem obra de um fotojornalista, ele teria sido premiado e teria exposto em museus, dada a abrangência incomparável delas. Mas ninguém de fora podia ter acesso à ação do bloco da IM. E o fato de que fotografar era parte da ação dá às imagens um sentido ainda maior de exposição nua e crua, como se fossem olhares roubados de uma coisa que de outra forma teríamos sido impedidos de ver, uma coisa que para ser vista precisou ser vazada para a imprensa. Visualmente, também, as fotografias adquiriam força por seu amadorismo. O nível inferior do equipamento usado, a falta de clareza derivada do ruído digital, o clarão cru do flash contra a iluminação verde-amarela, melancólica e desbotada da prisão, os ângulos estranhos e o enquadramento meramente casual de muitas das fotos — estas propriedades técnicas das fotos ecoam a desolação e a miséria dos *tableaux* medievais com que somos confrontados.

Mas, acima de tudo, os soldados que posavam fazendo caretas para as câmeras de seus companheiros enquanto dominavam os prisioneiros como se fossem troféus é que davam às fotografias o senso de realidade incontrolável e sem mediação. A encenação era parte da realidade que eles documentavam. E os sorrisos, os polegares para cima, as armas cruzadas sobre peitos estufados — este amor-próprio e afetação indecorosos era o supra-sumo do amadorismo. Estes soldados-fotógrafos estavam dentro e

fora dos eventos que documentavam, observavam a si próprios — participantes do espetáculo —, e a decisão que tomaram de revelar, e não de ocultar, o que estavam fazendo indicava que não eram apenas fotógrafos amadores, mas torturadores amadores.

Então, o amadorismo não era meramente uma dimensão formal das fotos de Abu Ghraib. Era parte de seu conteúdo, parte do que vimos nelas, e correspondia a um aspecto da Guerra do Iraque que incomodava e desconcertava quase todo mundo: a negligência, a inaptidão e a precipitação com que foi conduzida. Era uma guerra amadorística, uma guerra obscura e incoerente. Não ficou claro por que foi deflagrada; muitas razões foram apresentadas; nenhuma delas se manteve, e as histórias que inventamos para explicá-la a nós mesmos não chegam a ser importantes, pois assim que foi iniciada a guerra tornou-se seu próprio motor — não um meio para atingir um fim, mas um fim em si mesmo. O que foi passado como uma guerra de idéias e ideais revelou-se uma guerra de poses e posturas. Era a nossa imagem *versus* a do inimigo, um padrão, neste caso, pelo qual facilmente desceríamos muito baixo, até sermos pegos. As fotografias de Abu Ghraib nos pegaram.

Isto ficava claro à primeira vista. E na *The New Yorker*, as fotografias acompanhavam um artigo de Seymour Hersh,[b] que havia obtido uma cópia do relatório classificado do general Taguba, no qual ele descrevia como "sádicos, espalhafatosos e devassos, os maus-tratos criminosos" cometidos contra prisioneiros na segurança máxima. Seguindo a ordem de concentrar-se no 800º Batalhão da PE, Taguba colocou a maior parte da culpa nos PEs que apareciam nas fotografias, e o ônus da responsabilidade de comando sobre a general Karpinski. Como resultado das investigações, ela perdeu o comando, foi repreendida formalmente e teve sua patente rebaixada para coronel. No lugar dela, o general-de-divisão Geoffrey Miller, anteriormente servindo na baía de Guantánamo, assumiu o comando de Abu Ghraib. O papel central de Miller na transformação de Abu Ghraib à imagem e

semelhança de Gitmo, nove meses antes, ainda não era publicamente conhecido. Portanto, a ironia de sua indicação foi perdida pela imprensa, a quem ele abriu os portões da prisão no início de maio de 2004 e entregou um pedido de desculpas "à minha nação e às Forças Armadas, pelo pequeno número de líderes e soldados que cometeram atos não autorizados e possivelmente criminosos contra os detentos em Abu Ghraib".

Em seu relatório, Taguba chamou atenção para o fato de que a IM, a CIA e interrogadores civis deveriam dividir a responsabilidade pelos tratamentos brutais dispensados aos prisioneiros em Abu Ghraib, e pedia ação disciplinar urgente contra o coronel Pappas, o tenente-coronel Jordan e Steve "Grandão" Stefanowicz, entre outros. Nos dias, semanas e meses que se seguiram, uma inundação de novos relatórios investigativos e documentos vazados continuava a confirmar e a aumentar o escopo da história para qualquer um que se interessasse em acompanhá-la detalhe por detalhe. Mas embora a história fosse escandalosa, as fotografias eram sensacionais, e o fato de que as imagens mais obviamente sensacionais equivalessem a um auto-retrato de grupo, tudo isso comprometia e confundia seu poder perturbador como documentos de uma corrupção sistêmica mais ampla. Sem as fotos, não teria havido escândalo. Sem elas, talvez jamais viéssemos a saber, ou a compreender mais plenamente, que jovens soldados voluntários dos Estados Unidos enviados ao Iraque como libertadores tinham sido colocados para trabalhar como criminosos à sombra da velha casa de execução de Saddam. Nesse sentido, as fotografias desempenharam um profundo serviço público. Ou poderiam ter desempenhado, se não dessem tão facilmente a impressão de que elas eram toda a história.

Uma semana depois que as fotografias se tornaram públicas, o presidente disse que lamentava as "humilhações sofridas pelos prisioneiros iraquianos e as humilhações sofridas por suas famílias" e que lamentava "igualmente que

as pessoas que viram essas fotografias não tivessem compreendido a verdadeira natureza e coração da América"; e disse ainda que "os culpados serão levados à Justiça".

Logo depois, o agente especial Brent Pack, principal examinador forense da unidade de crimes de computação da Divisão Criminal Investigativa do Exército dos Estados Unidos, foi convocado a comparecer ao quartel-general do CIC em Fort Belvoir, Virgínia, onde recebeu doze CDs e as seguintes explicações: Isto contém fotos de Abu Ghraib — milhares de fotos. Queremos que você encontre as que retratem possíveis abusos de prisioneiro, ou pessoas que estavam na área na hora em que abusos estavam ocorrendo. E queremos saber exatamente quando as fotos foram tiradas. Coloque-as em uma linha do tempo de modo que um júri possa ver quando cada incidente começou e quando terminou; quanto tempo se passou entre as fotografias; quanto esforço foi colocado no que essas pessoas estavam fazendo com os prisioneiros; e quem mais estava lá quando essas coisas aconteceram.

"As imagens valem por mil palavras, mas a não ser que você saiba em que dia e a que horas estas palavras foram pronunciadas, você não tem como saber que história era aquela", disse Pack. "Só depois que você olha para os atos individuais que estão documentados é que você pode dizer com alguma precisão o que eles de fato mostram. Isso não serve a um objetivo político, mas a um objetivo de justiça criminal."

Então, Pack começou a separar os arquivos. Ele eliminou duplicatas e um grande número de imagens que não tinham nada a ver com abuso, ou mesmo com Abu Ghraib. No final, restaram cerca de 280 fotografias, quase todas das câmeras de Graner, Harman e Frederick. O problema é que, embora as câmeras registrassem em cada fotografia o horário e a data, nenhum deles correspondia aos horários e datas dos plantões noturnos em questão. Pack sabia que os PEs vieram da Costa Leste, o que parecia explicar a discrepância temporal com o Iraque no caso de duas das câmeras, as de

Graner e Frederick. Mas quando ele agrupou as imagens que pareciam flagrar o mesmo incidente e notou que havia oito ocasiões em que as três câmeras estavam fotografando a mesma cena simultaneamente, foi capaz de dizer "esta câmera achava que era esta hora, esta outra câmera achava que era aquela hora", e de sincronizar a câmera de Harman com as demais, adicionando ao tempo marcado um ano, nove meses, onze horas e 29 minutos.

"Quando percebi isso, todas as imagens pareciam se alinhar", disse Pack. Em seu computador, ele criou o maior slide de Power Point possível — cerca de sessenta centímetros por 1,60 metro —, e passou os dois meses subseqüentes construindo sua linha do tempo, em adições regulares de duas horas, colocando no lugar pequenas partes das fotografias. Ele as agrupou por incidente, estabeleceu a seqüência delas dentro de cada incidente e as identificou com rótulos de cores diferentes segundo a câmera de onde vieram. A tarefa era semelhante ao ajuntamento de uma imagem a partir de uma mistura de pixels. Quase no final de seu trabalho, Pack recebeu uma cópia do caderno de registros dos PEs do bloco da IM, e quando cruzou as notas escritas no caderno com as tabelas que ele próprio tinha feito, dia a dia, e número de prisioneiro por número de prisioneiro, elas coincidiam.

Agora, ele podia dizer: "Foram aproximadamente doze dias distintos em que eles tiraram as fotografias que são pertinentes a esta investigação. Há 26 incidentes distintos de possível abuso. Em cada um deles alguém era responsável pelo que ocorreu. Então você tem de descobrir: Quem estava lá durante este incidente? E este aqui? Constitui de fato um crime ou é procedimento operacional padrão? Você tem de olhar exatamente para o que a fotografia mostra e tirar dela a emoção e a política, porque você está lidando com pessoas que, basicamente, enfrentarão um julgamento que pode lhes custar a liberdade. Era importante separar os atos criminosos daqueles que não eram. E é nisso que a promotoria teria que se concentrar. Se alguém foi de fato ferido fisicamente, você sabe que tem um ato

criminoso. Colocar alguém em posições sexuais humilhantes, você tem um ato criminoso. Forçá-los a abusar sexualmente uns dos outros, um ato criminoso. Esperar e observar alguém bater a cabeça na parede e tirar fotografias da cena é descumprimento do dever, então é um ato criminoso. O indivíduo com os fios atados nas mãos e de pé em uma caixa, eu vejo como alguém colocado em posição estressante. Estou olhando para a imagem e pensando, isso não parece com fios elétricos de verdade. Procedimento operacional padrão — é apenas isso".

Nudez, calcinhas na cabeça, presos pendurados em posição palestina — também estes Pack considerava como procedimentos operacionais padrão. "Estou no Exército há vinte anos", ele disse. "Estive na Operação Tempestade no Deserto. Passei quatro meses na baía de Guantánamo. Das pessoas que não estiveram onde estive, não posso esperar que vejam as fotos da mesma maneira que eu. Tudo o que uma foto é são momentos congelados de tempo e de realidade. Você pode interpretá-las diferentemente, baseado em sua experiência ou no seu conhecimento. Mas quando chega a hora em que você as está apresentando em uma corte de Justiça, o que a foto mostra é o que ela é." E o que acontece, ele disse, é que "se você estava nessas fotos quando essas coisas estavam acontecendo, vai se dar mal. E se fizer o nosso presidente pedir desculpas ao mundo, eu diria que você vai se dar muito mal".

Pack era um técnico. Ele não estava preocupado com motivos, só com ações. Mas quando olhou para as fotos do que chamou de "a infame pirâmide de uma pilha de sete homens iraquianos nus", ele disse, "as expressões faciais que você vê em Graner e Harman meio que dão o tom para o que eles estavam pensando e sentindo naquele momento. Você olha nos olhos deles, e parece que estão se divertindo, e para mim esta é a cena que selou o destino deles", disse Pack. "Em todos os meus anos como policial, eu diria que cerca de metade dos meus casos foi resolvida porque o criminoso fez algo estúpido. Tirar fotografias destas coisas é algo estúpido."

Ele passou meses estudando as fotos e os soldados que as tiraram e apareciam nelas, e disse: "Acho que eles pensaram que o que estavam fazendo era aceitável. O que é comportamento aceitável fica vago durante a guerra". É claro que as fotografias não podiam dizer por que os PEs no bloco da IM pensaram aquilo, e como testemunha de acusação isso não incomodava Pack. Ele disse que não teve nenhuma reação emocional às fotos enquanto trabalhava com elas. Ele se orgulhava de seu distanciamento clínico e do que considerava ser sua objetividade apolítica. Mesmo assim, como soldado, nada menos que um PE, e, como cidadão, não conseguia deixar de tentar entender o que viu. Ele não viu tortura, ele viu humilhação, e viu que isso se aplicava a ambos os lados. "Com certeza", disse, "essas fotos nos humilharam."

O primeiro soldado de Abu Ghraib a enfrentar a corte marcial foi Jeremy Sivits, o PE que teve menor envolvimento nos crimes do bloco da IM e o que mais fez para aliviar o sofrimento dos prisioneiros enquanto esteve lá. Assim que o CIC o questionou em janeiro, Sivits confessou e cooperou. Em seu julgamento, em Bagdá, menos de três semanas depois que as fotografias foram entregues, declarou-se culpado de todas as acusações: conspiração para o abuso de prisioneiros, descumprimento do dever e abuso de prisioneiros. Recebeu a sentença máxima de um ano na prisão, rebaixamento de patente e expulsão por má conduta.

Em setembro, o sargento-especialista Armin Cruz, um dos participantes do suplício dos três supostos estupradores, declarou-se culpado de conspiração e abuso e recebeu uma sentença de oito meses, rebaixamento de patente e expulsão por má conduta. Em outubro, em uma base do Exército na Alemanha, o sargento Frederick declarou-se culpado de conspiração, descumprimento do dever, abuso, agressão e de cometer ato indecente. Foi sentenciado a oito anos de prisão, rebaixamento de patente para soldado

raso, perda de pagamentos e auxílios, e expulsão desonrosa. Mais tarde, naquele mesmo mês, Megan Ambuhl declarou-se culpada de descumprimento do dever e foi sentenciada a rebaixamento de patente e perda de metade do pagamento de um mês. No ano seguinte, em janeiro, em Forte Hood, Texas, Charles Graner foi considerado culpado de conspiração, descumprimento do dever, agressão, atos indecentes e abuso, e foi sentenciado a dez anos de prisão, rebaixamento de patente a soldado raso, perda de todo pagamento e auxílio, e expulsão desonrosa.

Naquele mês de fevereiro, Javal Davis confessou-se culpado de descumprimento do dever, de ter feito declarações oficiais falsas e de agressão, e foi sentenciado a seis meses de prisão, rebaixamento de patente e expulsão por má conduta. Ainda em fevereiro, o soldado Roman Krol, da IM, foi sentenciado a dez meses, rebaixamento de patente e expulsão por má conduta. Em maio, Sabrina Harman foi considerada culpada de conspiração, descumprimento do dever e abuso, e sentenciada a seis meses na prisão, rebaixamento de patente, perda de pagamentos e auxílios e expulsão por má conduta.

Lynndie England foi a última dos sete PEs do plantão noturno a ser condenada. Em fevereiro de 2004, pouco depois de o grupo ter sido removido ao Campo Vitória, ela descobriu que estava grávida. Graner era o pai, mas eles já tinham rompido nessa época, e ela foi enviada de volta aos Estados Unidos, para Forte Bragg. Lá, em outubro, deu à luz um menino, a quem deu o nome de Carter. Pouco antes do primeiro aniversário do filho, em setembro do ano seguinte, England foi considerada culpada de conspiração, abuso e ato indecente, e sentenciada a três anos de prisão, rebaixamento de patente e expulsão desonrosa. Naquela altura, Graner havia se casado com Ambuhl na prisão.

Finalmente, os treinadores de cães, sargentos Cardona e Smith, também foram levados à corte marcial. Cardona foi condenado por descumprimento do dever e agressão agravada e sentenciado a noventa dias de trabalhos

pesados. Smith foi declarado culpado de conspiração, abuso, agressão simples, ato indecente e descumprimento do dever, e sentenciado a seis meses de prisão, multa, rebaixamento para soldado raso e expulsão por má conduta.

O único oficial sênior a enfrentar a corte marcial foi o tenente-coronel Jordan. Ele foi o último soldado de Abu Ghraib a ser julgado, e não foi considerado culpado de nada. Recebeu, porém, uma reprimenda por desobedecer a uma ordem de não discutir a investigação por abuso, mas a reprimenda foi mais tarde cancelada e removida de sua ficha. O coronel Pappas também recebeu uma reprimenda e uma multa, depois de um procedimento administrativo não criminal, por permitir o uso de cães sem focinheira para intimidar prisioneiros sem pedir autorização prévia do general Sanchez. E houve alguns outros oficiais que também foram repreendidos ou multados por descumprimento do dever em Abu Ghraib.

Mas nenhum soldado acima da patente de sargento passou tempo na prisão. Nenhum interrogador civil jamais enfrentou procedimentos legais. Ninguém foi processado por tortura nem por crimes de guerra ou por qualquer violação das convenções de Genebra. Ninguém foi processado por manter prisioneiros despidos ou acorrentados. Ninguém foi processado por manter prisioneiros como reféns. Ninguém foi processado por encarcerar crianças que não foram acusadas de nenhum crime e não ofereciam nenhuma ameaça à segurança. Ninguém foi processado por manter milhares de prisioneiros em uma zona de combate correndo constante risco de vida. Ninguém foi processado pela prisão de milhares de civis sem causa direta e por mantê-los indefinidamente, incomunicáveis, em condições de campo de concentração. Ninguém foi processado por atirar contra prisioneiros e matar os que estavam confinados atrás de arame farpado. E ninguém foi responsabilizado pela morte de Al-Jamadi no chuveiro da Ala 1B, embora Sabrina Harman tenha sido inicialmente processada por tê-lo fotografado ali.

“Eles tentaram me processar por destruição de propriedade do governo, o que eu não consigo entender”, disse Harman. “E depois por abuso, só porque tirei fotos de um cara morto. Mas ele está morto. Não sei como isso pode ser abuso. E por adulterar provas porque removi as bandagens do olho dele para fotografá-lo e depois coloquei de volta. Quando ele morreu, eles o limparam todo, em seguida colocaram as bandagens. Então, o que eu fiz não foi realmente adulteração de provas. Eles já tinham feito isso para mim. Mas para poder fazer as acusações colarem, eles tinham que apresentar as fotos, o que não quiseram fazer, pois era óbvio que tinham acobertado um assassinato, e isso ia pegar mal para eles. Então, suspenderam todas as acusações que tinham a ver com o cara das OAG no chuveiro.”

E assim foi: sem foto, nada de crime. A prova ocular: o exposto se tornou o acobertamento.

a Conforme tradução de Beatriz Viégas-Faria, em *Romeu e Julieta — Macbeth — Otelo, o Mouro de Veneza*, São Paulo, Nova Cultural, 2003, p. 326.

b Um dos mais importantes jornalistas americanos, responsável, entre outras reportagens, pela revelação do massacre da aldeia de My Lai, no Vietnã, cometido por soldados americanos, reportagem pela qual recebeu o prêmio Pulitzer.

22.

"Bem, grande parte da minha vida se foi, e eu nunca vou tê-la de volta", disse Javal Davis. "E a privacidade que eu tinha, nunca mais vou ter de volta. Isso foi tirado de mim. Casamento? Destruído. Fui condenado ao ostracismo em rede nacional de televisão, sabia? E por quê? Para acobertar as mentiras de alguém, para acobertar as nossas táticas, procedimentos, que ninguém quer assumir? Meu filho ainda pensa que eu estava no trabalho — ele ainda é muito novo —, vou explicar-lhe mais tarde, sabe. Minha filha, ela sabe. Expliquei para ela, e ela entendeu. Ela não vai se alistar nas Forças Armadas. Não quero mais ser policial. Para mim chega. Estou em vendas. A carreira que eu tenho agora, é isso aí — confortável. Lido com pessoas regularmente. Não tenho que lidar com os problemas de ninguém. Não estou lidando com nada violento. Agora é só negócios, tudo pessoal — 'Como vai? Meu nome é Javal Davis. Prazer em conhecer'. Todo mundo está feliz. Gosto disso. Vendas. Sou um vendedor."

"É uma batata quente, Abu Ghraib", disse Tim Dugan. "Que benefício um político pode tirar se defender alguém de Abu Ghraib? Resultaria daí algo bom para sua carreira política? Eles vão é cortar em mil pedaços a pessoa que estava lá. Qualquer que seja a sua justificativa, seja lá o que for que fez, você está errado. Você é parte de Abu Ghraib. Eu tinha verdadeiro orgulho de tudo o que fiz em Abu Ghraib e agora tenho vergonha até de mencionar que estive lá. É um cenário onde não se ganha nada. Se você escreveu um livro, vai ter que ser de ficção porque ninguém vai acreditar em nada dessa

merda. Eu estava lá e não acredito em nada dessa merda. Estou sentado aqui e tremo só de falar nisso, e fico ofegante quando falo sobre isso. Estresse pós-traumático."

"Você sempre se sente culpado", disse Sabrina Harman, "de pensar que poderia ter mudado alguma coisa — ou, acho, descumprimento do dever por não informar algo que aconteceu, embora as pessoas soubessem. Acho que seria possível ter procurado alguma outra pessoa. Então, aceitei a acusação de descumprimento de dever. Pessoalmente, aceito esta. Seria bom poder deixar tudo isso para trás. É muito ruim, mas é uma experiência de aprendizagem, acho. Ajuda você a crescer, ser sacaneado. Não sei. Realmente não sei o que quero fazer. Vou me formar em fotografia, e é só isso por enquanto."

"Passei dois anos da minha vida como soldado no Vietnã", disse Lane McCotter. "E em um desses dois anos eu literalmente vivi com os vietnamitas durante 24 horas por dia. Nós só perdemos a guerra por causa de política, porque os escalões políticos mais altos do nosso governo não estavam querendo ir em frente com as coisas nas quais tínhamos investido treze, catorze anos e cerca de 50 mil vidas? Muitos deles eram meus amigos. Eu vejo alguns paralelos, acho, no que está acontecendo no Iraque algumas vezes, e isso me assusta. Nossos intérpretes, nós nos tornamos bons amigos. Alguns deles choraram quando vim embora. 'Por que você vai embora? Você vai nos deixar. Todos os americanos vão nos deixar?' Este era o maior medo deles. Espero que a gente não os deixe na mão como fizemos com os vietnamitas. Os americanos parecem ficar impacientes."

"Como vamos descobrir a verdade se aqueles que sabem a verdade estão se fechando e não querem falar?", perguntou Ken Davis. "Será que sou um não-americano se digo que não quero ver meus filhos irem para a prisão por cumprirem ordens quando os oficiais são uns covardes e não assumem as ordens que dão? Eu disse para a minha esposa que 'é duro pensar que, de tudo isso, as pessoas podem começar a acreditar que a mentira é verdade, e a

verdade é mentira'. É como um jogo de sombras. Eu e os meus filhos, nós brincamos de esconde-esconde no escuro. E eles perguntam: 'Papai, por que você está brincando no escuro?'. E eu digo: 'Porque, veja só, você vê o que está na luz, certo? Mas você não pode ver o que está no escuro. E você pode ir se movimentando. Você pode se esconder'. O jogo da sombra. É isso o que acho que fazem esses tipos no governo. Eles se escondem nas sombras. Mandam outras pessoas fazerem o que querem que seja feito. E então desaparecem."

"Quando voltei para casa, na primeira vez que saí guiando o meu carro, eu estava indo para a casa do meu irmão", disse Gary Deland. "Quando eu estava chegando, o farol ficou vermelho para mim e verde para o outro lado, com dois carros para atravessar. Foi uma situação perfeitamente similar ao que acontecia quando eu estava no Iraque, onde você dirige o mais próximo possível da traseira do outro carro, de modo que, sem bater nele você é capaz de roçar os pára-choques dos dois veículos — isso se fizer tudo direitinho. Assim, em vez de reduzir no vermelho, pisei fundo no meu Camaro e acelerei, voando em seguida para o cruzamento, direto para cima daqueles dois carros. Então minha mulher deu um grito e eu acordei. E pisei no breque e deslizei de lado no cruzamento. 'Que diabos você estava fazendo?', ela perguntou. 'Bem, eles estavam perfeitamente alinhados para mim', eu disse. A transição, quando voltei aos Estados Unidos, foi muito difícil para mim. Eu dizia 'vou deitar por um minuto' e acordava 24 horas depois. Fomos visitar alguns amigos, com os quais costumávamos passar uma semana todos os verões na casa deles à beira do lago, na Geórgia. Quando cheguei, eu disse 'vou deitar por um minuto'. Eram onze da manhã; eu acordei às onze horas da noite. Eu não conseguia funcionar. Tive depressão. Pode soar estranho, mas eu sentia muita saudade do Iraque. Realmente me senti muito bem quanto ao trabalho que fizemos lá. Também me aborreceu muito as dificuldades que tivemos em manter alguns dos iraquianos que contratamos na Academia de Correções — porque

explicamos a eles: 'Vocês não podem arruinar as famílias, não podem usar de brutalidade, não podem isso, não podem aquilo' —, e agora, de repente, eram os americanos que estavam fazendo isso! Estávamos dizendo todas estas coisas para eles, e agora eles iam dizer: 'Esses FDP americanos, hipócritas!'."

"Meu nome era um bom nome nas Forças Armadas, até eu fazer o que fiz", Jeremy Sivits disse. "Meu tio morreu no Vietnã treze anos antes do dia em que nasci. Meu pai recebeu duas estrelas de bronze por valor no Vietnã. Meu avô ganhou uma estrela de bronze no Vietnã. Então eu venho, me envolvo naquilo, e o nosso nome é jogado na lama. Sempre quis que meu pai se orgulhasse de mim, porque o tempo todo, enquanto eu crescia, sentia que ele não tinha muito orgulho de mim. Eu me dava muito bem no campo de beisebol. Tinha algumas faculdades interessadas em mim, coisas desse tipo. Estava me concentrando em conseguir uma bolsa de estudos com o beisebol. E quando não deu certo, entrei para as Forças Armadas e vi como ele ficou orgulhoso na noite que cheguei em casa com os meus papéis do alistamento. Tudo o que eu queria era ser veterano combatente como o meu pai, o meu tio e o meu avô. Eu queria ser como eles, ser parte daquilo que eles eram. Queria ser um veterano combatente. E na noite em que liguei e contei para os meus pais que eu tinha me metido em problemas, as únicas palavras que pude dizer para o meu pai foram 'por favor, não me repudie'. Tudo o que eu queria conseguir era aquela dispensa honrosa e ter o status de veterano combatente, e poder dizer que fiz o meu trabalho exatamente como o meu pai, o meu tio e o meu avô. Mas, infelizmente, não fiz. E acho que é por isso que me sinto tão constrangido."

"A vida não é justa, não é", Megan Graner disse. "Acho que eu provavelmente já sabia disso."

“Muitas pessoas, quando conversam comigo e vêem pelo que já passei, acham que eu deveria ser essa coisinha frágil que dá um pulo cada vez que um galho se quebra”, disse Lynndie England. “Mas eu não sou assim. Não penso nisso. Se eu pensar nisso fica insuportável. É demais ter que pensar em todas as coisas pelas quais passei. Então, é isso que me acalma, não penso em nada disso. Penso em alguma outra coisa, leio um livro, assisto um filme, qualquer coisa.

“Algumas vezes tenho pesadelos. Não falo nem mesmo com meu psiquiatra sobre eles. Não quero falar sobre eles, nunca. No que ajudaria falar a respeito deles, além de reviver aquilo tudo? Não tem sentido fazer isso. Não quero fazer isso. Porque, adivinhe — não ria —, pensamentos trazem emoções. Se eu não penso sobre aquilo, não vou sentir nada. Se eu não pensar em nada daquilo, isso não vai acontecer. É isso o que faço. Não penso em nada. Não quero reviver ou sentir.

“É para isso que tomo remédios, para não ter pesadelos. Tomo antidepressivos e ansiolíticos — isso tudo, e geralmente meu filho me esgota. Nas raras ocasiões em que esqueço de tomar os remédios, costumo ter pesadelos. Quando aquele cara estava gritando no chuveiro, eu escuto aquilo no meio da noite. Isso me acorda e me deixa apavorada. Isso vai estar sempre presente. O jeito que ele gritava, era um grito de morte. Ele estava sempre gritando a plenos pulmões, constantemente. E você está bem na sala ao lado. É como se aquilo estivesse vibrando o seu corpo inteiro, é um barulho muito alto. Não acho que um dia eu vá conseguir tirar isso de dentro da minha cabeça.

“Eu só quero ir em frente com a minha vida — conseguir um trabalho, criar o meu filho. Agora, vou tentar guardar dinheiro para a faculdade dele. Acho que não vou ter muitas alternativas. Vai ser difícil, para mim, conseguir um emprego, pois agora tenho antecedentes criminais. Além disso, você sabe, as pessoas não querem a publicidade. A maneira como me sinto neste exato momento, no meu próprio país, quando ando pelas ruas,

ainda estou assustada, pois ainda tem gente que está atrás de mim, e gente que me odeia. Eles sentem que não deveríamos ter feito aquilo ou que estávamos sendo desumanos ou seja lá o que for a opinião deles. Até recebi correspondência com mensagens de ódio.

"Quando eu estava no Iraque eu sabia ao menos quem era o inimigo. Aqui eu não sei. Apesar de estar em meu próprio país, nunca vou poder fugir disso. Eu saio, vou ao Wal-Mart, faço compras, mas é como se estivesse sempre olhando para trás. Não gosto de andar em público, não gosto de andar pelas ruas, não gosto de entrar em um lugar que esteja lotado, porque parece que todo mundo está olhando para mim. E as pessoas olham mesmo. Quando estou comprando comida ou outra coisa, levo meu filho comigo e me concentro nele, mas sei que as pessoas estão olhando para mim. Elas sabem quem eu sou. Mas apenas na minha cidade natal. Eu provavelmente não andaria pela rua em alguma outra cidade grande, porque não sei que tipo de pessoas eles são. Não sei se eles estão a meu favor ou contra mim. Não quero correr o risco.

"Tudo o que fiz foi o que me mandaram fazer. Eu não pedi para fazer a guerra. Não posso acabar com a guerra. Quero dizer, fotografias não podem fazer ou mudar uma guerra. Isso não faz sentido. Como as pessoas podem me ver como vilã? O governo está pondo a culpa em mim porque eles podem — como um bode expiatório. Não posso ficar com raiva. Quero dizer, para mim já acabou. Estou bem. Quero dizer, não estou bem com esta história, mas deixa para lá.

"É assim que o mundo é, não? Pessoas dando punhalada nas costas de outras. Injustiça. Drama. É a vida. Você vive a sua vida. Aprende com seus erros. Eu aprendi com os meus. Não preciso de um homem para sobreviver. Esqueça-os. É como se em todas as situações novas eu agora desse um passo atrás em vez de cair de cabeça. Eu me preocupo com as conseqüências antecipadamente. Antes eu apenas fazia as coisas. Isso faz parte de ser jovem e ingênua, acho.

“Penso no Sivits; houve uma foto que tiraram dele que mudou a vida dele. Mas para mim o momento que mudou a minha vida foi quando conheci o Graner. Se eu não tivesse me envolvido com Graner, não estaria nesta situação. Portanto não teria estado nas fotografias. Provavelmente estaria sabendo das coisas que estavam acontecendo, mas eu não teria me envolvido e então não teria ido para a prisão, e não teria me tornado a moça do cartaz desta guerra.

“Não chore. Inferno, eu não tenho chorado por causa disso. Não posso mudar nada. E se eu pudesse, não teria tido o Carter. O que quero dizer é que não o trocaria por nada no mundo. Então, eu não queria voltar no tempo e mudar coisa nenhuma. Quero dizer, sim, eu estava em fotografias que me mostravam segurando uma guia enrolada em volta do pescoço de um cara. Mas isso foi tudo o que eu fiz. Fui condenada por estar em uma fotografia. Então sou uma vilã por estar em uma fotografia. Nunca tinha ouvido falar disso antes.”

* * *

Quanto ao cara do outro lado da guia: desde o momento em que Gus engatinhou para fora do buraco e passou a ter opções, ele parou de comer e rejeitou as roupas também. “Tudo o que ele dizia era ‘Eu me recuso’”, disse o sargento Hydrue Joyner. “Eu dizia ‘filho, você tem de vestir alguma roupa.’ ‘Eu me recuso.’ ‘Filho, vai ficar horrivelmente frio, seu pau e as suas bolas vão murchar. É melhor você vestir alguma coisa.’ ‘Eu me recuso.’ ‘Coma isso.’ ‘Eu me recuso.’ ‘Você tem de comer alguma coisa.’ ‘Eu me recuso.’

“Porque eu era o inimigo. Era assim que ele me chamava todo dia. Ele me dizia praticamente todos os dias que iria me matar, e que seu grande líder muçulmano Saddam Hussein voltaria para matar todos os americanos e os judeus. E eu disse, os judeus? O que eles fizeram para você? Eles devem algum dinheiro para você ou algo assim? É, ele era inflexível a respeito disso. Gus e os judeus, ele ia matar a todos. Certo dia, tentando quebrar o gelo, por

assim dizer, eu disse: 'Filho, por que você me odeia tanto? Ele me lançou um olhar fulminante. 'Porque você roubou o meu Iraque', respondeu. Eu disse: 'Você pode confiar em mim, você pode ficar com o seu Iraque — tudo isso pode ser seu'. Então finalmente perguntei a ele: 'Gus, se você pudesse me matar agora, como o faria?'. Eu estava pensando que ele diria algo como uma facada ou um tiro. Mas ele me disse que pegaria um míssil. 'Um míssil para matar uma só pessoa? Você realmente não gosta de mim, não é?' Ele me olhou na cara e disse: 'Não.'"

Pelo jeito que Gus falava, os PEs imaginaram que ele fosse um inimigo combatente ou um terrorista. Mas a IM não tinha nenhum interesse nele, e tudo o que ele dizia sobre si mesmo era que queria ir para Bagdá. "Então descobrimos a história da sua prisão", disse Jeffery Frost. "Na verdade, ele era apenas um cara normal que bebeu demais e bateu em alguém. Era apenas um prisioneiro comum, que encontraríamos em uma das nossas prisões ou em qualquer outro lugar. E nós pensamos: 'Vamos soltá-lo, entregá-lo de novo à sua família e fazê-lo começar a comer outra vez, porque não queremos que o cara morra'".

"A situação estava piorando", disse Tony Diaz. "Ele estava perdendo peso. A gente dizia: 'Gus, levanta, levanta'. Mas ele não se mexia. Aí, um dia disseram-lhe: 'Está bem, nós vamos levar você para Bagdá, mas você tem de comer quando chegar lá — tem de prometer'. Ele disse OK. Então, o colocaram em uma ambulância e andaram em volta dos edifícios por trinta minutos. Claro que ele não conseguia ver aonde estava indo. Então foi levado para aquele pequeno hospital ali dentro mesmo." Gus chegou a um lugar que não ficava a muito mais de três quilômetros da segurança máxima. Mas ele pensava que estava em Bagdá e aceitou uma refeição.

Não havia muitas oportunidades em Abu Ghraib para oferecer conforto a um prisioneiro, então os PEs ficaram satisfeitos por fazer aquilo por Gus, pelo menos por algumas horas, até que um dos oficiais que dirigiam a clínica descobriu por que Gus estava lá. "Ele não gostou nada da idéia", disse

Diaz. “Ele falou que a gente não podia fazer aquilo com os prisioneiros — ‘Vocês não podem enganá-los para que eles façam alguma coisa’. Então contaram a Gus que ele ainda estava em Abu Ghraib. Eles o trouxeram de volta para a cela. Depois daquilo ele perdeu toda a confiança em nós, e não quis mais comer.”

Dia após dia, o relatório dos PEs registrava a recusa de Gus por comida e por todas as coisas “americanas”. Algumas vezes, para irritá-lo, os PEs desenhavam uma estrela-de-davi no seu saco de alimento intravenoso. “A única vez que ele realmente nos dava trabalho era quando tentávamos colocar o IV na sua veia”, disse Frost. “Era quando ele lutava um pouco e se debatia, e dizia que todos iríamos morrer. Fora isso, a gente não ouvia nenhuma palavra que viesse da sua boca.”

Seria bizarro sugerir que Gus era a consciência de Abu Ghraib? Outros — captores e capturados igualmente — acharam um meio de se acomodar. Todos nós também achamos. Ele preferiu pertencer ao esquecimento. Desta forma declarou o seu protesto. Quando dizia ‘Eu me recuso’, ele era o que de mais próximo de um homem livre havia em Abu Ghraib.

Agosto 2006 – fevereiro 2008

Notas e agradecimentos

As fotografias desempenham um papel importante na história contada neste livro, e pode ser que sem elas jamais tivéssemos sabido dessa história. Mas a decisão de não mostrá-las aqui foi feita até antes de o livro começar a ser escrito. As fotografias, que tanto dominaram e, algumas vezes, distorceram as percepções da história de Abu Ghraib, estão amplamente disponíveis na mídia impressa e pela internet. Ocorre que, na tentativa de ver aqui a história de modo renovado, ficou claro que muito do que realmente interessa sobre Abu Ghraib nunca foi fotografado. As fotografias têm um lugar na história, mas não são a história, e seria inverídico submeter-se aqui uma vez mais aos seus enquadramentos.

Também foi tomada no início a decisão de não identificar os prisioneiros de Abu Ghraib pelos seus nomes verdadeiros. Este livro busca descrever a experiência dos soldados americanos na prisão, então preferimos manter os nomes que estes americanos inventaram para os prisioneiros. Como as Forças Armadas dos Estados Unidos acabaram descobrindo que pelo menos três em cada quatro prisioneiros mantidos em Abu Ghraib não eram culpados de nenhum crime, não havia sentido para nós em citar seus nomes, e ainda poderia haver algum risco potencial para eles. Sendo o que é, a história de Abu Ghraib apresenta ao investigador e ao escritor um problema de romance russo — há simplesmente pessoas demais envolvidas em uma infinidade de níveis para que um relato amplo possa se tornar compreensível. Nosso foco foi sobre aqueles que tiveram maior participação nos eventos do bloco da IM no outono de 2003, e lamentamos que em nome

da clareza possa parecer que ignoramos os que não deveriam ter escapado da responsabilidade.

Nossos agradecimentos vão primeiro àqueles que foram entrevistados para *Procedimento operacional padrão* entre outubro de 2005 e novembro de 2007: Joe Darby, Javal Davis, Ken Davis, Gary Deland, Tony Diaz, David DiNenna, Tim Dugan, Jeffery Frost, Megan Graner, Sabrina Harman, Vic Harris, Steven Jordan, Hydrue Joyner, Janis Karpinski, Roman Krol, Mary Mapes, Lane McCotter, Brent Pack, Jeremy Sivits e Andrew Stoltzman.

Também foram entrevistados Douglas Barrett, Paul Bergrin, Torin Nelson, Sam Provance, Richard Russell e Holly Sivits. Por razões de estrutura, eles não aparecem na narrativa, mas seus testemunhos e reflexões contribuíram para a nossa compreensão fundamental da história de Abu Ghraib.

As exigências peculiares da cinematografia requerem não apenas eficácia jornalística quanto às entrevistas, mas também muita repetição, e as transcrições completas das entrevistas de Morris para *Procedimento operacional padrão* chegam a cerca de 2,5 milhões de palavras — mais de 25 vezes o tamanho deste livro. No processo de condensação do material, de comprimi-lo e de lhe dar forma, e buscando uma apropriação eficaz, todo esforço foi feito de forma a confrontar relatos individuais uns contra outros e contra documentos externos, e este livro representa a determinação dos autores de representar a história de Abu Ghraib da forma mais verdadeira possível.

Ao citar diretamente as falas, privilegiamos a fidelidade à substância, ao significado e à informação da declaração, em vez da exatidão bruta da transcrição. Particularmente quando, como resultado de repetição, o mesmo interlocutor contou o mesmo incidente ou levantou a mesma questão em interações múltiplas, ocasionalmente transpusemos sentenças e

condensamos monólogos, com o objetivo de servir melhor à intenção inequívoca do entrevistado. Ao fazer isso, nosso objetivo foi apenas estender àqueles que devotaram muito de seu tempo e esforço ao contar suas histórias o mesmo cuidado editorial que estenderíamos automaticamente a nós mesmos ao traduzir uma fala para um texto.

Nossos agradecimentos vão também a todos os que compartilharam documentos de investigações oficiais com jornalistas e outros pesquisadores para ajudar a iluminar os obscuros recessos da história de Abu Ghraib. Somos particularmente devedores àqueles que realizaram as investigações originais: Seymour Hersh, Jane Mayer e Mark Danner. Depois das revelações iniciais dos crimes contra prisioneiros, uma enxurrada de papéis de políticas previamente secretas, memorandos, regras de interrogatório, correspondência militar, achados investigativos e declarações oficiais tornaram-se disponíveis para o público — e aqui agradecemos aos vazadores. Eles são com freqüência os maiores guardiões do interesse público em uma sociedade aberta; e tem sido um aspecto particularmente desanimador da guerra ao terrorismo o fato de que nossas autoridades mais altas têm sido mais rápidas na investigação e punição dos vazamentos do que dos crimes que os vazamentos revelam.

Somos gratos por termos tido acesso às transcrições de longas entrevistas conduzidas por agentes da Divisão Investigativa Criminal do Exército com Charles Graner e Ivan "Chip" Frederick. Todas as citações diretas de Graner e Frederick neste livro foram tiradas dessas entrevistas, conduzidas depois da condenação deles, sob ordens da corte, e com garantia de imunidade contra processo por auto-incriminação posterior. Ambos permaneceram encarcerados durante as entrevistas para *Procedimento operacional padrão* e estavam indisponíveis para serem ouvidos diretamente.

Somos gratos, também, pela coleção valiosa de depoimentos que vieram à luz da investigação sobre Abu Ghraib conduzida pela CIC. Todas as citações diretas do coronel Marc Warren, da capitã Carolyn Wood e do sargento-especialista Matthew Wisdom neste livro vieram de seus depoimentos à CIC.

Philip Gourevitch é o editor da revista *The Paris Review* e colaborador freqüente da revista *The New Yorker*. Antes deste livro, feito em cooperação com o cineasta Errol Morris, que realizou as entrevistas para um documentário com o mesmo título, Gourevitch publicou os livros *Um caso arquivado* e *Gostaríamos de informálo que amanhã seremos mortos com nossas famílias*, ambos editados no Brasil pela Companhia das Letras.

Copyright © 2008 by Philip Gourevitch and Errol Morris

Título original
Standard Operating Procedure — a War Story

Capa
Flávio Castanheira

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Valquíria Della Pozza
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-438-0069-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707 3500
Fax (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library